



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA
CULTURA REGIONAL
MESTRADO EM HISTÓRIA**

TEREZA CRISTINA LOPES DE ALBUQUERQUE

**A EMPAREDADA DA RUA NOVA E OUTRAS HISTÓRIAS:
Práticas e representações da mulher na cidade do Recife (1870-1909)**

RECIFE- PE

2014

TEREZA CRISTINA LOPES DE ALBUQUERQUE

A EMPAREDADA DA RUA NOVA E OUTRAS HISTÓRIAS:
Práticas e representações da mulher na cidade do Recife (1870-1909)

Dissertação apresentada como requisito para obtenção parcial do grau de Mestre no Curso de Pós Graduação em História Social da Cultura Regional, na Linha de Pesquisa: Política, Instituição e Identidade, da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Orientadora:

Prof^a. Dra. Alcileide Cabral do Nascimento

RECIFE- PE

2014

Ficha catalográfica

A345e Albuquerque, Tereza Cristina Lopes de
práticas e A emparedada da Rua Nova e outras histórias:
representações da mulher na cidade do Recife / Tereza
Cristina Lopes de Albuquerque. – Recife, 2014.
214 f. : il.

Orientadora: Alcileide Cabral do Nascimento
Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura
Regional) – Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Departamento de História, Recife, 2014.

Referências

1. Gênero 2. Literatura 3. Recife I. Nascimento,
Alcileide Cabral do, orientadora II. Título

CDD 306.09



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
 PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
 MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA REGIONAL



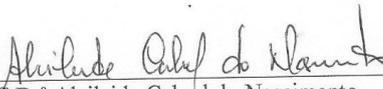
A EMPAREDADA DA RUA NOVA E OUTRAS HISTÓRIAS: Práticas e
 representações da mulher na cidade do Recife (1870-1909).

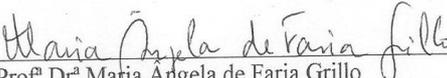
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO ELABORADA POR

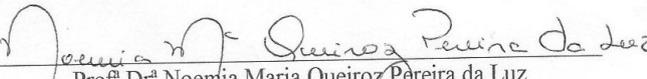
TEREZA CRISTINA LOPES DE ALBUQUERQUE

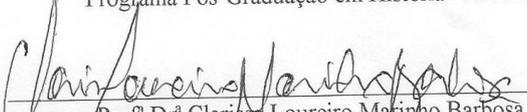
APROVADA EM 21 / 02 /2014.

BANCA EXAMINADORA


 Prof^a Dr^a Alcileide Cabral do Nascimento
 Orientador – Programa Pós-Graduação em História - UFRPE


 Prof^a Dr^a Maria Ângela de Faria Grillo
 Programa Pós-Graduação em História – UFRPE


 Prof^a Dr^a Noemia Maria Queiroz Pereira da Luz
 Programa Pós-Graduação em História– APEJE


 Prof^a Dr^a Clarissa Loureiro Marinho Barbosa
 Programa Pós-Graduação em História– UPE

A todas as mulheres cujo passado busco recordar.

AGRADECIMENTOS

“Deus quer, o homem sonha, a obra nasce”. Início a minha fala e os meus agradecimentos utilizando um verso do poeta português Fernando Pessoa, por isso nesse primeiro momento agradeço, antes de tudo e de todos, a Deus e às pessoas que me proporcionaram sentir o grande espetáculo que é a vida: meu pai Orlando e minha mãe Dona Zeza. Sei que agradecer não é tarefa fácil- como elogiar ou criticar irresponsavelmente- então, por um recurso de memória e através de um processo cronológico, tentarei em poucas linhas me lembrar das pessoas que fizeram com que esse trabalho pudesse existir. Ressalvo que aquelas as quais por descuido e relapso eu esqueci, também agradeço.

Primeiro quero agradecer ao meu querido professor de cursinho Tomaz Maciel, ele foi o primeiro a mostrar para mim o quanto era mágico o mundo das palavras e da literatura. Ele me fez abandonar supostos propósitos que na realidade nunca existiram em minha vida. Em decorrência da presença de Tomaz, quero agradecer a todos os meus professores de Literatura no curso de Bacharelado em Crítica Literária oferecido pela Universidade Federal de Pernambuco, em especial ao professor Anco Márcio Tenório Vieira, Aldo Lima, Sonia Ramalho, Clarissa Loureira, Lourival de Holanda, Fábio Andrade, Luzilá Gonçalves, Esman Dias, vocês me fizeram pensar e sentir a literatura.

Em segundo lugar quero agradecer a todas pessoas que se circunscrevem na minha vida; a presença delas fizeram com que essa caminhada rumo ao sonho da realização do mestrado fosse mais suave, são elas: Carlos Andrade Júnior, o meu eterno companheiro, pela paciência, compreensão, amor que sempre devotou a mim e a minha filha; a Pepeu, Maria Elizabeth, minha filha, pois escrevi cada linha dessas esperando que um dia você leia este trabalho; Flávio por dividir comigo responsabilidades e por isso me ajudar a ter tempo de escrever esta dissertação; minha irmã Tânia que, na minha ausência, soube ser uma mãe ditosa e carinhosa para minha filha; os meus alunos do curso de Fernandinho e Cia, em especial Emerson, paciente em me escutar, quando lia este trabalho para ele; Carol que com palavras me impulsionava a terminá-lo e que com a sua capacidade de organização sempre buscou ordená-lo; Anne, por amar apenas as ideias que eu tinha em mente; Bruna, pela paciência e admiração por mim; Aline, pelas palavras doces e meigas.

Em terceiro lugar, quero agradecer ao meu amado sobrinho Josué, Juninho, que me incentivou e sempre acreditou no meu potencial. Por incentivo dele entrei no curso de História da UFRPE, prestei seleção para o mestrado e travei relações com pessoas, dentro e fora da academia, não menos importantes para a consecução deste sonho. Agradeço a todas elas: a

querida pesquisadora Noêmia Luz, por te me apresentado à obra de Carneiro Vilella; o meu amigo Rômulo Oliveira Júnior, o primeiro a nortear as minhas ideias quando elas ainda não passavam de um projeto e apoio durante o curso; a professora Alcileide Cabral por não apenas direcionar minhas leitura e minha escrita, mas por me revelar questões de Gênero fundamentais; a professora Ângela Grillo por confiar na minha ideia e se mostrar muito interessada, aqueles olhos verdes faiscantes fizeram com que eu entendesse que trazer o texto da Emparedada da Rua Nova para as discussões de gênero era importante para a academia; a professora Suely Almeida, não pelas suas orientações, pois elas não existiram, mas pela escrita da professora que, na sua tese de doutorado, “O sexo devoto”, me fez ver que, por sua linguagem simples, comovente, mas não menos acadêmica, o exercício historiográfico interdisciplinar seria possível; o professor Wellington Barbosa, por me mostrar, com sua paciência e dedicação, que sem as fontes este trabalho de nada serviria; Rafael da secretaria do mestrado, por suportar a minha pouca aptidão para o imediatismo da vida, nisso incluem-se os prazos; os meus companheiros de sala e de disciplinas, em especial Renata, por me orientar sobre a importância de se fazer um trabalho na área de história, Rivelino, Wal, Érica, Nuno, Pollyana Calado, ao meu amigo e professor de História Vilmar Victor e tantos outros que me apoiaram.

Em quarto lugar, especialmente, quero agradecer a Hilton, sem você- amigo, ex-aluno, companheiro de copo e de cruz- certamente eu faria o texto, mas não tão belo e convincente. Sei e tenho plena convicção de que tudo o que você fez por mim nessa caminhada foi por amor e respeito a minha pessoa e aos meus ideais. Você não vacilou em nenhum momento, você foi completo, responsável, atencioso, nada do que você me trouxe exagerou ou excluiu, para você o meu eterno OBRIGADO.

Por fim, quero agradecer a todos os funcionários do Café São Braz do Shopping Tacaruna, meu reduto de trabalho. Eles, por dois anos, me aguentaram quase que diariamente naquele café, são eles: Dona Letícia, a proprietária, que como os funcionários nunca se incomodaram por eu passar horas a fio escrevendo e lendo à mesa; pelas meninas Alexandra, Aparecida, Claudilene, Elizângela, Érica, Patrícia, Emmanuelle, Elildes, Flavia, Gleice, Isabel, Rizia, Zenilda, Socorro, pela atenção, e por fim, Francisco, o barista, que com arte fazia o meu café. Grande parte do processo de criação desta dissertação foi realizada nesse espaço. Todos os funcionários, sem exceção, me trataram com amor, carinho e respeito. Não sei por que, mas esse café, para mim, parece o espaço privilegiado para quem quer iniciar ou findar uma vida de leituras. Nele, sempre li belos textos, ao sabor do forte café, sempre pude refletir sobre as minhas leituras e as dos outros. MUITO OBRIGADO POR TUDO.

A EMPAREDADA DA RUA NOVA E OUTRAS HISTÓRIAS: Práticas e representações da mulher na cidade do Recife (1870-1909)

RESUMO

Na cidade do Recife, para a consecução de uma cidade civilizada, a mulher passou a ser peça importante na construção de uma cidade dentro dos propósitos da civilização, por isso a mulher foi moldada conforme o interesse de grupos sociais que as forjavam. Aliado a esse desejo de progresso, as transformações urbanísticas ocorridas na cidade do Recife e suas consequências possibilitaram uma modificação do perfil da mulher na sociedade. Em diferentes momentos históricos nos oitocentos- apesar de setores conservadores da sociedade- nos jornais, nas revistas, na tribuna, as discussões sobre a emancipação feminina geravam polêmicas e apontavam novos espaços os quais as mulheres iriam ocupar no século XX. A literatura incorporou essas transformações, e, em todos os períodos literários, o romance passou a ser questionado. Na sua obra, a *Emparedada da Rua Nova*, o escritor pernambucano Carneiro Vilella se ocupou dessa mulher dos fins do século XIX e nos apontou um perfil feminino transgressor para a época, definindo para cada falta dessas mulheres o castigo social e moral que cabia a elas.

Palavras chave: Gênero, Literatura, Recife.

A EMPAREDADA DA RUA NOVA AND OTHER STORIES: Practices and representations of women in the city of Recife (1870-1909)

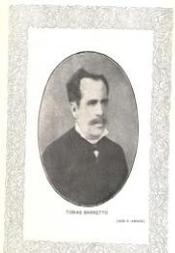
ABSTRACT

In Recife, to achieve a civilized city, the woman turned into an important part in building a city along with the lines of civilization. In the matter of that, the woman was shaped according to the interest of social groups that forged her. Allied with this desire for progress, the urban transformations that have occurred in the city of Recife and its consequences allowed a modification of the profile of women in society . In different historical moments in 1800 - in spite of conservative sectors of society, in newspapers, in magazines, on the rostrum moments, discussions about female emancipation controversy and generated new pointed spaces which women would occupy in the twentieth century. The literature has incorporated these changes, and in all literary periods, the novel came to be questioned. In his work, "A Emparedada da Rua Nova" a writer from Pernambuco called Carneiro Vilela engaged this woman of the late nineteenth century and made us an offender profile female for the time, setting for each of these women lack the social and moral punishment that fit them.

Key words: Gender, Literature, Recife.

LISTA DE FIGURAS

NÚMERO	FONTE	PÁGINA
N.1 	Anúncio da Maison Chic publicada no Jornal Diário de Pernambuco no dia 13 de setembro de 1887. Imagem consultada no APEJE.	47
N.2 	Anúncio de venda de máquina de costura da marca Singer. Publicada no Jornal do Recife no dia 9 de janeiro de 1897. Imagem consultada no APEJE.	49
N.3 	Ilustração da modista Leonor Porto publicada na capa do Jornal Ave Libertas do dia 8 de setembro de 1886. Imagem consultada no APEJE.	51
N.4 	Conjecturas de um diálogo realizado por duas meninas na janela publicado no Jornal América Ilustrada, nº2, 13 de outubro de 1872. Imagem consultada na dissertação de SANTOS, Maria Emília Vasconcelos. “Moças honestas” ou “meninas perdidas”: Um estudo sobre a honra e os usos da justiça pelas mulheres pobres em Pernambuco Imperial(1860-1888). Recife, 2007.	53
N.5 	O bonde na rua do centro do Recife em fins do século XIX. Imagem consultada no dia 23 de junho de 2013, http://www.novomilenio.inf.br/santos/bonden03.htm .	54
N.6 	Ilustração do interior de uma maxambomba publicada no jornal América Ilustrada, no dia 2 de março de 1872. Imagem consultada no APEJE.	55

<p>N.7</p> 	<p>Ilustração do Trem da E. F. da Caxangá sobre o Rio Capibaribe, consultada no dia 23 de março de 2013, http://www.novomilenio.inf.br/santos/bonden03.htm .</p>	56
<p>N.8</p> 	<p>Anúncio da inauguração do cinema PATHÉ, publicado no Jornal Pequeno no dia 26 de junho 1909. Ilustração consultada no APEJE.</p>	61
<p>N.9</p> 	<p>Ilustração das fotografias das redatoras do jornal O Lírio, homenagem feita a elas pela Revista pernambucana, publicada no mês de julho de 1903. Imagem consultada no APEJE.</p>	72
<p>N.10</p> 	<p>Charge publicada no jornal humorístico Lanterna Mágica no dia 20 de março de 1882. Imagem consultada no APEJE.</p>	76
<p>N.11</p> 	<p>Ilustração do jurista Tobias Barreto, imagem retirada do livro BARRETO, Tobias. Discursos, vol. 4- Obras completas, Ed. Estado de Sergipe, 1926.</p>	85
<p>N.12</p> 	<p>Ilustração das doutoras Maria Augusta Generosa Estrella e Josepha Agueda Felisbella de Oliveira publicada no O Etna no dia 12 de Novembro de 1881. Imagem consultada na tese de doutorado em História da pesquisadora LUZ, Noemia Maria Queiroz Pereira da. Os caminhos do olhar: circulação,propaganda e humor. Recife, 1880-1914. Recife,UFPE, 2008.</p>	92

<p>N.13</p> 	<p>Ilustração da capa da Revista Fon - Fon! publicada de nov de 1913. Imagem consultada em 23 de outubro de 2013. http://professor.bio.br/historia/provas_questoes.asp?section=Brasil&curpage=184</p>	<p>95</p>
<p>N.14</p> 	<p>Ilustração da Fábrica de cigarros Lafayette em fins do século XIX. Imagem consultada em 23 de dezembro de 2013. Fonte: http://reflexao2009.blogspot.com.br/2010/07/tunel-do-tempo-2-parte.html</p>	<p>105</p>
<p>N.15</p> 	<p>Ilustração de um anúncio de venda de um romance publicada no Jornal do Recife no dia 3 de janeiro 1897. Imagem consultada no APEJE.</p>	<p>124</p>
<p>N.16</p> 	<p>Ilustração da publicação de um folhetim publicada no jornal feminino Myosotis, no dia 25 de julho 1875. Imagem consultada no APEJE.</p>	<p>130</p>
<p>N.17</p> 	<p>Ilustração do personagem mítico Iracema do escritor José de Alencar, retratado pelo pintor José Maria de Medeiros. Fonte: http://contextoshistoricos.blogspot.com.br/2012_06_01_archive.html. Acesso em 10 de janeiro de 2014</p>	<p>134</p>

LISTA DE SIGLAS

APEJE- Arquivo Público Estadual João Emereciano

UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco

UFPE- Universidade Federal de Pernambuco

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1	
QUADROS DE UMA VIDA: uma releitura da cidade do Recife(1870-1909).	29
1.1 Diálogos: O século XIX e o processo civilizador	30
1.2 Estudos retrospectivos: o Recife no século oitocentista e início do século XX	36
1.3 Os sete passos: A circulação da mulher na cidade do Recife (1870-1909)	44
CAPÍTULO 2	
AS ONZE LETRAS: os discursos sobre a EMANCIPAÇÃO da mulher produzidos na cidade do Recife (1870-1909)	63
2.1 Quando elas querem: a emancipação feminina e a cidade do Recife	64
2.2 Reboiços políticos: a Escola do Recife (1870)	80
2.3 Eterno Tema: O saber como bem comum e a cidade do Recife	96
CAPÍTULO 3	
CONFRONTAÇÕES: Romance como guia de conduta e a modificação do perfil da mulher nos folhetins recifenses	113
3.1 O Amor: Dos manuais de condutas aos Romances Românticos	114
3.2 A Mulher de Gelo - Perfil do século XIX: A contradição como elemento constitutivo da formação da personagem feminina nos romances	132
CAPÍTULO 4	
MISÉRIAS DO RECIFE: Análise sociológica dos perfis femininos do romance A Emparedada da Rua Nova	156
4.1. O Esqueleto: Análise da construção da narrativa d' A Emparedada da Rua Nova	157
4.2 Misérias do Recife: os perfis femininos	174
CONSIDERAÇÕES FINAIS	
DESEMPAREDANDO A EMPAREDADA	203
REFERÊNCIAS	205

Sempre me impressionou o apagamento histórico feito a mulheres que tanta importância tiveram em seu tempo, ou junto a homens que dela dependiam, das quais a gente esquece até o nome. Alma Mahler ao que parece autora de algumas das obras atribuídas ao compositor, Clara Schumann, oprimida pelo pai e pelo marido músico, Anna Holzt, explorada por Beethoven, a esposa de Tolstói que, em seu diário, narra sua tristeza e desmistifica a pessoa do grande homem. Dar vozes a mulheres me incita e interessa, por uma espécie de simpatia cúmplice.

Luzilá Gonçalves Ferreira

INTRODUÇÃO

A historiografia dos *Annales* abriu um leque de possibilidades temáticas que ampliou as variedades de temas e enfoques para os estudos históricos. Desta forma, temas como o cotidiano, a família, os loucos, os pobres, as mulheres ganharam espaços e dimensões novas nas interpretações recentes. O modelo teórico da História Cultural proposto por George Duby¹ e Roger Chartier² forneceu ferramentas básicas para se pensar nas atitudes mentais que formam a dominação do simbólico que, quando interiorizada, configuram pensamentos e ações.³ Por sua vez, o conceito de história do cotidiano- caracterizado como o estudo das práticas, “artes do saber fazer”, costumes e relações sociais entre grupos humanos, marcadas por elementos corriqueiros, cotidianos e transversais, baseado nas ideias de Michel de Certeau⁴, quebra regras pré-estabelecidas, transforma, inventa e (re) constrói novas realidades. Mas nem sempre esses objetos se constituíram material de estudo do historiador. Marcada por vários pensamentos e ideologias ao longo do tempo, a função da História e o ofício do historiador passaram por muitas reflexões no final do século XIX para que, por exemplo, a literatura fosse objeto da História, ou mesmo fonte dos pesquisadores.

Quando Le Goff⁵ começou a desconstruir conceitos simplistas sobre o que é história e o seu objeto, além de reelaborar outro conceito para o que era história, possibilitou a discussão do ofício do Historiador. A sua análise das três dimensões do caráter da história- o humano, que abriu discussões entre os teóricos de que a parte essencial da história é o social;

¹DUBY, Georges. **A história contínua**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

²CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: **Estudos Avançados**. Vol. 5, n.11, São Paulo, 1991.

³O enfoque social e o entendimento do que seria a História Social tem aquecido o campo das discussões entre os historiadores. O surgimento da História Social está atrelado ao movimento dos *Annales* que, se utilizando do termo social, buscava uma ruptura com a antiga História Política positivista e abria um diálogo com a História Econômica. Muito já se discutiu as referências das supostas “divisões” em: História Econômica, Social, Cultural, das Mentalidades, entre outras. Neste sentido, seguimos uma perspectiva que tende a observar a História como um campo amplo que se confunde e se beneficia de outras dimensões e abordagens. Assim, compreendemos que a história recebe um tratamento diferenciado, tornando-se, portanto, multi-direcionada.

⁴CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**: 1. Artes do fazer. 7ª edição. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002.

⁵LE GOFF, Jacques. **História e Memória**: Trad. Bernardo Leitão. São Paulo: Ed. UNICAMP, 1990.

o tempo, que relacionou o passado com o presente; e os saberes constituídos e o poder, que fomentaram uma problemática a cerca da leitura das fontes- permite-nos entender a importância da historiografia quando questiona e faz novas releituras do passado. Por isso a objetividade histórica se reconstrói através do exercício incessante de revisão do historiador sobre o fato histórico, acumulando verdades parciais.

Hoje, o historiador possui um leque maior de opções e pode redescobrir a vida de muitos atores sociais que ao longo do processo histórico foram esquecidos ou que pela historiografia tradicional não foram lembrados. As questões indagadas por ele também representaram vozes dissonantes do ser (humano). Então surgem as dúvidas: o que escolher? Qual fonte investigar? Qual a teoria usar? Qual verdade descortinar? Suscitadas por essas interrogações surgem duas questões permanentes para o historiador: a primeira, uma noção de responsabilidade com a ciência- pelo seu olhar ele conduzirá as reflexões e deverá formular verdades sempre renovadas; do outro, o mal estar do ser, o sentimento de *Sísifo*⁶, a angústia de um trabalho realmente nunca concluído.

Em meio a essas reflexões, num determinado momento do texto, o pesquisador percebe que o trabalho realizado existe como “se fosse uma janela fechada e todo o mundo lá fora, e um sonho do que se poderia se ver se a janela se abrisse, mas nunca é o que ver quando se abre a janela.”⁷ A ideia que fica é o exercício incessante do pensar que sempre traz à tona múltiplas possibilidades de abordagem de um mesmo fato histórico. Por isso, quando o trabalho é pseudo-concluído, surge um duplo sentimento: a certeza de um dever cumprido e a angústia de morrer “a míngua de excesso”. Ou seja, ele deixa para trás não só as fontes não escolhidas do montante, mas um mundo de conjecturas encerradas nelas. Dessa forma, o início de minha fala precisou partir do ponto de vista não só de um historiador, mas de um ser humano atormentado pelo não-dito. Por isso a linha deste trabalho se situa dentro dos pressupostos defendidos por Roger Chartier na sua *História Cultural*. Ver nos romances e nos jornais práticas e representações da mulher da época dos oitocentos e, dessa forma, pensar história e “identificar o modo em como diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”⁸.

⁶ Sísifo representava na mitologia grega a astúcia e a rebeldia do homem frente aos desígnios dos deuses. Sua audácia, no entanto, motivou exemplar castigo final de Zeus que o condenou a empurrar eternamente, ladeira acima, uma pedra que rolava de novo ao atingir o topo de uma colina, conforme se narra na *Odisséia*. Para saber mais vide: <http://www.saberepreciso.com/2013/02/o-mito-de-sisifo.html>, acesso em 30 de março de 2014.

⁷ Analogia ao poema do heterônimo de Fernando Pessoa PESSOA, Alberto Caiero. Para saber mais vide: PESSOA, Fernando. **Obra poética**. Organização, introdução e notas de Maria Aliete Galhoz. 3ª edição, Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 2001. p. 231.

⁸ CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Ed. DIFEL, 1991. p.17.

O poeta Pernambucano Manoel Bandeira no seu livro “A Estrela da Vida inteira”⁹ fez, na obra “Mafuá do Malungo”, vários poemas, muitas vezes pequenos, que se traduziam em odes, celebração a algumas personalidades. O ponto de partida para a produção era algo comum, o nome próprio da pessoa. Esse primeiro atributo social do ser humano. Mas o que teria motivado o poeta para fazer essa obra? Hoje eu sei. É que os nomes possuem áurea, insere as pessoas no mundo da linguagem, singularizam o ser. Existem nomes próprios que sua significação passa a ser uma curiosidade, ou pelo seu significado, uma perplexidade. Como é o caso do nome Moacir, de origem indígena, que significa o filho do sofrimento. Outros nomes próprios são agraciados pelos seus próprios significados de nomes comuns, como é o caso do nome da poetisa portuguesa Flor Bela de Alma da Conceição, que por ocasião do sobrenome do pai, ficou conhecida na literatura com o nome de Florbella Espanca. Partindo deste princípio eu não só tenho um nome, mas um rosto- o da historiadora Noêmia LUZ. O nome dela faz jus ao seu caráter.

Em muitas de suas acepções, o entendimento simples do significado desta palavra, LUZ, quer dizer: tornar claro, guiar. Foi o que ocorreu, a professora Noemia, “farol no mar”, me indicou a direção a tomar quando me estimulou a pesquisar e me apresentou o romance “A Emparedada da Rua Nova”¹⁰ do escritor pernambucano Carneiro Vilella. Mostrou-me também parte de sua tese de doutorado, as charges dos jornais, os anúncios, as anedotas, porém, o mais importante disto tudo ficou, para mim, naquele dia no arquivo público do Estado, o amor ao que se faz, consideração, respeito, lições de vida, incentivo e amor.

O interesse pelo tema foi logo motivado pelo horror e indignação por uma ‘possível’ história que acontecera na cidade do Recife no final do século XIX. A história de uma menina que fora emparedada pelo seu próprio pai. O título do romance instigou em mim um mesclo de espanto e preocupação com a violência praticada contra as mulheres e a origem social desta. Dessa forma, procurei conhecer mais as obras de Carneiro Vilella e sua produção jornalística, notei também que pouco se escreveu sobre ele na academia, principalmente dentro de um viés histórico-social.

A partir desses acontecimentos e a minha formação em Crítica Literária pela Universidade Federal de Pernambuco, busquei unir História e literatura para compreender o

⁹ BANDEIRA, Manoel. **Estrela de uma vida inteira**. 20 edição. Rio de Janeiro: Ed Nova Fronteira, 1993.

¹⁰ VILELLA, Joaquim Maria Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova**. 4 ed. Recife, Ed. Do organizador, 2005. É importante frisar que este romance, segundo a historiadora Maria de Fátima em nota de rodapé, nos esclarece que a publicação da obra em folhetim no jornal Pequeno, em 1909, seria a segunda publicação da obra. Ela teria sido publicada 23 anos antes, em 1886. Para saber mais vide: VILELLA, Carneiro(1846-1913). **Cartas sem Arte**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

processo de emancipação da mulher na cidade do Recife e o quanto os romances da época, pelas práticas e representações da figura feminina, em especial o de Vilella, contribuíram para que houvesse uma maior discussão da posição da mulher na sociedade. Por isso, para este trabalho necessitávamos de um período histórico em que as situações sócio-econômico-culturais tivessem inseridos, aos poucos, a mulher no espaço público, necessitávamos também de um período em que as relações sociais do tempo possibilitaram a escrita da narrativa de Vilella. O tempo escolhido foi o de 1870 (ano da formação da Escola do Recife) e 1909 (primeira publicação integral da obra *A Emparedada da Rua Nova*).

A união entre história e literatura se deu porque o discurso literário é importante e deve ser visto como incorporador de valores sociais e culturais de um povo num dado momento. Buscamos fazer uma análise interdisciplinar das relações entre obra e sociedade e “o que ideologicamente é subjacente a elas, tendo consciência da imanência estética do texto literário, conservando e se valendo da integridade específica desta construção da natureza do texto como incorporador da realidade social e cultural de um dado momento”¹¹.

Ora, sabe-se que o historiador produz o seu discurso pautado em dados concretos, ele não pode escrever simplesmente com a sua imaginação, exige-se, no texto dele, um sentido probatório, um compromisso com a verdade. Mas isso não significa que não haja subjetividade textual, pois, a história também é uma narrativa. É importante entender que a narrativa histórica não conseguiu desvincular-se da narrativa, estabelecendo, portanto, uma relação de proximidade com o fazer artístico, no momento em que um problema é lançado e um contexto sócio-cultural datado¹². Nesse ponto, a narrativa histórica também se aproxima da literatura, por isso a importância de refletir: o que é a produção histórico-literária senão um ato de trabalho, reconstrução do objeto, uma invenção? É preciso que se entenda a acepção da palavra invenção dentro de uma perspectiva mais abrangente e que enfatize a “dimensão genérica das práticas humanas, independentemente do que considerem ser as ações determinantes ou fundantes da realidade ou de suas representações”¹³. O avanço da historiografia já nos aponta que:

O trabalho do historiador é insuflar nova vida aos relatos que nos dizem o que era o passado, através do uso da imaginação, da nossa capacidade poética de retramar o que está tramado, redizer o que está dito, rever o que já foi visto, para que estes

¹¹CÂNDIDO, Antonio. **5ª Conferência de Literatura e Sociologia**; texto- análise d’O Cortiço de Aluizio Azevedo. Rio de Janeiro: CCE/PUC, 1975.

¹²ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Historia: A arte de inventar o passado**. São Paulo: Bauru:EDUSC, 2007. p.16.

¹³Idem. p.19.

relatos nos sirvam para demarcar a nossa diferença, sirva-nos para nos tramarmos, dizermos e vermos de uma outra forma¹⁴.

Na academia, não só no Brasil como no exterior, muitos trabalhos unindo história e literatura são recorrentes não só na área de literatura mas também história, sociologia, antropologia, psicologia. Peter Gay¹⁵ estudou a formação do romance e suas implicações na sociedade francesa, amalgamando as relações entre a ficção e a realidade; Norbert Elias¹⁶ relacionou a prática da leitura com a construção da sociedade parisiense; Roger Chartier¹⁷ buscou percorrer os caminhos da leitura, do livro, do autor e do editor na sociedade. No Brasil, Maria Lúcia Guelfi¹⁸ teorizou sobre história e ficção, discutindo as relações comuns entre essas áreas do conhecimento; Nicolau Sevcenko¹⁹ e Antônio Cândido²⁰ buscaram compreender a importância dos textos literários como resultado da cultura de um povo num dado espaço e momento; escritores como Durval Muniz²¹, Sidney Chaloub²², e tantos outros, buscaram, através das análises de textos literários compreender um pouco mais sobre a sociedade brasileira. As análises dos romances para desvendar práticas e representações da mulher na sociedade hoje também são largamente utilizadas. Os Romances Românticos e Realista circulados na sociedade do Rio de Janeiro permitiram pesquisadoras como Ana Carolina Eiras²³, Valéria Augusti²⁴, Greциellen Rodrigues e Cláudia de Jesus Maia²⁵, compreender as relações de gênero no século XIX na cidade do Rio de Janeiro. Todos esses trabalhos me fizeram pensar sobre a estreita ligação entre a literatura, no caso o romance, e a sociedade na qual ele foi escrito.

¹⁴ Idem. p. 153.

¹⁵ GAY, Peter. **Represálias Selvagens**: Realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann. São Paulo: Ed. Cia da Letras, 2010.

¹⁶ ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1994.

¹⁷ CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

¹⁸ GUELFY, Maria Lucia. **Ficção e história**: um jogo de espelhos". *Gragoatá*. Niterói, v. 6, n.1, 1999.

¹⁹ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

²⁰ CANDIDO. Antônio. **Literatura e sociedade**: Estudos de teoria e história literária. São Paulo: Ed. Companhia Editora Nacional, 1965.

²¹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Historia**: A arte de inventar o passado. Op. Cit, 2007.

²² CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis**: Historiador. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 2003.

²³ SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. **Moça Educada, Mulher Civilizada, Esposa Feliz**: relações de gênero e história em José de Alencar. São Paulo: Ed. Edusc, 2012.

²⁴ AUGUSTI, Valéria. **O Romance como guia de conduta**: 'A Moreninha' e os 'Dois Amores' Campinas, 1998. Dissertação de Mestrado em Letras, UEC.

²⁵ MOREIRA, Greциellen Rodrigues e MAIA, Cláudia de Jesus. **Transgressão e submissão feminina em Lucíola e Senhora, de José de Alencar**. Fazendo o Gênero 9. Diáspora, diversidade, deslocamentos. Agosto/2010. p.1 a 9.

Na cidade de Recife, o romance da Emparedada da Rua Nova de Carneiro Vilella já foi analisado. Dois trabalhos que merecem destaques estão na área de Crítica Literária: o de Fátima Maria Batista²⁶ e o de Helena Maria Ramos²⁷. O primeiro busca, através do texto de Vilella, lançar luz sobre a cidade do Recife por meio do olhar do escritor. Unindo História e Crítica Literária, a historiadora buscou singularizar a cidade e os seus espaços, tecendo uma vasta biografia do autor. A pesquisadora tece importantes considerações a cerca da criação romanesca de Vilella.

O trabalho de Helena Maria Ramos mostra um estudo de literatura comparada n'A Emparedada da Rua Nova. Com este trabalho, buscaremos traçar melhor um perfil da mulher e suas relações sociais no âmbito privado, principalmente no que a transgressão feminina contribuiu para uma maior visibilidade social destas mulheres. Esta dissertação traça um perfil social dos principais envolvidos no ato do adultério n'A Emparedada da Rua Nova, em especial do personagem Leandro Dantas.

Dentro de uma perspectiva mais histórica, podemos citar o breve artigo do historiador Ângelo Emílio da Silva Pessoa²⁸. Neste trabalho, ele traça um perfil sócio-cultural dos personagens, desde a criada preta velha até o senhor de engenho da família dos Cavalcantis. O autor ainda busca, entre diversos aspectos sociais, abordar a questão racial nas origens de nossa colonização, e, mais ainda, a mestiçagem que, segundo ele, parece ser elemento decisivo no entendimento de boa parte das ações dos personagens d'A Emparedada. Com isso poderemos ter um painel mais abrangente das condições sociais e históricas que envolveram os personagens e com isso fazer um paralelo entre as condições das mulheres da época da narrativa e as da virada do século XX.

Por esses e tantos outros trabalhos, existiu a importância de subsidiar as fontes e outros textos analisados a uma outra fonte: a literatura. O entrelaçamento destas possibilitará, quando necessário, compreender como era a cidade do Recife da segunda metade do século XIX(1870-1909) e como os seus atores, sobretudo as mulheres, viviam. Na medida do possível, esses textos nos permitirá saber quais as conquistas da mulher no espaço público bem como as represálias sofridas por elas; e de quais mecanismos sociais, jurídicos, políticos e literários, nossas mulheres se valeram para obter uma maior visibilidade nesta sociedade.

²⁶ LIMA, Fátima Maria Batista de. **Um olhar sobre a cidade n'Emparedada da Rua Nova de Carneiro Vilella**. (Dissertação de mestrado em Letras). Recife: UFPE, 2005.

²⁷ MENDONÇA, Helena Maria Ramos de. **O Don Juan da Rua Nova: um estudo-itinerário sobre A Emparedada da Rua Nova**, de Joaquim Maria Carneiro Vilella. Dissertação de Mestrado em Letras. Recife: UFPE, 2008.

²⁸ PESSOA, Ângelo Emílio da Silva Pessoa. Sociologia da hipocrisia ou breves considerações sobre um centenário romance recifense: A emparedada da rua Nova. **SAECULUM**. Vol. 20, João Pessoa: UFPB, 2009.

A narrativa literária moldou-se mais ou menos aos costumes da época, influenciou e influenciou a sociedade, ditou normas, valores, moda, sentimentos. O que ajudará nesta análise é a estreita ligação entre o novo perfil desta mulher nos fins dos oitocentos e as transformações ocorridas na sociedade recifense nesse período, pois os acontecimentos do final do século XIX influenciaram culturalmente a cidade, propalando um modo de pensar, de viver e de ser *civilizado*²⁹ às elites e, por extensão, aos populares. Essa reflexão é importante na medida em que nos possibilitará, dentro de um processo mais amplo, o da influência cultural estrangeira, entender como esta cidade foi apropriada pela sociedade e desenhada pelos escritores do período 1870-1909. Na mesma medida, nos próximos capítulos buscaremos entender o quanto este processo influenciou a narrativa dos principais intelectuais da época, sobretudo dos literatos e os seus romances- como o escritor Carneiro Vilella, e como eles apresentavam a figura da mulher e as retratavam nos seus romances, anunciando uma mulher que surgiria em fins do século XIX.

Como todo o processo de modernização em si traz rupturas, polarizando o “tradicional” e o “moderno”, o progresso material e cultural chega à cidade, mas também chegam as contradições que tornam o final do século XIX o século dos questionamentos. Isso porque a cidade, enquanto modelo de civilização e reflexo de modernidade, vai existir como faces de uma mesma moeda: se de um lado causa encantamento aos seus moradores; do outro, proporciona um sentimento de desilusão. Seria ingênuo acreditar que os ideais propalados pela razão, através de um projeto normatizador, angariasse a simpatia de todos. Provavelmente, uma boa parcela da população não o compreendia e os benefícios desta ‘modernidade’ não eram acessível a todos. Nessa época, a apologia e a crítica às práticas decorrentes desta empreitada eram constantes. Mas não se pode negar, que o contexto da cidade do Recife na segunda metade do século XIX sinalizou modificações de padrões e mentalidades da época, afrouxando um pouco mais as relações de gênero, pois, por exemplo, a situação social das mulheres no Brasil vai aos poucos se modificando e, possibilitando pelas transformações dos oitocentos, os espaços sociais são mais ocupados por elas.

Essa noção de progresso e civilização advindos de países estrangeiros marcou a cidade do Recife. As contradições vividas no espaço urbano insere o Recife no que Antônio Paulo

²⁹A expressão surgiu na França no século das luzes, o XVIII. Decorrente da palavra ‘Civilização’. Esta era entendida como um estado realizado, originado de *civitas* (ordenado, educado), em oposição, portanto, ao estado natural da barbárie. Mas este estado realizado também era caracterizado pelo seu desenvolvimento, isto é, um estado civil, civilizado, educado, que teve progresso. No discurso iluminista, nas sociedades capitalistas, a ideia de civilização era sustentada na crença da razão, que levaria o progresso às sociedades. A partir do período final do século XVIII, o termo cultura passou a ser utilizado como correspondente ao termo civilização. Para mais informações vide: ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Op. Cit, 1994.

Rezende vai chamar de Modernidade. O conceito utilizado por ele se circunscreve nesse trabalho para podermos entender como as relações sociais, políticas, econômicas e culturais pairavam, antes de tudo, no contraditório. O processo de alteridade vivido na cidade do Recife, advindo dos países “civilizados”, torna o temo moderno cheio de matizes, essa expressão se insere no cotidiano das pessoas através da moda, da literatura, das mercadorias, da ciência. Essa modernidade tem íntima ligação com esse processo baseado nas diferenças. “O espaço físico da modernização, sua concretude acelera a modernidade, alarga os sentimentos ditos progressistas. Na verdade, é a ideia de progresso que enfeitiça os homens e que veem na cidade seu lugar privilegiado³⁰”.

Investigar a cidade pela escrita da história via literatura é investigar o cotidiano das mulheres recifenses; já que o elemento primordial do folhetim, a mulher, também se insere neste processo de transplantação e assume representações, e estas “sempre são determinadas pelos interesses de grupo que as forjam³¹”. Pois o Romance, em todas as sociedades na qual ele foi inserido, seja Romântico ou Realista, se ocupou, também, em registrar figuras femininas; ora como dóceis, ora como transgressoras³². Muito se discute sobre o caráter ficcional destes romances, mas o mais importante neste trabalho não são as histórias ditas nestes textos, mas ver neles uma forma de identificação, para épocas literárias distintas, como essas mulheres se portavam e quais espaços ocupados por elas. Pois, não há dúvida de que o espaço da ficção também era o espaço vivido por muitas mulheres do período.

No primeiro capítulo, pela memória evocada através dos discursos sobre a cidade, foi possível (re) construirmos um lugar singular, não como algo empírico ou como um cenário estático, mas sim como um espaço-sócio-cultural da cidade recifense no final do século XIX e início do século XX, incluindo seus arrabaldes. Os espaços aqui desenhados são os que possibilitaram às mulheres ressignificarem suas vidas e, o mais importante, a ocupação gradativa deles abriu perspectivas futuras de emancipação e igualdade de direitos. Através do comércio, intelectualização, entretenimento, elas não se permitiram ser esquecidas. Nesse Recife oitocentista, como veremos, as discussões a cerca da emancipação feminina ganham força e anunciam novas posturas das mulheres na sociedade pernambucana.

³⁰ REZENDE, Antônio Paulo. **(Des) Encantos Modernos: histórias da cidade do recife na década de vinte.** Recife: FUNDARPE, 1997, p. 25.

³¹ CHARTIER, Roger. Op. Cit, 1991, p.17.

³² Entenda-se transgressão no sentido metafórico de ultrapassar limites, independentemente das coerções que lhe serão imputadas. Corresponderia a desobediência, irreverência, contestação, insubmissão, rebeldia, insubordinação, subversão, blasfêmia, iconoclastia sempre contra um Sistema, rígido e intolerante, cerceador da liberdade ilimitada que ele almeja privilegiar. Para saber mais vide: FOUCAULT. Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** Petrópolis: Ed. Vozes, 1987.

Utilizaremos registros de memória para escrever esta história porque através das lembranças muitos espaços do Recife foram fixados e materializados através de uma vasta produção da linguagem, especialmente a literária. Encontraremos não só os romances dos fins do século XIX que retrataram o Recife, mas também graças à pena dos principais intelectuais³³ das primeiras décadas do século XX, a cidade não foi esquecida. Autores que, numa espécie de saudosismo, contradições e obnubilados pelo passado, cantam esta cidade dos fins dos oitocentos. Por isso à cidade não faltam referências dos espaços internos das maxambombas, das casas de banhos, das pontes, dos seus chafarizes, do Rio Capibaribe, dos atelieres das modistas, das escolas, dos teatros, dos clubes, dos seus sobrados, das suas ruas, do porto, do comércio.

No segundo capítulo haverá uma abordagem do início do processo de emancipação das mulheres na cidade do Recife. Pois, não se pode negar, que mesmo diante de discursos misóginos, que fomentavam a mentalidade tradicional do modelo de mulher da época, a discussão sobre a condição social e jurídica da mulher começou a ser questionada, a inquietar, a desassossegar. A partir da segunda metade- nos jornais, nas revistas, na literatura, no poder judiciário- dirigentes, poder público e sociedade se ocuparam mais sobre a mulher e conquistas condicionadas por uma sociedade misógina foram importantes para o avanço dessas mulheres rumo à emancipação. Dentre elas temos a intelectualização feminina, a participação das mulheres na imprensa pernambucana, e a criação da Escola do Recife.

Para isso, as práticas sociais demandadas a elas dentro do processo civilizador na cidade são importantes para entender o porquê, em fins do século XIX, em especial o período estudado, as discussões sobre o papel a mulher na sociedade se intensificaram. Neste capítulo discutiremos ainda a contribuição da imprensa, ela foi decisiva para a mudança de um perfil de mulher que lentamente ia deixando mais a casa e se inserindo no espaço público, perceberemos que a modificação desse perfil na sociedade se estendeu num maior ou menor grau de cumplicidade aos modelos de mulher retratados pela literatura, sobretudo os romances da época.

Por isso é importante que as narrativas sobre as mulheres tanto nos jornais quanto na literatura não sejam esquecidas. É importante que elas sejam construídas pela memória,

³³A maioria dos intelectuais do início do século XIX, no afã de uma busca de identidade cultural, busca revisitar o Recife dos fins do século XIX através de seus textos científicos e literários. Para maiores informações vide: SETTE, Mario. **História pitoresca do Recife antigo**. Recife, Coleção Pernambucana, 1978; FREYRE, G. **Sobrados e Mocambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1981; BANDEIRA, Manoel. Op. Cit, 1993; ARRAES, Raimundo. **O Pântano e o Riacho**: a formação do espaço público no Recife do século XIX. São Paulo: Ed. Humanitas - FFLC/USP, 2004.

através de uma escrita da história, que nos possibilite aproximarmos do conjunto de valores e comportamentos humanos que abrange a população num dado momento e espaço. Contar essa história é falar também de como a narrativa da História, por outra leitura desse tema, pode suscitar reflexões socioculturais passadas que interferem no nosso presente. Dentro dessa visão, os discursos sobre a emancipação da mulher na cidade do Recife, reconstruídos pela memória e análise textual, podem ser compreendidos como um conjunto de valores onde reside uma totalidade de comportamento humano que abrange uma determinada classe social, por isso no texto, primamos por discussões que nos apontavam os referenciais teóricos de escritores como Bakhtin³⁴, Ducrot³⁵, Foucault³⁶.

Em todo o trabalho, mas sobretudo nesse capítulo, as discussões de Gênero delineiam as conclusões e as reflexões da situação social e política das mulheres recifenses. Num primeiro momento, buscamos observar apenas as representações das mulheres na sociedade e, nestas análises, iríamos tocar e discutir a questão de gênero, mas as aulas da professora Alcileide Cabral foram decisivas não para que eu tomasse um novo rumo. É fato que as questões de gênero vão perpassar pelo meu trabalho, mas compreender melhor essas questões foi fundamental para entender o presente. Alcileide não deu para mim o conceito de gênero, ou o quanto de violência simbólica essas mulheres viviam no período, não. Isso eu já sabia. O que a professora Alcileide Cabral fez foi trazer essas discussões para ao pé de mim, ou seja, a partir da historiadora, vejo essas questões de forma mais próxima, comovente. Como todo trabalho acadêmico possui algo de subjetividade, vi-me na vida de cada mulher que busco recordar. Entendi a importância de se fazer não só uma discussão de gênero, mas de compreender como as ideias dos movimentos femininos e feministas surgiram no Brasil e em Pernambuco e quais foram as mulheres que, ora recuando, ora avançando, me permitiram hoje escrever esse texto, não apenas pela vida delas, mas pelos precedentes que elas abriram numa sociedade sexista e misógina, por isso a minha dissertação, em muitos momentos, constitui-se num trabalho de exceção; não por ser o único, pois muitos existem, mas por mencionar, muitas vezes, pelas fontes consultadas, apenas exceções de vida ou conquistas, como um único anúncio do período de uma médica recifense. A palavra EMANCIPAÇÃO neste

³⁴ BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997.

³⁵ DUCROT, Oswald. **Princípios de semântica linguística (o dizer e não dizer)**. Trad. Carlos Vogt, Rodolfo Ilari e Rosa Attié Figueira. São Paulo: Cultrix, 1977.

³⁶ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 2006.

trabalho não foi somente usada por mim, mas porque ela consta nas fontes e simboliza a luta das mulheres por um reconhecimento social no período estudado.

A mulher de que pretendo falar é a que não se distingue por raça, condição social, idade, nem qualquer outro atributo que a individualize. Na realidade, pretendo falar da Mulher e, na medida em que as fontes possibilite isso, de todas as suas categorias. Pois a questão de gênero, num maior ou menor grau, toca a todas elas. De uma forma ou de outra, busco retratar a vida das mulheres populares e das elites, ou as mulheres socialmente emergentes do período, busco estudar o tempo em que elas viveram e, sobretudo, o espaço que elas ocuparam. Desta forma, a cidade do Recife, suas freguesias e seus arrabaldes são os espaços que me interessam, pois é na urbe que muitas transformações sociais ocorreram.

No terceiro capítulo, abordaremos a importância do romance como elemento não apenas de entretenimento, mas como uma das molas propulsoras para uma maior reflexão do novo perfil da mulher que se anunciava em fins do século XIX. Como os textos eram publicados em folhetins, nos jornais, um dos maiores meios de circulação de informação na época, muitas mulheres e homens letrados entravam em contato com a obra dos escritores tanto realistas quanto românticos, quer seja para saber os principais acontecimentos ocorridos na cidade, bem como ler a continuação das novelas e romances.

Na cidade, a estética do Realismo³⁷ se fez sentir pela pena de Joaquim Maria Carneiro Vilella.³⁸ Filho de Doutor Joaquim Vilella de Castro Tavares e Dona Maria Madalena Carneiros, nascido em 9 de abril de 1846 no bairro de São José. Ele foi um importante escritor dessa estética literária, embora hoje pouco difundido no meio acadêmico pernambucano. Sobre o autor, pouco foi discutido na academia, mas, nos trabalhos consultados, sabe-se que Carneiro Vilella foi jornalista, poeta, romancista, caricaturista, teatrólogo, diplomado em Direito (1866), exerceu cargos na magistratura e outras funções públicas em Pernambuco e

³⁷A estética do Realismo é um movimento artístico que se manifesta na segunda metade do século XIX. Caracteriza-se por uma abordagem objetiva da realidade pelo interesse por temas sociais. O Realismo representa uma reação ao subjetivismo Romântico, os temas possuíam como características: a reprodução da realidade observada; a objetividade no compromisso com a verdade, personagens baseadas em indivíduos comuns; as condições sociais e culturais das personagens são expostas; lei da causalidade; linguagem de fácil entendimento; contemporaneidade e a preocupação em mostrar personagens nos aspectos reais. Para saber mais vide: MOISÉS. Massaud. **História da Literatura brasileira: Realismo e Simbolismo**. V. II. São Paulo, Ed. Cultrix, 2009.

³⁸ Não pretendemos elaborar um perfil biográfico de Vilella, mas sabemos da importância do estudo biográfico de sua trajetória. Este estudo ainda está por ser feito de forma mais profícua. Sobre o exercício do fazer biográfico ver. BOURDIER, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p.183-191; LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p.167-182.; LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (Org.) **Jogos de Escala: a experiência da microanálise**. 1ª edição. Rio de Janeiro: FGV, 1998. Ver também a introdução do livro de OLIVEIRA JÚNIOR, Rômulo José F. de. **Antonio Silvino: de governador dos sertões a governador da Detenção (1875-1944)**. Recife: Ed. Bagaço, 2012.

em outras Províncias. Em 1901 fundou, com outros escritores da época, a Academia Pernambucana de Letras³⁹. Tinha uma produção literária atuante nos meios intelectuais locais, foi dono e fundador de vários jornais de curta existência e esteve envolvido em vários combates travados pela imprensa. Toda a produção literária dele, através dos jornais da época, constituía material literário a serviço de uma história social e política, apesar de alguns dos seus contemporâneos não perceber a importância histórica e literária do escritor em Pernambuco no século XIX. Pois “Carneiro Vilella não mereceu espaço suficiente digno na História da Literatura, tantas vezes aberta com a mais tolerante hospitalidade para autores de menor significação de que ele”⁴⁰.

Participou, ao lado de outros grandes nomes como Araripe Júnior, Castro Alves, Tobias Barreto, de movimentos intelectuais na cidade. Sua condição de Bacharel em Direito lhe proporcionou estudar diversas correntes de ideias que marcaram o Recife nas últimas décadas dos Oitocentos e que ficaram genericamente conhecidas como a Escola do Recife⁴¹, morre em 1913 e publica na íntegra o seu mais antológico livro em 1909, “A Emparedada da Rua Nova”. Corroborando Foucault,

Os discursos “literários” não podem mais ser aceitos senão quando providos da função autor: a qualquer texto da poesia ou ficção se perguntará de onde ele vem, quem o escreveu, em que data, em que circunstâncias ou a partir de que projeto. O sentido que lhe é dado, o *status* e o valor que nele se reconhecem dependem da maneira com que se responde a essas questões.⁴²

Na certeza dessa afirmação, Carneiro Vilella, “homem do seu tempo,”⁴³ soube, através da candeia do corpo, os olhos, perceber, filtrar e criticar a sociedade e cidade recifense dos fins dos dezenove. Através da ficção, ele nos possibilitou reconstruir a cidade e a sua memória social.

Em homenagem ao escritor, todos os títulos e subtítulos desse trabalho receberam o nome de textos dele publicados nos jornais ou em livros. A fonte consultada para essa empreitada foi a do pesquisador Luiz Nascimento, no livro a História da Imprensa de

³⁹ MENDONÇA, Helena Maria Ramos de. **O Don Juan da Rua Nova**. Op.Cit. 2008.

⁴⁰RABELO *Apud* LIMA, Fátima Maria Batista de. **Um olhar sobre a cidade n’Emparedada da Rua Nova de Carneiro Vilella** Op. Cit. 2005, p12.

⁴¹Termo utilizado por Silvio Romero para designar o movimento intelectual, poético, filosófico, crítico, jurídico, que começou por volta de 1860 e foi até o começo do século XX.

⁴² FOUCAULT, Michel. **Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema.**, Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2009, p. 276.

⁴³Expressão utilizada por Machado de Assis no seu ensaio crítico “Instinto de Nacionalidade,” no qual diz:” o que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem de seu tempo e do seu pai, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço”. Para maiores informações vide: ASSIS, Machado. **Críticas Literárias**. São Paulo: Ed. Formar LTDA, 1980. Pág. 153.

Pernambuco⁴⁴ e a da historiadora Fátima Maria⁴⁵ que faz uma breve bibliografia e cronologia da vida do autor.

Esse trabalho precisou se pautar numa análise interdisciplinar entre Teoria Literária, História e Sociologia da obra "A Emparedada da Rua Nova" do escritor pernambucano Carneiro Vilela. Buscaremos mostrar as práticas e representações da mulher na sociedade recifense bem como o quanto a violência contra elas é subsidiada por um discurso ideológico que busca minimizar uma maior visibilidade da mulher na esfera pública e como isso pôde ser perceptível no discurso de Vilella e nos discursos proferidos na cidade do Recife.

A violência já assinalada pelo título D'A Emparedada instiga um mesclo de horror e preocupação com a violência praticada contra as mulheres e merece ser discutida neste trabalho. Através da ficção, a situação de opressão vivida por muitas mulheres transgressoras pode ser inferida. Analisar estas práticas é importante para poder compreender como se construiu o legado de violência cometida no Brasil contra as mulheres e quais os discursos que subsidiaram este processo. Os assassinatos e interdições apontadas por Vilella e destinadas àquelas que se desviavam da conduta feminina socialmente aceita pode ser tomados como uma possibilidade de análise ao problema social da mulher frente à violência doméstica que era legitimada por práticas misóginas e sexistas, gerando preconceitos atávicos calcados no mito da eterna dependência do sexo feminino.

Muitos foram os caminhos que nos podiam levar a estas conclusões sobre a cidade e sua atriz principal para essa pesquisa, mas como guia determinante, além de outras fontes consultadas, escolhemos o jornal. Como fonte secundária, subsidiado pela literatura, os anúncios delineiam espaços, abrem ruas, dizem da população, possibilitam imagens. Ele, com os seus folhetins, crônicas, charges, propagandas e fotografias dizem muito sobre a cidade do Recife. Buscaremos mostrar como esse veículo de comunicação se ocupou das mulheres recifenses influenciando nas mentalidades, ou até mesmo abrindo espaços sociais para essas mulheres no trabalho, na literatura, no teatro, na educação, ou o contrário disto tudo, pois, conforme os textos selecionados nos jornais, em muitos momentos ele afirma essa mulher na sociedade; em outros, ele a nega. "A mão que afaga, muitas vezes, é a mesma que apedreja", por isso o discurso dos literários do período, sobretudo o de Vilella se pautou na ambiguidade.

⁴⁴Disponível em http://www.fundaj.gov.br/geral/200anosdaimprensa/historia_da_imprensa_v04.pdf Acesso em 23 de abril de 2013.

⁴⁵ LIMA, Fátima Maria Batista de. **Um olhar sobre a cidade n'Emparedada da Rua Nova de Carneiro Vilella**. Op. Cit, 2005.

Percebemos que estes mesmos jornais em Recife, que se ocupam sobre as mulheres, pontuando seus espaços e, muitas vezes, revelando as relações sociais privadas destas, também padroniza perfis, impõe normas, dita comportamentos e, pelo depoimento de muitos intelectuais da época, revela mudanças sociais relativas às relações de gênero ocorridas no Brasil e no mundo, ou até mesmo em Recife. As narrativas impressas nesta fonte nos possibilita traçar um perfil feminino para época e, além do mais, possibilita mostrar como, neste mesmo jornal e na sociedade, as relações de gênero eram percebidas.

A escolha desta fonte se dá por um motivo bem simples: do mesmo jeito que as mulheres ocuparam espaços na cidade; no jornal, essa ocupação, ainda que simbólica, também existiu. Através dos seus anúncios comerciais, dos espaços de sociabilidades, da sua propaganda, e dos seus espaços de denúncias, do cartão-postal, das charges, das fotografias nos ocuparemos em mostrar o cotidiano das mulheres e dos homens da província (1870) e da cidade (1909) do Recife, e mostraremos o quanto esse jornal, frente às novidades do século do *progresso* no Recife, se revelou como faces de uma mesma moeda: se de um lado exaltava os símbolos modernos; de outro, menosprezava-os.

CAPÍTULO 1

QUADROS DA VIDA⁴⁶: UMA RELEITURA DA CIDADE DO RECIFE (1870 -1909)

Por causa das muitas transformações existidas na Cidade do Recife, não se pode desprezar o conjunto de novas formas socializantes que apontavam para a nova composição social que ganhou importância no final do Império e no contexto republicano. Nesse período, a urbe assume definitivamente o local da sociabilidade, das conquistas científicas e materiais, do progresso, da civilização, e incorpora, em fim, a posição de berço da modernidade. Destarte, mediante a dimensão cultural e social da cidade, ela não representava apenas um emaranhado de ruas, becos, vielas, praças, avenidas. Como espaço social, dizia muito dos seus habitantes, já que os espaços públicos urbanos se caracterizam como lugares de trocas, de encontros e de vivências múltiplas, ou seja, lugares de vida pública. Na cidade havia o burburinho, a agitação, o frenético alarido das ruas e os subterfúgios da modernidade: o automóvel, a fotografia, o bonde, o telégrafo, o telefone. Nela havia um misto de inquietude e contemplação e, por isso, ela foi marcada também como espaço de contradições. Esse foi o elemento mais marcante destes tempos. Por mais que se buscasse apresentar a cidade como o lugar da ordem institucional, a “desordem” também era o amálgama que constituía esse espaço.

O panorama histórico-cultural do período que compreende os anos de 1870 a 1909, na cidade do Recife, nos autoriza a descortinar a vida de muitas mulheres recifenses, e dessa forma entender quais as práticas sociais demandadas a elas e realizadas por elas, quais os espaços públicos da época onde circulavam essas mulheres e quais os papéis ocupados não somente por elas mas também pelos homens neste período de transformações urbanísticas da cidade. Nesta discussão não faltarão menção à instrução feminina, ao trabalho das mulheres ocupados na cidade, e os espaços de sociabilidades frequentados por elas. Por essa análise poderemos perceber como elas eram vistas pela sociedade e retratadas nos Romances. Percorrer os espaços ocupados por elas é uma tentativa de compreender os valores, os padrões de comportamentos da época os quais permitiam e/ou impeliavam essas mulheres ocuparem o lugar público, para isso vamos inferir os limites impostos a elas, as suas transposições e o seu

⁴⁶Quadros da vida foi o título do Folhetim publicado por Carneiro Vilella no Jornal Pequeno em 1901.

“entre-lugar”⁴⁷ numa sociedade contraditória, misógina e marcada pelos ideais de modernidade.

1.2 Diálogos⁴⁸: O século XIX e o processo civilizador

O século XIX foi, para a Europa e para o Brasil, um século de profundas transformações orientadas por um conjunto mais ou menos definidos de ideias como: Liberalismo, Democracia, Capitalismo, e, por fim, Socialismo. Em fins deste século, na *Belle Epoque*, vivia-se o apogeu da Revolução Industrial, período marcado pelo clima de euforia e progresso material que a burguesia industrial experimentava. Esse mesmo progresso colocava os países europeus na vanguarda das conquistas científicas e culturais, irradiando para os países ocidentais costumes, comportamentos, letras, modas, filosofias.

A condição social do proletariado, por exemplo, destoava da efervescência cultural e material da *Belle Epoque*, por isso ele começava a se organizar, motivado pelas ideias do Socialismo Utópico de Proudhon e Robert Owen e do Socialismo Científico de Karl Marx e Friedrich Engels. Em paralelo às descobertas científicas e ao progresso material, os desajustes sociais eram visíveis. A situação de miséria das classes menos favorecidas, doenças, mortalidade, fome, coexistiam e, muitas vezes, se confrontavam com esse progresso. A contradição era o fundamento maior da existência da cidade: de um lado, ela era um espaço segregador e autoritário, demarcada pelas elites e por todos os aparatos estatais que visavam a um ideal de progresso; de outro, simbolizava o cosmopolitismo, a liberdade, o progresso moral e tecnológico⁴⁹.

Na segunda metade do século XIX, a Europa foi influenciada por importantes transformações econômicas, políticas, sociais. Surgem correntes científicas e filosóficas de destaque, como o Positivismo de Augusto Comte, para o qual o único conhecimento válido é

⁴⁷Expressão criada pelo pesquisador Silvano Santiago no seu artigo: SANTIAGO, Silvano. **Uma Literatura nos Trópicos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, e utilizado amplamente no campo discursivo dos Estudos Culturais. Entendido como um movimento de resistência do colonizado às imposições dos valores do colonizador. Essa resistência era baseada na diferença, dentro de um processo crítico e irreverente. Numa perspectiva foucaultiana, ‘esse termo possibilita a ativação de forças de descentramento e de desconstrução, inerentes à concepção pós-disciplinar e ao trabalho de exposição e agressão do pensamento metafísico ocidental, efetivados pelos atuais estudos de cultura’. Para maiores informações vide: SOUZA, Marcos Aurélio dos Santos: **O entre-lugar e os estudos culturais**. Travessias número 01, p. 1. revistatravessias@gmail.com. Aqui, o termo faz analogia à resistência das mulheres frente a um modelo tradicional imposto culturalmente a elas.

⁴⁸Título de uma crônica escrita por Carneiro Vilella no ano de 1889 e publicada no Jornal A Província.

⁴⁹REZENDE, Antônio Paulo. **As costuras das histórias: O Recife e a Modernidade**. In: BARROS, Natália et al (Org.) **Os anos de 1920: Histórias de um tempo**. Recife: Ed. UFPE, 2012. p.7-12. Ver também REZENDE, Antonio Paulo. **(Des) Encantos Modernos**. Op.cit. 1997.

o que vem das ciências; o Determinismo de Hippolyte Taine, defensor da ideia de que o comportamento humano é determinado pelo meio, a raça e o momento histórico; e a seleção natural, de Charles Darwin, que afirmou que os organismos mais aptos sobrevivem ao meio externo. Esses pensamentos científicos europeus eram as bases que fortaleciam a ideia de civilização e progresso que deveriam ser destinadas ao mundo.

Essas teorias, dotadas de Razão e de cunho empírico, ecoavam para as estruturas sociais dos países ditos periféricos como o Brasil, influenciando no espaço cultural e intelectual da nação. Essa influencia existia desde o planejamento urbano - com a arquitetura das principais cidades- até à Literatura, com a modificação dos perfis femininos e novos valores sociais exaltados.

No âmbito cultural, social e político, era o século da Razão impulsionando todas as transformações ocorridas ao longo deste período. Através de um processo de racionalização- “ideologia ilustrada”⁵⁰ e ideias liberais- associado a um conjunto de valores culturais, a modernidade foi se moldando, tomando forma, se ajustando e se fixando às realidades locais. A cidade modificou significativamente o seu espaço físico, modificando o social. “O progresso científico e material, associado às revoluções sociais, foi responsável pelo surgimento de um novo tipo de indivíduo que aos poucos foi abandonando velhos costumes e crenças, buscando abraçar novas mentalidades, guiado pela “luz da ciência e da razão”⁵¹. No mesmo impulso ideológico destes novos tempos, num processo de assimilação intelectual e cultural, as cidades precisavam ser modificadas, adaptadas e reordenadas a uma lógica capitalista de progresso.

O que possibilitou e legitimou essa ideologia, sobretudo nos países ditos colonizados, foi a incorporação dos valores culturais existentes nos países centrais, como Portugal, Espanha, França e Inglaterra. Baseado no espírito aventureiro dos portugueses⁵², a necessidade de uma acomodação, com o passar dos anos, traz uma inclinação ideológica,

⁵⁰Termo utilizado pelo crítico literário Antônio Cândido a cerca dos ideais ilustrados (conhecimento e saber), advindos da Revolução Francesa e Iluminismo e acomodados nas sociedades Latino-americanas. Para o professor Antônio Cândido, “A história dos ideais ilustrados na América Latina tem, às vezes, um sabor quase trágico de perversão dos intuítos ostensivos, porque acabaram funcionando como fatores de exclusão, não de incorporação; de sujeição, não de liberdade. O saber como salvação acabava como teoria de poucos eleitos. Na América Latina, as condições locais puseram a nu a contradição fundamental da ideologia ilustrada, que desaguava quase inevitavelmente na delegação de função às elites. O propalado do bem comum ficava no limbo da utopia se os povos não lutassem pela sua realização”. Vide: CANDIDO, Antonio. **A perversão da Aufklärung**. In: Textos de intervenção. 34.ª ed., São Paulo: Ed. Duas Cidades, 2002, p. 321.

⁵¹SILVA, Sandro Vasconcelos da. **O costume da praça vai à casa**: As transformações urbanas e suas influências sobre os costumes da classe burguesa do Recife oitocentistas (1830 -1880). Dissertação de Mestrado em História, Recife:UFRPE, 2011. p. 15.

⁵²HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora José Olimpio, 1956.

perpetuada pela metrópole e pelas elites brasileiras, “a ideologia do colonialismo”, que se valeu, inclusive, no século XIX, da inversão e adaptação dos pressupostos científicos do Positivismo de Auguste Conte, como sustentação para sua base filosófica; e exigia do povo brasileiro uma resignação frente ao modelo cultural, social, político advindo dos países centrais. O processo de transplantação cultural, pautado em mitos, preconiza que há países naturalmente destinados a dominar e países naturalmente destinados a subordinar-se aos primeiros. Uma vez implementada, essa ideologia tem o acolhimento, muitas vezes, das classes dominantes, que resignava, ratificava e estendia mais e mais este pensamento de acomodação cultural, atribuindo “superioridade cultural” aos países centrais fatores não materiais: superioridade de raça, clima, situação geográfica⁵³. Os discursos europeus de civilização e de progresso, nesse período oitocentista, sobretudo na segunda metade do século, pairavam como normas a serem incorporadas pelas elites e, por extensão, absorvidas pelos populares, e eram sempre matizados de conteúdos simbólicos e ressignificações.

Os símbolos, elemento fundamental dessa transplantação, constituem parte integrante da sociedade, provocando, em todas as situações, repercussões sociais e psíquicas. Esse poder do “simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhes estão sujeitos ou mesmo o exercem”⁵⁴. Nele existe uma atuação política indissociável do corpo social, isto porque os símbolos podem ser manipulados ideologicamente por uma determinada classe social em detrimento de outra e também estão em toda a parte na sociedade, manifestando-se sobre várias formas: linguagem, gestos, bens materiais, artes, relações humanas, religião, comportamentos, normas, tudo o que se vive e se produz nas relações sociais. O homem possui uma imensa dependência dos símbolos e dos sistemas simbólicos ao ponto destes viabilizá-los como criaturas culturais. Os símbolos isoladamente não possuem significação nenhuma, eles precisam estar atrelados a uma época, um lugar e uma cultura e podem ter diversos significados próprios em diferentes contextos⁵⁵.

Essa dominação do simbólico se faz por uma sistemática normativa que padroniza comportamentos e, ao mesmo tempo, engendram as mudanças sociais, entrelaçando indivíduo à sociedade. Por meio do simbólico e dos discursos, a criação de normas, ditando o que poderia ou não ser feito na esfera pública, possibilitou distinções sociais. As sociedades do

⁵³SODRÉ, Nelson Werneck. **A ideologia do colonialismo**: seus reflexos no pensamento brasileiro. Petrópolis: Ed. vozes, 1984.

⁵⁴BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Ed. DIFEL, 1989. p.7.

⁵⁵SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**. Op. Cit, p.12.

século XIX, por exemplo, pela ordem da Razão e civilização, eram quem prescreviam os novos códigos sociais⁵⁶. O legado cultural dos países “civilizados”, nessa perspectiva, passou a ser o objetivo maior do processo de civilização.

A transplantação cultural, essa lógica de progresso via incorporação de valores culturais, não foi um caso isolado na nação. Esse processo acompanhou as sociedades da América Latina desde o início da colonização, ganhando mais força nos séculos XVIII e XIX. Norbert Elias declara que o conceito de civilização passou, no século XVIII, a designar o que ele chamou de “autoconsciência das nações” que exploravam as colônias, caracterizadas, segundo o ponto de vista das metrópoles, por seus costumes “bárbaros”. Nesse contexto, as nações colonizadoras, em sua “sã consciência”, consideravam findo seu próprio processo civilizador e compreendiam ser necessário transmiti-lo aos povos sobre os quais estendiam seus domínios. Estas transposições de modelos constituíram uma constante no processo real de uma tentativa de maior independência cultural em todos os setores sociais do Brasil. Conforme diz Sérgio Buarque de Holanda:

A tentativa de implantação de uma cultura europeia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranha à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em consequências. Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias, e timbrando manter tudo isto em ambientes muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra.⁵⁷

Por isso, o ideal de “civilidade” era “salvar” a população da barbárie, imprimindo arquitetura, hábitos e costumes europeus. As obras de remodelação de muitas cidades brasileiras foram inspiradas no modelo urbanístico da capital francesa. A influência da *art-nouveau*⁵⁸ era representada na arquitetura das fachadas, nas avenidas, nos jardins, nas praças públicas, no sonho de uma “Paris tropical”, a qual refletia a ideologia que alimentava nossos intelectuais, na tentativa de construção de uma identidade com novos parâmetros civilizatórios, por intermédio de um ideal ufanista de nação. O raciocínio se desenvolve da seguinte forma: se a raça diminui a nação, o progresso a redime.

O processo de transplantação cultural desses países, em especial aqui o Brasil, representou por parte da elite aristocrática e burguesa uma forma de se inserir culturalmente e

⁵⁶ ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Op. Cit, p. 63.

⁵⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque. Op. Cit. 1956, p. 15.

⁵⁸ A *art nouveau* surgiu no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Teve expressão na arquitetura, no desenho de interiores, artesanatos, vidro, cerâmica, telas e ilustrações de livros, sua principal característica são as linhas curvas e ondulantes, que possui como finalidade sugerir. O termo *Art Nouveau* foi adotado na Inglaterra e Estados Unidos; na Alemanha se chamou *Jugendstil* (estilo jovem); na Áustria *Secesión*; na França, *le Style moderne*; na Espanha Modernista. Para saber mais vide: <http://rceliamendonca.wordpress.com/2005/10/18/art-nouveau/> Acesso em 15 de junho de 2013.

ideologicamente no século do capitalismo e da ciência, o século XIX, o da chamada “civilização moderna”. Nessa discussão acerca da cultura como objeto de estudo histórico, várias ressalvas devem ser feitas para evitar atropelos e anacronismos, uma das mais conhecidas delas foi elaborado por Carlos Ginzburg⁵⁹, ao desenvolver o conceito de circularidade cultural. Neste sentido, Ginzburg adverte que a história, ao analisar as mentalidades, adota padrões generalizantes; este autor defende, então, uma história cultural, ou uma nova história cultural, Ginzburg critica também a ideia de uma ‘cultura subalterna’, por isto, defendia a utilização do termo ‘cultura popular’ em oposição ao outro, já que este diminuiria o cunho pejorativo da primeira expressão. Sobre circularidade cultural Ginzburg diz que nenhuma cultura é isolada por sua classe ou qualquer outro determinante; a partir do momento em que houver contato, haverá a troca de influência cultural, numa cadeia circular.

Mas não se deve pensar, devido à formação histórica do país, que a transplantação cultural se trata de um processo puramente outorgado, cristalizado, ou que ela existiu na totalidade e/ou apenas como via de mão única, seria muita ingenuidade e pouca sensibilidade frente aos fatos históricos. Este processo se deu, também, por uma inclinação cultural e conveniente às nossas elites. Muito foi adaptado e ressignificado mediante as necessidades locais. Essa influência se baseou na troca e, antes de mais nada, configurou-se num processo de tensão e ambivalência, (re) construindo sujeitos, proliferando culturas, sempre num processo de diversidade. Existiu nele o que Gruzinski chamou de “mestiçagem cultural”⁶⁰. Pois é inegável que,

O consumo de signos estrangeiros não se configura como recepção passiva, despolitizada, mas como apropriação que instaura o espaço de mediação cultural onde a hegemonia vai ser desafiada. Pelo viés desse novo discurso crítico, não se trata substituir as influências do centro pelas particularidades das margens, simplesmente negando a cultura do colonizador, mas de instituir um “entre-lugar” para os discursos latino-americanos, que, “graças ao movimento de desvio da norma”, vão estabelecendo seu lugar no mapa da civilização⁶¹.

A intenção é compreender que o processo de trocas de experiências entre os povos nos impede de defender um ponto de vista imaturo em relação ao mito da nacionalidade homogênea, esta não existe; nem tão pouco devemos fechar os olhos à real influência cultural e política dos países europeus à qual o Brasil foi submetido, mas ver nestas relações culturais o fundamento maior da formação da cultura brasileira, e o quanto esta cultura alheia,

⁵⁹GINZBURG, Carlos. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989. pp.21-29.

⁶⁰GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

⁶¹GUELFY, Maria Lúcia. Op. cit, p.33.

influenciando nossas letras - sobretudo os romances, artes, ciências e pensamentos- fez –se presente também na vida das nossas mulheres, modificando o cotidiano não só das cidades, mas também dessas atrizes sociais.

O processo de transplantação cultural serviu a muitos propósitos e se apresentou como algo mutante. A sociedade recifense, como tantas outras cidades brasileiras, teve muito de sua mentalidade transformada para dar conta e se adaptar às novidades que viam de fora. Esse processo foi importante para as mulheres na medida em que pressupõe novos valores. Por meio da alteridade, diferença entre o local e o global, se estabeleceu novos parâmetros de comportamento para elas e, por meio destes, em fins do século XIX, um novo perfil de mulher começou a ser delineado.

Fundados na consciência de que as mentalidades sociais subsistem, enfraquecem, resistem, permanecem, mas também se modificam ao longo da história, o final do século XIX, no Brasil e no mundo, traz à tona situações e possibilidades que em muito contrastam com os pensamentos anteriores a esse tempo. Essa percepção de transformações sociais ocorridas no mundo e no Brasil devem sempre ser compreendidas num processo dinâmico e constante, o romance publicado nos jornais acompanham as transformações sociais e culturais do século XIX. O perfil da mulher, ao longo dos anos, sofreu modificações, readaptações à nova conjuntura social, ou seja, ele não se dissociou do processo histórico. A urbanização do final do século XIX possibilitou maiores oportunidades de investimento, emprego, mobilidade social e mobilização política, que por sua vez, fomentaram transformações na consciência e gradativamente afrouxaram as relações sociais tradicionais impostas às mulheres⁶².

Nesse contexto, as novidades, hábitos, cultura, formas de ser, de fazer e *suvenir* estrangeiros, ao bom estilo francês, revestiram-se de ressignificados quando transplantados para a cidade do Recife. Às mulheres coube também o papel civilizador, por isso ela foi uma das personagens que mais sofreu influencia deste processo, importando formas de “fazer e ser”, ao mesmo passo que negaram, engendraram, ressignificaram e se resignaram, muitas vezes, antes novas mentalidades trazidas da Europa. Esse afã de progresso e sua ideologia ampliaram debates de ideias, muitas vezes contraditórias, acerca do papel da mulher na sociedade.

Vetor principal dos ideais da modernidade, o espaço urbano deveria cumprir uma função civilizadora, já que ele era o elemento que participava dos diversos afrontamentos e acontecimentos que se davam no social, fruto de relações dos seus diferentes agentes sociais

⁶²BESSE, Susan K. **Modernizando a desigualdade.** Reestruturação da ideologia de Gênero no Brasil(1914-1940). Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Editora da USP, 1999. p.36.

em um dado momento histórico. Esse espaço era e é hoje plástico, maleável, moldável e, por isso, passível de dissolução, desconstrução, ressignificação, sempre que as relações de poder fossem deslocadas⁶³. Novas mentalidades, neste período, modificam substancialmente o uso do espaço físico e social da cidade e estas modificações podiam ser percebidas nos gestos, nas roupas, na arquitetura, nas artes e, principalmente, nos discursos.

1.2. Estudos retrospectivos⁶⁴: o Recife no século oitocentista e início do século XX

As relações sociais, as de poder, as econômicas, as políticas e as simbólicas inseridas na cidade sob uma perspectiva de transplantação cultural apontam posições, engendram confrontos, demarcam domínios e territórios, criam mentalidades, mas isto não deve ser dissociado do contexto histórico do país. Para Antônio Paulo Rezende:

A cidade vive seu presente não dissociado de outros tempos históricos, aberta para as possibilidades de reconstrução do seu cotidiano. Ela não é, porém, uma sucessão de tempos que se agregam, como uma reunião de tijolos sem nenhuma argamassa. O tempo é a invenção social de grande complexidade, indissociável de qualquer reflexão histórica. Além dos registros temporais, de ser espaço de produção material da cultura, a cidade é moradia em sentido amplo⁶⁵.

Em meio a esta reflexão e através da utilização da narrativa como um dos principais recursos da representação do espaço pelo sujeito, eis que surge a cidade do Recife (1870-1909). Essa urbe, muitas vezes, desponta por uma escrita singular tutelada pela memória individual e/ou coletiva, conferindo representações aos espaços. Estes não devem ser vistos de forma isolada ou dissociada da conjuntura histórica e social do país nem dos seus habitantes, pois não se pode esquecer de que o Brasil, no final do século XIX, tornou-se mais cosmopolita, ampliando mais espaços e possibilidades aos moradores dos centros urbanos.

Durante todo o século XIX, ocorreram profundas transformações sociais, econômicas e políticas. No final desse século e início do século XX, a modernidade e todos os seus atrativos- telefone, bonde, locomotiva, telégrafo- fizeram parte do cotidiano das principais cidades brasileiras. É neste século que ocorreram importantes fatos da vida pública no Brasil, como, a vinda da família Real(1808), a abertura dos portos(1808), a Lei Eusébio de

⁶³MUNIZ, Durval de Albuquerque Jr. **Zonas de encrencas**: algumas reflexões sobre poder e espaços. Disponível: http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/segunda_remessas/zonas_de_encrenca.pdf . Acesso em 28 de dezembro de 2012.

⁶⁴ Título do artigo do escritor Carneiro Villela publicado em fevereiro de 1902 no Jornal Pequeno.

⁶⁵ REZENDE, Antônio Paulo. **Cidade e modernidade**: Registros Históricos do Amor e da Solidão no Recife dos Anos de 1930. In MONTENEGRO, Antônio Torre (Org). **História**: Cultura e Sentimento: Outras histórias do Brasil. Recife: Ed. UFPE, 2008 p.48.

Queirós(1850), a Guerra do Paraguai(1864), fundação do Partido Republicano(1870) , a Lei Áurea(1888), surto de industrialização e maior urbanização. Marcus J. M. de Carvalho⁶⁶desataca que a abertura dos portos às nações amigas, em 1808, causou um profundo impacto na vida material e cultural brasileira. Segundo ele, os habitantes mais atingidos foram os das cidades, principalmente as que tinham portos e recebiam embarcações de outros países, com mercadorias e com um volume bastante significativo de estrangeiros. Com a vinda da corte portuguesa para o Brasil, cerca de 14.000 pessoas acompanharam D. João VI e se instalaram no Rio de Janeiro. Os estrangeiros, como os franceses, ingleses e americanos, representantes da modernidade no Brasil, já no início do século, pelo processo de transplantação cultural, influenciaram a população com o seu modo de vida diferente da do local.

Esse modelo de urbanização, como disse Emília Viotti ⁶⁷, não alterou boa parte da estrutura agrária do país ou modificou profundamente os padrões tradicionais de urbanização que se definiram no período colonial, muitas cidades não se desvencilharam da égide dos potentados rurais, pois se sabe que a urbanização dos fins do século XIX chegou de forma tardia para alguma delas. Mas de alguma forma, o Recife, sentiu as transformações urbanísticas. O pensamento do professor Marcus Carvalho⁶⁸ confirma a historiadora quando ele diz que as cidades portuárias, entre elas o Recife, se destoaram do processo de urbanização da maioria das cidades brasileiras. Pois o porto configurava um importante vetor econômico, nele escoavam-se produtos ao mesmo tempo em que as novidades estrangeiras chegavam à cidade.

Para se ter uma ideia da importância do porto em Pernambuco, nos fins do século XIX, o Recife representava a terceira mais importante cidade do Segundo Reinado, as atividades portuárias configuravam a esta um comércio ativo que ia se desenvolvendo cada vez mais, possibilitando um avanço na economia⁶⁹. Mas, ao mesmo tempo, num Recife que alçava pelo tão idealizado progresso das correntes positivistas, uma boa parcela da população convivía com a fome, doenças tropicais, analfabetismo, violência, miséria. De um lado, havia a realidade, um Recife ainda com aspecto de província, um Recife onde os espaços ocupados existiam inúmeros vazios urbanos e as áreas ocupadas eram cercadas por uma mocambaria;

⁶⁶ CARVALHO, Marcus J.M. de. **Liberdade**: rotinas e rupturas no Recife do escravismo no Recife, 1822-1850. Recife: Ed. UFPE, 1998.

⁶⁷ COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República**: momentos decisivos. 9ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2010. p.114.

⁶⁸ Carvalho, Marcus J. M. **Liberdade**. Op. Cit, p.44.

⁶⁹DUBEUX, Claudio Burle. **O fotógrafo Claudio Dubeux**. Org. Bruno Dornelas Câmara. Apresentação George F. Cabral de Souza. Recife: Ed. CEPE, 2011, p.42.

do outro, o sonho, almejava-se uma urbanização bem ao estilo das principais cidades europeias, como Paris e Londres. A cidade do Recife, como tantas outras no país, sentiu os efeitos provocados pelas mudanças em seu tecido urbano, como os inúmeros aterramentos e instalação de serviços de iluminação, água, esgoto e transportes e acontecimentos sociais. E o comércio foi aos poucos se desenvolvendo. “Na segunda metade do século XIX, o Recife não lembrava nem de longe aquele ‘burgo pobre e triste’ que os holandeses conheceram no século XVII, o porto conferiria à cidade a sua importância de grande centro comercial”⁷⁰.

Do mesmo jeito que a Mata pernambucana no século XIX era tratada como centro da cultura da cana de- açúcar, a cidade do Recife era conhecida pelo seu comércio. Devido a sua posição privilegiada, esse espaço urbano, neste período, representava um grande entreposto comercial da província. Redistribuía mercadorias e absorvia e /ou transportava produtos industriais para outros lugares não só de Pernambuco, mas também do Brasil. Uma boa noção do volume de transações comerciais na cidade nos mostra isso: em 1872 havia 90 casas de comércio de “grosso trato”, os chamados atacadistas, 22 grandes depósitos de açúcar, 40 armazéns de estiva e 23 prensas de algodão⁷¹. Essa movimentação possibilitou uma maior circulação de pessoas e produtos na cidade, o comércio representou uma importante forma de mobilização social, inserindo muitas mulheres populares no espaço público, nele muitas delas retiraram o seu sustento.

O comércio local foi um atrativo para muitos estrangeiros, principalmente os de nacionalidade portuguesa, que aqui chegavam como caixeiros no comércio a retalho; mascates movimentavam o comércio ambulante pelas ruas do Recife, a maioria era gente simples de Portugal, “arrivistas”, destituídos de posses, e que aqui fizeram fortuna, muitas vezes favorecidos pelos seus compatriotas. Impressões destes estrangeiros foram retratadas nos romances recifenses deste período, e escritores, como Gilberto Freyre, buscaram expor essa realidade. “Dos lojistas de fazendas, poucos eram os brasileiros; das casas de ferragens e miudezas e dos armazéns de recolher carne- seca e até dos de açúcar- a aristocracia do comércio- feita uma exceção ou outra, os donos eram portugueses”⁷². Muitos deles, parentes de outros portugueses já instalados aqui, casavam-se, muitas vezes, com a filha do rico comerciante, e assumiam os negócios do sogro. Esses casamentos eram constantes, pois “a fortuna se circunscrevia e permanecia na família”⁷³.

⁷⁰ Ibidem, p. 22.

⁷¹ DUBEUX, Claudio Burle. **O fotógrafo Claudio Dubeux**. Op. Cit. p.22.

⁷² FREYRE, G. **Sobrados e Mocambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1981, p. 951.

⁷³ Idem, Ibidem.

Representantes de firmas comerciais estrangeiras também vieram morar na cidade. No final do Império, 1877 e 1878, e a partir de 1888, o fluxo de imigrantes do interior do estado em direção à cidade era uma constante, isso se deu, sobretudo, no primeiro caso pela seca ocorrida neste período; pelo segundo, por causa da libertação dos escravos. Muitos egressos da escravidão se dirigiram ao Recife em busca de melhores condições de vida⁷⁴.

A urgência de urbanização da cidade se fazia necessária, analisemos os dados demográficos da primeira metade do século XIX apresentados pelo historiador Marcus Carvalho que demonstra o crescimento da população urbana- apesar dos fatores negativos que aumentaram o número de mortalidade- ocorridos neste período como: a violência, o desemprego e as epidemias. Para o historiador:

Era nos bairros centrais do Recife, de Santo Antonio (que se separou de São José em 1844) e da Boa Vista que estava concentrada a maior parte da população. Esses três bairros tinham um total de 25,678 habitantes segundo a contagem de 1828. Em 1856 temos 40.977 pessoas, que, somados a população circunvizinhas chega a um total de 100.000 habitantes. A população livre e liberta que era de 17, 743 nessa época aumentou para 33.270⁷⁵.

Comparando os números dos censos de 1855 e 1920, pode-se ter uma ideia do quanto houve um aumento da população da cidade, que passou da cifra de 33.270 em 1855, para, em 1872, 56.207, e em 1900, para 1.030.224. Nas primeiras décadas do século XX, já somaríamos mais que o dobro de pessoas, 2.154.835, em 1920⁷⁶. Esses números são importantes porque justificam muitas das transformações urbanísticas e culturais da cidade do Recife, acentuadas no período de 1870 a 1909. Observe que a urbanização na cidade vai existir em consonância com o aumento da população, tomando impulso e forma adequada aos moldes de civilização, a partir da segunda metade dos oitocentos e se estendendo até as primeiras décadas do século XX. A necessidade de urbanização se dá também nas principais cidades brasileiras em meados do século XIX, e ganha força, sobretudo, a partir da década de setenta. A urbanização da cidade era sinônimo de progresso e de civilidade. Para o historiador Raimundo Arrais:

A cidade do Recife, nesse contexto, é investida de uma função pedagógica. Nela se exercia o papel formador, onde se devia moldar valores e modelos de condutas. Em

⁷⁴ ANDRADE, Manuel Correia de. **Recife**: problemática de uma metrópole de região subdesenvolvida. Recife: Ed. UFPE, 1979, p.35.

⁷⁵ CARVALHO, Marcus J.M. **Liberdade**. Op. Cit, 1998, pp .44-45.

⁷⁶ Dados do IBGE, consultamos os Censos Demográficos dos anos de 1872, 1890, 1900, 1920. Fonte: http://www.observatoriodasmetrosoles.net/download/Texto_BOLETIM_RECIFE_FINAL.pdf. Acesso em 08 de janeiro de 2013.

sua materialidade, o local público foi objeto do esforço de administradores e médicos que se empenharam em convertê-lo em meio a instrução e ensinamento dos novos costumes de civilidade, de ordem pública de salubridade⁷⁷.

Confirmando este pensamento, já em fins da primeira metade do século XIX, a administração do Barão da Boa Vista,⁷⁸ cujo objetivo era tornar o centro da cidade mais aprazível aos olhos da elite e dos estrangeiros e intensificar o comércio, aponta mudanças urbanísticas significativas na cidade que deram mote, nos períodos posteriores a esta administração, a reformas posteriores. Deste período, 1848 até 1909, foram abertas novas ruas, estradas, e construídas pontes de ferro e prédios públicos, como a Ponte da Boa Vista(1876) e o Teatro Santa Isabel(1850), o Hospital Pedro II(1861), a casa de Detenção(1855), mercado de São José(1875), o Cemitério público(1851). Houve também a padronização dos prédios, instalação de luz pública a gás, a ampliação da nomeação das ruas e numeração das casas, abastecimento de água, sistema de saneamento.

O crescimento populacional era diretamente proporcional ao da extensão ocupada pela cidade, e os serviços de saúde pública, como o saneamento, precisavam ser implementados. Já em 1841, criou-se a Sociedade de Medicina de Pernambuco, e no ano de 1845, o Conselho de Salubridade do Recife, “com atribuição de promover vacinação antivariólica, visitar prisões, casas de socorro e boticas, inspecionar estabelecimentos industriais e oficinas, vigiar cemitérios, examinar alimentos de consumo e fazer a estatística médica da província”⁷⁹.

Como disse Mario Sette⁸⁰, “O *vexame* do despejo dos dejetos humanos, jogados nos rios e marés pelos escravos, causando náuseas à população, estava com os dias contados”. Em 1871 entra em funcionamento a Companhia Draynage, com a utilização de latrinas nas casas e tubos por onde escoavam os dejetos para o mar. O saneamento básico já chegara ao Recife, ainda que em menor proporção, pois esse serviço não atingia toda população.

O abastecimento de água na cidade também sofre alteração, em 1848 o Recife inaugurou oficialmente o seu sistema de abastecimento de água. Os seus chafarizes não só beneficiariam os moradores da cidade, mas também alteraria o cotidiano das pessoas, pois a

⁷⁷ ARRAES, Raimundo. Op. Cit, p.13.

⁷⁸Francisco do Rego Barros, *Conde da Boa Vista*, nasceu no dia 3 de fevereiro de 1802, na cidade do Cabo, no Engenho Trapiche. Filho de Francisco do Rego Barros, Coronel de Milícias e Mariana Francisca de Paula do Rego Barros, foi um importante administrador para a cidade do Recife. Com apenas 35 anos de idade, em 1837, foi designado presidente da Província de Pernambuco, ficando no cargo até 1844. No seu governo várias obras foram implementadas como o Teatro Santa Isabel. Para saber mais Vide: GUERRA, Flávio. **O Conde da Boa Vista e o Recife**. Recife: Fundação Guararapes, 1973.

⁷⁹ SILVA, Aline de Figueroa. **Jardins do Recife: Uma História do paisagismo no Brasil(1872-1937)**. Recife: Ed. CEPE, 2010. p.48.

⁸⁰ SETTE, Mario. **Arruar**. Op. Cit, p.297.

presença das mulheres livre e populares ao redor deles era uma constante. Ele era o ponto de encontro de muitas mulheres populares, livres, cativas e libertas, que exerciam várias atividades, como lavadeiras, doceiras, ou domésticas que iam apenas buscar água. Apesar do historiador Marcus Carvalho⁸¹ sinalizar que a ida destas mulheres à rua estava associada a uma necessidade de sobrevivência, pois nesse período não havia muitas alternativas de emprego, a ocupação do espaço público por elas simboliza uma sensível modificação dos atores sociais desse espaço. A rua simbolicamente era demonizada, o “não-lugar”; sobretudo, a partir da década de setenta, frente aos efeitos da urbanização, passa a ser o palco das transformações advindas do progresso.

No mesmo grau de importância para a modificação desse cotidiano, foi a instalação da iluminação a gás carbônico, por ocasião da visita do Imperador Dom Pedro II. Isto possibilitou uma maior circulação de pessoas na cidade, no horário noturno, com isso novos espaços de sociabilidades surgiram.

O crescimento da população do Recife trouxe mudanças para a sociedade. Algumas modificações no desenho desta cidade e na economia - como as novas construções ou demolições ocorridas nela e a queda dos preços dos açúcares no mercado mundial- fizeram com que vários engenhos fossem loteados. Esse fato, somado à infraestrutura de transportes para além das freguesias centrais, levou os mais ricos a ocuparem os atuais bairros da Magdalena, Apipucos, e motivou a instalação de fábricas com vilas operárias na Torre e Várzea. Formaram-se, então, os arrabaldes como Espinheiro, Várzea, Torre, destinando para lá os menos abastados, “desafogando a cidade”. Essas transformações urbanas atendiam a uma lógica de progresso e saúde pública. As ruas precisavam ser mais amplas e as casas com mais janelas e varandas para permitir a circulação de ar e com isso evitar a contaminação, por via aérea, de doenças tropicais ou provenientes dos chorumes produzidos pelos lixos jogados nas ruas.

Por mais que as mudanças estruturais das cidades brasileiras ou pequenos hábitos de sua população se fizessem urgentes do ponto de vista de saúde pública - pois eram muitos os queixumes nos jornais pela falta de saneamento, de água, de transportes, de coleta de lixo- o que realmente embalou o sonho das elites locais foi a possibilidade de se fazer uma civilização nos trópicos⁸², atraindo para cá os olhos dos imigrantes Europeus. Em 1889, por

⁸¹ CARVALHO, Marcus J. Me de. **De portas adentro e de portas a fora**: trabalho doméstico e escravidão no Recife, 1822-1850. IN: Revista Afro-Ásia. Salvador: Ed. Afro-Ásia, 2003. p.61.

⁸² CHALHIOUB, Sidney. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na Corte Imperial. 5ª reimpressão. São Paulo: Ed. Cia. das Letras. 1996.

ocasião das exposições universais⁸³, como a de Paris, os dirigentes buscaram turvar os fatos e o governo central mais uma vez foi buscar nas várias províncias do Império as imagens de progresso nas grandes edificações que revelasse a técnica apurada e o bom gosto arquitetônico⁸⁴. Acompanhar o progresso era, portanto, estar em consonância com os avanços tecnológicos dos países centrais. A utilização do ferro representava um caminho rumo ao desenvolvimento, o modelo arquitetônico e urbanístico europeu estava ao nosso alcance. Com a introdução de novos processos construtivos, como o do ferro e do aço, esses materiais, sob outras formas - máquinas a vapor, móveis, rede de esgotos, iluminação- expõe o flagrante contato com os elementos tecnológicos e representantes de um modo de vida europeus⁸⁵. Essas transformações urbanísticas na cidade eram necessárias às elites, pois o Recife era um centro comercial importante e muitos dirigentes desejavam transplantar um ideal de civilização.

O que marca de sobremodo a urbanização da cidade é a criação das pontes, ou, simplesmente, a substituição destas, antes feita de madeira, pelas de ferro, demandando mão-de-obra por parte da administração da cidade⁸⁶. Outro fato importante é, a partir de 1850, por ocasião da instalação dos transportes públicos em Pernambuco, a inserção deles na vida dos moradores da cidade e dos seus arrabaldes. Eles mudaram significativamente o cotidiano da população, sobretudo a partir 1870, quando a utilização e os serviços dos transportes públicos se fizeram mais intensos.

Antes dos transportes havia uma maior dificuldade de locomoção para grandes distâncias, sobretudo dos locais distantes para o centro da cidade. Os gêneros alimentícios

⁸³ Exposições realizadas na Europa pelo governo brasileiro a fim de mostrar para os estrangeiros o estágio de civilidade e progresso das principais cidades brasileiras. Esses eventos eram ponto de interseção de setores que não costumavam mesclar-se: autoridades estatais e representantes da economia, da indústria, da ciência, da pedagogia, das artes plásticas, da religião e da etnologia, de forma interdisciplinada. Elas buscavam turvar os olhos do imigrante, tornar a cidade aprazível. Essa empreitada queria trazer para as áreas rurais de Pernambuco, a partir da lei que proibia o tráfico de escravos, imigrantes para trabalhar na lavoura da cana. Para saber mais: http://www.historia.uff.br/nec/sites/default/files/Exposicoes_Universais__Sociedade_no_seculo_XIX_0.pdf. acesso em 2 de maio de 2013.

⁸⁴ARRAES, Raimundo. Op. Cit, p.13.

⁸⁵ MAIOR, Paulo M. Souto. **Nos Caminhos do Ferro: construções e manufaturas no Recife (1830-1920)**. Recife: Ed. CEPE, 2010.

⁸⁶ Foi durante e após o governo do Conde da Boa Vista (1837 e 1844) que se levou à diante a reformulação da repartição de Administração de Obras Públicas, reunindo os serviços de topografia e construção. Resultado dessa mudança e como consequência da falta de técnicos, contrataram-se, pela lei n 53, de 18 de abril de 1838, Augusto Kersting, Boulitreau, Desiré Portier, Jean Morel, Bouseard, H. Milet e Luis Lergier Vauthier, que chegou a ocupar o cargo máximo daquela repartição. Outro ponto importante é que a partir deste período a utilização da estrutura metálica das principais obras públicas como a ponte da Boa Vista, a Ponte Pênsil de Caxangá, a ponte da Princesa Isabel, a ponte Seis de Março, Mercado de São José, Teatro Santa Isabel. Para maiores informações vide: MAIOR, Paulo M. Souto. Op. Cit, 2010.

custavam caro pelo fato do trajeto ser de difícil acesso, a vida social na cidade não era muito intensa. Segundo a historiadora Noêmia Luz:

Ao longo dos trilhos da Companhia Ferro Carril, a maior parte dos terrenos é comprada e neles habitações são construídas, uma vez que a companhia faz parar seus bondes onde o passageiro solicita. No caso das outras empresas, são nas proximidades das estações os lugares de maior povoamento. A construção de estação para embarque e desembarque de passageiros assinala os locais escolhidos pela população para habitar como vetores de crescimento da cidade⁸⁷.

Os transportes simbolizavam, antes de tudo, um dos mais importantes elementos propulsores da urbanização na cidade do Recife, não só pelo fato deles possibilitarem uma maior circulação de pessoas, e com isso um maior desenvolvimento do comércio e serviços, mas também por facilitar o aumento da expansão de outras freguesias da cidade e do comércio. Os transportes impulsionaram as atividades comerciais em duas frentes: no centro da cidade e nos seus arrabaldes. Por onde eles passavam, nas freguesias das Graças, Madalena, Afogados, Santo Amaro, Poço da Panela e Várzea, o comércio se intensificou. Nesses locais:

[...]desde a década de 1890, começam a ser instalados armazéns de casas comerciais de secos e molhados, lojas de fazenda, farmácias, açougues, padarias, fábricas de tijolos e telhas, de cigarros e charutos e de refinação de açúcar, hospedarias, ranchos e teatros⁸⁸.

A venda também passa a ser um espaço frequentado pelas mulheres livres, esses estabelecimentos não ficavam restritos apenas ao centro do Recife, mas outras freguesias, sobretudo pela utilização dos transportes públicos, elas seriam mais movimentadas. As vendas e as tabernas não se limitavam apenas a comercialização de produtos, mas “permitiam aos pobres, em suas diversas hierarquias, vivenciarem os seus hábitos cotidianos, como os ajuntamentos para conversar”⁸⁹.

Urbanizar a cidade representava moldá-la aos olhos do estrangeiro, e para isso o seu espaço e a sua gente precisavam ser moldados e as mudanças estruturais implementadas. Essas transformações na cidade possibilitaram, de forma gradativa, novas ideias e modificações no comportamento social. Observe que essa desagregação não se faz sentir

⁸⁷ LUZ, Noêmia Maria Queiroz Pereira. Transportes urbanos no Recife (1850-1889). pp. 272-291 *In Uma cidade, várias histórias: O Recife no século XIX*. Org. SILVA, Wellington Barbosa da. Recife: Ed. Bagaço, 2012. p 274.

⁸⁸ LUZ, Noêmia Maria Queiroz Pereira da. **Os caminhos do olhar: circulação, propaganda e humor**. Recife, 1880-1914. Tese de doutorado em História. Recife: UFPE, 2008. p.112.

⁸⁹ SANTOS, Maria Emília Vasconcelos. **“Moças honestas” ou “meninas perdidas”**: Um estudo sobre a honra e os usos da justiça pelas mulheres pobres em Pernambuco Imperial(1860-1888). Dissertação de mestrado em História, Recife: UFPE, 2007. p. 62.

apenas mais forte com o espaço alcançado pelo público em detrimento do privado, conforme já apontou o sociólogo Gilberto Freyre,⁹⁰ mas existe num plano metafórico um ideal de civilização e progresso pautado na dicotomia. Tanto em relação à mulher quanto, por exemplo, à arquitetura. O “novo” e o “velho” coexistirão no mesmo espaço: isto vai existir desde concepções tradicionais do modelo de mulher como “santa mãezinha” em confronto com a investidura da figura feminina ocupando mais, por exemplo, os centros educacionais. Até mesmo o desenho da cidade será modificado. De um lado temos a arquitetura colonial, representando o passado; do outro, as estruturas arquitetônicas advindas da Revolução Industrial, como o Mercado de São José, a Ponte da Boa Vista, teatro Santa Isabel, Estação Central.

1.3 Os sete passos⁹¹: A circulação da mulher na cidade do Recife (1870-1909)

O espaço público conquistado pelas mulheres nos fins dos oitocentos é notável em comparação aos séculos anteriores. Não se deve entrar no mérito aqui de que as transformações e mudanças de hábito da população bem como as mudanças de mentalidades a cerca da mulher ocorreram de forma abrupta e/ou inócua, somente para a mulher da elite. Não, esse processo, gradativamente, estendeu-se, num maior ou menor grau, também, às populares⁹²; e estas modificações, na medida das necessidades e realidades de cada uma, foram adaptadas por todas. Graças ao contexto do fim dos oitocentos e início do século XX, a ideia de total submissão da mulher veiculada ao longo da história do país e reproduzida por muitos intelectuais do século XX começou a ser contestada. Isto se deu por causa das modificações nas relações sociais entre homens e mulheres, confirmando que a história para alguns pode até mesmo se repetir, mas não com os mesmos atores sociais e nem nas mesmas condições materiais e culturais.

Em Recife, para que ocorressem pequenos ganhos sociais para as mulheres, vários fatores foram decisivos na cidade: os transportes urbanos, pois eles vão impulsionar não só a urbanização da cidade, mas também se constituíram como elemento fundamental para uma maior mobilidade social da mulher, ampliando as oportunidades de emprego e

⁹⁰FREYRE, Gilberto. Op. Cit, 1981.

⁹¹ Título de um drama escrito por Carneiro Villela e publicado no dia 27 de junho de 1874, no Jornal Correio do Recife.

⁹² O termo mulheres populares neste trabalho se refere a todas elas que, de alguma forma, obtiveram um maior acesso à rua, proviam o seu próprio sustento e dos que dela dependiam, são trabalhadoras de porta a dentro e de porta a fora, mulheres livres, libertas, escravas.

entretenimento; o trabalho exercido por elas também teve papel preponderante nesta nova conjuntura, isto porque as diversas profissões permitiram às mulheres transitarem mais no espaço público; o lugar por elas conquistado na imprensa, o primeiro jornal para mulheres, no Estado de Pernambuco, foi “O Espelho das Brasileiras”⁹³ em 1831, como veículo público de ideologias, permitiu a mulher expor mais os seus pensamentos, embora muitas reafirmassem os valores misóginos da época; presença nos espaços sociais, pois nesse cenário as mulheres gozam relativa liberdade ao usufruir dos cafés, dos teatros, da moda.

As mulheres do povo nesse contexto, ocupam mais as ruas da cidade, indo ao samba, ao chafariz, às vendas, às tabernas, às praças; a educação formal para as mulheres que possibilitou a elas um acesso sistemático às ruas, a própria modificação na arquitetura da cidade que aproximou o público do privado, muitas vezes, da sacada da casa, a mulher via a rua e era vista por transeuntes, a abertura de praças, os passeios públicos; na literatura, o Realismo introduzido em fins do século XIX, nos seus romances, em Recife e no Brasil, ocupa-se de uma mulher transgressora, que rompe com o modelo de mulher-mãe propalado pela Igreja e pelo romance de conduta do Romantismo, essa leitura da mulher permite uma maior visibilidade e autonomia feminina no imaginário da sociedade brasileira e novas formas de questionamentos ao modelo anterior; mas um dos mais importantes passos dados para a conquista de direitos na cidade do Recife e no Brasil, e que impulsionou uma relativa liberdade à mulher, ao menos intelectual, foi a criação da Escola do Recife⁹⁴ cujo ideal era propagar a civilização e o progresso, neste contexto, a mulher “moderna” precisava deixar velhos hábitos e se enquadrar no modelo de civilização.

No processo de emancipação da mulher, o comércio em Recife foi fundamental. Percebe-se que muitas mulheres participavam das atividades do comércio, isto pode ser visto em dois momentos: por um lado, trabalhando nele; por outro, motivando-o através do consumo, pois alguns setores tinham como público alvo a figura feminina e a cada momento

⁹³ Surgiu em 1 de fevereiro de 1831. Segundo Luiz Nascimento, “ sem que restem comprovantes das edições anteriores, o primeiro avistado foi o número 20, de 8 de abril de 1831, em formato 21 x 15, com quatro páginas de colunas largas. Impresso na topografia fidedigna, à rua das Flores, n 18, fornecia-se a 300 reis a mensalidade, custando 40 reis o número avulso. Publicação bissemanal, às terças e sextas-feiras. Dividia-se-lhe a matéria em temas históricos, pensamentos, anedotas e curiosidades, tudo em pequenas doses”. O último publicado foi no dia 13 de maio, cuja matéria principal era sem assinatura e dirigida às mulheres. A comunicação possuía um forte conteúdo político direcionado ao episódio da abdicação de Dom Pedro I em 7 de abril de 1831. Para saber mais vide: http://www.fundaj.gov.br/geral/200anosdaimprensa/historia_da_imprensa_v04.pdf acesso em 23 de abril de 2013.

⁹⁴ Termo utilizado por Silvio Romero para designar o movimento intelectual, poético, filosófico, crítico, jurídico, que começou por volta de 1860 e foi até o começo do século XX. Escola do Recife, em 1870, foi um movimento de caráter sociológico e cultural que tomou lugar nas dependências da Faculdade de Direito do Recife, representou uma importante renovação intelectual no Brasil.

se voltava para atender a uma nova mulher que tinha recursos financeiros e passava a não depender exclusivamente da renda do marido, como as modistas, comerciantes.

Apesar do leque de opções das atividades de trabalhos na segunda metade do século XIX não ter sido tão amplo, pois cabia basicamente às mulheres, sobretudo às populares, o trabalho doméstico - como ama-de-leite, cozinheira, lavadeira, engomadeira, ama-seca - outras atividades de trabalho ou especificação técnica para o serviço tornaram-se mais evidentes e recorrentes nos anúncios de jornais nas duas últimas décadas do século XIX e início do XX. Algumas dessas atividades de trabalho, por exemplo, temos: as de modista e/ou costureira, associada às lojas de comércio; e as atividades de trabalho ligadas à intelectualização das mulheres. Nessas últimas, destacam-se as profissões liberais, como o exercício da medicina, por exemplo, e as professoras de primeiras letras. Essa expansão de possibilidade de trabalho feminino representou um importante passo rumo à igualdade de direitos exigida em inúmeros debates nos jornais e tribunas da cidade do Recife.

As profissões ocupadas pelas mulheres foram diversas. Mas uma, em especial, vai sofrer intensamente o processo de transplantação cultural - e o artefato produzido representou distinção social - é a profissão de modista, mulheres que copiavam os modelos de roupas parisienses. No Diário de Pernambuco, por exemplo, evidenciamos a seguinte nota que destacava os serviços da modista “GRINAURA, residente na rua 39-Rua Duque de Caxias, nº 39, 1º andar, faz por figurinos, vestidos para senhoras e meninas, com prontidão e preços módicos. Recebe mensalmente da Europa jornais da moda”⁹⁵. Essas costureiras representavam, antes de mais nada, uma ponte entre os costumes e modas parisienses com o modo de vida da cidade. A réplica do vestido deveria ser perfeita, por isso a escolha da modista certa era importante. Essa relação devedora se iniciaria desde o período colonial, como assinala o Carapuceiro *apud* Gilberto Freyre:

Pois o afrancesamento incluía as modas de mulher ‘As nossas sinhazinhas e yaiás já não querem ser tratadas senão por *demoiselles*, *mademoiselles*, *madames*. No traje, nos usos, nas modas, nas maneiras, só se aprova o que é francez; de sorte que já não temos uma usança, uma prática, uma coisa por onde se possa dizer: isto é próprio do Brazil’⁹⁶.

Muitas vezes, vários anúncios expunham os figurinos franceses, no jornal, a visualização da roupa era um recurso encontrado por essas modistas ou lojas para atrair cada vez mais clientela. A loja *Maison Chic* publica:

⁹⁵Anúncio publicitário do trabalho da modista Grinalra. **Diário de Pernambuco**, Recife, 13 de setembro de 1887, n 225, p.5. Acervo APEJE.

⁹⁶FREYRE, Gilberto. Op. Cit, 1981. p.814.

Figura 1: anúncio da loja Maison Chic.



Fonte: **Jornal Pequeno**, Recife, 6 de dezembro de 1901, p.4. Acervo APEJE.

Pelo anúncio, percebe-se que essa atividade comercial simbolicamente representava um passo para as pessoas se inserirem na cultura europeia, pois a aquisição de objetos e roupas de luxo sinalizava *status* social. No rastro desse desejo por parte das elites, a europeização dos costumes tocava não só a mudança de padrões estéticos da população, como trajes, higiene pessoal, modos de sentar à mesa ou próprio conforto da casa, mas também atingia todo um comércio informal por trás dessa atividade. Participando desse processo, os jornais da época divulgavam noções de etiqueta e padrões de moda a serem seguidos e isso se estendeu até o século XX. No ano de 1903, no *Jornal Pequeno*, houve a publicação da tradução do livro inglês “Don’t”, livro de regras de civilidade, ensinando os leitores a se portarem quando recebiam uma visita:

Continuação...

Não deixe de prestar atenção as pessoas idosas[...].

Não leia durante sua visita, se achar aborrecido, retire-se; se não, honre a sociedade com a sua atenção. Não esteja espreitando oportunidades para dizer gracejos; porque um homem que está esforçando-se para dizer gracejo, para mostrar-se sempre espirituoso, torna-se ridículo e aborrecido à sociedade. Não olhe para o seu relógio nem para o da sala, mostrando que está impaciente que o tempo passe⁹⁷.

⁹⁷ Publicações de regra de etiquetas. **Jornal Pequeno**, 20 de maio de 1903, ano V, n 112, p.1 Acervo APEJE. Grifo nosso.

O que chama a atenção no anúncio é que essas regras eram publicadas tanto para as mulheres quanto para os homens. Seguir a risca as prescrições inseria o público, por distinção, nas regras de civilidade. Esses imperativos circulavam em muitos jornais das principais cidades brasileiras, como São Paulo e o Rio de Janeiro; eles foram vendidos em muitas livrarias sob forma de manuais sugestionados por clérigos, professores e pessoas da elite, ou foram ressignificados nos Romances urbanos do Romantismo, como em *A Moreninha* de Joaquim Manoel de Macedo⁹⁸.

Nos artigos dos periódicos, percebemos que, ainda no final do século, jornais continuariam anunciando produtos para “aperfeiçoar” a aparência, principalmente feminina e, tanto este quanto aquele, eram periodicamente publicados, pois, ao que parece, as dicas eram temporalmente sucessivas.

SECÇÃO DAS SENHORAS

A ultima moda

Mme. Blanche de Mirebourg dá, do seguinte modo, um resumo das criações que se acham, em Pariz, em preparação e dos artigos, tecidos e cores que obtiveram maior sucesso na primavera:

Cores

As cores dominantes para a estação primaveril são baseada nos tons claros, taes como: Creme, gris perle, branco, marfim, beige muito claro gênero cru, rosa pallido, verde printemps(...)

Entre os tecidos, que serão extremamente ligeiros, mas que apesar disso devem ter uma certa consistência, por outras razões que mais adiante tenho que apresentar, ocuparão o primeiro lugar as étamines, as grenadines, os de gênero arrendados⁹⁹.

Não se pretende com esse discurso ressaltar as frivolidades do período que marcaram muitas de nossas mulheres ou rotulá-las como “bonequinhas de luxo”, ou verdadeiras “coquetes dos trópicos”, seguindo comportamentos e tendências que as tornavam, segundo alguns intelectuais do século XX, superficiais¹⁰⁰. O que se propõe aqui é lançar um olhar mais pragmático para a questão, o trabalho das modistas representava fonte de renda para muitas mulheres e qualificação profissional, sobretudo para as do povo que trabalharam como costureiras ou ajudantes de costura. Aprender a profissão era, antes de mais nada, uma tentativa de se inserir distintamente no mercado de trabalho, pois nem todas as mulheres, populares ou não, sabiam costurar.

⁹⁸ VALÉRIA. Augusti. Op. Cit, Introdução.

⁹⁹ Publicação na seção das senhoras das tendências da moda na Europa. **Jornal do Recife**, Recife, 21 de fevereiro de 1897, n 18, p.4. Acervo APEJE. Grifo nosso.

¹⁰⁰ FREYRE, Gilberto. Op. Cit, 1981.

O Jornal Pequeno, no ano de 1901, já sinaliza isso: “Por conta própria – modista, rua Henrique Dias -18, prepara-se vestidos para crianças e adultos”¹⁰¹. A expressão por conta própria sugere uma tendência que vai ocorrer na cidade e ocupar grande parte das ruas do comércio do Recife, sobretudo a Rua Nova, que ainda no século XX era o espaço dos *footins* da cidade devido ao mercado de costura e a moda presentes nela¹⁰². O que podemos inferir do anúncio é que basicamente a aquisição da máquina de costura e o conhecimento técnico já possibilitavam as mulheres ingressarem nesta profissão. Os anúncios de venda de máquinas de costura no período confirma esta tendência.

Figura 2: anúncio de venda de máquina de costura.



Fonte: **Jornal do Recife**, 9 de janeiro de 1897, p.5. Acervo APEJE.

A marca da máquina acima, a Singer, na época, de fabricação americana, até hoje pode ser comprada nas principais lojas de eletrodomésticos da cidade. Máquinas como Singer e Crosley, naquela época, contribuíram para formar os principais atelieres e lojas da cidade, nomes como Atelier Viegas, a Deusa da Moda eram o destino das mulheres de elite da cidade. “A la ville de Paris, Au Louvre, Au Paradis de Dames, Maison Chic, (esta última muito famosa até meados do século XX) inspiravam confiança e respeito”¹⁰³. Por isso, muitas modistas, por ocasião da influência da atividade comercial da moda, encontraram na cidade um mercado promissor e estabeleceram seu próprio *atelier*.

COSTUREIRA E MODISTA DE PARIS- Madame Olympia Ferchault, recentemente chegada da Europa, tem a honra de prevenir as Exmas. Famílias, que desejam ter vestidos e chapéus da última moda que abriu o seu atelier. Rua da Aurora n. 41 1º andar. As Exmas Senhora que quiserem honral-a com a sua

¹⁰¹ Anúncio dos serviços de uma costureira. **Jornal Pequeno**, Recife, 28 de novembro de 1901, n 282, p.2. Acervo APEJE.

¹⁰² PARAÍSO, Rostand. **A Velha Rua Nova e Outras Histórias**. Recife: Ed. Bagaço, 2002. p.176

¹⁰³ SILVA, Sandro Vasconcelos da. Op. Cit, p. 117.

confiança hão de encontrar o bom gosto, a elegância e em uma palavra o verdadeiro chic parisiense sob condições das mais razoáveis. A tesoura empregada por madame Ferchault trabalhou nas primeiras casas de Paris e obteve um diploma de capacidade na Exposição Universal de 1878. O atelier de Madame Ferchalt, portanto, pode se encarregar da confecção de todo gênero, endireitar vestido de Máo gosto, e de qualquer modificação nos mesmos¹⁰⁴.

No plano linguístico, os estrangeirismos relacionados a essa atividade comercial são percebidos pelo grande número de palavras relacionadas à moda à época, ou no século XX em Recife: *High-life, Maison chic, tolliet, Vogue, Clark*. Além de algumas mulheres do povo exercerem esta atividade, as mulheres em geral eram estimuladas pelos jornais para aprenderem a costurar, ou no mínimo se inteirarem do assunto, o texto mostra que essa atividade nos países europeus e em muitas cidades brasileiras era algo popularizado. Isso pode ser visto no artigo do Jornal Pequeno de 1901.

ACADIMIA DE COSTURA- S. Paulo acaba de enriquecer-se com um valioso instituto de ensino e academia de costura, filial da de Berlin, a qual é dirigida na capital pelos Srs Oscar e Antônio Brindel. É um estabelecimento que interessa a senhoras de todas as classes. Seguindo um sistema privilegiado na Europa e no Brasil, ensina-se a cortar vestidos por qualquer figurino e apronpta-lo, independente de qualquer prova. Na Inglaterra, a academia desse gênero alcançou um brilhante sucesso, tendo ma numerosa freguesia de pessoas do high-life que compreenderam , desde logo, o valor de um preparo profissional qualquer, e que tanto serve nos dias prósperos como nos momentos de crise.O fato é que rara é a pessoa naquele paiz que hoje não corta, ao menos a sua toilet ao menos mande cozer por estranhos.Esse sistema da Academia, que acaba em instalar-se em São Paulo, permite ma aprendizagem garantida e em poucos dias¹⁰⁵.

Emília Vasconcelos¹⁰⁶ demonstra o quanto essa profissão inseriu meninas pobres e órfãs no mercado de trabalho e esta era, no rol das atividades exercidas no período, uma forma de distinção profissional, pois este ofício requeria uma técnica e profissionalização. A prova é que ele era ensinado, como forma de subsistência, nos espaços religiosos destinados a meninas órfãs. Com isso percebemos que, para muitas mulheres, a máquina de costura representava não só uma fonte de renda, mas também um lugar social.

No Livro *A emparedada da Rua nova*, de Carneiro Vilella¹⁰⁷, é curioso perceber que a personagem Marocas, irmã de Leandro Dantas, como tantas mulheres no período recifense, sabia costurar, e para a festa do Poço da Panela, ainda que em trajes mais modestos do que os de Celeste, Clotilde e Josefina, ela se mostra orgulhosa do seu trabalho. No texto de Vilella, a

¹⁰⁴ Anúncio de modistas, **Diário de Pernambuco**, Recife, 2 de setembro de 1887, n 200, p.5 Acervo APEJE.

¹⁰⁵ Anúncio de um curso de costura na cidade, **Jornal Pequeno**, Recife, 15 de julho de 1901, n 270, p.2. Acervo APEJE.

¹⁰⁶ SANTOS, Maria Emília Vasconcelos. Op. Cit, p.36.

¹⁰⁷ VILELLA, Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova**. Op. Cit, p. 137.

condição de costureira representava para Marocas uma certa distinção e possibilidade, pelos trajés vestidos, de ser confundida como uma mulher distinta e abastarda.

Muitas dessas costureiras e modistas eram senhoras importantes e faziam parte do círculo intelectual e social da elite. Uma delas era a idealizadora do movimento abolicionista *Ave Libertas*.

Figura 3: retrato da modista Leonor Porto na capa do Jornal *Ave Libertas*¹⁰⁸.



Fonte: *Ave Libertas*, 8 de setembro de 1886. Acervo APEJE.

A modista Leonor Porto¹⁰⁹ foi uma das mais importantes colaboradoras para a campanha abolicionista na cidade, e o seu jornal “*Ave Libertas*” já sinalizava no final do século XIX a importância da mulher para a sociedade.

A ação do *Ave Libertas* foi elogiada por redatores de jornais, como Salles Barbosa, que escrevia para o jornal *América do Sul*. Barbosa considerava as participantes dessa Sociedade como “um grupo de senhoras que se distinguem como obreiras de uma civilização” e destaca entre elas, as “atléticas figuras das inteligentes e incansáveis Sras. D. Leonor Porto, Odília Pompílio e Carlotta Villela”¹¹⁰.

¹⁰⁸ Gayon de V. Cruz, de Dona Leonor Porto. Membro da sociedade abolicionista *Ave Libertas*.

¹⁰⁹ Leonor Porto nasceu em Pernambuco, por volta da segunda metade do século XIX. Ela exerceu as funções de costureira, era uma das mais importantes modistas da época em Recife. Por ocasião da campanha abolicionista, se associou ao clube do cupim, que angariava fundos para a causa da abolição, posteriormente fundou a associação *Ave Libertas*, morreu em 1906. Fonte <http://www2.secmulher.pe.gov.br/web/secretaria-da-mulher/mulher12> acesso em 25 de junho de 2013.

¹¹⁰ NASCIMENTO, Alcileide Cabral e LUZ, Noemia Maria Queiroz Pereira. *Liberdade, Transgressão e Trabalho: cotidiano das mulheres na Cidade do Recife (1870-1914)*. *Revista Territórios e fronteiras*. Cuiabá, V.5, n1, jan-jul, 2012. p.100.

Leonor foi membro da associação emancipatória Clube do Cupim, liderada por José Mariano, uma sociedade secreta fundada na década de 1880, no Recife, que alforriava, defendia e protegia os escravos. No dia 20 de abril de 1884, Leonor Porto fundou e presidiu uma outra associação, composta apenas de mulheres: a Ave Libertas, que lutava pela libertação dos escravos por meios legais. Os integrantes combatiam os maus tratos, as torturas e os castigos físicos impostos pelos senhores a seus escravos. As abolicionistas arrecadavam fundos, doações, joias, que eram revertidos para libertar os escravos. Também escondiam negros fugitivos, e providenciavam as viagens, em barcaças, para a província do Ceará. As reuniões do grupo aconteciam no Poço da Panela, onde, no século XVII, ficava situado o Engenho da Casa Forte, de Anna Gonçalves Paes de Azevedo, mais conhecida como a senhora Anna Paes. O jornal delas foi lançado em 1885, cuja primeira capa estampava o retrato de Leonor Porto¹¹¹.

Num anúncio do Diário de Pernambuco encontramos referência ao seu trabalho como modista: “LEONOR PORTO Continua a exercer os mais difíceis figurinos recebidos de Londres, Paris, Lisboa e Rio de Janeiro. Prima em perfeição de costura, brevidade, comodicidade em preço e fino gosto”¹¹².

A moda também modificou uma boa parte da arquitetura da cidade. Nas ruas, onde as trocas comerciais eram bastante intensas, a arquitetura atendia a uma demanda da lógica do comércio; os sobrados, geralmente de dois ou três andares, reservavam o primeiro pavimento para as atividades comerciais e os demais para o espaço do lar. Mario Sette no seu livro *Arruar* já fazia referência a esse tipo de moradia na Rua Nova ou em outros espaços comerciais. “Embaixo vendiam-se panos, borzeguins, chapelinas, braceletes, mezinhas, bacalhau, manteiga fresca, queijo do reino. E até um dia, lojas de tirar retratos ou de pentear cabelos. No alto, em varandas de pau surdavam de furto rosto de moças”¹¹³.

Muitos comerciantes e famílias abastadas assim viviam no Recife oitocentista. Essas modificações e exigências urbanísticas não se limitavam apenas à estrutura da cidade, mas também a profundas mudanças e hábitos culturais. Para Gilberto Freyre, a casa, o tipo de habitação, por exemplo, com varandas e camaranchão, exerceu importante influência no

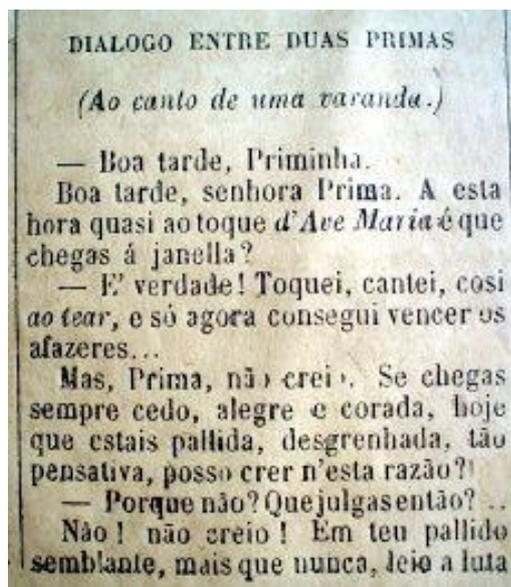
¹¹¹ Para saber mais ver o site da Secretaria da Mulher do Estado de Pernambuco, acessado em 3 de março de 2014. <http://www2.secmulher.pe.gov.br/web/secretaria-da-mulher/mulher12>, acesso em 21 de fevereiro de 2014.

¹¹² Anúncio da modista Leonor Porto. **Diário de Pernambuco**, Recife, 1 de setembro de 1887, n 199, p.4. Acervo APEJE.

¹¹³ SETTE, Mario. **Arruar**. Op. Cit, p.13.

modo de vida das mulheres da elite brasileira da época¹¹⁴. A varanda, simbolicamente, aproximou o público do privado. Pois nela a menina poderia ver mais a rua e ser vista por transeuntes. Em muitos jornais da época se satirizavam ou romantizavam situações de diálogos de meninas pelo entreposto espacial das varandas.

Figura 4: Diálogo realizado por duas meninas na janela.



Fonte: *Jornal América Ilustrada*, 13 de outubro de 1872¹¹⁵. Acervo APEJE.

Algumas mudanças, na cidade, no setor dos transportes comerciais terrestres, contribuíram para uma maior mobilidade das mercadorias que chegavam e saíam do centro. “Entre as décadas de 1870 e 1880, o mercado de transporte de carga foi tomado pela *Locomotora*, uma empresa de carros sobre trilhos de ferro que eram puxados por burros¹¹⁶”. Os bondes de burros coexistiram com as maxambambas; estes carros eram muito utilizados pela população e facilitavam, apesar de alguns atropelos que porventura eles tivessem no caminho, a locomoção. Eles se constituíam na cidade o novo, e por isso foram elementos de controvérsias entre os moradores. A polarização dos discursos advindos do afã do progresso, na cidade do Recife, poderia ser suscitada pelas coisas mais rotineiras, como os transportes públicos, e era publicada nos jornais. A historiadora Noêmia Luz afirma que essas novidades causaram

¹¹⁴ FREYRE, G. Op. Cit, 1981. p.234.

¹¹⁵ *Jornal América Ilustrada*, nº2, 13 de outubro de 1872 *apud* SANTOS, Maria Emília Vasconcelos. Op. Cit, p.40.

¹¹⁶ DUBEUX, Claudio Burle. *O fotógrafo Claudio Dubeux*. Op. Cit, p.52.

deslumbramento, pela facilidade de locomoção “que as mesmas promovem, mas também provocam repulsa, especialmente devido à obrigatoriedade do pagamento das passagens”¹¹⁷.

Figura 5: o bonde na rua do centro do Recife em fins do século XIX



Fonte: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/bonden03.htm>, Acesso em 23 de junho de 2013.

Com o mercado consumidor em expansão na cidade, os centros comerciais começaram a ser mais frequentados por pessoas que vinham de todos os lugares da cidade, até dos engenhos. Com isso, muitas lojas buscaram vender os seus produtos e serviços e, conforme os jornais da época, a mulher comerciante, no final dos oitocentos, ou dona de seu próprio negócio, não se constituía em maioria, mas também não se tratava apenas de casos isolados. A fonte confirma que as mulheres desse período povoavam as ruas comerciais do centro da cidade, não apenas como consumidora, mas também como proprietária de estabelecimentos comerciais.

Grande novidade- restaurante ELDA: abriu este bem montado estabelecimento, onde o respeitável público desta capital encontrará o mais completo e exquisito a par de um apurado e attencioso serviço. Há também todo o sortimento de cerveja, licores e vinhos, a preços muito resumidos. A proprietária deste estabelecimento espera merecer a proteção dos hospitaleiros pernambucanos para o que se esforçará em breve servir quem se digne visitar o mesmo Elda Court¹¹⁸.

¹¹⁷ LUZ, Noêmia Maria Queiroz Pereira. Transportes urbanos no Recife (1850-1889). In: **Uma Cidade, várias histórias**. O.p. Cit, p 277.

¹¹⁸ Anúncio do restaurante Elda. **Jornal do Recife**, Recife, 29 de setembro de 1887, n 31, p.5. Acervo APEJE.

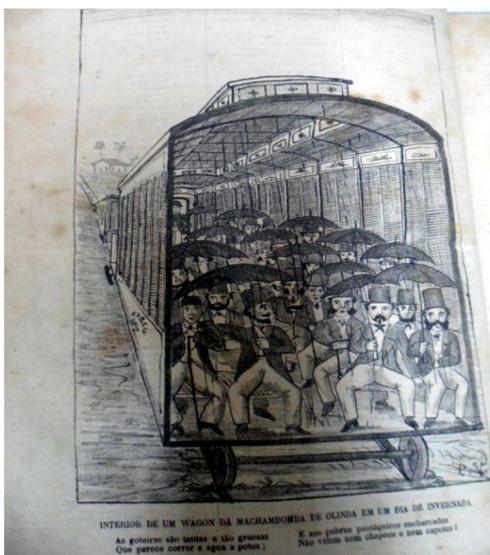
Ou encontramos proprietárias que, lançando mão dos anúncios, como o ocorrido em 7 de janeiro de 1897 no *Jornal do Recife*, buscavam mostrar vantagens e diversidades de produtos no seu estabelecimento:

RESTAURANTE INTERNACIONAL- Este importante estabelecimento acaba de passar por grande reforma, o qual pede ao responsável público para concorrer seu comparecimento. Encontrando sempre um bom salão de refeições, bilhar, cervejas, cognase, licores, vermuth, águas mineraes, etc. Recife, 7 de janeiro de 1897. Emília Braun¹¹⁹.

Muitas mulheres, devido ao processo de urbanização e o crescimento do comércio, se tornaram donas de estabelecimentos e viram na cidade uma forma de empreendimento, anunciando o seu trabalho e o seu comércio.

A partir da segunda metade do século XIX, “os palanquins e liteiras, as cadeirinhas de arruar, misto de recato e ostentação”¹²⁰, começaram a serem substituídas pelas maxambombas, trens, bondes, e as distâncias se tonaram relativizadas. Por ocasião da inserção dos transportes públicos na cidade, a população consegue chegar cada vez mais longe e isso vai influenciar bastante o cotidiano dos recifenses. Ainda que as críticas nos jornais fossem constantes, devido a uma falta de maior regularidade dos transportes e a ausência de sua conservação, ou o preço das passagens para muitos eram abusivos, eles decididamente representaram uma forma de ganho de tempo e maior deslocamento para muitos.

Figura 6: Charge de um interior de uma maxambomba.



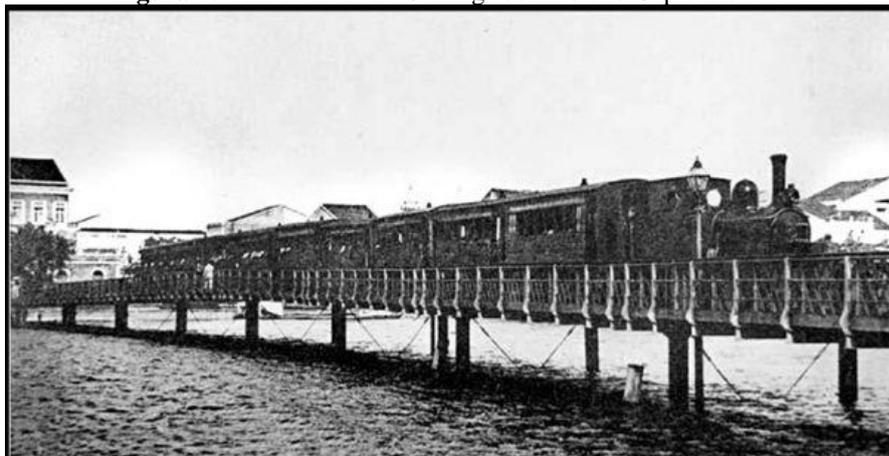
Fonte: *América Ilustrada*, Recife, 2 de março de 1872, p.2. Acervo APEJE.

¹¹⁹ Anúncio do restaurante internacional, *Jornal do Recife*, Recife, 7 de janeiro de 1897, n 5, p.4. Acervo APEJE.

¹²⁰ SETTE, Mario. *Arruar*. Op. Cit, p.7.

A partir de 1870, a ponte da Boa Vista (1876), já de ferro, foi reinaugurada para atender a uma demanda maior de circulação, com mais segurança, das pessoas que moravam no centro¹²¹ do Recife, e a da ponte da Maxambomba (1870)¹²², que interligava o bairro de Santo Antônio ao da Boa Vista. A imagem de 1900 nos sugere o quanto a cidade se torna mais acessível.

Figura 7: trem da E. F. da Caxangá sobre o Rio Capibaribe.¹²³



Fonte: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/bonden03.htm> Acesso em 23 de junho de 2013.

A historiadora Noêmia Luz e a documentação consultada nos aponta que o comércio na cidade tomará grande impulso, sobretudo a partir de 1870:

No século XIX o comércio do Recife é aberto durante a noite. Mario Sete, em arruar, também comenta não só o fato do comércio ser aberto como a noite ser em horário de grande movimento viabilizado pela circulação até às 23 horas de transportes de passageiros, como os bondes de burros. Barbearias, lojas da moda, cafés, restaurantes e cervejarias animam a noite, além das atividades religiosas, que seguem os calendários dos dias santos e das atividades culturais – saraus em casas de família, ópera nos teatros e festejos de ruas¹²⁴.

No Recife, a partir da segunda metade do século XIX, o consumo passa a interferir mais nas relações sociais, e por isso a mulher não era idealizada apenas para o lar, mas também para espaços públicos diversos, desde que adequados, vigiados e normatizados, como, por exemplo, salões, teatros, atelieres, casas de banho, clubes. Esses espaços sociais representavam os meios pelos quais a elite recifense participava da vida pública da cidade; eram espaços ocupados, sobretudo pelas mulheres de elite da época.

¹²¹ MAIOR, Paulo M. Souto. Op. Cit, p.38.

¹²² ALERGO, Edvaldo. **Recife: traços do passado**. Recife: Ed. Edições edificantes, 2010.

¹²³ Disponível em <http://www.novomilenio.inf.br/santos/bonden03.htm> Acesso em 23 de junho de 2013.

¹²⁴ LUZ, Noêmia Maria Queiroz Pereira. **Transportes urbanos no Recife (1850-1889)**. Op. Cit, p 274.

Pode-se ver, nos anúncios dos jornais da época e nas figuras, que os bondes, maxibombas, ônibus, trens, possibilitaram uma maior acessibilidade e sociabilidade das pessoas aos espaços públicos. Havia no próprio teatro de Santa Isabel uma linha de bondes que passavam pelo teatro, e poderia levar e trazer os que desejavam assistir aos espetáculos, e a participação da elite e dos populares nesses lugares públicos movimentava a vida na cidade e, conforme a ocupação do assento dentro do teatro pago por eles, como observou Sandro Vasconcelos, sinalizava um topos mais do que espacial, mas sim ideológico, pois representava uma forma de distinção social:

Com o advento do novo teatro (Santa Isabel), o luxo e a pompa eram condições sine qua non de seu convívio, embora oferecesse espaços para um público “popular” sua estrutura inspirava requinte: bailes, cantatas, dramas, tudo era realçado diante da magnífica composição de seus ambientes. Frequentar certos lugares na platéia do teatro além de simbolizarem um espaço de poder, era bastante concorrido, dando àqueles que usufruíam deles um ar de importância¹²⁵.

É comum, nos noticiários, a divulgação, por exemplo, dos horários dos espetáculos dos pastoris também constar nos anúncios. Isso apenas nos confirma que as mudanças na cidade possibilitadas pelos transportes urbanos também vão beneficiar as mulheres dessa época, pois os espaços de sociabilidades como festas, teatros, clubes, casas de banho, pastoril ficaram mais acessíveis. Muitas vezes, o local e data do espetáculo nem mesmo eram mencionados, por tão conhecido na cidade que era o evento:

A CORDA SENSÍVEL: em que tomará parte o popularíssimo Lyra(...). Antes do espetáculo e nos intervalos uma banda militar tocará lindas peças do seu vasto repertório, a qual foi cedida generosamente por S. Exc. O Senhor Governador do Estado(...) Preço e hora de costume. Haverá bonds para todas as linhas e trem para Caxangá. Hoje, 2 de setembro¹²⁶.

Os anúncios de casa de banho também se beneficiariam do uso dos transportes para conseguir clientes, não só no centro da cidade, mas nos arrabaldes também. Já na primeira metade do século XIX, os banhos nas tépidas águas do Rio Capibaribe também se constituíam uma forma de entretenimento. O Poço da Panela, o Monteiro, a Madalena, a Várzea e a Caxangá eram, ainda que sazonais, destinos de muitos veranistas¹²⁷. No mesmo jornal, o anúncio de uma casa de banho nos diz que:

¹²⁵SILVA, Sandro Vasconcelos da. Op. Cit, p. 111.

¹²⁶ Anúncio da companhia Lírica A corda sensível, **Jornal do Recife**, Recife, 2 de setembro de 1900, n 37, p.4. Acervo APEJE. Grifo nosso.

¹²⁷DUBEUX, Claudio Burle. Op. Cit, p.75.

A EMPRESA DE BANHOS DE MAR- Faz contar ao público que a estação balneária começou a 1 do corrente mez, e para condução gratuita, os senhores banhistas encontrarão escaleres no cães 22 de novembro às 5 horas da manhã de meia em meia hora até às 6 da tarde. Tabella de banhos e assignatura para um mês fora da pensão 20\$00. Duas de só família 36\$00. Três 45\$00. De 3 pessoas em diante cada ma 12\$00. Banho avulso 1\$00. Condução de ida e volta por um mês 5\$00. Passagens avulsas 300. Nos preços acima estão incluídos os guarda roupas¹²⁸.

O serviço dos transportes proporcionava também às mulheres do povo participarem de festas nos arrabaldes da cidade, um das mais conhecidas e frequentadas era o pastoril. Segundo a etnomusicóloga Dinara Heleno Pessoa¹²⁹, na segunda metade do século XIX, os pastoris se propagam e atingem classes sociais diferenciadas. Frequentemente, os membros do círculo literário e teatral se apresentavam nos salões e locais públicos. O anúncio do Jornal do Recife datado em 1900 convida a população.

GRANDE PASTORIL!! SABADO E DOMINGO!!NO JARDIM DO CAFÉ BRAZIL. Uma banda de músicos abrilhantarã aliudidas corridas, tocando variadas peças de seu repertório; havendo um trem às 2 horas da tarde da Estação Central para quem quiser assistir à grande festa sportiva. Ao Tigipio!!!¹³⁰

Outro anúncio enfatiza que a festa se realizará nos arrabaldes, na encruzilhada; por ocasião da estação de trem, disponibilizarã condução para o Recife. É interessante perceber pelas fontes consultadas que a maioria das festas que se realizavam nos arrabaldes era próxima às estações de trens ou perto das curvas do bonde. Esta localização facilitava a locomoção das pessoas que moravam no centro da cidade ou em lugares mais distantes ou afastados do centro: “PASTORIL- Hoje realisa-se no alto da Torre, na curva do bond, mais uma função deste conhecido pastoril em beneficil da Mestra. Haverã variado fogo de artifício e muitos outros passatempos. Agradecemos os convites que nos remeteram”¹³¹.

Os espaços públicos, jardins, hortos, criados ou revitalizados neste período, permitiram também uma maior circulação de pessoas na cidade. A partir da década de 70, alguns projetos paisagísticos de alguns espaços da cidade foram concluídos: no ano de 1872, foi reinaugurado o jardim do Palácio do Campo das Princesas; em 1876, o da praça Conde D’Eu; em 1888, a praça Visconde de Mauá¹³². A revitalização desses espaços representa uma maior possibilidade aos moradores do centro do Recife a terem outras opções de lazer.

¹²⁸ Anúncio da empresa de banhos de mar disponibilizando seus preços, **Jornal do Recife**, Recife, 2 de setembro de 1900, n 37, p.4. Acervo APEJE. Grifo nosso.

¹²⁹ PESSOA, Dinara Helena. **Jornada de Pastoril**. Recife, Ed. Massangana, 2011. p.22. Grifo nosso.

¹³⁰ Anúncio da festa do pastoril, **Jornal do Recife**, Recife, 1 de setembro 1900, n 36, p.4. Acervo APEJE.

¹³¹ **Jornal do Recife**, Recife, 24 de julho de 1891, n 25, p.3. Acervo APEJE.

¹³² SILVA, Aline de Figueroa. Op. Cit, 2010. p.38.

Um grande empreendimento construído no período que movimentou a cidade foi a criação do espaço cultural do *Derby*, inaugurado no Recife em 1899. Ele representou um centro comercial e de lazer – nele estava incluso: mercado, hotel, cassino, velódromo, parque de diversões e loteamento residencial. Num espaço e momento em que os tempos sinalizavam ideais pautados no moderno, o *Derby* surgiu como expressão de progresso e civilidade. Representava uma rota de fuga à rotina doméstica, ele era no Recife um modelo de entretenimento similar ao do norte – americano¹³³. Constituíam-se como um centro de diversões modernas, levando para o Recife os prazeres inéditos produzidos com o auxílio da técnica e da ciência. Nele houve o incentivo da prática de esportes modernos. Para alguns segmentos da população, o desporto representava distinção social, por isso, neste espaço de sociabilidade, houve a promoção de jogos e atividades esportivas, tais como corridas de bicicleta (com casa de apostas), regatas, apresentações de ginástica, jogos de bilhar, dados e dominó, tiro ao alvo, boliche e corridas de pedestres. Também apresentações foram promovidas:

No Derby, festas tradicionais foram recriadas: a missa se desloca do recinto da igreja para o templo do consumo, incorpora as grandes massas, mistura-se às formas novas de diversão. As comemorações do Natal de 1899 se deram entre missa campal, salva de tiros e corridas de ciclistas. Matérias de jornal noticiavam as grandes multidões - de até oito mil pessoas, segundo matéria no Jornal Pequeno - que acorriam ao Derby, elas próprias mostradas como um espetáculo à parte (Jornal Pequeno, 27 dez. 1899)¹³⁴.

Nesse contexto, percebe-se que a cidade era um turbilhão de acontecimentos e alguns espaços de sociabilidades, como o Derby, tornaram-se mais democráticos. Não só as mulheres de elites participavam das atividades de lazer, muitas mulheres do povo gozaram das festas, pastoris, ou ressignificaram outros espaços de sociabilidades: o samba representou um deles.

As atividades das danças se realizavam em vários lugares, como nas casas de comércio, nas particulares, ou “em locais específicos, as casas de batuque ou as de sambas”. Era um lugar frequentado por escravos, libertos, ex-escravos, pobres, em fim, por gente “miúda”. Representava, antes de tudo, uma manifestação popular. No Recife, os sambas realizavam-se nos mocambos e em terreiros que tinha seu funcionamento regulamentado pelas posturas municipais¹³⁵. Esses encontros eram frequentados por muitas pessoas e eram caracterizados pelas noites dançantes, acompanhados de instrumentos musicais como o

¹³³Idem, p.56.

¹³⁴CORREIA, Telma Ribeiro. **Delmiro Gouveia**: a trajetória de um industrial no século XX. Disponível em: http://www.usp.br/pioneiros/n/arqs/tCorreia_dGouveia.doc. Acesso em 25 de maio de 2013.

¹³⁵SANTOS, Maria Emília Vasconcelos. Op. Cit, p.57.

violão. No romance da Emparedada da Rua Nova, o autor Carneiro Vilella já fazia alusão a esta festa:

Mas formara-se a quadrilha... não sem primeiro manifestar-se em confusão e uma desordem quase impossíveis de acalmar-se... desordem e confusão que cada vez se animavam e se aumentavam mais pelos gritos desordenados de sinhá Nenê, dando ordens, dando risadas dando respostas e arrumando a sua gente. Afinal tocou a música e a dança começou¹³⁶.

A repressão policial era uma constante nesse tipo de reunião, e muitas eram as reclamações da população. Provavelmente, para as pessoas que participavam da festa, esses eram mais um espaço de diversão; mas conferia um certo ônus aos que os frequentassem, pois eles eram também um lugar de distinção cuja fama dos que participavam era estereotipada; pelo discurso do romancista, verbetes como “confusão”, “desordem” são categorias que nos sugerem esse pensamento. E, ao que parece, comparando com as informações da historiadora Martha Abreu, esse pensamento era muito comum nas principais cidades brasileiras no momento em que a sociedade descrevia ou rotulava os espaços ocupados pela população, sobretudo quando o controle dessas manifestações era exercido pelo Estado e pela polícia:

O processo político-policial de controle das camadas populares, que conforme Nicola Sevcenko, ‘cerceava suas festas, cerimônias e manifestações culturais, se refletia no discurso jurídico na medida que este era discriminatório e marginalizava o lazer popular e sua cultura, associando-os a atos típicos de vagabundo¹³⁷.

Mas, o que as práticas e representações sobre esses espaços na sociedade mostram é que, apesar das interdições, esses lugares eram frequentados, muitas vezes, por aqueles que deveriam vigiá-los, como nos mostra o anúncio de 1 de agosto de 1883.

Samba – Moradores das intermediações das ruas do Marquez do Herval e Detenção são incommodados todas as noites por um terrível samba, que dura até o amanhecer do dia. Parece que isto não devia acontecer, morando perto dos sambistas um inspector de quarteirão e agentes da guarda cívica. Mas dá – se o contrário; esses policiais não se incomodam, a dar a menor providencia, que se torna inacreditável, é que a maior parte dos sambistas são, segundo somos informados, soldados de polícia e de linha. Ao Senhor subdelegado de São José pedimos as medidas convenientes, para que aquellos moradores se livrem de semelhante incommodo¹³⁸.

Para a mulher, frequentar esses lugares inseriam-na na categoria de desonradas, prostitutas, lascivas, sexuadas e sensuais, até porque a rua deveria ser o “não-espaço” destinado a elas.

¹³⁶ VILELLA, Joaquim Maria Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova**. Op. Cit, p.190.

¹³⁷ ESTEVES, Martha Abreu. **Meninas Perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque**. Ed. Paz e Terra, Rio Janeiro, 1989.p.53.

¹³⁸ O Tempo, **Samba**, 1 agosto 1883 *apud* SANTOS, Maria Emília Vasconcelos. Op. Cit, p.57 Grifo nosso.

Os romances do período, tanto do Rio de Janeiro quanto os do Recife, sinalizam esse pensamento. As mulheres se revestem de símbolos e representações. Na roda de Samba, a mulata, Rita Baiana: “aquele demônio, tinha o mágico segredo daqueles movimentos de cobra amaldiçoada; aqueles requebros que não podiam ser sem o cheiro que a mulata soltava de si e sem aquela voz doce, quebrada, harmoniosa, arrogante, meiga e suplicante”¹³⁹, ou mesmo a personagem Joaquina que atendia as súplicas de Jereba: “quebra, minha dengosa!- gritou o Jereba para a Joaquina, na última parte da quadrilha, quando a mulatinha toda faceira e garbosa, peneirava numa espécie de bolero provocador e cheio de volúpias- quebra, meu bem!”¹⁴⁰, afrontava o pardavasco, mulato mestiço, “o seu homem”. São personagens travestidas de sexualidade. Apesar da estereotipização da mulata brasileira, as atitudes desses perfis femininos na literatura mostram, por meio da dança, uma atuação política do corpo que marca uma subjetividade¹⁴¹, localizando a mulher, prática comum nesses romances literários do Realismo, no espaço da subversão.

A partir de 1870, os espaços de sociabilidade para todas as esferas sociais seriam mais oportunos e diversificados, o surto de modernização da cidade promoveria muitos eventos festivos. Concomitantemente com as festas religiosas, que também obtiveram seus espaços na cidade e por muito tempo constituíram e ainda hoje constituem opções de diversão para a população, outros espaços foram surgindo por ocasião do projeto de civilização. Os ícones da modernidade na cidade que possibilitavam outras formas de entretenimento, como o cinema, no ano de 1909, começavam a ser anunciados nos jornais.

Figura 8. anúncio da inauguração do cinema Pathe ¹⁴².



Fonte: **Jornal Pequeno**, Recife, 26 de junho 1909, p.3. Acervo APEJE.

¹³⁹ AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**, São Paulo, Ed. Martin Claret, 2001.p 62.

¹⁴⁰ VILELLA, Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova**. Op. Cit, p.190.

¹⁴¹ FOCAULT, M Michel. **História da sexualidade: o cuidado de si**. Ed. Graal, Rio de Janeiro, 1895.

¹⁴² **Jornal Pequeno**, Recife, 26 de junho 1909, n 144, p.3. Acervo APEJE.

Podemos perceber que as transformações urbanísticas na cidade e os seus desdobramentos constituíram a ponta do *iceberg* que inaugurou novas mentalidades no que se refere ao papel da mulher na cidade do Recife. Todas essas questões contribuíram para as mudanças que vão ser incorporadas no comportamento não só da elite, mas também serão absorvidas pelas classes populares. Dentre esses indicadores, discutiremos a seguir aqueles que estiveram relacionados aos romances, à questão feminina e à lógica do progresso pelas elites. Para isso a instrução primária foi não só fundamental por alfabetizar muitas mulheres na sociedade do Recife, mas também corroborou significativamente para a incorporação de novos valores sociais atribuídos a todas elas. Os acontecimentos nos fins dos oitocentos na cidade possibilitaram um outro perfil de mulher, anunciado pelos Romances realistas da época. O público alvo destes folhetins era basicamente o feminino, e a intelectualização da mulher contribuiu para a construção de um público leitor no Brasil.

CAPÍTULO 2

AS ONZE LETRAS¹⁴³: OS DISCURSOS SOBRE A EMANCIPAÇÃO DA MULHER PRODUZIDOS NA CIDADE DO RECIFE(1870-1909)

A urbanização do Recife pode ter sido singular, mas não única, pois a modernidade representada por ela se apresenta nas cidades brasileiras revestida de sua face mais comum: a contradição. Se de um lado a cidade buscava, através da normatização e ideologias racionalistas, um status de civilidade; do outro, ela mesma convivía com suas próprias mazelas. Paralelo aos discursos racionalistas ainda existia uma considerável população escrava, miséria, doenças tropicais e analfabetismo de boa parte dos moradores da cidade. Apesar dessas contradições, pelos ideais de civilidade e pela ciência, as elites intelectuais brasileiras buscaram legitimar suas falas e, ao mesmo tempo, propagar como verdade útil e necessária a ordem e o progresso.

Dentre os discursos nacionalistas e propagadores do progresso, surgiu, não só para as elites como também para o Estado, uma necessidade de legitimar o progresso embasado pela ciência e, por extensão, exaltar a filosofia positivista e racionalista da época. O caminho encontrado pelas elites e pelo Estado para este fim foi o da “ideologia ilustrada”. Propalada como bem comum destinada aos povos, alguns segmentos da sociedade pernambucana, nos seus discursos, colocavam-na como categoria essencial para o progresso: educar para civilizar. A mulher, nesta perspectiva, assume um papel de destaque como educadora da nação.

Em muitas capitais do país, vários questionamentos e críticas aos modelos importados irão surgir, sobretudo quando as novas mentalidades nesse *fin de siècle* entram em dissonância com as ideologias aristocráticas e burguesas de um país que vivenciava um período de transição política (1870) ou recém-republicano(1909). As contradições podiam ser sentidas quando a população, através de denúncias e/ou opiniões, contrapõe um Recife anterior aos adventos e símbolos da modernidade. As discussões do período também colocam em pauta qual seria o perfil de mulher ideal para essa conjuntura e a emancipação da mulher começa a ser rechaçada, mas também discutida.

¹⁴³Título de uma tradução feita pelo escritor Carneiro Villela, publicada no Jornal Correio do Recife a partir de 1908.

2.1 Quando elas querem¹⁴⁴: a emancipação feminina e a cidade do Recife

As inquietações das mulheres e sua notoriedade na sociedade brasileira, mesmo em casos pontuais, surgem desde a Colônia. Personalidades - como as administradoras Ana Pimentel, Brites de Albuquerque; as quilombolas ou líderes de quilombos como a negra Aqaltune, Filipa Aranha, Teresa de Quariterê, Zeferina, Dandara; as resistentes aos holandeses como a índia Clara Camarão, Maria Ortiz; as bandeirantes Maria Dias Ferraz do Amaral, Antônia Ribeiro; as emancipacionistas Anita Garibaldi, Bárbara Heliodora, Maria Quitéria; ou as que se tornaram populares, e por isso foram marcadas negativamente como loucas e prostitutas, Chica da Silva, Marília de Dirceu, Dona Beja e outras¹⁴⁵ - fazem parte do imaginário social, mas, na virada do século XX, a expressão feminismo ganha relevo e conquistas.

Para as pesquisadoras Alcileide Cabral e Noêmia Pereira da Luz¹⁴⁶, os acontecimentos dos oitocentos, com sua maior urbanização, contribuíram para uma maior possibilidade de mudança dos papéis das mulheres na sociedade. Essas modificações possibilitaram a elas obter ganhos jurídicos, intelectuais e materiais que pouco a pouco delineiam um perfil feminino condizente com o da era da “civilização”. Nesse período, alguns elementos foram decisivos para a construção da nova conjuntura republicana, pois eles contribuíram para a formação do quadro da modernidade. A urbanização foi crucial para a formação de novas mentalidades que, por sua vez, implicaram várias questões relacionadas à mulher. No século XIX, a figura feminina fulgura como elemento de discussão e suas ações se tornaram mais públicas.

Nesse contexto, surgem diversas manifestações que traduziam as inquietações de muitas mulheres. Esse desassossego se estende para a posteridade e se traduz num conjunto de reivindicações cuja representação maior era a luta pelo reconhecimento da sociedade de que elas eram sujeitos de direitos; e “o feminismo daquele período esteve intimamente associado a personalidades”¹⁴⁷, ou seja, as manifestações resultavam, na maioria das vezes, do esforço de mulheres de espírito sutil e revolucionário. Em casos isolados, ou não, elas exigiam uma maior igualdade de direitos, dentre eles, o da intelectualização.

¹⁴⁴ Referência ao título da comédia escrita por Carneiro Vilella, publicada no ano de 1900 no jornal A Província. Obra reeditada em 2007: VILLELA, Carneiro. **Quando elas querem**. Recife: Ed. Novo estilo, 2007.

¹⁴⁵ TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve História do Feminismo no Brasil**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1999. p.27

¹⁴⁶ NASCIMENTO, Alcileide Cabral e LUZ, Noemia Maria Queiroz Pereira. Op. Cit. p.3.

¹⁴⁷ PINTO, Celi Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2003. p. 14.

Importantes também para a modificação desse perfil foram os ideais de civilização e progresso que vieram na esteira da teoria positivista da época. Muitas mulheres que defendiam o feminismo no Brasil do século XIX “acreditavam no progresso, e extraíram inspiração e promessa de sucesso futuro das conquistas femininas nos outros países”¹⁴⁸. As inquietações deste período eram constantes ante as novas mentalidades associadas à figura feminina. Por isso, a produção discursiva que se ocupava delas servia ideologicamente a vários propósitos, conforme o grupo discursivo que as representava. Esses grupos construíram um modelo de mulher baseado ora na exclusão, ora na inclusão. O que se faz sentir neste período é que, um mínimo de intelectualização, para muitos dirigentes, a mulher deveria ter. Porém, algo que não divergia entre a maioria desses grupos na construção desse modelo é que, de alguma forma, a mulher precisava ser interdita, cerceada e limitada. A prova disto é que os discursos estavam permeados de imperativos determinando como essa mulher deveria se comportar, o que ela deveria ler, como ela deveria se vestir, e até aonde, mesmo quando a emancipação era colocada em pauta, ela deveria chegar.

Apesar das negativas, essa “inspiração e promessa de sucesso futuro” marcam os discursos dos grupos feministas, não só no Brasil mas também nos países da América Latina. Em revistas, folhetins, romances, os discursos, tanto das mulheres quanto dos homens, a favor ou contra a emancipação, pululavam a consciência social e se constituíam, muitas vezes, em debates profícuos que, de uma forma ou de outra, modificavam as mentalidades culturais da época. No Recife, a confirmação deste pensamento vem pelo trabalho de uma das mais importantes feministas do país, a cronista, poeta, ensaísta e romancista Nísia Floresta Brasileira Augusta. Era positivista, defendeu a abolição da escravidão, a instauração da República, a educação da mulher. Nascida em 1810, no interior do Rio Grande do Norte, foi uma das primeiras mulheres a romper as barreiras do privado. Sua atuação na imprensa, desde 1830, a favor de uma maior igualdade de direitos entre homens e mulheres, foi fundamental para que no Brasil a discussão da emancipação feminina fosse levantada¹⁴⁹.

No Recife, apesar de os jornais da época abordarem o assunto da emancipação da mulher com mais enlevo no final do século XIX e início do XX, a cidade sai na dianteira por ocasião da disseminação dos ideais emancipacionistas da escritora, por isso a atuação dela para a discussão a cerca da condição social da mulher representou um ganho para a

¹⁴⁸ HAHNER, June Edith. **Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil**(1850-1940). Ed. Mulheres. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.p. 172.

¹⁴⁹ DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta: a primeira feminista do Brasil**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2005. p.5.

emancipação em Pernambuco. Ela foi uma das primeiras mulheres em Recife a discutir assuntos como: maternidade, com isso questionava a verdadeira finalidade do ato de ser mãe e de amamentar; a educação da mulher, neste ponto ela defendia a tese de que a mulher intelectualizada estaria apta a exercer funções públicas tanto quanto os homens; a utilidade do homem e da mulher na sociedade, com isso reafirmava o papel preponderante da mulher na construção de uma sociedade civilizada¹⁵⁰.

Na cidade, no ano de 1832, o seu livro de cunho emancipacionista, e o primeiro com esse viés “de que se tem notícia no Brasil, foi lançado. Direito das Mulheres e injustiça dos homens surgiu quando a autora tinha vinte e dois anos”¹⁵¹ e uma boa parte das mulheres viviam reclusas em seus lares e envoltas a preconceitos. Apesar de Nísia Floresta dizer que se tratava de uma “tradução livre” do livro inglês *Vindications of the rights of woman*(1792), da feminista *Mary Wollstonecraft*¹⁵², o livro representa uma releitura das ideologias emancipacionistas que surgiam na Europa. Fora posteriormente reeditado em 1833, em Porto Alegre e, em 1839, no Rio de Janeiro ¹⁵³.

De forma sensível e inteligente, Nísia ressignificou para o país os ideais feministas. A “polifonia” se faz presente no livro de forma contínua através da “intertextualidade”¹⁵⁴; subsidiada pelo discurso da inglesa, a feminista afirma seus propósitos. O discurso de outrem seria “o discurso no discurso, a enunciação sobre a enunciação”¹⁵⁵, ou seja, falar de feminismo implicava contextualizar o movimento para o interlocutor, sinalizar que a sua incidência em outros países era um fato, e se munir de “autoridade polifônica”¹⁵⁶ para isto.

¹⁵⁰ Idem.

¹⁵¹ Ibidem, p.17.

¹⁵² Mary Wollstonecraft, falecida em 1797, foi uma entusiasta das conquistas igualitárias e fraternas da Revolução Francesa de 1789, elaborou a primeira carta do feminismo moderno. Para saber mais ver <http://educaterterra.terra.com.br/voltaire/mundo/2004/11/08/000.htm> , acesso em 15 de junho de 2013.

¹⁵³ DUARTE, Constância Lima. Op. Cit. p.7.

¹⁵⁴ Intertextualidade é a inserção de um outro texto referenciado num texto base. Ela pode acontecer de forma direta, com o texto referenciado entre aspas, ou de forma indireta. Exemplo disto são as paródias. Já o conceito de polifonia - *poli* = muitos, diversos; *fono* = som; voz- não se refere apenas a textos. A intertextualidade é a voz materializada (fala e escrita), a polifonia nem sempre é materializada na escrita ou na fala apenas, mas em atitudes e crenças, comportamentos ou negações. No caso do feminismo, quando Nísia não aceita uma condição de exploração, ela reitera um discurso que possui como base um caráter ético, ou seja, pautado numa auto-reflexão do sujeito. Para a literatura, esse recurso é importante para o autor. A intertextualidade seria um diálogo de textos, várias vozes, consoantes ou dissonantes, não neutras, proferidas no discurso. Ela pode ser representada por uma paródia, perífrase, paráfrase, citação. O fenômeno foi estudado pelo teórico da linguagem Michael Bakhtin em seu ensaio ‘problemas da poética de Dostoiévski’, ele considera escritor russo o criador de um novo tipo de romance, o polifônico, dotado de vários tipos de vozes. Para saber mais vide: MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Ed. Parábola, 2008.

¹⁵⁵ BAKHTIN, Mikhail. Op. Cit, p.144.

¹⁵⁶ A autoridade polifônica é um recurso de argumento utilizado nos textos, sobretudo argumentativos, com a finalidade de dar maior credibilidade ao discurso retórico e persuasivo. Sua função busca comprovar, no processo de interação verbal, por vezes explícitas, a veracidade ou negação de uma ideia, conceito ou ideologia.

Esses recursos argumentativos são importantes sempre que o *eu* se coloca na presença do outro.

Desta forma, nenhuma voz se representa completamente pura, individual, sempre no seu interior haverá resquícios da presença do outro. Foi o que Nísia Floresta, como uma intelectual que era, fez. Ao contrário do discurso monofônico, autoritário, a polifonia representa a possibilidade de uma luta verbal implícita cultural entre as falas dispostas. Conservando o dialogismo da linguagem, ela marcou uma subjetividade. O sujeito se revelou através da linguagem porque “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo”¹⁵⁷. Daí a importância da linguagem ser vista sempre dentro de uma concepção interacionista, ou seja, deve-se analisar o enunciado inserido num contexto de enunciação, esta concepção leva em consideração a situação social dos interlocutores, os universos axiológicos desses, elementos espaço-temporais que engendram o ato comunicativo.

Mesmo suavizando as suas convicções, frente à sociedade misógina da época, quando ela escreve que “não tem sido com a intenção de revoltar pessoa alguma de meu sexo contra os homens, nem de transformar a ordem presente das coisas relativamente ao Governo e autoridade”¹⁵⁸, Nísia Floresta opera argumentativamente e reafirma os seus ideais, quando diz que uma das origens das desigualdades sociais, civis e políticas entre homens e mulheres reside “na falta de saber e educação, que arrasta as mulheres às ações que os homens reprovam”¹⁵⁹.

O teórico Oswald Ducrot, que trabalha na perspectiva de uma Semântica Pragmática ou Pragmática Linguística, desenvolveu a Teoria da Argumentação. Ele partiu do princípio de que a língua não possui somente a função de descrever o mundo, mas sim recriá-lo. Dessa forma, para ele, a principal função da linguagem seria a de argumentar. Por isso, para que haja o processo de convencimento, é necessária a participação de enunciadores que interajam a fim de estabelecer um elo comunicativo¹⁶⁰. Esse processo de interação verbal, estabelecido pela

Nesse contexto, a autoridade polifônica pode ser compreendida como uma voz dentro do texto base que serve ao emissor de recurso argumentativo. Para saber mais vide: KOCH, Ingedore Villaça e ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Escrever: estratégias de produção textual**. Ed. Contexto, 2 edição, São Paulo, 2010.

¹⁵⁷ BAKHTIN, Mikhail. Op. Cit, p.37.

¹⁵⁸ **Direito das Mulheres e injustiça dos homens..** P89-95 In: DUARTE, Constância Lima. Op. Cit, PP.89-85. 4ª edição. São Paulo: Ed. Cortez, 2005.

¹⁵⁹ Idem,

¹⁶⁰ DUCRAT, Oswald *apud* MOREIRA, Tatiane Aparecida. **O operador argumentativo mas em duas canções: mas que paradas é essa?** Revista interdisciplinar Ano IV, V.8, jan-jun de 2009 - ISSN 1980-8879 | p. 223-231.

alteridade, deve ser entendido como praticas que formam sujeitos, ele se estabelece em todas as esferas sociais, e marca uma atitude política e ideológica dos enunciadores¹⁶¹.

Assim, os operadores argumentativos têm como função mostrar o caminho para o qual a argumentação está direcionada. E o *mas*, o contraditório, é considerado por Ducrot o “operador argumentativo por excelência”¹⁶². Os mecanismos de oposição estabelecem as direções argumentativas para as quais o texto converge e alicerçam os determinados pontos de vista com os quais o autor constrói seu argumento. O operador argumentativo da feminista se pauta na negação, pois tem por finalidade introduzir um argumento plausível para uma determinada conclusão, e, em seguida, colocar um argumento definitivo para a conclusão contrária.

Em muitos dos discursos da época, acerca da condição feminina frente à nova conjuntura que surgia, a negativa fazia parte do processo argumentativo dos que acreditavam na importância da emancipação feminina, como foi o caso de Nísia Floresta, ou dos que reafirmavam os valores misóginos da época, como o Padre Lopes Gama, *O Carapuçeiro*. Contemporâneo da autora, ele confirma os valores sociais da época pela oposição, no seu artigo As mulheres literatas:

Não sou do número daqueles que, supondo o belo sexo incapaz de grandes combinações intelectuais, ousam dizer que o maior talento de uma mulher apenas chega para arrumarem baú de roupas. Ainda que eu quisesse abraçar esta opinião, que é mais um epigrama que outra coisa, a história das nações e minha própria observação me convenceriam do contrário. A Grécia teve suas Aspásias e a França... a espantosa Madame Satel. Atualmente, forçoso é confessar que, no belo sexo, o que mais predomina é a imaginação e, conseqüentemente, falando em geral, as mulheres são mais aptas para as belas letras do que para as ciências(...). Elas se aborrecem de tudo quanto demanda grande esforço da razão¹⁶³.

Por isso, era difícil para uma mulher se posicionar sobre questões “tão delicadas” numa sociedade cuja herança colonial era misógina. Nesse contexto, a lógica que perdurava era a de que o homem possuía *status quo* e deveria representar o *dominus*, ‘Senhor’ de tudo e de todos; a mulher deveria ser apenas o apêndice dele¹⁶⁴. A ela, o espaço da razão era negado, o pensamento do padre corrobora para as conclusões da historiadora Marta Abreu¹⁶⁵ quando reafirma que, na sociedade oitocentista, o ideal de mulher, para a maioria dos homens do

¹⁶¹ BAKHTIN, Mikhail. Op. Cit, 1997.

¹⁶² DUCRAT, Oswald *apud* MOREIRA, Tatiane Aparecida Op. Cit, p.17.

¹⁶³ MELO, José Antônio Gonçalves de. **Diário de Pernambuco: Economia e Sociedade no Segundo Reinado**. Recife, Ed. Da UFPE, 1996. p. 361.

¹⁶⁴ ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro de. **O sexo devoto: Normatização e resistência feminina no império português – XVI ao XVIII**. Tese (Doutorado em História). Recife, CFCH/UFPE, 2003. p.90.

¹⁶⁵ ESTEVES, Martha Abreu. **Meninas perdidas**. Op. Cit, 1989. p.46.

período, é aquele pautado não só na submissão, mas na sensibilidade, arte, lar, castidade, decoro, honra.

Os pensamentos de Nísia eram “subversivos” para a época, a consequência dessa afronta foi, por muitos anos, o não reconhecimento social. A obra dela foi relegada a um segundo plano e o seu nome fora esquecido na literatura brasileira, até o momento em que seus textos foram revisados no século XX. Por isso, negar o processo de emancipação, no caso de Nísia Floresta, era apenas uma forma da autora, munida de argumentos filosóficos- “como o ideal de dignidade e o valor do ser humano, a moral, a razão, a virtude”¹⁶⁶ - reafirmar os direitos das mulheres e denunciar uma situação de exploração.

Uma grande atuação dela para a discussão e luta dos direitos das mulheres é encontrada na sua produção jornalística. Em alguns dos periódicos do Recife, Floresta inicia a sua carreira literária. Dentre eles destacamos O jornal de variedades(1827), O relator de novelas(1836), o Espelho das brasileiras(1831)¹⁶⁷. Anonimamente, em meados do século XIX, pioneiras do jornalismo feminino em Pernambuco fizeram deste suporte de comunicação um instrumento de resistência, ou um espaço da veiculação de pensamentos, opiniões e conjecturas de muitas mulheres do período.

Um dos jornais mais importantes foi O Lyrio(1902), idealizado pela esposa do jurista Clovis Beviláqua, a participação dela e de suas filhas na imprensa pernambucana foi constante, Amélia Freitas Beviláqua foi redatora chefe da revista mensal O Lyrio¹⁶⁸ e do jornal O Botão do Lyrio¹⁶⁹ (1903). Elas representaram para a imprensa pernambucana grandes colaboradoras “da Revista Pernambucana (1902), de O Prelo (1905) e de 10 Álbum Chic, da

¹⁶⁶FLORESTA, Nísia. **Direito das Mulheres e injustiça dos homens**. In: DUARTE, Constância Lima. Op. Cit, 2005. p.22.

¹⁶⁷ DUARTE, Constância Lima. Op. Cit, 2005. p.20.

¹⁶⁸ Conforme Luiz Nascimento, no livro a História da Imprensa de Pernambuco, “O LYRIO — Revista Mensal — Surgiu a 5 de novembro de 1902, formato de 27x19, com 10 páginas, afora a capa, esta em papel assetinado de cor, ostentando artístico desenho em vinhetas, que envolvia, além do cabeçalho, o sumário e, ao lado, um soneto (o primeiro foi de Ana Nogueira), modalidade mantida enquanto viveu o interessante magazine. Corpo redacional: Amélia de Freitas Bevilaqua (redatora-chefe), Candida Duarte de Barros (secretária), Edwiges de Sá Pereira, Maria Augusta Freire, Belmira Vilarim, Adalgisa Duarte Ribeiro e Luisa Cintra Ramalho”. Para saber mais vide: http://www.fundaj.gov.br/geral/200anosdaimprensa/historia_da_imprensa_v04.pdf, acesso em 1 de maio de 2013.

¹⁶⁹ “**O BOTAO DO LYRIO** — Jornalzinho de orientação feminina, apareceu no dia 21 de fevereiro de 1903, formato de 13 um meio x 11, com quatro páginas de duas colunas, tendo a redação instalada à rua do Lima nº 54. Gracioso trabalho gráfico, em papel couchê, de J. B. Edelbrock, à rua Marques de Olinda n 4. Redatora-chefe — Amélia de Freitas Bevilaqua; secretária — Candida de Barros; tesoureira — Luisa Ramalho; redadoras — Maria Augusta Freire, Edwiges de Sá Pereira, Belmira Vilarim e Úrsula Garcia”. Como outros jornais femininos, apresentou ligeiras produções, em prosa e verso. O último número publicado do jornal foi o circulado no dia 5 de novembro, nele colaborando, entre outras escritoras da época na cidade, F. Clotildes, Santana Potiguare, Rita Cintra Costa e Elisa de Almeida Cunha. Para saber mais vide: http://www.fundaj.gov.br/geral/200anosdaimprensa/historia_da_imprensa_v04.pdf, acesso em 1 de maio de 2014.

Maison Chic (1906). Dóris Beviláqua (poetisa e cronista) e de Floriza Beviláqua (cronista), suas filhas, ambas as diretoras de O Altair (1906)¹⁷⁰. Ainda no século XX, grandes nomes da nossa literatura, como o escritor Mario Sette, pelo seu discurso misógino, faz perceber no livro Arruar, o quanto esses jornais foram o estopim na cidade do Recife para que as discussões da emancipação das mulheres fossem levadas a debates e, com isso, modificações em prol delas ocorressem. Observe a perplexidade do autor pela inclusão das escritoras na Imprensa de Pernambuco e note o tom pejorativo da palavra jornalzinho, confirmado pela inferência da última linha:

Até as senhoras tiveram o seu jornalzinho, O Lyrio: Amélia de Freitas Beviláqua, Edviges de Sá Pereira, Maria Augusta Freire, Eliza de Almeida Cunha, Belmira Vilarim, Úrsula Garcia- mulheres a escandalizar as rodas domésticas com esse seu “despachamento” de se meterem a poetisas e jornalistas. Bons tempos em que o despachamento das moças consistia apenas em ser literatas!¹⁷¹

Os jornais femininos tanto no Brasil quanto em Pernambuco constituiu um dos mais importantes veículos de disseminação da emancipação, mesmo quando a negava, pois a discussão sobre o tema era lançada. Eles, na cidade do Recife,

abriram caminho para as conquistas que serão lentamente alcançadas pelas mulheres, entre avanços e recuos, através de poemas, pequenas notícias, opiniões, reivindicações, lançavam o fermento das idéias femininas de visão de mundo, liberdade, participação nos destinos da pátria, independência, força e poder¹⁷².

Dentre alguns temos O Relator de Novellas (1837), O Espelho das Bellas (1841), O Recreio das Bellas (1849), A Grinalda (1849), O Bello Sexo (1850), O Jardim das Damas (1852), Estrella das Bellas (1856), O Ramalhete (1861), Jornal das Damas (1862), A Primavera (1863), A Madressilva (1869), O Beijo (1873), Phalena (1877), O Beija-Flor (1880) e outro O Beija –Flor (1883)¹⁷³. Muitos deles tiveram periodicização irregular e vida curta, mas todos contribuíram para a inserção das mulheres no jornalismo. Tanto que podemos encontrar, mesmo que o discurso não tenha uma conotação feminista, algumas mulheres participando como colaboradoras de grandes jornais de circulação da época:

¹⁷⁰MORAES. Maria Luiza Nóbrega. **Presença feminina no jornalismo pernambucano**: Dos primórdios a regulamentação profissional. Trabalho apresentado ao GT de Jornalismo no V Congresso Nacional de História da Mídia, Facasper e Ciee, São Paulo, 2007, p.3. Maria Luiza Nóbrega de Moraes, Professora do Departamento de Comunicação Social da UFPE. Fonte: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/5o-encontro-2007/Presenca%20feminina%20no%20jornalismo%20pernambucano%20dos%20primordios%20a%20regulamentacao>, acesso em 29 de julho de 2012.

¹⁷¹ SETTE, Mario. **Arruar**. Op. Cit, 1978, p.347. Grifos nossos.

¹⁷² GATI, Hajnalka Halász. **A educação da mulher no Recife no final do século XIX** : ensino normal e anúncios de progresso. Tese de Doutorado (UFPE). Recife, 2010. p 199.

¹⁷³MORAES. Maria Luiza Nóbrega. Op. Cit, p.5.

Nascimento registra, ainda, a presença de mulheres em vários jornais da imprensa diária. Esses registros, entretanto, não permitem identificar se essas colaborações eram freqüentes ou eventuais. Na comemoração do terceiro aniversário da Abolição da Escravatura, o *Diario de Pernambuco* traz, na primeira página, a participação de Maria Amélia Pereira de Queiroz. (Nascimento, 1972, p. 101) Essa poetisa também participou do *Vinte e Cinco de Março* e do *Jornal do Povo*, diário vespertino que iniciou em janeiro de 1889 e terminou em julho do mesmo ano. Ainda no Diário de Pernambuco, em 1892, registra-se a colaboração de Maria Amália Vaz de Carvalho que, também, escreveu no *Jornal do Recife*, em 1890, e na *Revista Moderna*, em 1894. Corina de Alencar escrevia poesias no *Diario de Pernambuco* (1892) e no matutino *Commercio de Pernambuco*, integrando o grupo dos primeiros intelectuais que colaboraram com esse jornal, que circulou entre março de 1892 e março de 1900. (Nascimento, 1966, p. 333) Laura da Fonseca escreve para o *Diario de Pernambuco* e, em 1888, para *O Philartista*, gazeta musical e, em 1899, para a *Gazeta da Tarde*. Nessa gazeta, participam também Carmen Freire, Baronesa de Mamanguape (1892), Elvira Gama (1895) e Eufrosina Mendes Martins (1897). (Nascimento, 1966, p. 96) No *Jornal da Província* (1874), está a poetisa e escritora Francisca Isidora Gonçalves da Rocha que, também, escreveu para o *Correio Pernambucano* (1868), *Diario de Pernambuco* (1901) e colaborou com vários outros periódicos que não integram a imprensa diária. Em 1899, o *Álbum de Domingo* do *Diario de Pernambuco* registra as colaborações de Ana de Castro Osório, Georgina Teixeira e da poetisa Auta de Souza. (Nascimento, 1966, p. 107)¹⁷⁴.

O jornal representava não só um espaço de discussão dos grandes fatos ocorridos na cidade e no mundo, mas ele denuncia sensibilidades de um tempo. Conforme o pensamento dos idealizadores, eles marcam posições políticas e culturais. E a expressão feminismo começa a ganhar destaque na sociedade no final do século XIX. A *Légende de La femme émancipée*, ou seja, a expressão “emancipação feminina”, era usada nos jornais recifenses, e esse processo de transplantação influenciou as ideias emancipacionistas na América Latina e conseqüentemente no Brasil.

¹⁷⁴ MORAES. Maria Luiza Nóbrega. Op. Cit, p.5.

Figura 9, ilustração das fotografias das redatoras do jornal O lírio.



Fonte: Revista pernambucana, n 11 – ano 1 – Recife, julho de 1903. Acervo APEJE.

Muitos textos eram traduzidos, ou as traduções das publicações de livros que tratavam dessa temática eram anunciadas. Nos jornais, femininos ou não na cidade, a discussão sobre a emancipação da mulher começa a ganhar força. Nesse processo de emancipação, as influências estrangeiras se constituíam base essencial para que a luta pela igualdade de direitos das mulheres tivesse força e voz. Com base nas relações de alteridade, o local e o global, ou vice e versa, novas mentalidades sobre a mulher foram incorporadas.

Por uma nota, houve a divulgação da publicação do livro *Légende de La femme émancipée*, da escritora feminista francesa Firmin Maillard, “LITERATURA: O livro de Firmin Maillard que a pouco apareceu com o título *Légende de La femme émancipée* tem causado e há de continuar grande sensação no campo das emancipadoras e dos defensores dos direitos políticos da mulher”¹⁷⁵. Uma pequena tradução de um trecho do texto já mostra o

¹⁷⁵ **Diário de Pernambuco**, 22 de setembro de 1887, n 215, p4. Acervo APEJE.

quanto as ideias contidas nele eram avançada para época. Extraído da ‘constituição das Vesuvianas’:

As cidadãs deverão formar um contingente para o exército de terra e mar... As recrutas formarão um exército designado como reserva, que será distribuído em três divisões: a das operárias, a das vivandeiras, a de caridade... Sendo o casamento uma associação, cada um dos dois esposos deve participar de todos os trabalhos. Todo marido que se recusar fazer a sua parte nos cuidados domésticos será condenado... a assumir, em vez de seu serviço pessoal na Garde Nationale, o serviço de sua mulher na Guarda Cívica¹⁷⁶.

Por isso, para muitos, a emancipação deveria ser combatida, já outros buscavam entender o sentido dela frente às transformações ocorridas na cidade.

Jornais destinados às mulheres, ou escritos por elas, denunciam força, subversão, reflexão e/ou receio, medo, e por vezes, culpa, nas letras de muitas mulheres. No Jornal Pequeno, iniciou-se “a publicação periódica de uns escriptos sob o título acima (cartas femininas), devidos à pena de uma intelligente litterata Pernambucana”

CARTAS FEMININAS- Querida Lúcia. Devido a obsequiosidade dos illustres redactores do ‘Jornal Pequeno’, enceto hoje nas collunas dessa apreciada folha uma despretençiosa serie de cartas, endereçadas a ti, e nas quais me proporei expendere minha desautorizada opinião sobre qualquer assumpto dizendo francamente o que sinto e penso de tudo e de todos. Antes, convém declarar que não sou partidário da emancipação da mulher, cuja missão ao meu ver, deve unicamente circunscrever-se ao lar, embora desse santuário de paz e amor tenhamos o direito e mesmo o dever de nos inteirarmos do que se passa no exterior, no mundo official, em fim. [...] Compreendes que eu tenho necessidade de publicar minhas opiniões nesse sentido, para não ser levada a conta de uma revolucionária, que manejando a pena, procure incutir, no ânimo de minhas leitoras, ma revolta infructifera e de encontro à sublime harmonia em que o subremo criador estabeleceu todos os seres e todos os factos da natureza.¹⁷⁷

Perceba que o texto é permeado por ambiguidades e, ao que parece, sinaliza que as discussões da emancipação da mulher eram na sociedade e nos jornais algo comum, mas muita diferença fazia ser ou não partidário da questão. A nossa “ilustre” Maria do Carmo não pretende ser entusiasta da emancipação feminina, diz que a missão da mulher deveria apenas se “circunscrever ao lar”, no entanto ela não abre mão de expor no jornal, veículo público, sua opinião sobre “qualquer assumpto”. O que ocorria é que a inquietude da questão colocava, por vezes, muitas mulheres na defensiva, ao ponto de quando começarem as suas falas, numa

¹⁷⁶MAILLARD, Firmin. **La Legende de La Femme Emancipée**, Paris, 1886 p.179 apud fonte: <http://arquivoswbdeantropologia.net.br/dispositivo-wb-de-antropologia/p-materialismo-antropologico-historia-das-seitas/>, Acesso em 23 de outubro de 2013.

¹⁷⁷Anuncio do jornal sobre o início de uma coluna assinada pela colaboradora Maria do Carmo. **Jornal Pequeno**, 2 de agosto de 1901, n 158, p.1. Acervo APEJE. Grifo nosso.

sociedade em que as discussões sobre emancipação estavam acirradas, elas seriam sugestionadas a tomarem uma posição. Vê-se que o debate sobre a emancipação não surgira apenas no final do século XIX, mas crescia na medida em que as mulheres iam ganhando mais espaços na sociedade. No mesmo jornal no mês de setembro se postava:

NA INGLATERRA. Os partidários da emancipação da mulher sofrerão uma perda talvez irreparável com a morte de Dr. Beach decano dos deputados na câmara commons. O senhor Beach era um defensor ardente e infatigável dos direitos políticos da mulher votando sempre a favor das leis que visa tal fim¹⁷⁸.

Pelo discurso, os rumores de emancipação em Recife era um fato. E, porventura, se essa discussão não tomava grandes proporções nos principais jornais da época, já os destinados a mulher, essa questão era mote de muitos debates; e as colaboradoras de jornais já emitiam sua opinião, ora exaltando os valores femininos, ora restringindo as atividades da mulher no âmbito privado. O jornal *O Beija Flor*¹⁷⁹ já em 1880, na sua primeira edição, se mostra preocupado com tais querelas e nos mostra que a questão da emancipação gerava, em muitos seguimentos sociais, um desconforto, por isso, dissipar esta ideia parecia ser a melhor coisa a fazer.

A MULHER. Senhora leitora, se há um assumpto que deva merecer vosso interesse, prende a vossa atenção; se há ahi uma questão que o *Beija Flor* não pode deixar de dar-vos a sua opinião, é sem dúvida essa que diz respeito ao logar que ocupaes na família, a missão que tendes na sociedade, a vossa condição social. Há ahi muita gente, belas leitoras que fazendo uma ideia errônea da importância de vossa posição, pretende melhorar o vosso estado, despreendendo-vos do seio familiar, e atirando-vos no meio da sociedade, para ahi lutardes face a face com o homem. É a isso que vulgarmente se chama de vossa EMANCIPAÇÃO, como se fosseis escravas, onde sois senhoras, como se fosseis servas onde sois rainhas.[...]. Algumas senhoras há com efeito que entregando-se as impressões de ligeiras leituras, deixam-se illudir por esse modo extravagante de pensar e sem perceber o mal que causam a si próprias afagam igualmente essa ideia pernicioso.

Aqui mesmo na cidade, não há muito tempo, encontrei-me em um salão com uma senhora que, fazendo muito de propósito rolar a conversação sobre esse assumpto defendia a ideia de vossa chamada emancipação com tão profunda convicção, com tamanho ardor, que a todos levava a palma, porém, seja dito de passagem, mais pela delicadeza que o vosso sexo se deve, do que por força de suas razões. Não obstante, porém, é de notar que esta ideia extravagante tem entre os homens maior número

¹⁷⁸ *Jornal Pequeno*, 26 de setembro de 1901, n 218, p.1. Acervo APEJE.

¹⁷⁹ Segundo Luiz Nascimento, “O BEIJA-FLOR — **Jornal Dedicado** as **Senhoras** — Entrou em circulação a 19 de junho de 1880, formato de 22x16, com quatro páginas a duas boas colunas de composição, sendo impresso em papel especial, na Tip. Acadêmica, a rua Duque de Caxias n° 18. Órgão essencialmente literário, embora promettesse ocupar-se de tudo, deu a publico o n° 2 no dia 10 de julho, não mais aparecendo. Prometera, em artigo de apresentação, proporcionar boa leitura, indo "procurar os escritos mais belos" para "encantar" as leitoras. Nas duas edições divulgadas, **O Beija-Flor** inseriu comentários locais e crônicas intituladas "O Riso", "As flores", "Os romances", "A mulher", etc., esta ultima a continuar num terceiro numero. Nenhuma matéria, todavia, nem mesmo o único poeminha, teve assinatura. Redação, igualmente, desconhecida”. Para saber mais vide: http://www.fundaj.gov.br/geral/200anosdaimprensa/historia_da_imprensa_v06.pdf, acesso em 12 de maio de 2013.

de advogados que em vos mesmas. Mas esses que se intitulam vossos defensores, querendo confundir com a nossa a vossa missão, querendo estabelecer entre ambos os sexos uma igualdade impossível, contra a qual protestão a índole e a natureza de cada uma, esses convencei-vos são os que mais compromettem a vossa causa.[...] ¹⁸⁰

Pelo discurso da redatora, duas coisas merecem ser destacadas: a primeira, o fato de num salão uma senhora discutir o assunto, e o mais interessante, ser “aplaudida” por demais; a segunda, é a participação e anuência de alguns homens nas questões dos direitos relativos às mulheres. Provavelmente, a “nobre colaboradora” estava falando de alguns entusiastas do progresso e civilização em Pernambuco que defendiam uma nova postura da mulher frente ao ideal de progresso, atribuindo a elas responsabilidades na consecução de uma nação civilizada. O discurso da redatora representava também uma tendência da época, mulheres tão misóginas quanto os homens. O discurso do Eterno Feminino se faz valer na voz dela. A circunscrição do trabalho e dever da mulher na esfera privada, em detrimento à esfera pública, constitui o argumento primeiro da redatora. Por fim ela reafirma o que muitos farão na sociedade brasileira e recifense dos oitocentos: Uma relação de igualdade de direitos entre os gêneros seria impossível.

Essas representações da ideia de emancipação da mulher em Recife não se restringiram apenas ao discurso escrito, ao que parece o apelo da colaboradora d’O Beija-Flor não foi no todo atendido. Pelo humor, através da imagem, muito da modificação do perfil da mulher na sociedade oitocentista seria anunciado, dois anos depois da ressalva e orientação da colaboradora do jornal feminino, de forma irônica o jornal humorístico, Lanterna Mágica, prenunciava para o futuro qual seria o espaço da mulher e qual seria o espaço do homem na nossa sociedade.

¹⁸⁰ O Beija flor, 10 de julho de 1880, n 2, p.1. Grifo nosso. Acervo APEJE.

Figura 10, Charge publicada no ano de 1882



Fonte: *Lanterna Mágica*, n 6 – ano 7. Recife, 20 de março de 1882. Acervo APEJE.

Com maior ou menor tiragem do jornal, muitos discutiam a questão da emancipação, até mesmo aqueles com alguns fins específicos, como a campanha abolicionista, possuem na sua redação um toque de discussão acerca da importância da mulher para a sociedade, que não seja propriamente a procriação e o lar. O *Ave Libertas* cuja diretora é a modista Leonor Porto, nas suas edições, mostra-nos isso, quando a colaboradora Carlota Alves compara as nossas abolicionista a “Charlot Corday, com uma punhalada fazendo correr o sangue do peito de Marat; ou como Joana Darc salvando Orleans”¹⁸¹. Se quisermos ir mais adiante, encontraremos no mesmo jornal, agora no ano de 1886, uma voz, a da colaboradora Ismenia Maria Duarte Pinheiro, consciente do papel da mulher na sociedade, ela nos aponta um certo “dever” da mulher. Apesar do título do artigo ser o abolicionismo e nele essa matéria ser tratada, ela transparece no discurso qual o papel que a mulher deveria exercer na sociedade:

ABOLICIONISMO. Em todas as conquistas do progresso e da liberdade a mulher tem tomado uma parte bem saliente nos seus destinos. Quando a Revolução Francesa de 1789 estendeu aos cinco ventos do universo a sua bandeira, a mulher dava exuberantes provas de que foi predestinadas para as grandes luctas sociaes, para o futuro da democracia moderna[...]¹⁸²

Essa anuência ou não nos jornais à causa das mulheres dependia também em qual suporte o texto era veiculado. No período, o *Diário de Pernambuco*, por exemplo, por ser um jornal tradicional, em muitos dos artigos coletados, não parecia ver com bons olhos a discussão da emancipação feminina, ou ganhos obtidos por algumas mulheres em outros

¹⁸¹ *Ave Libertas*, 4 de setembro de 1885, p.2. Acervo APEJE

¹⁸² *Ave Libertas*, 8 de setembro de 1886, p.3. Acervo APEJE. Grifo nosso.

países. O que permitia o jornal se apresentar tão contrário ao feminismo? Primeiro, o público a qual se destinava o periódico; segundo, suas posições ideológicas; terceiro, a ideologia dos seus redatores. Observe no Diário de Pernambuco a seguinte tradução do Jornal The Graphic de Nova York, por ocasião das eleições municipais de Nova York:

AS MULHERES.

As mulheres: The Graphic de Nova York publicou o seguinte: respeitáveis correspondentes nossos nos participam que em Witchita(Kansas) as mulheres se portaram como verdadeiros cocheiros nas últimas eleições.

Em Leavenworth, povoação daquele estado, as mulheres sob a direção de uma tal Golgar, uma das mais proeminentes agitadoras do sufrágio mulhêr, naquella terra, travaram a luta eleitoral, pondo em acção os meios mais vis e desprezíveis, envolvendo em suas intrigas muitas das mais respeitáveis senhoras da primeira sociedade, daquela terra, guardando muito pouco decora a decência nos ataques a pessoas que estavam muito superiores a essas agitadoras em conceito, bondade e pureza, como um anjo está acima da mulher impura.

O homem que desta maneira se conduzisse talvez fosse amarrado à cauda de um cavallo ou enforcado em uma árvore; a mulher que assim procede dá um brilhante e particular exemplo das virtudes daquela população feminina. O pior de tudo é que o sufrágio mulhêr foi ensaiado no estado de Kansas, e agora tornou-se indispensável¹⁸³.

Apesar de ser uma tradução, o texto busca desqualificar a mulher e sua vitória nas eleições. Até porque não sabemos até onde o artigo foi corrompido ou não, o fato que as expressões linguísticas utilizadas pelo tradutor, como ‘agitadoras, uma tal, meios vis e desprezíveis’, são marcas visíveis que nos apontam uma questão de gênero: a perplexidade de muitos homens, cuja representação política na sociedade era uma constante, em ver uma mulher representar e ser representada na sociedade. Para os homens aceitarem a participação política da mulher no sufrágio elegendo os candidatos já era difícil, imagine elas como representantes dos municípios. Possivelmente o tradutor “aumentou um ponto neste conto”. Na sociedade da época, o texto representa um produto das dissonâncias do período, quando o assunto era emancipação.

Caso curioso em Recife é o da redatora d’O Lyrio, Maria Augusta Meira de Vasconcelos, aos dezessete anos, em 1889, laureada, concluiu o curso de Direito e exigia a possibilidade de sua atuação no mundo jurídico. As suas atitudes a punham na sociedade da época como uma mulher emancipada. Por isso travou várias batalhas e polêmicas nos periódicos da cidade. Sua petição chegou até a atual Ordem dos Advogados, por sua atuação intempestiva, escreve para o jornal artigos que versam sobre corrupção e a denúncia das

¹⁸³ Diário de Pernambuco, 22 de dezembro de 1887, n 270, p.3. Acervo APEJE. Grifo nosso.

mazelas da cidade¹⁸⁴. O fato inusitado, apesar de malogrado, é quando ela, uma das poucas vozes no período, em jornal, publica o seu desejo de se candidatar a deputada:

Tenho em mente ser candidata a próxima eleição e desde já apresento aos meus bons patrícios os protestos de minha eterna gratidão pelos sufrágios que para este fim me houverem de prestar, certos de que hei de me esforçar pela prosperidade, deste país, principalmente desta minha terra natal o quanto em mim couber¹⁸⁵.

As solicitações- nas tribunas, nas instituições, no governo, nos jornais- de mulheres como Maria Augusta, alimentavam na sociedade recifense o desejo de emancipação feminina. As ações mais públicas do que privadas dessas mulheres despontariam a condição feminina encontrada nos séculos vindouros. Por vezes, a soma desses discursos se revestia de um maior conhecimento por parte de quem o fazia, mostrando, mesmo por meio da tradução de outros textos, que o movimento ganhava força e se pautava na razão. Feministas como E Sanchez, em seu texto FEMINISMO: versão Chilena, traduzido no Jornal Pequeno em 1901, já respondia ao público recifense o que seria o feminismo.

Que é o feminismo? O que pretende? Nada mais que a igualdade perante a lei para o homem e para a mulher. A Mulher médico! A mulher advogado! A mulher ministro! A mulher deputado! Não pode ser. Então, ela replica. E porque se admite a mulher rainha? A Espanha, a Holanda, China, e até pouco tempo a Inglaterra colocaram mulheres à frente dos seus destinos públicos; o que quer dizer que, ao alvorecer do século XX, os homens, em maioria eram súbditos de senhoras. Por que então aquela que serve para rainha não póde ser alcaide? Como exemplos da sua aptidão para a vida pública citam a Suécia onde as mulheres votam nas eleições municipais, e são vogais das juntas locais de instrução; os Estados –Unidos, onde existem comunas em que, ellas exercem direitos políticos. [...].O que há a averiguar é se a administração municipal da Suécia é peor do que n'outros paizes. Supõe-se que não. O maravilhoso no feminismo é o que fez em favor do progresso intelectual da mulher[...]¹⁸⁶.

As perguntas retóricas utilizadas pela autora, ao mesmo tempo que instigam o leitor, denunciam o conflito de vozes dissonantes que se passava não só na cidade mas também no país, quando o assunto era a emancipação da mulher. A resposta a essas mesmas indagações serve de mote para a afirmativa das muitas reivindicações das mulheres no período como: equidade de direitos entre os gêneros e o progresso intelectual. Observe que, naquilo que ainda tange a questão das decisões políticas negadas a elas, a analogia acima formada mostra

¹⁸⁴ FERREIRA, Luzilá. Maria Augusta Meira de Vasconcelos: biógrafa, poetisa, jornalista, professora. Advogada não. In **A escritura da nova mulher**. ORG Luzilá Gonçalves, Programa de Pós-graduação em Letras, Recife: UFPE, 2005. p.125.

¹⁸⁵ Maria Augusta *apud* **A escritura da nova mulher**. Op. Cit, p.127.

¹⁸⁶ **Jornal Pequeno**, Recife, 28 de novembro de 1901, n 287, p.4. Acervo APEJE. Grifo nosso.

que como rainhas podem governar a nação, cabia também às mulheres decidirem sobre o destino público do país.

O princípio fundante deste pensamento é impulsionado não só pelos novos paradigmas trazidos pela urbanização ocorrida nas principais cidades dos países latino-americanos, mas por toda uma lógica baseada na comparação da situação da mulher latina com as de outros países onde o feminismo ganhou notoriedade. Esta é uma marca recorrente nos discursos sobre o feminismo analisados neste trabalho. Neles, percebemos que a crença dos ideais emancipacionistas na América Latina sofreu forte influência dos países europeus e norte-americanos, sobretudo no final do século XIX, mas isso não representou apenas uma simples transplantação cultural, o fenômeno do feminismo atinge muitos países em todo o mundo. É feliz o pensamento da historiadora Maria Joana Pedro¹⁸⁷ quando diz que o processo de emancipação na América Latina, bem antes da década de 1980, ocorreu de forma simultânea, pois várias reivindicações sociais e políticas ecoaram do continente.

Em cidades brasileiras, como o Recife, pela boca de algumas mulheres e entusiastas da emancipação da mulher, ainda na primeira metade do século XIX, sussurros emancipacionistas já podiam ser ouvidos no Nordeste, como foi o caso de Nísia Floresta e, posteriormente, Amélia de Freitas Bevilacqua¹⁸⁸. Essa análise nos autoriza a concordar com a historiadora de que o feminismo não se deu de forma estanque, isolada, ou como “ondas”, ou seja, de um centro irradiador para áreas periféricas, sempre atrasadas em relação ao referente primeiro. Possibilita-nos, sim, a refletir que a crença da origem de um mito fundador desse movimento deve ser questionada, se não, revista. Pois, ao longo da história, muitas foram as mulheres, mas semelhantes também foram as opressões.

Em diferentes países do Cone Sul, a História das Mulheres, além das coletâneas já mencionadas, encontra-se em diversas temporalidades, nunca seguindo as marcas temporais das “ondas”, nem mesmo com atraso. Na verdade, em um mesmo período encontram-se discussões historiográficas que partem da categoria “mulher” e da categoria “mulheres”, indistintamente. Assim como no Brasil, várias profissionais, oriundas da Sociologia, da Antropologia, da área da Literatura, escrevem sobre a História das Mulheres, não se constituindo, portanto, numa tarefa unicamente de historiadoras¹⁸⁹.

¹⁸⁷ PEDRO, Joana Maria. **Relações de Gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea**. Topoi, v. 12, n. 22, jan.-jun. 2011, p. 270-283.p. 272.

¹⁸⁸ A redatora-chefe da primeira revista feminina do nordeste que circulou por dois anos até o início do séc. XX. Amélia de Freitas Bevilacqua defendia a educação das mulheres e a igualdade de direitos. Para saber mais vide: MENESES, Maia Luiza Mota de. **Amélia de Freitas Bevilacqua**. Fortaleza, Ed. Henriqueta Galeno, 1982.

¹⁸⁹ PEDRO, Joana Maria. Op. Cit, p. 272.

Para a emancipação feminina não só em Recife, mas para o país, a influência da Escola do Recife impulsionou não só o debate acerca da representação da mulher, mas também a luta de muitas delas por uma igualdade de direitos civis. O processo civilizador de alguns dos seus representantes propunha mudanças sociais na cidade que tocavam de sobremodo a vida de muitas mulheres no período em discussão.

2.2. Reboiços políticos¹⁹⁰: a Escola do Recife (1870).

A construção do mito de uma identidade Nacional do Brasil, ou a formação do próprio Estado Nacional, é alicerçado antes de tudo através da profusão de várias narrativas. As literárias, por exemplo, vão desde os cronistas viajantes até a literatura modernista de 1922. Nesse quadro geral é que avulta a importância do século XIX, pois, nele, foram lançados os projetos de nossa nacionalidade nos termos em que vigoram até hoje; nele houve a necessidade de os nossos dirigentes criarem um projeto de Nação.¹⁹¹ As contradições vividas nessa época eram constantes. Por isso, para a construção de nação neste período, por exemplo, muitos intelectuais entraram em confrontos: como o deputado e escritor José de Alencar e o jurista Clóvis Beviláqua.

O Romancista do Império, José de Alencar, propunha um modelo de progresso baseado no fortalecimento da criação de um Estado-Nação¹⁹² monarquista, ufanista e aristocrático, sem grandes rupturas com o modelo político e social do Império; ele, um escritor romântico cuja visão das mulheres na sua literatura era baseada no modelo de virtude e castidade, contribuiu para o fortalecimento de um ideal de mulher marcada pela submissão e inferioridade social, mesmo quando cria grandes personagens femininos como Aurélia Camargo, do livro *Senhora*, e Lúcia, do romance *Lucíola*. A maioria da população recifense acreditavam nesses ideais, comungavam desses pensamentos, por isso o discurso sobre a emancipação feminina causava tantas controvérsias.

¹⁹⁰ Título de um artigo publicado por Carneiro Vilella em fevereiro de 1901 no Jornal Pequeno.

¹⁹¹ DIAS. Maria Odila Leite da Silva. **Cotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995. p. 49.

¹⁹² A Ideia do Estado Nação tem surgimento na Europa em fins do século XVIII e início do século XIX. Provém do conceito de "Estado da Razão" do Iluminismo. A Razão passou a ser a força maior constituidora da dinâmica do Estado, principalmente ao nível da administração dos povos. O sentimento de pertença a um grupo com uma cultura, língua e história próprias, a uma nação, foi sempre uma das marcas dos europeus nos últimos séculos, esse ideal seria transplantado para os colônias dos países centrais. O conceito de Estado-Nação está pautado na criação de símbolos fundadores de uma identidade nacional, no caso do Brasil, por isso, a ciência, a História, a literatura, em fim, as esferas sociais e culturais da sociedade estavam a serviço da ideologia da criação do mito da nacionalidade. Para saber mais vide: [http://www.infopedia.pt/\\$estado-nacao;jsessionid=5RPW3idegHxf2Yc5dTGs+g__](http://www.infopedia.pt/$estado-nacao;jsessionid=5RPW3idegHxf2Yc5dTGs+g__) Acesso em 26 de junho de 2013.

Em contrapartida, outros intelectuais, como o bacharel Clóvis Bevilacqua, designado para elaborar o projeto do Código Civil Brasileiro, promulgado em 1916, propunha um estado laico, Republicano, positivista, abolicionista, mas sem revoluções; ele, jurista da república, ciente da importância da intelectualização da mulher, e sua esposa, escritora e poeta, fazem duras críticas à Academia Brasileira de Letras pela instituição não ter aceito o ingresso da sua consorte na academia¹⁹³. Mas isso não significa que a bandeira da emancipação foi hasteada às claras pelo jurista na nossa sociedade. Ele, como a maioria dos homens da época, também não se livrou totalmente do pensamento misógino, pois, apesar de, em algumas passagens do Código Republicano, existirem tentativas de equilibrar as relações entre homens e mulheres no direito de família, o jurista, quando busca legalizar a possibilidade da mulher trabalhar fora de casa, junto com a constituinte, subordina esta concessão à anuência do marido.

Aliás, o casamento punha a mulher numa relação de incapacidade jurídica também no código de 1916. Por isso, seguir a mesma linha de pensamento da pesquisadora Andreia Borelli é pertinente para o contexto. Nada, ou quase nada, o Código Civil de 1916, um desdobramento do Código Republicano, mudou a vida das mulheres¹⁹⁴. Tornar a mulher ativa, sexuada ou sujeito de direitos e de capacidades civis, ou aptidões que não fossem para o lar, não fazia parte do projeto de Nação do período.

Apesar dos contentamentos de uns e descontentamentos de outros, a construção de um ideal de nação era necessário, então, símbolos começaram a ser criados. Mas o que diferia estes dos que foram forjados em tempos históricos anteriores ao da República? O mito fundador alicerçado na ciência. O cientificismo da segunda metade do século XIX vai ganhar proporções nas cidades brasileira, ele será citado em muitos discursos nos jornais, nas tribunas e, especialmente, na literatura de importantes escritores das províncias (1870) e, posteriormente, das cidades brasileiras(1909), como Machado de Assis, no Rio de Janeiro e Carneiro Vilella, em Recife.

No processo de coexistência do moderno e tradicional, a mulher, nesse meio termo, ia aos poucos se modificando, atendendo a uma lógica de progresso exigida por setores da sociedade. O país se dividia, muitos temas eram discutidos, e, quando eram polêmicos para a época, como a emancipação da mulher, criava-se um burburinho em torno dele, então a

¹⁹³ Clóvis Bevilacqua, um dos membros fundadores da Academia Brasileira de Letras, ocupou a cadeira número 14, porém não chegou a frequentá-la. Teve vários atritos com a entidade, sobretudo em 1930, por ter esta recusado a inscrição de sua mulher, a escritora Amélia de Freitas Bevilacqua. Para saber mais vide: http://www.e-biografias.net/clovis_bevilaqua/ acesso em 20 de maio de 2013.

¹⁹⁴ BORELLI, Andreia. **Uma cidadã relativa**: as mulheres, as questões de gênero e o direito brasileiro-1830-1950. São Paulo: Ed. DC&C Empresarial, 2010. Introdução.

mulher e sua representatividade na sociedade se constituía não só material de debate e controvérsias, mas principalmente era revestida por toda uma simbologia cuja construção do mito atendia a vários setores sociais, desde a aristocracia conservadora até a elite progressista.

Pelo texto de alguns de nossos escritores, intelectuais ou leitores de jornais, percebemos que muitos negavam o modelo externo de mulher, mas também existiram aqueles que as condicionavam aos ícones sociais e culturais femininos que sinalizam novos tempos. Então, na cidade, o mito que representa o nada, passa a ser tudo. Ela, um dos elementos mais importantes deste processo civilizador, é representada por um caráter ambíguo e é revestida de toda uma simbologia que ia desde “a professorinha à mãe da pátria”.

Em todo território nacional, especialmente no Recife, um dos espaços propulsores dessa modernização intelectual, cultural e científica da cidade, influenciando também em outras capitais brasileiras, foi a Faculdade de Direito do Recife¹⁹⁵. A Escola do Recife (1870)¹⁹⁶, travestida de conteúdos liberais e progressista, pela boca de muitos dos seus intelectuais, exaltava o saber para todos e, se não fazia a denúncia da desigualdade de direitos entre homens e mulheres¹⁹⁷, como direitos civis e sociais, incitava a reformulação dessa mulher frente aos novos paradigmas que se anunciavam no século XX.

Incorporadora dos valores da ciência e progresso, a faculdade representou um dos principais espaços intelectuais do país, era para lá aonde se dirigiam uma boa parte dos acadêmicos brasileiros. A Faculdade de Direito pernambucana expressaria tendência para a

¹⁹⁵ A Faculdade de Direito do Recife, tanto quanto a de São Paulo, tinha grande importância intelectual na vida do Império. Eram espaços privilegiados de poder, pois formavam os futuros bacharéis que ocupariam os quadros políticos e administrativos da nova nação, da diplomacia, da magistratura, da elite dirigente. Seriam os parlamentares, jornalistas, professores, enfim, o núcleo central da intelectualidade do país. Não só os representantes da elite rural conseguiram fazer parte do seu quadro discente e docente, muitos homens de origem humilde, como Tobias Barreto, conseguiram o diploma de bacharel. Para saber mais vide: PAIM, Antônio. **A escola do Recife**. Estudos Complementares à História das Ideias Filosóficas do Brasil. Vol V. Rio de Janeiro, Ed. UEL. 1979.

¹⁹⁶ Escola do Recife em 1870 foi um movimento de caráter sociológico e cultural que surgiu nas dependências da Faculdade de Direito do Recife, representou uma importante renovação intelectual no Brasil. Nesse movimento progressista e liberal, o desejo de civilização e progresso é ovacionado e estimulado pelos principais intelectuais brasileiros e recifenses da época. Uma das mais importantes ideologias deste movimento foi a crença nos ‘ideais’ ilustrados, que propagaria o saber a todas as classes sociais, visando o progresso e o bem comum. Mas é importante lembrar que a Escola não deve ser vista como um espaço rígido de produção científica, entre eles havia conflitos jurídicos e filosóficos, por exemplo entre Tobias Barreto e Silvio Romero, contudo os pensamentos liberais dominavam os representantes da Escola.

¹⁹⁷ Dentre os principais intelectuais do período que defenderam a ‘emancipação relativa’ da mulher, sobretudo no que diz respeito à intelectualização feminina, foram os juristas Clóvis Beliváqua, relator do Código civil de 1916; e Tobias Barreto. Muitos dos seus discursos defendia a intelectualização da mulher. Como deputado da Província de Pernambuco, Tobias Barreto criou o projeto Paternogógico, o qual buscava inserir a mulher na educação superior.

erudição, a ilustração e o acolhimento de influências estrangeiras vinculadas ao ideário liberal¹⁹⁸. Segundo Wolkmer:

A Escola do Recife introduziria para a cultura do país, a partir da segunda metade do século XIX, os mais avançados pensamentos da época, sobretudo a contribuição do germanismo via Tobias Barreto, limitando a excessiva influência portuguesa e francesa. O intento do Grupo do Recife foi tratar o fenômeno jurídico a partir de uma pluralidade temática, reforçada por leituras naturalistas, biólogos, cientificistas, históricas e sociológicas, apoiando-se fortemente num somatório de tendências que resultavam basicamente no evolucionismo e no monismo, sem desconsiderar a crítica sistemática a certas formulações jus naturalistas e espiritualistas¹⁹⁹.

Essas ideias representavam, não só no campo jurídico, os ideais liberais e a crença no progresso e na razão que tanto defendiam os intelectuais dessa escola, mas um momento de transição que apontavam uma decadência das ideologias passadistas. Dentre os pensamentos mais defendidos por alguns dos seus participantes, temos: laicização cultural, daí os constantes ataques à Igreja; propostas de direitos civis às mulheres e aos não-católicos; abolição dos escravos; fim do Poder Moderador; liberdade religiosa; fim do senado vitalício; centralização administrativa e superação da estética Romântica, sobretudo, a primeira fase do movimento²⁰⁰.

Tobias Barreto e alguns dos integrantes do grupo do núcleo do Recife sentiram a necessidade de elaborar uma ideologia política positivista representada por princípios que superassem as diferenças, os conflitos sociais, as efervescências políticas e as ideológicas oriundas das diferentes demandas surgidas no contexto de crise do Brasil-Império. Por meio da ciência, o grupo acreditava que poderia aplainar os antagonismos suscitados no período e conduzir a nação à modernização, prescindindo do recurso da revolução²⁰¹. Esse projeto tinha como alicerce principal o esclarecimento dos indivíduos por meio da razão e pela difusão das ciências positivistas.

Assim, em torno de Tobias Barreto, forma-se um numeroso grupo de partidários entusiastas das novas doutrinas: Artur Orlando, Clóvis Beviláqua, Pinto Júnior, Martins Júnior França Pereira, Teotônio Freira, José Freitas, Faelante da Câmara, Graça Aranha, Gumercindo Bessa, Fausto Cardoso, Pinto Júnior, Carneiro Vilella e inúmeros outros. A grande maioria se fez jurista, outros se dedicaram principalmente à literatura, como Graça

¹⁹⁸ PAIM, Antônio. **A escola do Recife**. Op. Cit. p.16.

¹⁹⁹ WOLKMER, Antônio Carlos. **História do direito no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro, Forense, 2005. p.53.

²⁰⁰ NASCIMENTO, Marcio Luiz. **Primeira Geração Romântica Versus Escola do Recife**: trajetórias de intelectuais da corte e dos intelectuais periféricos da Escola do Recife. Tese de doutorado em sociologia, USP, 2010.

²⁰¹ COUTINHO, Aluizio Bezerra. **A filosofia das ciências na Escola do Recife**. Recife: Editora da UFPE CNPQ, Recife, 1989. p.35.

Aranha, Carneiro Villela, França Pereira e Teotônio Freire. Clóvis Beviláqua e Faelante da Câmara entraram para o corpo docente da Faculdade. Sob a égide dessa tendência liberal é que se organizariam mais tarde as Faculdades de Direito da Bahia (1892) e do Ceará (1898)²⁰². O surgimento e a permanência, por muitos anos, destes pensamentos progressistas contribuíram para a luta de igualdade jurídica entre homens e mulheres, permitindo discussões e, com isso, a saída lenta de muitas delas do espaço privado para o público. Gradativamente, elas ocupariam mais a rua, o comércio, a escola, a universidade. Os pensamentos advindos deste período na história da cidade do Recife possibilitaram, nos anos subsequentes a 1909, que mulheres reivindicassem direitos através de associações, movimentos - como é o caso de Edwiges de Sá Pereira, Martha de Holanda e Bertha Lutz que lutaram por direitos civis e políticos na primeira metade do século XX²⁰³.

Apesar da importância dessa escola, sobretudo quando abre o debate sobre qual perfil de mulher seria interessante para os planos do progresso, é importante entender que a emancipação proposta pela maioria dos intelectuais da Escola do Recife se travestiu também de um conteúdo misógino e ambíguo; a solicitação da garantia de algumas concessões serviu a um propósito: civilizar a nação. Ou seja, tanto a mulher nesse contexto como “as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam”.²⁰⁴ Essa mulher deveria atender às demandas necessárias do progresso e civilização.

Um dos principais representantes, no Recife, dessa escola, e o seu principal idealizador, foi o magistrado Tobias Barreto(1839-1889). Filósofo, poeta, crítico e jurista brasileiro nasceu em Sergipe. Mestiço, de família humilde, começou a trabalhar aos 15 anos como professor de latim em diversas cidades do interior do estado a fim de custear seus estudos. Formou-se em Direito, no Recife, em 1864. Tornou-se homem forte da filosofia

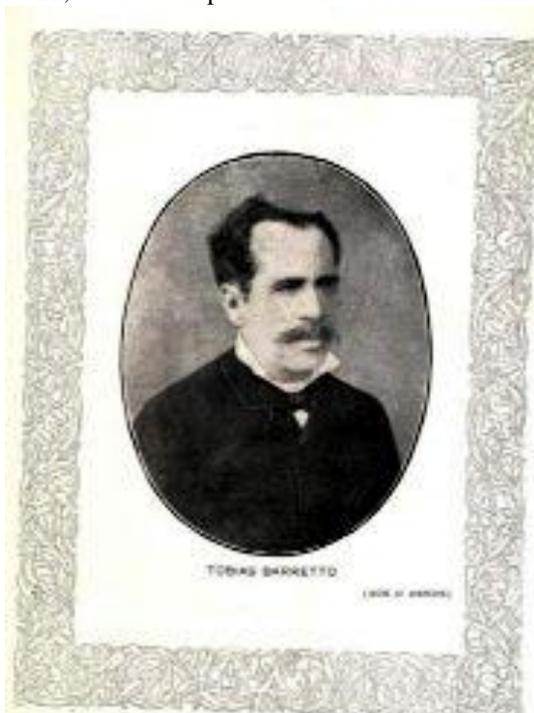
²⁰²PAIM, Antônio. **A Escola do Recife**. Op. Cit, Introdução.

²⁰³ Nascida em Barreiros no dia 25 de outubro de 1884, a jornalista, educadora e poetisa, Edwiges de Sá Pereira foi professora da Escola Normal e uma das mais atuantes personalidades da época no que se referia à luta pelos direitos civis e políticos das mulheres. Entrou para a Academia Pernambucana de Letras em 1920, entre suas publicações temos: *Campezinhas*, *Horas inúteis*, *Jóia turca*, *Eva Militante* e *A influência da mulher na educação pacifista do pós-guerra*. Faleceu em 14 de agosto de 1958. Tornou-se uma das mais conhecidas poetisas do país, publicou nos jornais e revistas circulados em Recife, no Brasil e na Suécia. Foi presidente da Associação das Damas de Beneficência, integrante do Comitê Feminino da Maternidade do Recife. Informação disponível no Acervo pessoal de Edwiges de Sá Pereira, na Fundação Joaquim Nabuco. Importante personalidade foi Bertha Lutz, nasceu em 1894 e foi educada na Europa, regressou ao Brasil em 1918. Criou em 1919 a Liga para a Emancipação da Mulher e foi uma das responsáveis pelo direito do voto feminino. A escritora **Martha de Holanda** nasceu no dia 20 de março de 1903, em Vitória de Santo Antão, Pernambuco, participou de muitos movimentos feministas, ativista; foi a primeira mulher a conseguir um título de eleitor e isso aconteceu em 1933, faleceu aos 47 anos de idade, no dia 23 de junho de 1950.

²⁰⁴ CHARTIER, Roger. Op. Cit, 1991, p.17.

brasileira, um dos mais importantes oradores e o mais popular e polêmico dos mestres²⁰⁵. Ensinou filosofia e humanidades num sobrado da cidade. Poeta e orador conhecido na província “andava lançando umas ideias novas com o título de Escola do Recife. Ideias revolucionárias em Filosofia, em Direito, em Literatura. Havia, dentro das casas, senhoras piedosas que se benziavam ao ouvir o nome desse endemoniado”²⁰⁶. Por ser polêmico, em torno dos seus discursos, matérias temáticas como a emancipação civil e intelectual da mulher possuía cadeira cativa. Ele foi autor do projeto de lei número 129/1879, o Paternogógio²⁰⁷, o qual propunha a criação de uma escola superior para as mulheres em Recife. Muitos dos seus discursos defendiam uma “emancipação relativa”²⁰⁸ para elas.

Figura 11, Retrato em preto e branco de Tobias Barreto²⁰⁹.



Tobias. **Discursos**, vol. 4- Obras completas, Ed. Estado de Sergipe, 1926.

²⁰⁵ PAIM, Antônio. **A Escola do Recife**. Op. Cit, p. 30.

²⁰⁶ SETTE, Mario. **Arruar**. Op. Cit, p. 332.

²⁰⁷ O projeto de nº 129 foi um trabalho elaborado pelo Deputado Tobias Barreto de Menezes (1839-1889) no ano de 1879 e tinha por finalidade a criação de uma escola superior de ensino para as mulheres sob a responsabilidade, custos e manutenção da província. Essa escola seria destinada exclusivamente ao gênero feminino. Essa proposta foi criada ainda na época em que o deputado era vinculado ao Partido Liberal e representava a cidade de Escada na Província de Pernambuco. Para saber mais vide: LIMA Hermes. **O Pensamento Vivo de Tobias Barreto**. São Paulo: Martins, 1943.

²⁰⁸ Expressão utilizada pelo jurista Tobias Barreto no seu discurso “A educação da mulher” proferido na Assembleia Legislativa no dia 22 de março de 1879.

²⁰⁹ Ilustração retirada do livro BARRETO, Tobias. **Discursos**, vol. 4- Obras completas. Sergipe, Ed. Estado de Sergipe, 1926.

Em muitas passagens do discurso de Tobias Barreto, por exemplo, faz-se necessária a modificação do perfil da mulher na sociedade; em outra parte, observamos o esforço do autor em “equilibrar”, na esfera da família, as relações privadas existentes entre homens e mulheres; em outras passagens, ele se rende aos valores da época, vedando os direitos políticos a elas. Na Assembleia de Pernambuco, na sessão em 22 de março de 1879, um dos mais importantes discursos a favor da emancipação da mulher é o da *Educação da Mulher*. Nele, Tobias Barreto expõe a importância da intelectualização feminina para se alcançar o progresso e a civilização:

Ouso pois confiar na boa causa que trato defender(...) para arrear desta assembleia a imensa responsabilidade de um pecado imperdoável contra o ‘Santo espírito’ do progresso, de um crime de lesa- civilização, de lesa-ciencia, qual seria sem dúvida o de ficar aqui decidido, barbaramente decidido e assentado que a mulher não tem capacidade para os misteres científicos²¹⁰.

Podemos observar no discurso que os ideais da República positivista encontraram no país um campo propício para os seus frutos. A mulher, nesse contexto, cumpria uma missão: salvar a pátria da ignorância, por meio da ilustração de seus “filhos”, valendo-se para isso de um conjunto de normas e de valores legítimos. No dizer de José Murilo de Carvalho²¹¹, para o bem da sociedade Republicana e para o progresso, era preciso que “almas” fossem formadas, e essas, no espírito da civilização, precisavam surgir de um esforço coletivo, por isso as mulheres não deveriam ficar de fora do processo. Mas do mesmo jeito que os intelectuais do período não queriam bruscas mudanças sociais, às mulheres, para que as rupturas nas relações de gênero também não fossem grandes, muitos espaços deveriam ser limitados. Essa educação, longe de ser verdadeiramente laica conforme a Constituição Republicana, estava também associada a normas nacionalistas e a ideologias religiosas²¹².

Nesse contexto, podemos perceber que os preceitos ideológicos “Deus, Pátria e Família”, tão propagados pela República, encontram no espaço privado a sua base de sustentação e disseminação, e tais máximas exaltadas, por ocasião do propósito de quem as profere, sofriam alterações conforme propósitos. Por ocasião da campanha abolicionista na cidade, o jornal abolicionista *Ave Libertas* na voz de Ernestina Bastos substituiu o termo ‘família’, por conveniência da campanha abolicionista, pela palavra ‘liberdade’, por isso diz: “Sejamos martyres do presentes para sermos heroínas do futuro. Senhoras brasileiras, não vos

²¹⁰BARRETO, Tobias. Op. Cit, 42. Grifo nosso.

²¹¹CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**. Ed. Companhia das Letras, São Paulo, 2001.

²¹²PINHEIRO, Kess Brito de Souza. **Mãe-esposa e professoras: educadoras no final do século XIX**. Tese de doutorado da UFRGN, Natal, 2009. p.15.

esqueças que nos corações daquelles que amam com fervor a sua pátria estão esteryotipadas em caracteres indeléveis estas três palavras sublimes: -Deus, Pátria e Liberdade”²¹³.

Mas, mesmo com as limitações impostas às mulheres, o interessante no discurso do deputado é que, para uma época na qual elas deveriam representar um modelo-mãe cujos espaços sociais ocupados por elas eram vigiados e limitados, as palavras do orador soavam, no mínimo, estranhas, e iam de encontro a toda uma lógica sócio-cultural androcêntrica marcada por uma construção de gênero pautada na negação do feminino e que tinha todo um interesse de dominação masculina a considerar.

Por isso, lamentavelmente, estas mesmas mulheres forjadas pelo progresso se tornavam distantes dessa “nova ordem”, sobretudo quando lhes impuseram barreiras na hora da participação política e/ou quando eram limitadas a determinadas formas de acesso ao saber, como o curso superior. A elas foram negados direitos civis, sociais e políticos. O próprio idealizador da Escola do Recife, apesar de usar o termo “emancipação”, e ter a consciência das transformações sociais ocorridas na Europa, se valendo disso para iniciar a sua fala na tribuna, busca limitar os espaços das mulheres:

[...] Mas essa mesma questão da Emancipação da mulher não é coisa extravagante; é o nome dado a um dos mais sérios assumptos da época em toda a sua complexidade. Ela oferece três pontos de vista distintos: o ponto de vista político, civil e social. Quanto ao primeiro, a emancipação política da mulher, confesso que ainda não a julgo precisa, e não a quero por ora. Sou relativista, atendo muito as condições de tempo e de lugar. Não havemos mister, ao menos no nosso estado actual, de fazer deputadas ou presidentas de província²¹⁴.

Conferir emancipação, sobretudo política, à mulher, numa cidade como o Recife, não deveria ser estimulado e, o pior, legitimado. A concessão de direitos políticos não apenas daria a mulher o direito de ser representada, mas, mais do que isso, ela poderia representar politicamente a província. O Deputado se torna bem cauteloso com os seus párias, quando estabelece o marco temporal, “por ora”; o tempo e o espaço não o permitiu ir um pouco mais adiante, o discurso dele está imbricado na certeza de que as palavras dos textos analisados foram fortemente influenciadas pelo momento histórico da época e também pelas ideologias presentes no contexto no qual o discurso foi produzido.

Mas o questionamento da falta de direitos políticos das mulheres em Recife já fora assinalado em 1832 por Nísia Floresta. No seu primeiro livro publicado ela escreve que “não

²¹³ **Ave Libertas**, 8 de setembro de 1885, p.1. Acervo APEJE.

²¹⁴ BARRETO, Tobias. Op. Cit, 1926, p. 55. Grifo nosso.

há ciência nem cargo público no Estado que as mulheres não sejam naturalmente próprias a preenchê-lo tanto como os homens”²¹⁵. Não só em Recife mas também no país essa discussão, ao que parece, existiu com mais força no final do século XIX. Mesmo de maneira individual, muitas mulheres buscaram questionar a constituinte e solicitar para si o direito do seu alistamento como eleitoras e candidatas. Na República, na Constituinte republicana de 1891, figuras como Nilo Peçanha, Epitácio Pessoa e Hermes da Fonseca defendiam a questão. Mas o projeto não foi aprovado, e a Constituição de 1891, no seu artigo 70, não nega o direito, mas também não o afirma. Com base na Hermenêutica jurídica, a interpretação da lei, muitas mulheres requereram alistamento ao longo dos quarenta anos em que vigorou a constituição²¹⁶.

Na cidade, os jornais publicavam, em 1880, artigos que discutiam o poder político da mulher em outros países americanos; ora eles exaltavam, ora condenavam o fato da mulher votar e ser votada. O Diário de Pernambuco, pela voz do seu colaborador ou colaboradora, não perdeu a oportunidade de fazer a ressalva ao fato das mulheres, pelo menos nos Estados Unidos, conquistarem o direito de votar. Pela tradição do jornal, talvez, apenas elogiar a conquista, não seria a coisa certa a fazer no Recife oitocentista:

O TALENTO DAS MULHERES: Os jornais dos Estados Unidos contam o seguinte, que é bastante lisonjeiro para o belo sexo. Os habitantes da aldeia de Argonio (Kansas), cuja população não excederá a 500 almas, alcançaram a felicidade única e sem precedente até agora na América de terem um administrador um jovem de 27 anos, casado, de nome Suzana Maldora Salter. Como é sabido, desde a primavera passada as mulheres tem o direito de votar nas eleições municipais de Kansas, sendo igualmente elegíveis. Nas aldeias d’este estado não se faz política alguma[...] Será muito bom que a moda fique por lá mesmo, pois nos parece que ser governado por ma mulher não é das coisas muito lisonjeiras para o sexo forte²¹⁷.

O processo de transplantação, sobretudo no final do século XIX, ovacionado pelas ideias de progresso, traz, pelo seu ineditismo, um sentimento de desconfiança. O termo “relativista”, dito por Tobias Barreto, é justificado e marcado pelo tempo (1879) e lugar (Recife) do discurso. O que salta aos olhos nisto é que a negativa e ressalva do deputado, ‘por ora’, vai de encontro a toda uma lógica republicana no país cujos valores progressistas foram ovacionados. Mas, quando as concessões eram para as mulheres, toda a cautela era necessária. Então muitos intelectuais e positivistas no Brasil viviam às voltas com uma questão: como reafirmar a inferioridade da mulher frente às novas mentalidades? A resposta

²¹⁵Nísia Floresta *apud* DUARTE, Constância Lima. Op. Cit, 2005, p.26.

²¹⁶PINTO, Celi Regina Jardim. Op. Cit, p.26.

²¹⁷**Diário de Pernambuco**, 28 de setembro de 1887, n 213, p. 6. Acervo APEJE. Grifo nosso.

foi simples: o discurso do Eterno Feminino²¹⁸ alicerçado na razão. Por isso, em muitas ocasiões e debates, quando o mito da inferioridade feminina não bastava, buscou-se através da ciência legitimá-lo.

Ao longo da história, e em nome da ciência, os discursos da medicina, da biologia, da economia, da psicologia, cada qual ao seu tempo, se travestiu de alteridade, marcando um conteúdo misógino. Em Recife, não foi diferente. Na cidade, as discussões eram polêmicas, principalmente quando as concepções liberais se opunham às evolucionistas que marcavam biologicamente a inferioridade da mulher. Segundo Fausto apud Maria Fernandes:

A mulher, ao realizar esforço mental excessivo, corre o risco de provocar uma modificação na natureza de seu temperamento, pois é feita para a família e não pode se envolver em estudos intensivos, como faz o homem. A dedicação aos estudos, acrescenta o autor, pode fazer com que todas as energias que deveriam ser empregadas no amadurecimento do aparelho reprodutor sejam desviadas para o cérebro. Isso pode causar tanto o retardo no aparecimento da primeira menstruação, como problemas para aquelas já "regradas", podendo ainda gerar crianças doentes ou malformadas²¹⁹.

Muitas dessas teorias no Brasil foram fomentadas por discursos evolucionistas e positivistas. Segundo Margareth Rago, o Médico Tito Lívio de Castro, apesar de causar entusiasmo para muitas mulheres feministas do período em São Paulo, no seu livro, *A mulher e a Sociogenia*, propunha uma vida mais social para mulher, livrando-as do privado, mas, ao mesmo tempo, devedor das teorias de Spencer, ainda acreditava na inferioridade intelectual da mulher. Segundo o médico, ela, por não ter sido estimulada pelo meio a dar as mesmas respostas do “sexo forte”- como rapidez e inteligência- tornou-se passiva, atrofiou-se, mas, embora a situação da mulher fosse “lastimável”, esse quadro poderia ser parcialmente revertido. Por isso ela não deveria deprender de muitos esforços intelectuais, enquanto ela não se desenvolvesse, pois se assim fosse, ela poderia ficar estéril²²⁰. Mentalidades como essas vão surgir e, cada qual dentro das suas especificidades, vão povoar os discursos da maioria dos intelectuais do país. Na província pernambucana, essa misoginia também se fez presente, não só nos jornais, ou nos manuais de condutas das mulheres, mas também na tribuna.

²¹⁸ BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**, vol. 1 e vol. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

²¹⁹FERNANDES, Maria das Graças. **O corpo e as desigualdades de gênero pela ciência**. Revista Physis vol.19 no4 Rio de Janeiro 2009. p.3. Para saber Vide: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-7331200900040008&script=sci_arttextSi, acessado em 4 de maio de 2013.

²²⁰ RAGO, Margareth. **Os Prazeres da Noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 149.

Tobias Barreto, nesse discurso de 1879, proferido na Assembleia, entra em querelas com o médico Gonçalves Malaquias. O motivo foi pelo fato do pai, de uma das alunas do deputado, ter pedido a anuência da Assembleia para que ela ingressasse no curso superior. O discurso faz menção ao insucesso de Tobias Barreto na defesa de Josefa Águeda Felisbella Mercedes de Oliveira para que ela estudasse na Faculdade de Medicina e fosse custeada pela província. A negativa da assembleia foi motivada pelas justificativas das correntes científicas da época cujas influências se baseavam na física e na biologia e tinha como base a teoria evolucionista Herbert Spencer. Um dos mais ardorosos defensores desse pensamento em Recife foi o médico Malaquias²²¹. Ele se fundamentou no tamanho e peso do cérebro da mulher, marcando a diferença baseada no crânio do homem. A conclusão foi a inferioridade da mulher, pois numa relação de proporcionalidade, a massa do cérebro era proporcional ao grão da inteligência, e como o cérebro da mulher seria menor, a ela não cabia à intelectualidade. Margareth Rago diz :

Assim, a mulher carregou uma longa tradição cultural que a desqualificou como pessoa, subordinando-a a sua ‘matriz biológica’, procriadora. O século XIX, em especial, reforçou muitas concepções negativas e estigmatizantes sobre a condição feminina, principalmente ao recorrer a métodos supostamente científicos para provar sua inferioridade física e mental em relação ao homem. No Brasil, o pensamento da minoria culta sobre a mulher foi essencialmente conservador, privilegiando a ideologia vitoriana da domesticidade. Ao lado dos médicos e juristas, colocaram-se ainda os positivistas, exemplares na desclassificação social da mulher, e os evolucionistas, marcados pelas ideias de Hebert Spencer, cujo principal expoente entre nós foi o Doutor Tito Lívio de Castro, muito apreciado por Tobias Barreto e Silvio Romero.²²²

Pelo discurso da historiadora, entendemos que o mito da inferioridade da mulher ganhou no Brasil múltiplos espaços e correntes tão em voga na época. Mas no que se refere à teoria evolucionista de Spencer, usada ardorosamente pelo médico Tito Lívio de Castro em São Paulo e o deputado e médico Gonçalves Malaquias em Recife, o nosso positivista Tobias Barreto, ao que parece, aqui, não a via e nem a apreciava com bons olhos. “Ele passara sucessivamente pelo ecletismo, positivismo e, nos anos de 1880, aportou no monismo de Haeckel²²³, já Silvio Romero foi de Litre a Spencer e de Renan a Tane”²²⁴.

²²¹RAGO, Elisabeth Juliska. A ruptura do mundo masculino da medicina: médicas brasileiras no século XIX. In: **Cadernos Pagu** (15) ,2000: pp.199-225 p.205.

²²²RAGO, Margareth. Op. Cit, 1991, p. 149. Grifo nosso.

²²³Ernst Heinrich Philipp August Haeckel foi um biólogo, naturalista alemão, filósofo, médico, professor e artista que ajudou a popularizar o trabalho de Charles Darwin, ele é um dos grandes expoentes do cientificismo positivista. Haeckel desenvolveu o monismo, uma filosofia segundo a qual política, economia e ética nada mais

Na tribuna, Tobias Barreto é enfático quando afirma “dizer que a mulher não tem competência para os altos estudos científicos é, além do mais, um erro histórico, um atentado contra a verdade dos fatos”²²⁵. Inclusive, em seu discurso, ele dá exemplos de mulheres que ingressaram no curso de medicina, como Nadeschda Suslowa, diplomada na universidade de Zúrick, em 1867²²⁶. O próprio orador tem a consciência de que a questão não pairava na ciência, mas na falta de um estímulo cultural e social que impelisse a mulher para o social. E tinha a consciência de que pelo fato da maioria da sociedade não aceitar emancipação da mulher, a utilização desta expressão pelo Deputado Malaquias Gonçalves foi decisiva para a anuência da assembleia, e surtiu o efeito pretendido pelo médico.

Senhor Presidente, a questão que se ventila tem duas faces: uma face particular, a que nos diz respeito, no caso determinado, e uma face mais geral, aquela que se refere às grandes ideias do século, que se prende ao movimento do mundo civilizado. Aqui falou-se da Emancipação da Mulher, com o propósito consciente de prejudicar a peticionaria²²⁷.

Nesta mesma assembleia, a confirmação deste fato vem quando Tobias Barreto expressa que “entre nós, nas relações da família, ainda prevalece o princípio bíblico da sujeição feminina. A mulher ainda vive sob o poder absoluto do homem. Ela não tem, como deveria ter, um direito igual a do marido, por exemplo, na educação dos filhos”²²⁸. E logo em seguida é retrucado por outro deputado, o senhor Clodoaldo que diz: “com igualdade absoluta de direitos é impossível a família”²²⁹.

Para o Tobias Barreto, essa querela só poderia ser resolvida por uma outra autoridade, que não fosse o pai nem a mãe, e sim a lei. “O que eu desejava, pois era que a lei regulasse as relações de família, de tal maneira que não pudesse aparecer nem anarquia e nem despotismo”²³⁰. No final do discurso, Tobias Barreto retoma a importância da intelectualização da mulher para o progresso da província e reitera o seu pedido dizendo:

É de esperar, e eu espero da assembleia, que comece desta vez a abrir a porta da ciência ao bello sexo de Pernambuco, que muito precisa de instrução: e talvez seja esta mesma a mais urgente necessidade da província(apoiados). Todo homem tem a sua mania; e é infeliz aquele que não a tem: a minha mania, senhores, é pensar que

são do que biologia aplicada. Fonte: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/monismo.pdf>, Acesso em 25 de junho de 2013.

²²⁴NASCIMENTO, Marcio Luiz. Op. Cit, p135.

²²⁵BARRETO, Tobias. Op. Cit, p.55.

²²⁶Idem.

²²⁷Idem, p. 58. Grifo nosso.

²²⁸Idem. p. 50.

²²⁹Idem. Ibidem.

²³⁰Idem. Ibidem.

grande parte, se não a maior parte dos nossos males vem exctamente da falta de cultura intelectual do sexo feminino²³¹.

O pedido do Deputado foi negado, por isso, nesse discurso, ele alerta, em assembleia, o quanto é perigoso para a nação a não inclusão da mulher nos cursos superiores. E nesse mesmo dia, em sessão na Assembleia Provincial de Pernambuco, o deputado e jurista liberal ainda defendeu a petição movida pelo advogado e jornalista Clodoaldo Alves de Oliveira, o deputado Tobias Barreto solicitou recursos para a filha do amigo estudar medicina nos Estados Unidos. O pedido foi negado, mas mesmo assim ela viajou²³². Ainda nesse discurso, ele faz menção à futura doutora pernambucana Maria Amélia e solicita o seu ingresso na faculdade de medicina.

Figura 12: ilustração das doutoras Maria Augusta Generosa Estrella e Josepha Agueda Felisbella de Oliveira.



Fonte: O Etna. Recife, 12 de Nov.1881²³³. Acervo APEJE.

Desse modo, frente às novas mentalidades e à nova conjuntura política e social da cidade, as aspirações de emancipações na sociedade foram muitas vezes frustradas pela manipulação do discurso científico passadista que servia como legitimador da inferioridade da mulher. Essa divisão de gênero baseada na diferença de sexo, sobretudo pela anatomia do

²³¹Idem, Ibidem, p. 54.

²³²RAGO, Elisabeth Juliska. Op. Cit, p. 207.

²³³ O Etna. Recife, 12 de Nov.1881 *Apud* LUZ, Noemia Maria Queiroz Pereira da. **Os caminhos do olhar**. Op. Cit, p. 243.

corpo e pela divisão social do trabalho, foi construída historicamente e justificada como um processo “natural” pautado na bipolarização: alto/baixo, público/privado, sair/entrar, subir/descer. Diferença cujo parâmetro foi o homem, e deixou como consequência o mito do Eterno Masculino e Eterno Feminino, marcado antes de tudo pela androgenia²³⁴ e “a ideia de gênero, enquanto categoria relacional, histórica e uma perspectiva de análise, permite compreender o processo de construção social da mulher fundamentado nas diferenças sexuais”²³⁵, percebidas pelo cruzamento dos antagonismos verificados acima.

Essa construção e normatização do gênero reforçava na sociedade um discurso de fragilidade, docilidade, inferioridade intelectual das mulheres, propagado por todo o período colonial. No todo, o que se faz sentir é um caráter não gratuito da necessidade da mudança do perfil da mulher propagada por Tobias Barreto e por alguns intelectuais da escola, ou até pela Igreja, quando, por ocasião da declaração de Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, bispo de Pernambuco, na virada do século XIX, contrariando a lógica dos que não viam com bons olhos a intelectualização feminina, afirma a necessidade, para a família e a Nação, da instrução feminina, desde que seja na medida certa²³⁶.

Pelas condicionais proferidas, a mulher precisaria pagar um ônus por um maior conhecimento e por pequenas concessões jurídicas e sociais. Por isso a intelectualização da mulher se deu de forma lenta e gradativa e, o mais importante para a mentalidade misógina do período, restrita: num primeiro momento ao âmbito privado; no segundo, ao espaço público. Por isso o sentido da palavra “filhos” num dos parágrafos anteriores está ambíguo de forma proposital, pois cabia a elas educarem não só os filhos da pátria, mas também os seus próprios filhos. As mulheres, sobretudo das elites, eram responsáveis pela formação moral dos cidadãos capacitados para ocuparem os cargos dirigentes do país. Às populares, cumpriam também sua função nesta nova conjuntura social que se afirmava na nação, cabia a elas a docência não só no âmbito familiar, mas também no público. Essas mulheres precisavam se diplomar no saber e, conseqüentemente, garantir o seu sustento e o da sua família, através de um “ato nobre”, alfabetizar as crianças²³⁷.

²³⁴BOURDIEU, Pierre. Op. Cit, p. 39.

²³⁵SCOTT, Jean. **Gênero**: Uma categoria útil para análise histórica. Tradução: Christine Rufino Dabat, Maria Betânia Ávila. Recife: S.O.S Corpo, 1996. p.15.

²³⁶HAHNER, June Edith. Op. Cit, p.107.

²³⁷NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na primeira República**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p.68.

Por isso o esforço de algumas associações civis na luta pela propagação do saber. Em Recife, por exemplo, criou-se a Escola Normal para Senhoras da Sociedade Propagadora²³⁸, e a especificidade técnica das classes populares, pela criação dos Liceus de arte e ofícios. O ideal civilizador cumpria um duplo papel sócio-moralizante: levar o saber “a todas as criaturas” e civilizar a “Nação bárbara”. Imbuídos destes projetos, dirigentes da cidade e alguns intelectuais dormiam “o sono dos justos”.

Apesar do afã do progresso, os nossos intelectuais não fugiram à regra da estereotipização nesta sociedade civilizada, os papéis entre homens e mulheres foram socialmente marcados e historicamente construídos. Elas deviam ser “professorinha”, “mães” e “esposas”. Conforme Carvalho, o símbolo ideal nessa sociedade racionalista era a mulher, cujo mito perfeito seria a virgem-mãe, por sugerir uma humanidade capaz de se reproduzir sem a interferência externa²³⁹.

De uma forma geral, as mulheres atendiam aos interesses republicanos e positivistas. No imaginário social, assim como a República, representada em muitas charges do período, e posterior a ele, como uma mulher jovem que deveria guiar o país para o progresso e a civilização, as nossas mulheres, elemento essencial para a manutenção do lar, da ordem e da educação, cumpriam o mesmo papel, mas não representada mais pela monarquia, uma senhora idosa, fraca e experiente; e sim uma mulher jovem, forte e letrada. Observe o desdobramento disso na capa da revista Fon Fon do ano de 1913.

²³⁸Uma maior inserção da mulher pobre no magistério ocorreu, sobretudo, no final do século XIX, A partir da criação, em 1873, no Recife, da Escola Normal para Senhoras da Sociedade Propagadora. Era uma escola privada, mas gratuita, surgida na sociedade civil, tinha como principal objetivo inserir a mulher no mercado de trabalho, através do exercício do magistério, atividade para a qual, acreditava-se, que ela estava *destinada*.

²³⁹CARVALHO, José Murilo de. Op. Cit, p.81.

Figura 13 – A capa da Revista *Fon – Fon* de novembro de 1913.



Fonte: http://professor.bio.br/historia/provas_questoes.asp?section=Brasil&curpage=184. Acesso em 15 de janeiro de 2014.

Para o grupo liberal, pautado no progresso, representado, por exemplo, pelos mais ilustres intelectuais da Escola do Recife, essa mulher deveria se intelectualizar para colaborar com o projeto de civilização, a ela cabia uma função pedagógica: educar os filhos e orientá-los, por meio da ilustração, a construir uma nação forte e civilizada²⁴⁰; para os conservadores, monarquistas e tradicionais, ela deveria se revestir de uma ideologia cristã cujo modelo de virtude era o mariano, pautado no silêncio, na submissão e no recolhimento. Mas essa construção, mesmo fundada na dominação, abriu precedentes importantes à mulher, o primeiro deles foi o acesso à educação superior. No mesmo discurso, Tobias Barreto solicita que outro pedido seja reavaliado, o ingresso da Jovem Maria Amélia na faculdade de medicina. Após ratificar sua posição acerca da importância da instrução feminina, diz:

Votando, portanto, como desde já empenho o meu voto em favor do projeto, eu ousou-lhe adicionar uma emenda em prol de um outro espírito esperançoso e promissor, de quem tive, por algum tempo, a honra de ser mestre e mestre que muitas vezes teve de possuir-se de uns certos receios diante do talento de sua discípula. Refiro-me a Senhora Maria Amélia Florentina, filha do senhor João Florentino Cavalcanti²⁴¹.

²⁴⁰GATI, Hajnalka Halász. Op. Cit, p.13.

²⁴¹BARRETO, Tobias. Op. Cit, p. 65.

A mulher foi impulsionada de diversas maneiras pela urbanização a favor de ações cada vez mais públicas, dentre elas destacam-se aspectos de capacitação intelectual e profissional. Sofrendo influência dos “ideais ilustrados” da Europa, o modelo de civilização propalado pelas elites locais não poderia se afastar do saber. A Instrução representaria para a sociedade o principal caminho para o progresso material, cultural e intelectual dos povos, ela sedimentaria o projeto de civilização nos trópicos. Nesse contexto, o mercado de trabalho e a intelectualização exigiam uma nova postura social da mulher e as ações delas deveriam ir além do espaço privado. Por isso a educação formal para mulheres passou por importantes mudanças, especialmente no final do século XIX.

2.3 Eterno Tema²⁴²: O saber como bem comum e a cidade do Recife.

A mulher foi impulsionada de diversas maneiras pela urbanização a participar de ações cada vez mais públicas, dentre elas destacam-se aspectos de capacitação intelectual e profissional. Sofrendo influência dos ideais ilustrados da Europa, o modelo de civilização propalado pelas elites locais não poderia se afastar do saber. A instrução representou para a sociedade o principal caminho para o progresso material, cultural e intelectual dos povos, ela sedimentaria o projeto de civilização nos trópicos. Então, a educação formal para mulheres passou por importantes mudanças, especialmente no final do século XIX, para que no século XX, a presença delas no espaço público fosse mais frequente.

A educação pautada na razão não deveria estar apenas vinculada à Igreja Católica. As tendências secularizantes ocorridas no Império - como a Questão Religiosa e o fim do padroado, a secularização dos cemitérios e o controle dos registros de nascimentos e casamentos pelo Estado – diminuíram a influência religiosa na sociedade e, com isso, fomentaram novas mentalidades no que diz respeito à Instrução primária. Desta forma, a secularização do ensino e da moral passa a ser da ossatura do Estado instrutor e não somente da Igreja. Uma maior presença de laicos nas escolas abre o caminho para a laicização da educação e, com isso, permite a muitas mulheres transitarem sistematicamente em outros espaços que não fossem os dos conventos/recolhimentos e/ ou o da esfera doméstica.

As críticas aos recolhimentos e colégio no Brasil eram constantes. Lembremos que na Questão Religiosa, ocorrida no final do século XIX, houve vários opositores à Igreja, um deles foi Carneiro Vilella. Em Recife, no seu Livro *A emparedada da Rua Nova*, o autor

²⁴²Artigo publicado por Carneiro Vilella no jornal *Correio do Recife* a partir de 1905.

vincula a educação feminina nos colégios religiosos, quando se refere ao perfil moral de suas personagens, aos entraves existentes para o processo de civilização da nação:

Tivera uma educação mimosa e esmerada, é certo, porém falsa, sem firmar-se nessas bases sólidas de moralidade de princípios e de utilidade de conhecimentos; conhecimentos e princípios que tem por fim formar o caráter e não a inteligência e por isso servir de garantia à família futura, que cada mulher possa fundar e de cujo núcleo seja o árbitro supremo tendo em mente que é daí que se origina esse grande ser moral chamado- Pátria! Nada disso! Celeste frequentara o colégio e passara por ali tal qual todas as outras daquele tempo e de hoje ainda e de amanhã talvez...sem m ensinamento útil para o coração e sadio para a consciência. (...) Adquirira prendas, mais nada... Não: adquira também uns falsos princípios sobre todas as coisas e uma moral tão relaxada como cômoda: - a moral dos colégios.²⁴³

Apesar da exclusão intelectual da maioria das mulheres, pois muitos não viam com bons olhos a presença delas em escolas de ensino primário e secundário que não fossem os recolhimentos católicos, a laicização cultural foi um importante passo rumo a uma maior emancipação da mulher quando diminui a influência religiosa na sociedade. Não que as transgressões destas mulheres não ocorressem nos recolhimentos, ou que estes lugares funcionassem no mais absoluto controle e vigilância; na sua tese de doutorado, a pesquisadora Suely Almeida²⁴⁴ já apontou, no Brasil Colônia, que muitos destes recolhimentos serviram como forma de clausura involuntária para as mulheres transgressoras e que, apesar da rigidez dos comportamentos e disciplinas exigidas, algumas conseguiram burlar normas, resistir e ressignificar suas vidas. Mas as condições impostas às mulheres no período imperial e republicano possibilitaram novas mentalidades. É certo que muitos externatos, internatos e semi-internatos, tanto para mulheres como para os homens, criados no período Imperial, se traduziram numa política pedagógica de higienização e representaram mais uma forma de controle do Estado e das elites sobre os indivíduos do que centros de excelência em educação²⁴⁵, mas a influência religiosa gradativamente era minimizada nas escolas.

As transformações na educação na cidade se deram de forma lenta e existiram muitas falhas no sistema. Apesar dos jornais e alguns representantes das elites propagarem o saber como condição básica para a civilidade, o preconceito contra a instrução feminina no Brasil era um fator de entrave para uma maior emancipação da mulher, seja ela rica ou pobre. É importante destacar, nesta política pedagógica secular, um maior acesso à educação e à saída,

²⁴³ VILELLA, Joaquim Maria Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova**. Op. Cit, p. 221.

²⁴⁴ ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro de. Op. Cit, 2003.

²⁴⁵ GONDRA, José Gonçalves e SCHUELER, Alessandra. **Educação, Poder e Sociedade no Império brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2008. p.215.

gradativa, dos postulados religiosos que dominavam em quase sua totalidade as disciplinas ofertadas nas instituições religiosas de ensino.

O que destoa, no século XIX, o recolhimento das instituições de ensino público e privado foi que o primeiro tinha como fim em si mesmo a moralidade e a prescrição de conduta a ser seguida, o conceito de educação estava restrito ao lar e atendia a uma lógica misógina; a segunda, apesar de manter alguns preceitos cristãos e a educação voltada para o lar ainda existirem, o método de ensino privilegiava, no século da Razão, disciplinas como matemática, aritmética, geografia, geometria, história, música. Esse fato possibilitou uma visão mais liberal e questionadora acerca dos dogmas instituídos pela Igreja. Um exemplo é o casamento religioso, que sofre o seu primeiro golpe com a instituição do casamento civil por ocasião da publicação do Código Civil republicano em 1890, e, já nas primeiras décadas do século XX, a possibilidade do desquite. Agora, a mulher civilizada e importada - em muitos momentos da vida cultural e social dos principais países modelos como França, EUA, Alemanha, Suécia - apresentava - se como uma mulher culta e emancipada.

Mas importar essa ideia não seria algo fácil, todas as concessões obtidas pelas mulheres na educação- quer seja na esfera pública, quer seja na esfera privada- sofreriam questionamentos, ou discursos misóginos culturalmente precisavam ser fomentados. O intuito primeiro de uma reforma na educação feminina passava pelo caminho do casamento. A instrução dada a elas na nação civilizada deveria ser capaz de torná-la a mãe educadora. O discurso de que as mulheres muito inteligentes não serviam para casar contribuía para frear certos impulsos por uma educação emancipadora. Pois o sonho do casamento era embalado pela nossa sociedade e representava para muitas mulheres um objetivo a ser seguido.

Observa-se que, no marco cronológico inicial deste projeto, a cidade contava com apenas 25 aulas públicas: 13 de primeiras letras para meninos; 6 de mesmo nível para meninas e 3 pós primeiras letras exclusivamente para meninos, dentre estas o Liceu, e o Ginásio Pernambucano em fins da década de 50 do século XIX. Duas décadas depois, de 1872, de acordo com o resultado censitário apresentado pelo Presidente da Província, Recife possuía uma população de 118.478 pessoas, dos quais 15.280 eram escravos. Dessa população, 55.406 sabiam ler e 63.072 eram analfabetos²⁴⁶. A importância desta modificação do ensino no país foi a proliferação de escolas públicas e privadas no Brasil, sobretudo a partir da década de

²⁴⁶SILVA apud Ramon Oliveira. **Demandas por qualificação profissional:** Recife segunda metade do século XIX. p.5. Fonte <http://www.anped.org.br/app/webroot/34reuniao/images/trabalhos/GT09/GT09-31%20int.pdf> Acesso em 22 de fevereiro de 2013.

setenta. Isso ampliou um pouco mais o acesso não só da população, mas também das mulheres às escolas.

Em Pernambuco, por exemplo, segundo o Relatório apresentado no ano de 1875²⁴⁷ pelo Inspetor Geral da Instrução Pública de Pernambuco, João Barbalho Uchoa Cavalcanti, na cidade e arrabaldes do Recife, havia 361 escolas primárias e secundárias para uma população de 841 539 habitantes. No Relatório de 1886, o mesmo Inspetor analisa que o número de escolas públicas da província saltou de 85, em 1856, para 496, em 1885. Como se pode verificar, em um período de 30 anos, houve um crescimento de 583% no número de estabelecimentos públicos, nessas escolas havia 20 505 alunos matriculados²⁴⁸. Mas as condicionais de investidura do cargo de magistério exercidos pelas mulheres dificultavam ainda mais a atuação delas como educadora nas poucas escolas para o sexo feminino. Afirma o Regulamento Geral para a Instrução Pública da Província de Pernambuco (Lei Provincial nº 355 de 25 de setembro de 1854) que:

As pessoas do sexo feminino que se propuserem ao professorato, deverão exhibir de mais, se forem casadas, a certidão do seu casamento; se viúvas, a do óbito de seus maridos; e se viverem separadas destes, certidão do teor da sentença que julgou a separação, para se avaliar o motivo que a originou. As solteiras só poderão exercer o magistério tendo 23 anos completos de idade, salvo se ensinarem em casa de seus pais ou parentes até o 2º grau e estes forem de reconhecida moralidade²⁴⁹.

O problema é que a desigualdade de gênero em oportunidades de intelectualização e atuação do magistério eram notórias, e muitas mulheres não se beneficiaram do processo de escolarização. Isto foi sinalizado por Oliveira, ele diz que no Brasil:

Dos 4 890 estabelecimentos de instrução primária existentes em todo o país, em 1874, apenas 1 752 (1339 públicos e 413 particulares) podem ser frequentados pelas 50 758 meninas neles matriculadas. Dos 358 de instrução secundária, 85 (84 particulares e apenas 1 público) são reservados às 2 354 alunas²⁵⁰.

Outra questão que apontava essa desigualdade entre homens e mulheres era, para muitos intelectuais do período, como Carneiro Vilella, a qualidade desse ensino. Como mola propulsora da formação da nação, a educação ilustrada deveria representar o objetivo maior para que os ideais de civilização fossem concretizados. E a mulher, nesse contexto era excluída, não somente a popular, mas também a abastada: a maioria das populares pela falta

²⁴⁷CAVALCANTI OLIVEIRA apud GATI, Hajnalka Halász. Op. Cit, 2010, p.15.

²⁴⁸GATI, Hajnalka Halász. Op. Cit, p.13.

²⁴⁹Ibdem, p.143.

²⁵⁰PINTO apud GATI, Hajnalka Halász. Op. Cit, p.21.

da garantia do acesso à instrução pelo Estado; as abastadas por uma educação voltada quase que exclusivamente para o ambiente privado. No livro *A Emparedada da Rua Nova* essas questões foram colocadas em xeque:

Para o homem abriam-se todas as válvulas da civilização, franqueavam-se todos os caminhos da ciência, preparavam-lhe um futuro cheio de conhecimentos úteis, progressivos e portanto garantidos das mais altas virtudes. Para a mulher, porém, _ para a futura mãe de família, para a verdadeira base da sociedade moderna, _ estreitavam-se os horizontes intelectuais e morais, proibiam-lhe a liberdade de pensar e de sentir, entregavam-na aos corvos do fanatismo e da hipocrisia, asfixiavam-lhe o coração, envenenavam-lhe o espírito, e em vez de procurarem formar uma esposa e uma mãe com todas as aptidões para procriar cidadãos e homens de espírito, preparavam uma beata inútil e estúpida, apta apenas para dissertar sobre as problemáticas virtudes do *rosário* ou para engrolar ladainhas depois de indigestos e perniciosos sermões jesuíticos!²⁵¹

De sobremaneira, o que salta aos olhos pela a análise dos dados é que houve provavelmente um aumento considerável do número de alfabetizados, mas a maioria das mulheres estava à margem deste processo educacional, sobretudo as mulheres do povo, pois a elas, durante o dia, cabia o sustento próprio e muitas precisavam trabalhar e/ou muitas se casavam cedo e os afazeres domésticos as sobrecarregavam, impedindo-as, muitas vezes, de frequentar as escolas.

Em Recife, a situação da mulher não fora diferente, mas uma parte da sociedade pernambucana, graças ao estímulo dos jornais e dos intelectuais da época, foi se preparando para a aceitação de idéias novas, em grande parte advindas da Europa, no que dizia respeito à instrução feminina. Então, no contexto amplo da modernidade, a cidade começou a concordar gradativamente com as possibilidades de inserção da mulher no mundo da educação escolar formal. O texto de Pinto Junior²⁵² publicado n '*A Instrução Pública* (n. 3, 28 abr. 1872) sobre a “Instrução pública no Brasil” fez menção à urgência e à necessidade de um plano de ação para o projeto de civilização:

O que cumpre fazer e sem detença:1º - Educar a mulher – a mulher moral ao nível do homem moral. E, com a educação da mulher, daremos à pátria a verdadeira constituição do progresso.2º - Esclarecer o povo, torná-lo civilizado, inicial-o nas ideias que possuímos. Quem desconhece, hoje, o segredo por que preponderam a insuperável America do Norte, a ditosa Suíça e a doura Alemanha – é a escola devidamente organizada? 3º - Fazer christã, porem, franca e conscienciosamente, a

²⁵¹ VILELLA, Joaquim Maria Carneiro. *A Emparedada da Rua Nova*. Op. Cit, p.43.

²⁵² Professor João José Pinto Junior (1832-1896), diplomado no curso de Direito e, posteriormente, diretor da Faculdade de Direito. Fez parte do grupo conhecido como “geração de 1870” na Escola do Recife. Foi um dos principais ativista da campanha de escolarização no Brasil e, em especial, do Recife, trabalhou ao lado de grandes personalidades da educação na cidade, como o professor João Barbalho. Para saber mais vide: GATI, Hajnalka Halász. Op. Cit.

geração que se ergue. Mostrar-lhe o Evangelho que também nos ensina a liberdade²⁵³.

Por todo o século XIX, além da campanha dos jornais a favor da instrução pública e técnica, foi se estabelecendo o costume de se criar Associações e Sociedades Secretas (inicialmente), particulares, religiosas ou leigas, para os mais diferentes fins: científicos, culturais, recreativos, desportivos e profissionais. O surgimento dessas associações visava em primeira estância o “bem comum e o progresso” por meio da instrução e do trabalho. No Recife, surgiram a Sociedade Propagadora das Artes Mechanicas e Liberaes (1841), Associação Protetora da Instrução à Infância Desvalida (1871), Sociedade Propagadora da Instrução às Classes Operárias da Lagoa (1872), Associação Promotora da Instrução de Meninos e Meninas (1874), Associação Protetora da Infância Desamparada (1883).

Dentre elas, a cidade inovou na província no que se referia à instrução feminina. Ela foi pioneira em criar, em 1872, uma educação formal para mulheres, Escola Normal para Senhoras da Sociedade Propagadora²⁵⁴, que “faria também, por todos os modos úteis, a propaganda da alfabetização”²⁵⁵. Esta associação para o progresso pela educação feminina em Pernambuco, modelo exportado das associações civis surgidas na Europa cujo objetivo era legar o conhecimento e a civilidade para as camadas populares, contou com a ajuda do seu principal idealizador, o professor Pinto Júnior, e pedagogos de nome como Martins Júnior, José Higino, Olinto Vitor, Buarque de Macedo, Cônego Melo Luna, Landelino Câmara[...] Luís Porto Carrero²⁵⁶, e mais ainda, alguns dirigentes e ilustres cidadãos recifenses.

Assim, desde os primeiros tempos, firmou-se a tradição de um corpo docente formado por ilustres mestres: Artur Orlando da Silva – um dos grandes juristas e sociólogos pernambucanos que, com Tobias Barreto, Sílvio Romero e outros criaram a famosa Escola do Recife; João Barbalho Uchoa Cavalcanti – depois diretor da Instrução Pública na Província (entre 1874 e 1888) e depois Ministro da Instrução e do Comércio; Afonso Olindense Ribeiro de Souza – jornalista, poeta e dramaturgo; João Batista Regueira Costa – membro do Conselho Superior de Instrução Pública, senador, sócio de várias Sociedades científicas; João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque (este como estudante, desde os 18 anos, e futuro governador da Paraíba) e ainda: Augusto Carneiro Monteiro da Silva Santos, Ezequiel Franco de Sá, Jorge Dornellas Ribeiro Pessoa, Vicente de Moraes Mello, dentre outros²⁵⁷.

²⁵³ OLIVEIRA apud GATI, Hajnalka Halász. Op. Cit, p.21.

²⁵⁴ A inserção da mulher no magistério ocorreu, sobretudo, no final do século XIX, a partir da criação, em 1873, no Recife, da Escola Normal para Senhoras da Sociedade Propagadora. Era uma escola privada, mas gratuita, surgida na sociedade civil, tinha como principal objetivo inserir a mulher no mercado de trabalho, através do exercício do magistério, atividade para a qual, acreditava-se, que ela estava *destinada*. Para saber mais vide: GATI, Hajnalka Halász. Op.Cit.

²⁵⁵ SETTE, Mario. Op. Cit, p.298.

²⁵⁶ Idem.

²⁵⁷ GATI, Hajnalka Halász. Op. Cit, p.21. Grifo nosso.

Mas o que teria então essa escola de tão especial? Primeiro, o fato de ela ser pública, mas de iniciativa privada, nascida do desejo de progresso e civilidade das elites; segundo, destinada apenas à instrução das mulheres pobres e à carreira no magistério; e, por último, o horário de funcionamento no turno da noite, das 18 às 21 horas. Tudo isto facilitou o acesso de muitas mulheres populares não só ao mundo das letras, aumentando o número de alfabetizadas, mas também o acesso delas ao mercado de trabalho. Elas poderiam trabalhar não só como professoras, lecionando a particulares ou no serviço do ensino público e/ou privado, mas também nas atividades do comércio, já que este, em fins do século XIX e início do século XX, definiria novos perfis de trabalhadores nas lojas, e a presença da mulher nestas atividades foi importante, sobretudo na venda de miudezas e artigos de moda.

Rostand Paraíso, no seu livro *A velha Rua Nova*, nos conta que no ano de 1908, houve uma novidade na Rua Nova, e que deu certo, além da abertura da casa de Madame Júlia Doerdelein(a Casa Alemã), loja de miudezas, artigos como perfumaria, chapéus, modas, “como inovação principal, moças em vez de homens, nos balcões. Apesar da zombaria e das críticas que provocaram, a novidade deu certo e o bom gosto, a elegância, as novidades das exposições e a rapidez dos serviços, atraíram a clientela”²⁵⁸ e outras casas seguiram o exemplo. Por todo o século vinte, cada vez mais as mulheres ocuparam espaço em atividades relacionadas ao comércio.

Observe que mesmo a escola Propagadora não ter atingido a todo o público das mulheres populares da cidade, o ingresso de uma parte dessas mulheres na instrução, como alunas e futuras professoras, significou muito. Isto porque, uma vez intelectualizadas e aptas para exercer o magistério, ampliou-se, provavelmente, o número de pessoas alfabetizadas. Abaixo podemos ver no anúncio do ano de 1897 do dia 5 de março do *Jornal do Recife* uma estimativa de quantas mulheres populares ingressavam por ano na Escola Propagadora.

²⁵⁸ PARAÍSO. Rostand. Op. Cit, p.138.

ESCOLA PROPAGADORA DA INSTRUÇÃO PÚBLICA- As matrículas desta escola, encerrada a 15 de fevereiro último, concorreram 92 candidatas, que ficaram assim distribuídas:

CURSO PREPARATÓRIO	
Matriculados-----	25
CURSO NORMAL	
1ª SÉRIE	
Matriculados-----	23
Ouvintes(Art. 14)-----	3
	26
2ª SÉRIE	
Matriculados-----	18
Ouvintes(Art. 14)-----	3
	21
3ª SÉRIE	
Matriculados-----	7
Ouvintes(Art. 14)-----	13
	20
TOTAL	92. ²⁵⁹

Um total de 92 mulheres populares participou, como ouvinte e/ou alunas, no ano de 1897, de um processo de alfabetização e intelectualização. Elas ao fim dos estudos seriam leitoras e estariam aptas a lecionarem. O trabalho feito pela instituição Propagadora fazia jus ao nome da escola, isto porque os ideais da Escola Normal para Senhoras da Sociedade Propagadora não restringiram apenas ao espaço no qual as atividades de instrução feminina eram realizadas, mas também representaram, através da criação de uma revista especializada, a Revista Mensal da Instrução²⁶⁰, mais um discurso a favor de uma maior liberdade e emancipação feminina. Nessa revista, a edição do mês de outubro de 1872 exalta as qualidades da mulher, mostrando o quanto a figura feminina era elemento importante para a realização do projeto da Sociedade:

O espírito social, desenvolvido como se nota entre nós, tocou de perto os instituidores da Sociedade Propagadora e, pela primeira vez teve a Província de Pernambuco de **convidar** os seus mais caros penhores – **as senhoras – a tomar parte na reconstrução social.** (grifo nosso) A brasileira não é excepção da regra applicada a seu sexo; se a coragem e partilha especial do homem, a beneficencia é muito mais activa nas mulheres. – É uma consequência da maior actividade da sensibilidade psychologica do seu eu.[...] Na Europa culta, a mulher encanta pelo espírito, vence pela bondade e sublima-se tornando-se o anjo da beneficência e da caridade. A americana do Norte, a fim de dar vasta expansão a beneficência, aspira tomar parte nas associações políticas de seu paiz para lutar em prol da futura grandeza da humanidade. E ella tem razão. A mulher não deve concentrar somente no lar a sua ação benéfica; além do individuo está a família; além da família a pátria; além da pátria a humanidade. [...] É mister aproveitar a grandeza e uberdade do solo, colher as riquezas; mas para isto é preciso um povo laborioso e intelligente; é urgente e portanto o maior beneficio que as brasileiras podem praticar é auxiliar e tomar parte nas sociedade que tem por fim diffundir a instrucção. Dado portanto o

²⁵⁹ **Jornal do Recife**, 5 de março de 1897, n 19, p.5. Acervo APEJE.

²⁶⁰ GATI, Hajnalka Halász. Op. Cit, p.170.

primeiro passo nesta heróica província com a instalação da Sociedade Propagadora da Instrução, as senhoras não podiam, nem deviam ser esquecidas; foram pois com toda a justiça contempladas nas mesmas condições dos demais sócios. [...]²⁶¹

Esse discurso, pautado no trabalho e na instrução, suscitou para as mulheres ricas e/ou populares vários desdobramentos, desde a aquisição intelectual até um lugar social- não restrito apenas ao doméstico- por meio do trabalho. A importância de uma maior alfabetização e letramento feminino para o comércio era necessária para uma maior sincronia entre as novidades chegadas da Europa. A propagação do saber tornou-se necessária ao ponto de na cidade os principais comerciantes apoiarem a iniciativa da criação da Escola Normal para Senhoras da Sociedade Propagadora, incentivando a ação “civilizadora” através de doações e incentivos²⁶², no mesmo ano criou-se, para homens, imbuído no mesmo espírito de progresso pelas elites, o Liceu de Artes e Ofícios no Recife²⁶³.

É importante observar que o mercado de trabalho exigia uma maior instrução e qualificação, tanto das mulheres quanto dos homens; o progresso pela ciência necessitava de um maior conhecimento técnico, sobretudo por ocasião das fábricas. Elas surgiram, no Brasil, nas primeiras décadas do século XIX. Eram de pequeno porte e tiveram, muitas delas, vida efêmera. Somente a partir de 1870 começaram a aumentar, em número e em importância, num processo que pode ser verificado entre os anos 1885-1895. Com o comércio intensificado no Recife não só após as mudanças urbanísticas realizadas pelo Conde da Boa Vista, mas, principalmente a partir dos anos noventa e início do século XX, por ocasião da instalação de fábricas²⁶⁴ na cidade do Recife ou nos arredores dela, aumentou a necessidade de mão – de – obra.

²⁶¹Memórias da sociedade propagadora *apud* GATI, Hajnalka Halász. Op. Cit, p.170.

²⁶²GATI, Hajnalka Halász. Op. Cit, p.113.

²⁶³CORD, Marcelo Mac. **A década de 1870 e as políticas de “instrução popular”**: a complexa arquitetura do **Liceu de Artes e Ofícios do Recife**. Revista UNIABEU Belford Roxo. V.1 Número 1 setembro- dezembro 2010.

²⁶⁴Instalou-se aqui a fábrica de cigarros Lafayette no final do século XIX, posteriormente, a fábrica fechou e, na década de 20 e 30, por ocasião do café Lafayette e clube literário lá instalado, foi um dos lugares mais frequentados do centro da cidade, tanto por jornalistas e homens públicos intelectuais quanto por populares. Os clientes se serviam de pé, enquanto olhavam a movimentação nas ruas. Para saber mais vide: MOURA, Carlos André Silva. **Fé, saber e poder**: Os intelectuais entre a restauração católica e a política no Recife(1930-1937). Dissertação de Mestrado(UFRPE). Recife, 2010.

Figura 14: Fábrica de cigarros Lafayette na Rua do Imperador, fins do século XIX.



Fonte: <http://reflexao2009.blogspot.com.br/2010/07/tunnel-do-tempo-2-parte.html>. Acesso em 10 de novembro de 2013.

O artigo com o título ‘Escolas Technicas em nosso país’ publicado no Diário de Pernambuco no ano de 1887, no dia 1 de setembro, faz menção da importância delas na sociedade e informa sobre a ocasião da criação de um asilo agrícola para meninos órfãos.

[...] De obra tão nova que agora começa a frutificar, fortalecida pela seiva vivificante dos mais generosos sentimentos, nada diremos, limitando-nos a fazer aqui os mais ardentes votos pelo seu progresso, pela sua conservação, para que não tenha, como outras tentativas semelhantes, a vida ephemera das vespas do Danúbio. Que ela perde, trabalhando pelo engrandecimento da pátria, que outra não é a sua missão, apesar das apparencias modesta sob a que se apresenta²⁶⁵.

No mesmo jornal, o artigo “Escola”, comparando a instrução americana com a europeia, afirma a importância de um maior nível de instrução dos trabalhadores para atender a demanda da indústria e do comércio. Atente que até em meados do século XIX, o letramento e a educação formal da população não eram muito exigidos nos anúncios de jornais e as escolas técnicas não eram tão exaltadas. A mudança desta visão começa a partir da década de setenta.

Sem acomodada instrução o trabalho não pode dar bons frutos[...] A razão porque um deputado americano pode dizer que o seu paiz é o maior de todos, é que os americanos se distinguem dos outros homens, em terem, geralmente falando, o cérebro debaixo do crânio, ao passo que eles o tem por todo o corpo, até nas pontas

²⁶⁵ **Diário de Pernambuco**, 1 de setembro de 1887, n 215, p.5. Acervo APEJE

dos dedos[...] Quis o deputado significar com essas palavras que o operário americano sendo quase sempre sendo mais instruído que o operariado europeu, produz mais²⁶⁶.

Mesmo as fábricas surgindo no início do século XIX, não houve uma premente ação do poder público para garantir uma mão-de-obra adequada às novas necessidades. Muito pelo contrário, se olharmos os dados referentes à taxa de escolarização e os índices de analfabetismos veremos que, antes da década de setenta, a cidade do Recife e toda a província apresentavam uma população com baixa qualificação, mesmo aquela referente ao domínio da leitura e da escrita. No entanto, a partir da década de setenta e com o advento da República, havia não só uma visão para promover a formação profissional como algo voltado apenas aos setores marginalizados socialmente, neles se incluem as mulheres e os órfãos, mas também como algo importante para o processo civilizador²⁶⁷. Por isso a ausência de ações específicas do poder público não pode ser confundida com a inexistência do debate visando à construção de escolas profissionalizantes. A sociedade civil, formada pelos comerciantes, intelectuais e políticos da época, e associações, também desejava o progresso decorrente da instrução.

A instrução primária ocupa nos jornais da época grande espaço, muitos são os anúncios de mulheres se oferecendo para ministrarem aulas ou ingressando no funcionalismo público e/ou privado como educadoras. O exercício do magistério não se limitava apenas às escolas públicas ou particulares, mas também às casas das alunas ou à da própria instrutora. Quando uma professora recebia uma cadeira significava que ela iria arcar com o local, o mobiliário e os livros, aos poucos foi que a escola pública absorveu o trabalho das professoras em seu recinto²⁶⁸. Os espaços da cidade onde as mulheres exerciam esse ofício permeia todo o centro do Recife, seus arrabaldes e nos engenhos mais próximos. As ocupações das mulheres no mercado de trabalho em educação vão desde diretorias de estabelecimentos escolares até auxiliares em educação. “No instituto 19 de março, à rua da Glória, número 25, precisa-se uma senhora para ajudar os trabalhos escolares primários, quem achar-se em condição de servir, dirija-se ao mesmo estabelecimento a entender-se com a Diretora”²⁶⁹.

O que se pode depreender deste anúncio e suas repercussões na sociedade é que ele sinaliza uma novo perfil de mulher, pautado numa razoável autonomia e liberdade, e ao mesmo tempo sugere maiores oportunidades sociais a ela. No anúncio, o trabalho exigia como condição para a sua investidura o fato do empregado ser uma mulher, isto possibilita de

²⁶⁶ **Diário de Pernambuco**, 1 de setembro de 1887, n 215, p.3. Acervo APEJE.

²⁶⁷ GATI, Hajnalka Halász. Op. Cit, p.118.

²⁶⁸ GATI, Hajnalka Halász. Op. Cit, p.118.

²⁶⁹ **Jornal do Recife**, 22 de dezembro de 1886, n 246, p.4. Acervo APEJE.

sobremaneira não só uma exigência da intelectualização feminina, mas, antes de tudo, uma fonte de renda. Os homens também exerciam a profissão de educador em Pernambuco na época, mas muitas mulheres, e veremos que as populares não foram totalmente excluídas do processo, viram nessa oportunidade, depois da criação de escolas na cidade, como a Propagadora e a Escola Normal, uma fonte de renda.

Esta oferta de emprego não se resumia apenas na necessidade do estabelecimento de ensino ou apenas no espaço dele. Muitas vezes, as educadoras ofereciam os seus serviços. Neste ponto, o desenvolvimento dos transportes públicos advindos da urbanização contribuiu muito para a saída dessas mulheres em busca de sua própria sobrevivência e realizações: “Uma Senhora titulada pela Escola Normal do Estado, com prática de 4 anos de magistério público e atualmente avulsa, oferece-se para lecionar particularmente nos arrabaldes da capital, ou em um engenho servido por linhas férreas, a tratar na Rua velha de S.Rita n.77”²⁷⁰.

Após a inserção dos transportes nas cidades e em suas freguesias, a noção de distância se perdeu para muitas mulheres, e elas buscaram no magistério não apenas uma fonte de renda mas um lugar social por meio do trabalho. Este tipo de anúncio era comum e muitas mulheres se formaram não só nas escolas particulares, mas também nas públicas, como a Escola Normal do Estado²⁷¹, e as de iniciativa privada, como a escola Propagadora, que formou muitas mulheres populares na cidade, no Jornal do Recife de 6 de Janeiro de 1897 :

LESIONISTA: Martiniana Carneiro, titulada pela Escola Propagadora, comunica aos pais de suas alunas e ao público desta capital, que continuará a lecionar em collegios e casas particulares,- portuguez, francez, geographia e também primeiras letras e trabalhos de agulha. Pode ser procurada das 11 horas da manhã às 2 da tarde à Rua Barão de Vitória, n 21 segundo andar²⁷².

A escola agora não representa apenas um dos espaços privilegiados para uma maior inserção da mulher no mercado de trabalho, mas o saber como um todo é quem garantiria a contratação, ao ponto de, para o ensino das primeiras letras, de acordo com a fonte consultada, a figura masculina praticamente não aparecer nos anúncios de trabalho ofertados pelas instituições.

Percebe-se que o espaço urbano recifense representou a abertura de novas oportunidades de intelectualização feminina, através de maiores possibilidades na instrução

²⁷⁰ **Jornal do Recife**, Recife, 1 de setembro 1900, n 115. p.4. Acervo APEJE.

²⁷¹ A consolidação dessas instituições só ocorreu, efetivamente, na segunda metade do século XIX com a introdução do ensino normal em Pernambuco, criado que foi pela Lei Provincial n.º 598 de 13 de maio de 1864. A Escola Normal Oficial e o Ginásio Pernambucano (fundado em 1825) representavam, na época, as mais significativas unidades do ensino público do Estado. Cf : GATI, Hajnalka Halász. Op. Cit, 2010.

²⁷² **Jornal do Recife**, 6 de janeiro de 1886, n 5, p.4. Acervo APEJE.

formal pública ou/e privada. O que chama a atenção em relação à Escola Propagadora é o fato dela ser exclusiva para meninas, e isso aumentou o número de mulheres populares na escola. Como se pode ver nos jornais da época, a repercussões deste fato não se restringiu apenas às escolas; pela formação do magistério, muitas mulheres levaram adiante o projeto propagador do conhecimento nas casas da cidade, ministrando aulas particulares, ou ingressando nos estabelecimentos de ensino.

No Recife, uma instituição que merece destaque, ao lado da Escola Normal para Senhoras da Sociedade Propagadora, é o Instituto 19 de março, não por ser gratuito, pois não era, ou ser a única escola a ter uma mulher na direção- em um anúncio de jornal de 1 de setembro de 1900²⁷³, consta que a D. Firmina Brandão Feitosa, também era diretora- mas por Dona Maria Coelho da Silva²⁷⁴, do Instituto 19 de Março, segundo o anúncio, ser diplomada no curso de Direito. Em 1888, três moças, Maria Fragoso, Delmira Secundina da Costa e a senhora de que trata a fonte, haviam se diplomado no curso de Bacharel em Direito. Segundo a escritora Luzilá Gonçalves:

Os jornais da época celebraram o acontecimento, inclusive apresentando, em primeira página, as imagens das três moças, coroadas de louros. Artigos veiculados por vários periódicos, contam como a cidade celebrou o evento, e como as moças foram acompanhadas por seus colégios em préstimo de honra, cercadas de flores pelas ruas do Recife²⁷⁵.

Por coincidência, descobrimos que, de todas as três formadas, apenas Dona Maria Coelho da Silva exerceria a profissão, na cidade do Rio de Janeiro, com muitas ressalvas e dificuldades²⁷⁶. Antes desse feito, a nossa advogada, por muitos anos atuou não apenas no magistério como educadora, mas sobretudo como diretora. Em 8 de janeiro de 1897, a mesma Diretora do estabelecimento, agora com instrução não só primária mas secundária, situado atualmente à rua Visconde de Albuquerque, expõe para a população do Recife os resultados dos exames realizados pelas suas alunas para o ingresso em outras instituições de ensino, ressaltando que das 15 inscritas, dois terços foram aprovadas com “distinção” e as outras “plenamente” aprovadas:

INSTITUTO 19 DE MARÇO- Sob a direção da Bacharel Maria Coelho da Silva.
25- Rua Visconde de Albuquerque(antiga rua da Glória).

²⁷³ **Jornal do Recife**, 1 de setembro 1900, n 36, p.4. Acervo APEJE.

²⁷⁴ **Jornal do Recife**, 6 de janeiro de 1886, n 5, p.4. Acervo APEJE.

²⁷⁵ FERREIRA, Luzilá Gonçalves. Maria Augusta Meira de Vasconcelos: biógrafa, poetisa, jornalista, professora. Advogada não. *In A escrita da nona mulher*, Org. Luzilá Gonçalves, Programa de Pós-graduação em Letras, Recife: UFPE, 2005. p. 124.

²⁷⁶ Idem.

Este estabelecimento de instrução primária e secundária reabrirá suas aulas no dia 7 de janeiro vindouro e admite alunas internas, semi-internas e externas para primeiras letras, Portuguez, Francez, Inglez, Arithimétrica, Geometria e História; trabalhos de agulha, música e piano.

Preparou para os últimos exames 15 discipula, sendo dois terços das mesmas aprovadas com distinção e um terço plenamente. Além desses fez das línguas portugueza, franceza e ingleza, no curso anexo a Faculdade de Direito, a de nome Amélia Gomes Carneiro que foi aprovada plenamente nos dois primeiros e com distinção no último.

O mesmo estabelecimento espera continuar a receber a mesma confiança dos senhores pais de família. A Diretora, Maria Coelho da Silva²⁷⁷.

Esse tipo de narrativa no jornal em relação ao resultado obtido para o ingresso na Escola Normal e ao curso superior era corriqueiro. Ser mulher e letrada na sociedade da época não era ser única, mas, sim, ser singular. Pois muitos acreditavam que a intelectualização feminina não passava de modismo e constituía um perigo à moral e aos bons costumes na sociedade.

No que se refere à educação superior, observe o anúncio do Jornal do Recife do ano de 1900, aos dois de dezembro, acerca do resultado de uma seleção realizada entre meninos e meninas para o ingresso no estabelecimento em um curso superior na cidade do Recife. “Curso Superior: Lylia Maria Vieira da Cunha e Maria Ida Feitosa Pontes, aprovadas com distinção. Os exames foram presididos pelo Dr. Manoel Neto Carneiro Campello, que não cessou de elogiar a diretoria do Collegio em vista do preparo e do bom aproveitamento de suas alunas”²⁷⁸.

No texto o que se faz sentir são as relações de gênero. O fato das mulheres terem tirado notas maiores que os homens, ou seja, terem sido aprovadas “com distinção”, para a época, era um fato não corriqueiro, pois a elas, por muito tempo, o ingresso ao curso superior foi vedado, então a recorrência do diretor tecer elogios às meninas. Não que exista qualquer ineditismo nisto, como educador e avaliador do processo, os elogios na instituição, internamente, tanto para as mulheres como para os homens, deveriam ser recorrentes. A questão é isso ter sido percebido e ratificado pela pessoa que colocou o resultado no jornal. É como se existisse uma espécie de justificativa pelo fato da aprovação com distinção não ter sido de um homem, então a insistência em acrescentar mais informações.

Pelo exemplo do anúncio anteriormente supracitado, o ingresso de mulheres à educação superior constituiu um passo decisivo para uma maior mobilidade da mulher, mas nem todos viam isto com bons olhos. Um jornal de grande circulação na cidade publica o seguinte título e texto “A mulher na Europa”:

²⁷⁷ **Jornal do Recife**, Recife, 8 de janeiro de 1897, n 6, p.4. Acervo APEJE.

²⁷⁸ **Jornal do Recife**, Recife, 2 de dezembro 1900, n 36, p.3. Acervo APEJE.

A emancipação da mulher não é nenhum sonho nem uma utopia, como se vai ver. Nos auditórios de Paris acaba de ser inscrita como advogada uma senhora extremamente formosa, foi o Sr. Petit, doutor em direito addido ao gabinete do Ministro do Comércio que fez a inscrição. A nova doutora tem sido muito procurada por mulheres que vão intentar causa de divórcio contra os seus maridos. Os jornais parisienses dizem que ela é muito eloquente, fala com bastante arte e possui um magnífico metal de voz [...] ²⁷⁹.

Por essas poucas linhas, pode-se perceber que era culturalmente vedado à mulher, à época da narrativa, no Brasil, o ingresso em alguns cursos superiores, ou, mesmo ele sendo possível, o seu exercício não, o curso de bacharelado em Direito é um exemplo disto. No Brasil, mesmo nos noventa, o preconceito contra o ingresso de mulheres aos cursos superiores ainda existia. Ocorre que o governo provincial vinha discutindo a questão da instrução para o sexo feminino, cujo currículo era extremamente limitado. O ensino superior continuaria vetado às moças brasileiras até a aprovação, pelo Imperador D. Pedro II, da Reforma Leôncio de Carvalho em 1879. A discussão acerca do ingresso ou não de mulheres no curso superior antes desta data era uma constante, e as relações de gênero eram patente. Valendo-se também do discurso de Tobias Barreto, a professora Elizabeth Rago no seu artigo diz que:

Em Pernambuco, a polêmica entre as concepções liberais e as evolucionistas – que atribuíam a inferioridade das mulheres às razões biológicas – foi reavivada pela petição de “uma menina inteligente”, nas palavras de Tobias Barreto, referindo-se a Josefa Águeda Felisbella Mercedes de Oliveira, nascida em Pernambuco no dia 13 de fevereiro de 1864. No dia 22 de março de 1879, em sessão na Assembléia Provincial de Pernambuco, o deputado e jurista liberal Tobias Barreto defendeu a petição movida por outro republicano, o advogado e jornalista Clodoaldo Alves de Oliveira, solicitando recursos para a filha estudar medicina nos Estados Unidos, já que ainda não havia permissão legal para as moças cursarem as faculdades naquele momento, liberação que ocorreria no mês seguinte ²⁸⁰.

Por ocasião das reformas na Instrução primária na cidade- o ingresso delas em 1879 ao curso superior, e as ideologias liberais propagadas pela Escola do Recife, sobretudo na figura de personagens como Tobias Barreto, Pinto Júnior, João Barbalho, e tantos outros intelectuais- a partir da década de setenta as discussões por uma intelectualização feminina e uma maior emancipação da mulher foram mais constantes e acirradas. A partir dos noventa no país, frente aos fatos históricos ocorridos na no final do século XIX, aos poucos, a mulher começa a se inserir nas profissões liberais como a jurídica e médica. Para se ter uma ideia da exclusão acadêmica das mulheres, apenas em 1906, na cidade do Rio de

²⁷⁹ **Jornal do Recife**, Recife, 1 de setembro 1900, n 36, p.4. Acervo APEJE.

²⁸⁰ RAGO, Elisabeth Juliska. Op. Cit, p.209.

Janeiro, a advogada Myrthes Gomes de Campos obteve a licença do IOAB²⁸¹ em 12 de junho de 1906 para atuar na profissão. Podemos perceber que as relações de poder estão inseridas neste contexto. O veto ao exercício da magistratura expressa bem o exercício do poder masculino na academia e a hierarquia existentes nas relações de gênero na sociedade brasileira.

Por isso não devemos entender a instrução pública de forma isolada e/ou apenas no âmbito da intelectualização dessas mulheres e o exercício do magistério, ela atinge outras esferas sociais, como profissionais liberais. Alguns anúncios de jornais vão fazer menção ao exercício da medicina, o acesso ao curso superior abre novas frentes de trabalho a essas mulheres da virada do século. No dia 1 de janeiro de 1897, no *Jornal do Recife*, o anúncio diz: “Doutora Amélia Cavalcante²⁸²: Tendo regressado de sua viagem a Barreiros, pediu a Exma. Sra. Dra Amélia Cavalcante para avisarem ao público que continua ela no exercício de sua profissão, em seu consultório à rua do Imperador n 61, residindo à Rua da Conde da Boa Vista n 24A”²⁸³.

Buscando saber da mulher de quem trata a fonte, coincidentemente é a primeira mulher médica a clinicar na cidade de Recife e para quem o deputado Tobias Barreto peticionou. Exatamente num tempo em que muitas mulheres morriam por não deixar, sequer, os médicos as tocarem. A presença desta mulher na cidade simboliza uma forma de resistência das mulheres às restrições sociais e culturais que as relegavam o espaço a ser ocupado a casa, a igreja. A prova disto é que a doutora Maria Amélia Cavalcanti de Albuquerque fora formada no Rio de Janeiro, em 1892, por falta de escola local, mas em 1934, quando faleceu, graduavam-se pela então já existente Faculdade de Medicina do Recife as primeiras médicas, as paraibanas Edésia de Carvalho Vieira e Neusa Vinagra de Andrade, segundo registra Mário V. Guimarães em seu artigo “As Pioneiras da Medicina no Brasil e Pernambuco”²⁸⁴, escrito para a Sociedade da História da Medicina.

A instrução foi um dos caminhos utilizados pelas mulheres no final dos oitocentos para burlar e modificar antigas mentalidades que cerceavam o espaço físico e social que elas

²⁸¹ O Instituto da Ordem dos Advogados do Brasil (IOAB-1827), em 12 julho do ano de 1906, aprovou o ingresso na carreira jurídica, numa eleição de vinte e três votos contra quinze a favor, da ativista política e advogada Myrthes Gomes de Campos, mesmo ela tendo sido diplomada no ano de 1898. Para maiores informações ver: http://www.fcsh.unl.pt/facesdeeva/eva_arquivo/revista_18/eva_arqu_numero18_f.html, acesso em 15 de maio de 2013.

²⁸² Em Pernambuco, a primeira médica foi Maria Amélia Cavalcanti de Albuquerque, uma pioneira em tocoginecologia, exatamente o ramo da medicina que mais expunha a intimidade feminina, ela nasceu em 8 de agosto de 1854, em Sirinhaém (PE) e foi formada pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1892.

²⁸³ *Jornal do Recife*, Recife, 1 de Janeiro de 1897, n 1, p.3. Acervo APEJE.

²⁸⁴ Mais informação sobre o ingresso das mulheres pernambucanas no exercício da medicina consultar em http://www.josenimeloadvogados.com.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&id=41:uma-mulher-de-verdade-mo-amelia-cavalcanti-de-albuquerque&catid=18:memoria-pernambucana&Itemid=40

deveriam ocupar. A instrução primária laica aumentou bastante e o contato maior com o mundo para além do doméstico motivou, inclusive, um aumento de mulheres alfabetizadas, pela constante necessidade que a cidade exigia. Era preciso formar mulheres mais cultas, com possibilidades de visibilidade pública, e o mais importante para a nossa análise, formar mulheres leitoras.

O Romance veiculado nos fins do século XIX como fator que corroborou para uma maior mobilidade social feminina, propagando novos costumes estrangeiros e um novo perfil de mulher, só poderia surtir efeito e estender suas influências se tivéssemos aqui um maior número não de leitor, mas sobretudo de leitoras. E isso só ocorreu, em comparação às décadas passadas, através das modificações ocorridas na Instrução Pública e Particular a partir da década de setenta no Brasil e em Recife. Todas essas transformações sociais ajudam a mostrar como essas mulheres viveram e se comportaram no espaço urbano, mesmo tendo a herança colonial como base da sociedade oitocentista, que regulava e ditava as formas de comportamento adequadas para elas. Em muitos discursos encontrados nos jornais analisados, a muitas mulheres era destinado o lugar da submissão; e a violência simbólica e física ainda marcava o cotidiano delas, não só no Recife mas também no país.

CAPÍTULO 3

CONFRONTAÇÕES²⁸⁵: ROMANCE COMO GUIA DE CONDUTA E A MODIFICAÇÃO DO PERFIL DA MULHER NOS FOLHETINS RECIFENSES

Nos jornais, na Assembleia, no poder judiciário, nas instituições de ensino, a mulher era marcada por contradições e era representada ora como resignada, ora como transgressora. Com a Literatura não foi diferente, pois os gêneros textuais que abarcavam os discursos sobre as mulheres e as representações delas iam desde os manuais de conduta até os folhetins literários. Esses textos ajudavam a consecução de um projeto de nação e outorgava um modelo feminino, por isso o processo civilizador influenciou de sobremaneira o cotidiano das mulheres. Este desejo de “progresso” e “civilização” participava de muitos fenômenos das esferas sociais, e, na literatura, em especial os Romances Românticos, “representava os valores sociais de uma classe, a da burguesia”²⁸⁶. Em Recife, os folhetins²⁸⁷ se traduziam em aspirações de uma incipiente classe burguesa e latifundiária, e para cada espaço por onde as novelas circulavam, campos simbólicos eram ajustados à realidade local.

Embalados pelos manuais prescritivos, mas principalmente pelos romances e folhetins, a personagem feminina acompanha as estéticas literárias e suas diferenças. No século XIX, no Romantismo brasileiro, pelo ventre da mulher ou pelo seu sacrifício, a nação seria surgida e formada; e no Realismo, pela transgressão e adultério dela, a hipocrisia dessa nação seria desnudada e a nação seria reavaliada e moldada às novas conjunturas dos fins do século XIX. Conforme as ideologias, as crenças e a visão de mundo do escritor, a personagem feminina passou por profundas transformações sociais e psíquicas cujas marcas foram desde a submissão delas ao conjunto de valores propagados pela burguesia- como a honra, casamento, fidelidade e entrega- ou o avesso disto tudo no período do Realismo, a sexualidade, a autonomia e o adultério.

Na cidade, o romance, gênero literário criado na modernidade²⁸⁸, circulou nos principais periódicos da província. Esses folhetins eram desde os de ideologias nacionalistas até os urbanos. O nosso romancista, escritor e jornalista Carneiro Vilella, não só no livro A

²⁸⁵ Artigo publicado por Carneiro Vilella no Jornal Pequeno a partir de fevereiro de 1902.

²⁸⁶ MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira: Das origens ao Romantismo**. Vol I, São Paulo: Ed. Cultrix, 2001, p. 15.

²⁸⁷ Para uma maior leitura sobre os folhetins ver. MEYER, Merlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

²⁸⁸ Para saber mais consultar: WAT, Ian. **A ascensão do romance: Estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Cia da Letras, 2010.

emparedada da Rua nova- ao que parece- percebeu visivelmente a modificação do perfil feminino na literatura e na sociedade. Ele observou novas realidades advindas da urbanização e mudanças no comportamento das mulheres ao ponto dessa transformação ser o título de um dos seus romances: *A mulher de gelo- Perfil do século XIX*²⁸⁹.

3.1 O AMOR²⁹⁰: Dos manuais de condutas aos Romances Românticos e suas implicações sociais.

No afã do progresso, a leitura pedagógica seria elemento de redenção que salvaria o mundo da “barbárie”, por isso a civilização tinha como objetivo a ilustração do povo; e a alfabetização era o meio pelo qual as elites e os dirigentes conseguiriam isso. A partir da década de setenta, houve, ainda que não suficiente, um aumento de estabelecimentos educacionais nas principais cidades brasileiras, Recife seria uma delas. Isso de sobremodo possibilitou, junto com a reprodução dos folhetins e manuais de conduta pela Imprensa, mais discursos normativos que ditavam como deveria ser o comportamento das mulheres.

A circulação dos folhetins, prescritivos ou não, no Brasil, decorreu entre outros fatores dos acontecimentos políticos, sociais e econômicos que ocorreram na Europa nos séculos XVIII e XIX. O surgimento do romance na idade moderna assinala uma nova conjuntura social que se formava e, em decorrência disso, exigiria novas formas de arte literária. Nesse contexto, aliada aos folhetins, a leitura prescritiva ganha força, não apenas com os romances mas também com os manuais do bom viver e conviver; manuais injuntivos cujo objetivo principal era, por meio de práticas e representações na sociedade, a distinção social.

Na América portuguesa e em Portugal, como assinalou a pesquisadora Suely Almeida²⁹¹, já na colônia, esses discursos se pautavam no conservadorismo e duplicidade de comportamentos, enquadrando as mulheres em tipos pré-determinados: de um lado, valores como silêncio, resignação, castidade, devoção e temor a Deus representavam a mulher ideal; de outro, inconstância, rebeldia, frivolidade, vaidade, presunção eram atributos das mulheres impróprias, sobretudo para o casamento. Ainda nos anos de 1769 a 1822, pelos títulos dos livros, a preocupação em educar principalmente para a esfera pública passava necessariamente pelo ambiente privado. Por imposição da igreja, era delegada aos pais a tarefa de educar e civilizar as crianças e jovens nos preceitos cristãos e na moral da vida dos santos. Um dos recursos didáticos para isso, além das hagiografias, foram os manuais de conduta.

²⁸⁹ Folhetim publicado por Carneiro Villela no jornal *América Ilustrada* entre 1871 a 1875.

²⁹⁰ Novela em folhetim publicada no jornal *América Ilustrada* no período de 1871 e 1875.

²⁹¹ ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro de. Op. Cit, p.82.

Esse tipo de literatura consta, por exemplo, nas “listas de pedidos de envio de livros” ao Brasil, dirigidas à Real Mesa Censória. Dentre os pedidos referentes ao período de 1769 a 1807 encontram-se os seguintes títulos: O amigo da juventude, obra didática sobre moral e religião; Tesouro da Paciência; O amigo das mulheres; Avisos de huma mãe a seu filho; Instruções de huma mãe a sua filha; Tesouro de meninas e Tesouro de meninos; Instrução da Mocidade de Gobinet e Livro dos meninos, Recreação de hum homem sensível. No período de 1808 a 1822, constam pedidos dos seguintes livros: Tesouro da Paciencia; Tesouro de Adultas; Tesouro de Adultos; Tesouro de Meninas; Tesouro de Meninos; Aviso de huma mãe a sua filha; Cartas de huma mãe a seu filho; Instruções de hum pai a seu filho; Instruções de huma mãe a seu filho; Lições de hum pai a sua filha; Amigo das mulheres; Livro dos Meninos²⁹².

Nesses textos prescritivos, pelos títulos dos exemplares, percebemos o quanto o decoro e a resignação fomentavam uma postura moral a ser seguida, primeiramente, no ambiente privado. Cabia às mulheres seguirem lições iniciadas no lar para que na esfera pública elas fossem exemplos de virtudes. Corroborando este pensamento, o Padre Lopes Gama, em 6 de maio de 1846 em Recife, dentro de muitas ressalvas, diz que por mais bem organizados e bem dirigidos fossem os colégios para a instrução das mulheres, “a educação das meninas, é minha humilde opinião, que estas não saiam do grêmio da família enquanto não passarem dos sete anos de idade, porque a base da educação deve, a meu ver, estabelecer-se, antes de tudo na casa paterna²⁹³”.

Os textos do clérigo em Pernambuco exerceriam bastante influência na educação dos jovens recifenses, sobretudo mulheres. Em muitos dos seus escritos, quando os assuntos eram relacionados a elas e à instrução dos jovens, os artigos de opinião dele orientavam famílias, professoras, mestres, clérigos, mães; determinavam de que maneira eles deveriam proceder com relação às crianças e aos jovens. Alguns de seus artigos de opinião eram verdadeiras prescrições, o escritor versava de vários assuntos mundanos como modas, danças, vaidades. Em muitas passagens de seus textos, ele se refere diretamente às leitoras²⁹⁴. Anúncios, em meados do século XIX e no final dos oitocentos, faziam referências a esses manuais de conduta e faziam menção à influencia exercida pelos textos do Carapuceiro na sociedade recifense:

²⁹² AUGUSTI, Valéria. Op. Cit, p. 15.

²⁹³ MELO, José Antônio Gonçalves. Op. Cit, p. 348.

²⁹⁴ O artigo de 22 de agosto de 1848, intitulado o ‘Gênio Passeante’, retirado da referência acima, num tom retórico e compraz, é um exemplo disso: destina-se a instruir as mulheres a não sair de casa de forma contumaz. O Padre não o faz, num primeiro momento, por imposição, mas se utiliza de retórica, suavizações, ambiguidades e sutilezas para isso: ‘ Não me saiam logo pela proa acusando-me de que trago ânimo deliberado a deprimir a torquesa o bello sexo. Leiam-me desprevenidos e depois decidam imparcialmente”, ou, ainda no mesmo texto se refere a elas por digressão “ Não imaginem já, algumas de minhas ilustres leitoras que reprovo absolutamente os passeios em regra”. Pela forma como ele se dirige às mulheres e como ele busca, num primeiro momento, não minimizá-las, pressupõe pelo discurso que, para o padre, o público de mulheres que o liam eram importante, por isso a tentativa de não espantá-las com rudezas de pensamentos e palavras.

SELETA CLÁSSICA

Aprovada pelo concelho litterario para uso dos alvos da instrução primária e secundaria contendo importante collecção de trechos extrahidos dos principais clássicos quer em prosa, quer em verso, organizada pelo padre Lopes Gama, nova edição melhorada pelo muito ilustre Dr. JOÃO BAPTISTA FIGUEIRA COSTA.

Os profesoires inteligentes e zelosos encontrarão neste livro proveitosas licções para expender aos discípulos.

RAMIRO M COSTA E C. EDITORES

RUA 1 DE MARÇO N 2²⁹⁵.

Nas principais cidades brasileiras, como Recife, os manuais de conduta no século XIX estavam mais acessíveis, pois era pelo periódico que muitos leitores acatavam e acompanhavam dia-a-dia as prescrições. Como instrumento pedagógico para os jovens, sobretudo para as mulheres, eles serviram como bíblias a serem seguidas pelas elites brasileiras, e até certo ponto pelas camadas mais populares, não só como manuais de conduta de etiquetas, como a referência anterior feita neste trabalho, do livro D'ont²⁹⁶, mas também como leitura obrigatória nas escolas e recolhimentos.

Coexistindo com esses manuais, o romance, nos mais variados períodos literários, também ganharia espaço na nossa sociedade. Como assinalou a pesquisadora Valéria Augusti, “as discussões sobre o papel pedagógico-moral das ficções não se inauguram no século XVIII. Contudo, é neste século que o romance, então emergente, e a literatura prescritiva são alvos de questionamento no que diz respeito a sua eficácia sobre o comportamento moral do leitor²⁹⁷”. Ao longo do século XIX no Brasil, se por um lado, muitos indicavam o romance como guia de conduta; por outro, ele era demonizado e duramente criticado por dirigentes, leitores e personalidades da sociedade. Como era um entretenimento destinado, principalmente às mulheres, ele passou tanto quanto elas a serem objetos de discussões e de debates nos jornais do país. O que revestia muito o caráter das personagens femininas inseridas no romance era a ambiguidade, sobretudo no final da década de 60, por isso o texto se tornava contraditório e, para cada época, servia a propósitos distintos.

Mas, apesar dessas contradições, é o romance no século XVIII, e principalmente na primeira metade do século XIX, que passou a ser um aliado do projeto de civilização da época. Artefato literário da modernidade por excelência, nele a prescrição, norma, conduta se faziam por meio da imaginação, devaneio, terror, sonho, entretenimento.

²⁹⁵ **Jornal do Recife**, Recife, 25 de janeiro 1897, n 3, p.3. Acervo APEJE.

²⁹⁶ Livro de etiqueta publicado em fascículos nos jornais do Recife, ver referência bibliográfica número 96.

²⁹⁷ AUGUSTI, Valéria. Op. Cit, p.60.

Os livros de classe média que obtiveram grande sucesso de público após meados do século XVIII- isto é, no período em que essa classe(burguesia) se expandia em prosperidade e auto confiança- mostram com muita clareza e a que profundidade eram sentidas essas diferenças. Demonstram também que as diferenças entre a estrutura e a vida da classe média, por um lado, e a classe superior cortesã, por outro, eram acompanhadas por diferenças na estrutura do comportamento, vida emocional, aspirações e moralidade. E indicam por força, unilateralmente- como elas eram vistas no campo da classe média²⁹⁸.

Nas dicotomias, nas comparações, nas diferenças, as distinções eram formadas. Essa conduta moralizante almejada, sobretudo pelas elites brasileiras, poderia se dar em qualquer outra forma de literatura, mas a estrutura do romance poderia, nas camadas ricas e médias de toda a Europa ocidental e países da América Latina, como o Brasil, lograr êxito como função “pedagógica e moralizante²⁹⁹”. Diferentemente dos manuais prescritivos, pela literatura podia-se dar maior vazão ao devaneio. Para o filósofo Diderot³⁰⁰, por um processo lúdico e imagético, o conjunto de valores morais inseridos nos romances, pela sua composição, surtiria mais efeito do que os manuais prescritivos, pois a leitura destes jamais possibilitaria ao leitor a elaboração de uma ficção, ao passo que os textos daqueles poderiam levar o leitor a refletir e reavaliar as sentenças morais contidas nas histórias ficcionais.

Isso se dá pela própria construção formal desse gênero literário que, diferentemente dos modelos de composição clássicos, como a epopeia e o soneto, trazia ao pé do leitor um maior “realismo”, pois o romance “procura retratar todo o tipo de experiência humana e não só as que se prestam a determinada perspectiva literária: seu realismo não está na espécie de vida apresentada, e sim na maneira como a apresenta”³⁰¹. Na sua formação e estrutura, o que define o gênero literário romance é a sua maior capacidade de aproximar o leitor a uma maior noção de realidade, ou seja, dado ao seu individualismo e a sua singularidade, o romance apresenta descrições particularizadas das situações, dos seres e das coisas, dos sentimentos.

No enredo, diferentemente das formas literárias tradicionais como a epopeia, o romance centrou atenção em incidentes inventados ou mesmo extraídos de fatos cotidianos; ele buscou basear a sua diegese em uma narrativa próxima à experiência individual no mundo contemporâneo, por isso mesmo ele diz muito da sociedade na qual ele foi produzido.

Em oposição às narrativas míticas, subordinadas à estética dos poemas e à sua forma, a construção do romance marca não mais em verso a história a ser contada, pela prosa é que os fatos se desenrolam, conferindo ao gênero literário maior liberdade formal; às personagens,

²⁹⁸ ELIAS, Norbert. Op. Cit, p.38.

²⁹⁹ SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. Op. Cit, 2012.

³⁰⁰ DIDEROT. Apud. AUGUSTI, Valéria. Op. Cit, p.62

³⁰¹ WATT, Ian. Op. Cit, p.11.

os autores configuraram maiores singularidades, em oposição aos arquétipos das literaturas lendárias medievais e clássica - para tanto a individualização do nome, no caso de pessoas comuns, contribuiu muito para isto, pois conferia aos personagens uma identidade específica e, por extensão, o sentimento de pertença numa sociedade; o tempo e o cenário, representado pelo espaço, se revestem de significados e detalhismos especificando os personagens- o primeiro prima pela descrição das roupas, ambientes, utensílios, e o segundo, por uma relação de causa e efeito, ou por um processo mnemônico singular, isso possui todo um significado no intuito de particularizar a experiência do personagem; o narrador, espécie de demiurgo, conduz o leitor para várias conclusões e perspectivas, e num processo dialógico deixa transparecer subjetividade ³⁰².

Outro aspecto relevante é o processo de intergenericidade que ocorre no romance. Por meio dele o autor pode inserir vários gêneros textuais, práticas humanas discursivas produzidas dentro da sociedade³⁰³, na composição da narrativa. O livro-romance marco da modernidade³⁰⁴, Dom Quixote de La Mancha, em suas páginas, mistura canções, poesias, cartas; no século XVIII, muitos romances- epistolares, como Razão e Sensibilidade de Jane Austen³⁰⁵, discorriam sobre a sociedade burguesa inglesa; e na segunda metade do século XIX, Eça de Queiroz na sua obra O primo Basílio³⁰⁶ e Machado de Assis em Memórias Póstumas de Brás Cubas³⁰⁷ também se valeram desse processo de criação e maior liberdade formal do romance.

Pela intertextualidade, polifonia e intergenericidade, o plurilinguismo introduzido no romance representa vozes da enunciação. O leitor, por um processo de interação e dialogismo, interpreta e imagina a realidade com base no seu conhecimento de mundo e nas ideologias subjacentes encontradas no texto. Pelo caráter retórico do romance, conforme assinalou Bakhtin³⁰⁸, percebe-se que o texto é um ato intencional-interventor da realidade, pois a seleção daquilo que será escrito, dito ou não dito, depende de uma autonomia condicionada do

³⁰² Idem.

³⁰³ BAKHTIN, Mikhail. Op. Cit, 1997.

³⁰⁴ O chamado romance moderno começou a ser produzido por volta do século XVII, considerado um marco desse acontecimento foi o Romance piteresco Dom Quixote de Miguel de Cervantes. O romance era um gênero malvisto, cuja leitura não exigia erudição nem o domínio de convenções mais complexas como a retórica, a poética, a mitologia e o latim. O romance equivalia às telenovelas de hoje, com todo o preconceito que existe contra elas. Para saber mais ler WATT, Ian. Op. Cit, 2010.

³⁰⁵ AUSTEN, Jane. **Razão e Sensibilidade**. Trad. Therezinha Monteiro Deutsch. Rio de Janeiro: Ed. BestSeller, 2011.

³⁰⁶ QUEIRÓS, Eça de. O Primo Basílio: texto integral. 5a ed. São Paulo: Ática, 1979. (Série Bom Livro).

³⁰⁷ ASSIS, Machado. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Ed. Formar LTDA, 1980.

³⁰⁸ BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e estética: a teoria do Romance**. Trad. BERNADINI, Aurora. 4. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 1998. p.154.

escritor. A palavra condicionada, neste contexto, faz menção às relações sociais vividas ou sonhadas pelo criador da ficção, pois sendo a língua um sistema sócio-cultural formadora de subjetividades, pelo processo de interação, dialogismo,

Todas as palavras e formas que povoam a linguagem são vozes sociais e históricas, que lhe são determinadas significações concretas e que se organizam no romance em um sistema estilístico harmonioso, expressando a posição: sócio-ideológica diferenciada do autor no seio dos diferentes discursos da sua época.³⁰⁹

Esse gênero literário influenciou tanto na psique do indivíduo quanto na sua postura física frente ao livro, pois a leitura do Romance e o modo como ela era feita representavam uma forma de distinção. Norbet Elias³¹⁰ já assinala a relação da leitura com o processo de inserção do indivíduo na sociedade aristocrática desses períodos. Ora, a literatura como discurso imprime ideologias. Foucault descreveu as práticas discursivas como não puras e simplesmente formas de produção do discurso; elas estão incorporadas nos “processos técnicos, nas instituições, nos padrões de comportamento, nas formas de transmissão e difusão e em formas pedagógicas que, de uma maneira ou outra, as impõem e as mantêm”³¹¹. Esses discursos formam culturas, influenciam mentalidades, e se materializam por meio dos símbolos, e os conteúdos simbólicos possuem um importante e diverso papel ideológico com o qual se constrói afirmações conotativas e metafóricas a respeito de relações humanas em qualquer sociedade.

Certamente, o comércio no qual o livro estava inserido, sobretudo no século XVIII e XIX, impulsionou ainda mais este gênero literário³¹². Essa leitura, longe de ser, no século XIX, apenas entretenimento das classes abastadas, por meio da produção e circulação de periódicos e pela publicação dos folhetins, atingia, à época do Romantismo na Europa e no Brasil, um público leitor, talvez não em qualidade, como assinalou Saraiva³¹³, mas, certamente, comparando a épocas anteriores ao advento da imprensa, por exemplo no período dos copistas, em quantidade.

A estética Romântica está intrinsecamente ligada ao progresso econômico, político e social da burguesia, culminando com a Revolução Industrial. O crescimento da burguesia europeia é um processo que se iniciou a partir da Revolução Mercantil e tem o seu ápice na

³⁰⁹ BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Op. Cit, p.106.

³¹⁰ ELIAS, Norbert. Op. Cit, p. 38.

³¹¹FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Op. Cit, p.9.

³¹²CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**. Op. Cit, p.132.

³¹³SARAIVA, José Antonio e LOPES, Oscar. **História da Literatura Portuguesa**. Porto, Ed. Porto, 1995. p.657.

Revolução Francesa de 1789. A ascensão econômica e política desta classe, diferentemente da aristocracia, era baseada em um novo sentido de vida, na livre iniciativa, na livre concorrência e em uma maior verticalização das classes sociais. Com a Revolução Industrial, ocorre o que se pode chamar de “Revolução da Literatura”, ocasionando uma maior facilidade para se obterem textos literários, o que contribuiu muito para isso foi a invenção da imprensa e o seu aperfeiçoamento; os folhetins publicados, diariamente ou semanalmente, nos jornais, foram o estopim dessa acessibilidade.

A filosofia de vida do homem romântico foi caracterizada por aspectos contraditórios devido ao conflito insuperável entre o ideal inacessível e o real aviltante, por isso os românticos procuraram uma fuga na solidão e na morte. Em contraposição ao teocentrismo medieval e ao antropocentrismo humanista, o Romantismo penetrou em nova dimensão, cultuando o egocentrismo, que se tornaria uma marca registrada desse movimento. O gosto pelo noturno e a busca pela evasão suprema através da morte eram idealizados e almeçados; o romântico- ao experimentar o tédio, a melancolia e o desespero- tinha frequentemente como saída o suicídio, fuga deliberada e definitiva na fase do mal do século.

Essas ideias obtiveram terreno fértil por toda a Europa nos espíritos dos chamados pré-românticos e se propagou através de obras e escolas literárias por toda a Europa, exemplo: o romance Inglês do século XVII, de Swift e Sterne; Daniel Defoe, com o seu livro *Robison Crusoe*; e o movimento *Sturn und Drag*, na Alemanha, que valorizava o folclórico, o nacional e o popular, em oposição ao universalismo clássico. Com efeito, o Romantismo se consolidou junto ao público europeu em fins do século XVIII através do romance ‘Os sofrimentos do Jovem Werther’, de Goethe³¹⁴.

Esta revolução da literatura nesse período traz consigo, como primeiro efeito favorável, o surgimento de um público leitor mais numeroso e diversificado. Esses leitores eram consumistas, desta forma, os artistas livres do mecenato possuíam em suas obras uma fonte de sobrevivência e uma maior consciência de liberdade para o artista. No Brasil, por exemplo, boa parte dos nossos escritores iniciam publicações folhetinescas românticas, bem ao estilo e ao gosto da época. Se por um lado o público, apesar de mais numeroso do que nas épocas anteriores, constituiu um avanço;

[...] por outro lado, o público do Romantismo não tem grande preparação especificamente literária. Ignora as convenções e os padrões da literatura clássica (mitologia, história antiga, tópicos e figuras de tradição retórica, regra dos gêneros, etc.). Não compreende os valores literários clássicos.

³¹⁴MOISÉS, Massaud. Op. Cit, 2001. p.68.

Aprecia mais a emoção que a figura; gosta da expressão concreta imediatamente acessível, das imagens e símbolos que dão corpo bem sensível ao pensamento. Está enraizado em vivências locais e regionais: a terra, a rua, a paisagem local, o lar burguês, os objetos familiares, que já se revela na pintura holandesa do século XVII³¹⁵”.

O Romantismo se insere e se consolida na Europa, no século XVIII e XIX, não de forma limitada cronologicamente, já que as características deste movimento transpuseram fronteiras do tempo e do espaço, mas como período literário que obteve seu lugar junto ao sol, no que se refere à literatura e à expansão do romance.

No País, por causa do espaço da imprensa destinado aos folhetins, houve um maior desenvolvimento da nossa literatura Romântica. A influência dominante nesse momento não era apenas a das letras portuguesas, mas sim a da literatura europeia- inglesa, alemã e, sobretudo, francesa. Nossos modelos de romance, como literatura de massa, eram produzidos bem ao gosto dos leitores. Nesses textos não poderiam faltar as intrigas, as peripécias, o lugar comum. A boa capacidade de ação dos personagens- o romance se reveste de um caráter dinâmico marcado na narrativa pela causa e pelo efeito- dão mais movimento a narrativa e gera uma expectativa alimentada pela diegese da obra, atraindo os olhos do leitor. Escritores estrangeiros como Alexandre Dumas, Charles Dickens, Walter Scott e outros, serviram de modelos para escritores como Joaquim Manuel de Macedo, Bernardo Guimarães, José de Alencar³¹⁶.

No País, esse movimento esteve vinculado a uma busca de uma identidade brasileira, o herói nacional para isso foi o índio. O Romantismo constituiu uma das bases utilizadas para a formação da nação; o amor, neste contexto, torna a mulher quase que santificada, e pelo sacrifício dela as bases morais da sociedade seriam formadas; o individualismo, subjetivismo e o egocentrismo traduzidos no Brasil, sobretudo no período byroniano, marcou no país o que Paulo Prado³¹⁷ chamou de doença da nação, ou seja, os jovens viviam o torpor de uma idealização nacional em detrimento das verdadeiras mazelas do país. Os escritores, na Europa, buscavam paragens distantes no exotismo do oriente médio, no Brasil essa tendência muitas vezes era traduzida por nossos escritores pela busca da nossa mata e da cultura indígena, exemplo é a obra “Iracema” de José de Alencar³¹⁸.

³¹⁵ SARAIVA, José Antonio e LOPES, Oscar. Op. Cit, p.657.

³¹⁶ COSATA, Carlos Roberto. **A revista no Brasil do século XIX**. São Paulo, 2007. Tese de Doutorado (USP). p.40.

³¹⁷ PRADO, Paulo. Retrato do Brasil. In SANTIAGO, Silviano. Coordenação, seleção de livros e de prefácio. **Interpretes do Brasil**. Rio de Janeiro, Ed. Nova Aguillar, 2002. p.13.

³¹⁸ ALENCAR, José Martiniano de. **Iracema**. Rio de Janeiro, Dicapel, 1977.

A importância do Romance Romântico no Brasil como gênero literário foi fundamental: como discurso, a função moralizante e pedagógica no início do século XIX dos folhetins atingiu não apenas muitos leitores no país mas sobretudo leitoras. A personagem feminina, neste caso, seria o veículo pelo qual a moral iria ser transmitida às mulheres e à sociedade. Os perfis femininos dos personagens sofreram alterações ou coexistiram num mesmo personagem nas cidades brasileiras. Mas o que deveria surtir como efeito positivo para um pensamento androcêntrico, baseado na ciência e nas leis divinas, muitas vezes- por causa das transformações estruturais e conjunturais ocorridas na segunda metade da sociedade oitocentista- constituiu o avesso. Pois, no Realismo, como veremos, a mulher, além de transgressora, tinha a sua conduta utilizada por muitos escritores como motivo para criticar as principais instituições sociais, como a igreja e a família.

No século XIX, independente da estética literária na qual o romance no Brasil estava inserido, o fato é que ele contribuiu realmente para uma descrição, mesmo que idealizada ou não, dos costumes, modos, maneiras, espaços de sociabilidades dos setores urbanos não só abastados da sociedade mas também das camadas populares do país. Essa interpretação da sociedade existiu, pelo menos, tanto no romance de *A Moreninha*, de Joaquim Manoel de Macedo, quanto em *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Joaquim Manoel de Almeida³¹⁹ e não ficou restrita apenas a esses romances ou ao Rio de Janeiro.

Já na sua novela “romantizada”- “*A menina de Luto*”, publicada no *Jornal A América Ilustrada* em 1871, a personagem principal Suzanne era pobre e moradora, hoje, da rua da Roda, no Bairro de Santo Antônio. Na descrição de Carneiro Vilella não faltam pormenores que singularizem este espaço:

A rua da Roda é uma das mais tristes e feias do bairro de Santo Antônio. As casas baixas, velhas, sujas, de rotulas e vidraças quebradas, com calçadas, umas mais baixas do que o nível do calçamento, outras mais elevadas e formando degraus mais ou menos esburacados; a lama que nunca se acaba nem mesmo no rigor do verão; os miasmas pestilentos que se exalam de suas sargetas sempre entupidas, a vizinhança incommodada e prejudicial do quartel de polícia[...]³²⁰

Nessa perspectiva, o discurso literário incorpora valores sociais e culturais de um povo num dado momento e espaço; como documento histórico é relevante, na medida em que pelas mãos de outrem o leitor sonha lugares e interpreta a sociedade. Esses folhetins- conforme a época e a estética literária propagada- representavam muito mais do que romances de

³¹⁹ ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. São Paulo: Ática, 1991.

³²⁰ VILELLA, Carneiro. *A menina de Luto*. 3ª edição. Recife: Biblioteca da Província, 1893. p. 26. Acervo da Biblioteca Central do Estado de Pernambuco - Castelo Branco.

condutas, de ressalvas, ou de denúncias, eles informavam sobre a sociedade na qual a narrativa estava inserida.

Nessa relação dialógica entre leitor e texto através da literatura, o processo imagético deriva de uma transfiguração do real e requer uma atividade intelectual³²¹, pois:

[...] inventar a realidade é uma atividade exigente. É como completar um mosaico em que algumas peças estão faltando e outras são ilegíveis. Não há regra geral para determinar até que ponto as passagens fictícias são reconstruções legítimas, e até que ponto são pura fantasia. É claro que a liberdade de imaginar a conduta das pessoas reais que habitam um romance deve variar com o talento e a informação do escritor. Para os talentosos e bem informados, muito é permitido³²².

Essa permissão passou invariavelmente pela construção e modificação do perfil feminino na literatura através do romance. As seleções físicas, desde o estereótipo do corpo delas até a vestimenta usada pelas mulheres, ou os caracteres da construção de sua subjetividade, como a inocência ou dissimulação, foram explorados pelos nossos escritores. Essas seleções de caracteres entravam em consonância com o pensamento social a cerca da mulher e marcava tipicamente o *bello sexo*. Pelo processo via transplantação cultural, as personagens femininas no Brasil, sobretudo nos romances urbanos, acompanhavam os costumes, mentalidades, filosofias, gestos, moda dos países centrais. Foi justamente no período do Romantismo, e se estendendo também às outras estéticas literárias nos fins do século XIX no Brasil, que houve, nas principais cidades brasileiras, uma maior circulação de romances estrangeiros e locais, publicados sob forma de folhetins.

Pelos jornais havia um comércio de livros que ia desde os manuais de conduta até os romances. Na cidade do Recife, a compra e a venda desses livros eram expostas tanto pelos anúncios publicitários das livrarias quanto pelas notas particulares de alguns leitores. Essas propagandas não se circunscreviam apenas aos títulos de livros nacionais, mas também aos livros estrangeiros, sobretudo os lançados em Paris. Os jornais versavam sobre diversos tipos e matérias literárias, desde os títulos de romances publicados até a crítica literária destes. Havia toda uma preocupação em publicar o nome do livro na língua de origem, dizer o nome do autor, traduzir o título da obra e informar sobre o conteúdo do texto:

³²¹ BACHELARD, Gaston. **A poética do Espaço**. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

³²² GAY, Peter. Op. Cit, p.21.

LIVROS E AUTORES

Acabam de apparecer em Pariz as seguintes obras:

REMY DE GOURMONT - Le Livre des Masques.

Portaits Aymbolistes, Gloses ET doucuments sur lês escrivais d'hier ET d'aujourd'hui.

É uma série de estudos bastante curioso sobre escriptores e poetas de nosso tempo com trinta retratos e caricatras desenhadas com fino espírito por F. Valloton

MAURICE BOUCHOIR- Conte de Noel

É ma encantadora e poética peça em um acto e escripta em bonitos versos e que foi representada a 11 de junho de 1895, na Comedie- Francaise.

ADOLPHE JULLIEN- Le Romantisme et l'editeur Renduel.

É um estudo muito interessante em que o autor trata particularmente, com o preciso relevo, do editor Renduel que foi edctor dos debuts e dos principais romances de Victor Hugo.

CAMILLE MAUCLAIR- Les clefs d'or

É uma coleção de novellas de sonhos amorosos symbolicos, mysticos sob uma consepção ardentemente poética e n'um estilo original e delicado³²³.

A influência da literatura estrangeira no Brasil foi decisiva para a construção do perfil de mulher nos romances. Isso não significa dizer que nossas personagens fossem apenas cópias reduplicadas do que havia no exterior, pensar assim é desprezar a atuação de importantes escritores argentinos, bolivianos, chilenos, brasileiros e tantos outros que contribuíram para a formação de uma literatura latino-americana. Mas, dada a condição material e histórica do período, a maioria dos nossos folhetins, não só no Recife, mas nas principais cidades brasileiras, eram traduções de romances franceses, ingleses e se constituíam em romances prescritivos³²⁴. O certo é que os folhetins estrangeiros seriam traduzidos para a língua portuguesa, e a mulher, ainda que minoria, não ficou totalmente à margem do processo. Encontramos o anúncio de venda de um romance traduzido por uma mulher.

Figura 15: Anúncio da venda de um romance.



Fonte: *Jornal do Recife*, Recife, 3 de janeiro 1897, p.4. Acervo APEJE.

³²³ Anúncio da venda de um romance. *Jornal do Recife*, Recife, 1 de janeiro 1897, n 1, p.4. Acervo APEJE.

³²⁴ AUGUSTI, Valéria. Op. Cit, 1998. p.38.

Em busca de uma cor local, essa transplantação de modos, maneiras, costumes não se deu, no todo, de forma passiva; pela letra de muitos dos nossos escritores, nossas personagens negaram, afirmaram ou ressignificaram esse modelo de mulher importado. A preocupação com a subserviência aos modelos externos, principalmente na literatura, e uma conscientização da importância de se fazer algo mais próximo da realidade brasileira, fez o romancista, “o bruxo do Cosme Velho”, em um dos seus ensaios críticos, chamar a atenção para este fato, e incentivar uma literatura que fosse mais independente:

Reconhecendo o instinto de nacionalidade que se manifesta nas obras destes últimos tempos, conviria examinar se possuímos todas as condições e motivos históricos de uma nacionalidade literária; esta investigação (ponto de divergências entre literatos), além de superior as minhas forças, daria em resultado, levar-me longe dos limites deste escrito. Meu principal objeto é atestar o fato atual; ora, o fato é o instinto de que eu falei, o geral desejo de criar uma literatura mais independente³²⁵.

Na cidade do Recife, a produção e circulação de romances locais, apesar de restrita, como em muitas cidades brasileiras, dependiam muito dos periódicos. Estes, por sua vez, estampavam em seus jornais romances estrangeiros, sobretudo franceses, com tradução para o português. O próprio jornal noticiava o início do folhetim:

Vítima e Algozes:

O romance que hoje começamos a publicar, na oitava página, é extrahido do Jornal do Comércio do Rio de Janeiro agradando aos mais exigentes nesse gênero de literatura. Temos certeza de que será lido com interesse e que é um dos melhores do fértil romancista francez Emílio Richeboug³²⁶.

A venda dos exemplares dos periódicos era motivada pela publicação do folhetim, tanto que a seleção do romance feita pelo jornal deveria atender ao seu público e, nesse primeiro momento da nossa literatura e por muito tempo depois, o nosso romancista Carneiro Vilella, como Machado de Assis, Aluizio Azevedo, iniciaria a sua produção artística Romântica e faria, por conseguinte, romances cujos personagens seriam idealizados. O próprio Machado de Assis, no ano de 1873, em plena produção romanesca do nosso pernambucano no Recife, atesta a preferência dos consumidores pelos textos Românticos:

³²⁵ ASSIS, Machado. **Crítica Literária**. Obra Completa. Volume III. Rio de Janeiro, Ed. Nova Aguillar, 1986. p. 802.

³²⁶ Anúncio da publicação de um folhetim, **Diário de Pernambuco**, Recife, 1 de setembro 1887, n 199, p.3. Acervo APEJE..

Os nomes que principalmente seduzem a nossa mocidade são os do período Romântico; os escritores que se vão buscar para fazer comparações com os nossos- porque há aqui muito amor e essas comparações- são ainda aqueles com que o nosso espírito se educou, os Vitor Hugos, os Gautiers, os Mussets, os Gozlags, os Nervais³²⁷.

O que nos possibilita inferir essa predileção do público na cidade do Recife e o início Romântico da carreira romanesca do nosso autor são duas vertentes: num primeiro momento, o espaço ocupado pelo escritor na imprensa pernambucana; noutro, características românticas encontradas em alguns dos seus primeiros textos, como poesias³²⁸ e, como veremos, no folhetim *A menina de Luto*.

Em 1871, Carneiro Vilella foi fundador e um dos proprietários do jornal *América Ilustrada*, nele publicou no período de 1871-1875: *Noivados originais -Histórias históricas*, sua primeira novela, *A Mulher de gelo- perfil do século XIX*, *O esqueleto*, *O Amor*, *A Menina de Luto*, *Iná*³²⁹. Escreveu no seu jornal poesias em 1874 cujas temáticas eram o saudosismo, o amor, o escapismo, “tomado pelo entusiasmo romântico da época”³³⁰. Justamente, nessa fase, a partir de 1871, o autor começa a modificar o perfil da mulher nos seus romances ou amalgamar nesses perfis de mulher nuances das características do Realismo, então, posteriormente, o autor se insere definitivamente nessa estética literária. *A Menina de Luto* é uma obra cujas características podemos situá-la como novela romântica e outras que a classificamos como de inclinação Realista. Seria o que poderíamos chamar, comparando-a a outros romances desse tipo no Brasil, um romance de transição na cidade do Recife.

É curioso constatar através da pesquisa de Luiz Nascimento³³¹ que todas as outras publicações do escritor em outros periódicos que circulavam pela cidade se dão a partir de 1875(*Jornal da Tarde*) e que, em jornais tradicionais, como o *Diário de Pernambuco*, publicou a partir de 1888, mesmo consagrado como romancista, não romances, mas crônicas, *Cartas sem Arte*³³².

O Pesquisador e Crítico Literário Anco Márcio Vieira³³³, respondendo aos questionamentos de Lucilo Varejão, no prefácio d’*A Emparedada da Rua Nova*³³⁴, sobre o

³²⁷ ASSIS, Machado. **Críticas Literárias**. Op. cit, p.155.

³²⁸ LIMA, Fátima Maria Batista de. Op. Cit, p.49.

³²⁹ LIMA, Fátima Maria Batista de. Op. Cit, p.46.

³³⁰ Idem, p.49.

³³¹ Luiz Nascimento *apud* LIMA, Fátima Maria Batista de. Op. Cit, p.118.

³³² VILELLA, Carneiro (1846-1913). **Cartas sem arte**. Op. Cit.

³³³ Idem, p.7.

³³⁴ VILELLA, Joaquim Maria Carneiro. Op. Cit, 2005. Prefácio.

silêncio em torno da obra e da vida do escritor que, se não era o nosso mais importante romancista à época, seria, certamente, pelas polêmicas que gerava na imprensa e na vida pública, uma das mais conhecida personalidade do período estudado na cidade, diz que “a resposta, ou parte deste ‘enigma’, poderia ser desvendado pela leitura dessas crônicas publicada no Diário de Pernambuco”. Em outras palavras, o pesquisador se referia a o espírito inquieto, polemista, combatente, irônico, galhofeiro, do nosso pernambucano.

Devido a sua pena mordaz e ao seu estilo realista, mais definido a partir de 1875, as leituras de Vilella, sobretudo os folhetins, possuíam conteúdos “perigosos” que desnudavam a hipocrisia da sociedade da época e questionavam, por meio de suas personagens, os comportamentos femininos considerados “modelo” pela igreja, família, recolhimentos, internatos. Os conteúdos escritos por Vilella nos seus romances, para muitos conservadores do período, não eram interessantes para nossas mulheres. Possivelmente, no período anterior a 1875, nem os jornais estavam interessados nas suas argutas observações sobre a sociedade local- sobretudo através de seus romances, já nessa fase com marcas realistas- e nem alguns leitores da cidade estariam dispostos a beber com os olhos o conteúdo azedo do vinho da sinceridade que marcou o nosso romancista da província.

Ora, tanto antes quanto ainda hoje, sabe-se que, em todos os espaços sociais, em um lugar como do Recife, “conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa³³⁵”. Caso não pudesse ter publicado primeiramente no seu jornal, talvez a história seria outra, talvez como disse o poeta “o universo seria fatalmente outro” e ele como tantos outros seriam apenas “estrumes de tantas conquistas futuras³³⁶”, pois, hoje, menos do que antes, no Recife dos oitocentos- ao que parece pela biografia do autor- o local do saber e do dizer pertencia privilegiadamente aos intelectuais ou abastados dos períodos.

Essa leitura permite concluir, embasados nas fontes vindouras que, por todo o século XIX, pelo menos em Recife, o Romance, como tantos outros textos do período, passou a ser questionado, interditado e censurado.

Os nossos leitores no Brasil, diferentes dos de hoje, no Romantismo, eram escassos, eram mais restritos, sobretudo em números³³⁷, mas existiam e formavam grupos de leitura e a mulher na categoria de leitora passou a ter a sua preferência cobiçada por muitos escritores.

³³⁵ FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso**. Op. Cit, p.9.

³³⁶ PESSOA, Fernando. Op. Cit., Poema tabacaria.

³³⁷ BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1994. p.85.

Por isso a importância da imprensa para uma maior circulação e leitura dos romances e folhetins. Por meio dos periódicos, “o grande público iria sendo lentamente conquistado para a literatura(...); ler o folhetim chegou a ser hábito familiar, nos serões das províncias e mesmo da Corte, reunidos todos os da casa, permitida a presença das mulheres³³⁸”. Segundo Alfredo Bosi:

Eram moços e moças provindos das classes altas e excepcionalmente média; eram os profissionais liberais da corte ou dispersos pelas províncias: era, em fim, um tipo de leitor à procura de entretenimento, que não possuía muito bem a diferença de grau entre um Macedo e um Alencar urbano. Para esses devoradores de folhetins franceses divulgados em massa a partir 1830 e 40, uma trama rica de acidentes bastava como pedra de toque do bom romance. À medida que os nossos narradores iam aclimando a paisagem e ao meio nacional os esquemas de surpresa e de fim feliz dos modelos europeus, o mesmo público acrescia ao prazer da urdidura o do reconhecimento ou da autoidealização³³⁹.

Nas principais cidades brasileiras, o estilo de leitura acompanhava os gostos europeus, mas mesmo assim, alguns escritores locais do período que acompanhavam o estilo de narrativas dos escritores como Dumas, Dumas Filho, Standel, tiveram destaques. Carneiro Vilella foi um deles.

Mas, se considerarmos o folhetim nacional explicitamente imitador do modelo europeu, sem rebuços nem paródias, com talvez idênticas ambições de vendagem, mas provavelmente como única forma de expressão de candidatos a romancistas, pode-se dizer com aquele articulista citado por Brito Broca, que escreve em 7 de abril de 1890 em cidades do Rio ‘os esqueletos e as caveiras do paço tem fornecido assunto a nada menos do que três romances que, valha a verdade, bem poderiam ficar guardados no fundo dos tinteiros; a julgar por eles os Dumas, os Ponsos e os Motepín brasiliros ainda estão por nascer’. Mas nasceu um autor, salvou-se um esqueleto, à exceção honrosíssima fica por conta de um escritor e jornalista pernambucano Carneiro Vilella, autor de um excelente romance-folhetim. Grande, grosso e cativante como sói ao gênero: *A Emparedada da Rua Nova*³⁴⁰.

As discussões literárias nos saraus possibilitaram reuniões em que as mulheres participavam de várias formas de entretenimento, como a dança, os jogos, as conversas. Nesses espaços, conforme indica o romance romântico *A moreninha*, de Manoel Joaquim de Macedo, as mulheres representavam muitas vezes o centro das atenções e o seu comportamento era vigiado:

As moças as são como as estrelas no céu; estão no seu elemento: aqui uma, cantando suave cavatina, eleva-se vaidosa nas asas dos aplausos, por entre os quais surge, às vezes, um bravíssimo inopinado, que solta de lá da sala do jogo o parceiro que acaba

³³⁸ Sodré *apud* MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira: Das origens ao Romantismo**. Op. Cit, p.332.

³³⁹ BOSI, Alfredo. **Historia Concisa da Literatura**. Op. Cit. p.136.

³⁴⁰ Marlise Mayer *apud* LIMA, Fátima Maria Batista de. Op. Cit, p.26.

de ganhar sua partida no *écarté*, mesmo na ocasião em que a moça se espicha completamente, desafinando um sustenido³⁴¹.

Nesse espaço cultural e na produção do romance, a mulher ocupava um *topos* especial; talvez não arguindo com os seus discursos a cerca de crítica literária do texto romanesco, pois o lugar do silêncio sempre fora reservado a ela, mas certamente as suas ações, gostos, desejos, aspirações, construídas historicamente, representavam a motivação primeira de muitos autores para a produção do romance. Muitos livros eram destinados pelos escritores às leitoras, muitas imagens e representações neles estavam associadas às mulheres, muitas digressões eram destinadas a elas, muitos nomes de romances- Diva, Helena, Lucíola, Noêmia, Inah,- eram os delas. Por esses fatores recorrentes na literatura do período, percebemos que “as imagens não são neutras e no século XIX o grande público apreciador da literatura era majoritariamente formado por mulheres dos setores médios e nessas leituras elas aprendiam a se conhecer e reconhecer, a ter como ideal as personagens literárias³⁴²”. Essa circulação de folhetins existia tanto nos jornais destinados a elas quanto nos periódicos de público geral e serviam como atrativos para movimentar a venda dos jornais.

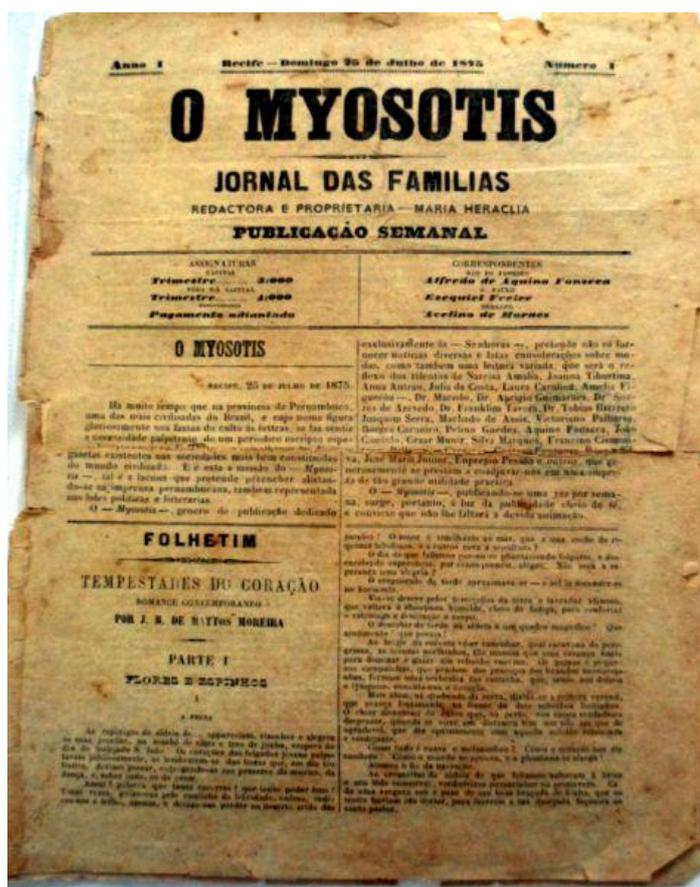
Em Recife, como forma de atrair leitoras, o periódico *Myosotis*³⁴³, da redatora e proprietária Maria Heraclia, em abril de 1875, publica o folhetim *Tempestade do Coração*, “romance contemporâneo” escrito por J. R de Matos Moreira.

³⁴¹ MACEDO, Joaquim Manoel . **A moreninha**, coleção descobrindo os clássicos. Rio de Janeiro: Record, 2000. p.66.

³⁴² TELLES, Norma. **Encantações**: escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX. Ed. São Paulo, Ed. Intermeios, 2012. p. 84

³⁴³ Segundo Luiz Nascimento: “Jornal feminino, deu a luz o primeiro numero em novembro de 910, no formato de 32x24. com quatro páginas de três boas colunas. Redatora-chefe — Guiomar de Carvalho; redatoras — Julieta de Carvalho, Julieta Santos”. Esse jornal tinha como objetivo discutir assuntos relacionados à mulher. Para saber mais vide: http://www.fundaj.gov.br/geral/200anosdaimprensa/historia_da_imprensa_v06.pdf. Acesso em 23 de dezembro de 2013.

Figura 16, publicação do folhetim Tempestades do coração



Fonte: **Jornal Myosotis**, Recife, 25 de julho 1875 n 2. p.1. Acervo APEJE.

Em muitas cidades brasileiras, percebemos que o foco da maioria dos autores eram as mulheres. Na sua trilogia chamada “perfis de mulher”, composta pelos romances *Diva*, *Lucíola* e *Senhora*, o escritor José de Alencar, ainda nas primeiras páginas de *Lucíola* e *Diva*, quando não destina, recomenda a literatura às mulheres. Em *Lucíola*, pela voz do narrador, o protagonista Paulo, conta uma história de amor entre ele e a personagem principal, Lúcia:

A senhora estranhou, na última vez que estivemos juntos, a minha excessiva indulgência pelas criaturas infelizes, que escandalizam a sociedade com a ostentação do seu luxo e extravagâncias.

Quis responder-lhe imediatamente, tanto é o apreço em que tenho o trato sutil e esquisito da mulher superior para julgar de uma questão de sentimento. Não o fiz, porque vi sentada no sofá, do outro lado do salão, sua neta, gentil menina de 16 anos, flor cândida e suave, que mal desabrocha à sombra materna. Embora não pudesse ouvir-nos, a minha história seria uma profanação na atmosfera que ela purificava com os perfumes de sua inocência; e- quem sabe?- talvez por ignorar a repercussão, o melindre de seu pudor se arrufasse unicamente com os palpites de emoções que iam acordar em minha alma³⁴⁴.

³⁴⁴ ALENCAR, José de. **Lucíola**. São Paulo: Ed. Escala, 2008. p.15.

Note que a ressalva do narrador em não permitir essa leitura às meninas mais jovens, “gentil menina de 16 anos”, pela presença da neta da interlocutora, se dá pelo fato da história se referir à vida de uma cortesã, Lúcia. Uma mulher, para o período, sexuada. Mas isso não inviabilizou, certamente, a recomendação do narrador à leitora da carta, a quem ele se dirige. Já no romance *Diva*, o mesmo narrador recomenda a leitura do romance a todas as mulheres sem distinção. “Envio-lhe outro perfil de mulher, tirado ao vivo, como o primeiro. Deste, a senhora pode sem escrúpulo, permitir a leitura à sua neta³⁴⁵”.

Em Recife, o próprio Carneiro Vilella percebia que o público destinado aos romances dele era basicamente o feminino; por isso descrever o universo da mulher era fundamental. Em muitas de suas digressões, são às mulheres a quem ele se reporta e muitas vezes com certa intimidade: “Lembro-me agora... apesar de hediondez da rua da Roda, da carunchosa velhice da casa, a leitora pode entrar sem receio porque, se chocarem-se os seus sentidos ao aspecto de pobreza,-quase miséria- que ahi reina, a sua alma, em compensação, nada terá a receiar³⁴⁶”. Esse recurso estilístico aproximava o narrador das suas leitoras e, com isso, o processo de identificação dela com a obra era um terreno propício aos devaneios e espaços ocupados por possibilidades de realizações pessoais.

Para muitas mulheres do período- num processo de catarse e a auto-identificação com os personagens- a leitura funcionava, além de entretenimento, como válvula de escape numa sociedade misógina. No dicionário Houaiss³⁴⁷, o termo “catarse” significa eliminação, purgação, liberação de emoções ou libertação de tensões reprimidas. Através dos estudos do filósofo grego Aristóteles, quando este falou da tragédia³⁴⁸, a literatura incorporou o termo. Para o pensador, na tragédia, “a ação é apresentada, não com a ajuda de uma narrativa, mas por atores. Suscitando a compaixão e o terror, a tragédia tem por efeito obter a purgação dessas emoções³⁴⁹”. Ou seja,

[...] o elo que se estabelecia entre o espectador e a acção dramática, essa participação interessada no devir dos acontecimentos, causadora de estados de endopatia, tinha uma função de cathársis, que, segundo a interpretação crítica mais corrente, se destinava a purificar o espectador das suas tendências imorais ou anti-sociais, uma

³⁴⁵ ALENCAR, José de. *Diva*. São Paulo: Ed. Escala, 2008.p.10.

³⁴⁶ VILELLA, Carneiro. *A Menina de Luto*. Op. Cit, p26.

³⁴⁷ Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Instituto Antônio Houaiss. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001

³⁴⁸ Para Aristóteles “A tragédia é vista como imitação de uma ação de carácter elevado, imitação por meio de actores e não de narrativa, quer dizer, por meio de representação e não de recitação, e que, suscitando terror e piedade, tem por efeito a purificação dessas emoções” e essa purificação é a catarse. Para saber mais vide: *A Poética*. Fonte: http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=609&Itemid=2, acesso em 15 de abril de 2013.

³⁴⁹ ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro de Sousa. São Paulo: Ed. Ars Poética,1993. p.9.

espécie de válvula de escape de forças psíquicas e cargas emocionais, que não encontram conduto próprio para se liberarem³⁵⁰.

O próprio capítulo XIV da poética se destina a discutir a cerca dos “diversos modos de produzir o terror e a compaixão”, delegando um sentido utilitário à literatura. Como o processo de catarse apenas existe num sentido dialógico, os efeitos provocados por eles podem ser muitos. Por esse processo e as transformações dos oitocentos, a mulher recebeu conteúdos simbólicos cuja função, num primeiro momento, seria a moralizadora; em momentos diferentes, libertadora.

Nas principais cidades brasileiras, algumas personalidades literárias- como o escritor Carneiro Vilella no seu livro a Emparedada da Rua Nova; José de Alencar, no romance Senhora; e Machado de Assis, no livro Memórias Póstumas de Brás Cubas- serviram-se da mulher para criticar a hipocrisia da sociedade brasileira e, ao mesmo tempo, a ‘transgressão’ deste personagem representava o indício do sinônimo de falência da instituição do casamento, dos recolhimentos religiosos, da sociedade burguesa e aristocrática.

Agora, o que permaneceu na cidade do Recife, para muitos conservadores, é que esses discursos literários, independentemente de quais épocas circularam na cidade, possuíam textos cujos conteúdos ideológicos eram perigosos, pois possibilitavam as muitas mulheres uma fuga de realidades impostas, eles delegariam a elas, pelo devaneio, as chaves de um calabouço no qual o espírito fitava realidades não vividas e apenas sonhadas.

3.2. A MULHER DE GELO- Perfil do século XIX: A contradição como elemento constitutivo da formação da personagem feminina nos romances.

Foi a literatura Romântica que iniciou no romance a formação do perfil das personagens femininas. A importância dessa estética literária- no Brasil e na América Latina- reside no fato de os romances românticos disseminarem uma literatura nacional pedagogizante que funcionava como norma de conduta e prescrição não apenas para os leitores, mas sobretudo leitoras. Para o projeto de nação baseado no ideal da civilização, esse tipo de romance caiu como uma luva. A literatura serviria ‘como alma da pátria’ conforme

³⁵⁰ COELHO, Jacinto do Prado. **Dicionário da Literatura**. Porto: Ed. Figueirinha, 1985. p.112.

afirmou José de Alencar na sua pergunta retórica: "A literatura nacional que outra coisa é senão a alma da pátria?"³⁵¹

Nesta perspectiva, o romance nacionalista deveria fundar e expressar a nação. Ele representava o espaço propício encontrado, por muitos intelectuais e escritores para fortalecer o espírito de unidade cultural e territorial do país. Por isso a importância para o nosso romancista do Império de fazer, por meio do romance, um painel histórico, cultural e geográfico do país³⁵². Como instrumento pedagógico aos nossos patrícios nessa época, o romance serviu para a formação, num país "recém-liberto", de uma identidade nacional cujos aspectos deveriam ser positivos³⁵³.

A figura da mulher nesses romances não ficou imune a esses propósitos; para cada estética literária, ou especificidades dela, os perfis de mulheres ora se alternavam, ora se excluíam, ora se amalgamavam. Os romances de fundação e de cunho nacionalista do Romantismo, por exemplo, propunham um modelo de mulher-mãe, virtuoso, honrado e, o mais importante, fiel. A alegoria do casamento fortalecia esse ideal de construção de nação e superava as idiossincrasias; essa tendência povoaria toda a América Latina³⁵⁴. História e Literatura, num processo simbiótico, atestavam as conveniências das relações amorosas e alianças políticas nos países latino-americanos.

Estou me referindo aqui a dados que especificamente dizem respeito à Argentina, ao Chile, ao México e a América Central, e que indicam um padrão para outros países também. Se as uniões por amor em *Amália*(1851), unindo o interior agrário à cidade portuária comercial, e em *Martins Rivas*(1862), em que os interesses chilenos na mineração se casam com o comércio na capital, ou no mexicano *El Zarco*(1888), sobre o amor incondicional de uma mestiça por um herói indígena, são indícios de exatidão histórica, porque eles coincidem com dados sobre alianças regionais, diversificação econômica e coalizões de raça, outros romances também podem revelar algo sobre o projeto – e também sobre o processo- de consolidação burguesa através de casamentos literais e figurados³⁵⁵.

Um dos nossos mais importantes romances de fundação no Brasil foi *Iracema*, do deputado e escritor José de Alencar. A própria designação do nome **IRACEMA** é o anagrama

³⁵¹ Prefácio do livro *Sonhos D'ouro* de Alencar, fonte: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/sonhosdoro.html>

³⁵² Os romances de José de Alencar se dividem em: Romances urbanos: *Cinco minutos* (1860); *A viuvinha* (1860); *Lucíola* (1862); *Diva* (1864); *A pata da gazela* (1870); *Sonhos d'ouro* (1870); *Senhora* (1875); *Encarnação* (1877). Romances históricos e indianistas: *O Guarani* (1870); *Iracema* (1875); *As Minas de prata* (1865); *Alfarrábios* (1873); *A guerra dos mascates* (1873); *Ubirajara* (1874). Romances regionalistas: *O gaúcho* (1870); *O tronco do Ipê* (1871); *Til* (1872); *O sertanejo* (1876).

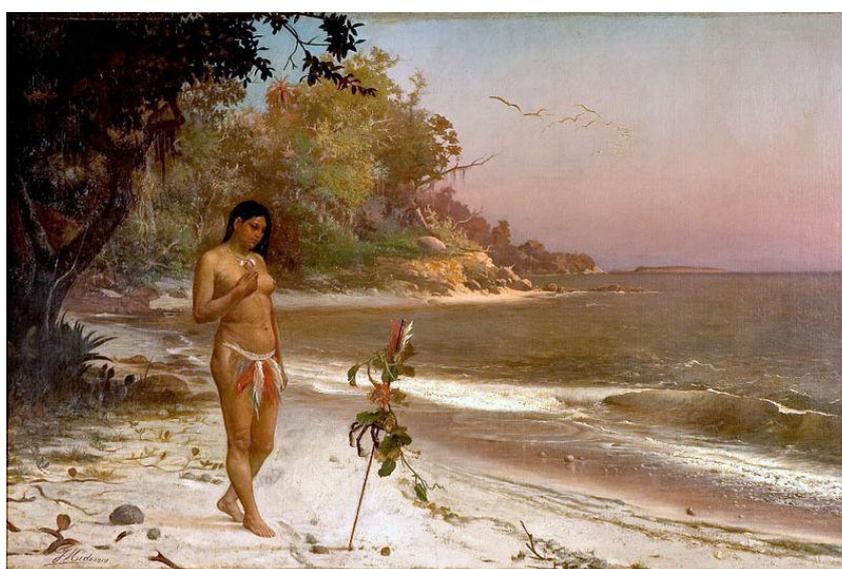
³⁵³ ALENCAR, José de. **Como e porque sou romancista**. Introdução de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Coleção Academia Brasileira, 1897.

³⁵⁴ SOMMER, Doris. **Ficções de fundações**: os romances nacionais na América Latina. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004. p.34.

³⁵⁵ Idem.

da palavra AMÉRICA. Essa mulher- extensão da mata grandiloquente brasileira³⁵⁶ - num processo metafórico que imbrica o personagem e a natureza- representa o início da formação da nação e do povo americano. Ela, sacerdotisa consagrada ao ritual da jurema, se perde de amor pelo branco Martin; numa espécie de especulação metafísica e carnal, a princesa das selvas e o guerreiro branco copulam na taba do pai da índia, Araquém. Pelos laços do amor, um traço fundamental nesses e em tantos romances de fundação no Brasil, a noção de civilidade é transmitida aos aborígenes pelos brancos europeus.

Figura 17: Iracema, 1884. Óleo sobre tela. José Maria de Medeiros.



Fonte: http://contextoshistoricos.blogspot.com.br/2012_06_01_archive.html. Acesso em 10 de janeiro de 2014.

Seria pela força da imaginação, sonhos, devaneios, e o mais importante, pelo amor que a definição do caráter da pátria seria formado. Observe que as representações imagéticas e as ideologias latentes escritas nesses romances românticos veiculados pelas representações da mulher na sociedade produziram permanências, continuidades, alijando muitas possibilidades de questionamentos da condição de subordinação de muitas mulheres do período. Como nos afirma Chartier a relação de representação é assim confundida pela ação de imaginação, ou

³⁵⁶ Recurso bastante utilizado pelos escritores indianistas do romantismo brasileiro, a comparação mental entre a mata grandiloquente e o personagem heroico fundamentava e reforçava o processo da construção da nação. Observe que no livro *Iracema*, os atributos físicos e morais da heroína coexistem com os elementos da natureza: “Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema. Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado. Mais rápida que a corça selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara”. Cf. ALENCAR, José de. *Iracema*. Op cit. 2002.p. 9.

seja, “essa parte dominante do homem, essa mestra do erro e da falsidade”, que faz tornar o logro pela verdade, que ostenta os signos visíveis como provas de uma realidade que não é”³⁵⁷. O legado de civilização era representado pelo casamento ou pelas relações amorosas entre as personagens heroicas do Romantismo; esse encontro de raças seria apenas mais umas das formas pelas quais a cultura europeia se esmiuçaria na sociedade colonial e Imperial do país. Era pela “força do amor” que o local ocupado pela mulher deveria ser o espaço do silêncio, sacrifício, resignação, fidelidade e cumplicidade.

No que tange os romances urbanos, a mulher ocuparia o mesmo papel. A diferença seria o cenário onde o sacrifício dela seria realizado. Os Romances, ambientados agora na corte e nos principais centros burgueses do país, existiriam como aliado para o ideal de civilização e progresso. Seu conteúdo e sua temática se apoiavam em mais uma vez em três lemas: Deus, Pátria e Família. Respectivamente eles representariam: a moral da igreja, a formação do instinto de nacionalidade, e a consolidação da instituição do casamento. Um dos veículos utilizados para tal seria o romance; o instrumento desse tripé ideológico na sociedade, a mulher.

A crítica abaixo de José Veríssimo situa o romance *A Moreninha* como produto de consumo literário da época com função moralizante. Observe que o local da moral e da família tinha como anfitriã e zeladora a mulher, pois o pesquisador restringe o folhetim a elas e ressalta a ideologia que imperava nas classes intermediárias e abastardas, situando os discursos contidos nesses tipos de textos como ‘morais’ e de ‘família’.

Cuidando aumentar-lhes o interesse, e acaso também fazê-los mais literários, carrega o autor no romanesco, exagera a sentimentalidade até à pieguice, filosofa banalidades a faltar e moraliza impertinentemente. São romances morais, de família; leitura para senhoras e senhoritas de uma sociedade que deles próprios se verifica inocente, pelo menos sem malícia, e que, salvo os retoques do romanesco, essas novelas parecem retratar fielmente. A sua filosofia é trivial, otimista e satisfeita, conforme o espírito da época romanceada. A sua moral tradicional nos povos cristãos, sem dúvidas, nem conflitos de consciência, a moral de catecismo para uso vulgar. Nem a prejudica o abuso de namoro, ou alguns casos de amor romanesco, pois tudo não aponta se não ao casamento e acaba invariavelmente nele, para completa satisfação dos bons costumes³⁵⁸.

Os perfis femininos do período do Romantismo no Brasil, salvo exceções, foram tão previsíveis quanto o desenrolar das ações romanescas desse período literário. No dizer de Antônio Cândido, as personagens, sobretudo as femininas, “são tipos humanos rasos

³⁵⁷ CHARTIER, Roger. Op. Cit, 1991, p.22.

³⁵⁸ VERÍSSIMO *apud* AUGUSTI, Valéria. Op. Cit, p. 88. Grifo nosso.

psicologicamente, desprovidos de surpresas³⁵⁹”. Um romance burguês por excelência e que representa, no Brasil, a estética e temática das novelas românticas da Europa é *A Moreninha* de Joaquim Manoel de Macedo, publicado em 1844. Percebemos que esse romance era destinado basicamente à figura feminina e reunia em si situações que foram vivenciadas por muitas mulheres das classes ricas e intermediárias do período. No Brasil, nessa época, a descrição da mulher se revela demasiadamente idealizada, voltada para uma tez clássica - seguindo ainda as convenções setecentistas- ou aproximando a mulher da cor local, ou ainda era-lhe atribuído o status de românticas³⁶⁰:

Uma jovem de dezessete anos, pálida... romântica e, portanto, sublime; uma outra, loura... de olhos azuis... faces cor-de-rosa... e... não sei que mais: enfim, clássica e por isso bela. Por último uma terceira de quatorze anos... moreninha, que, ou seja, romântica ou clássica, prosaica ou poética, ingênua ou misteriosa, há de, por força, ser interessante, travessa e engraçada; e por consequência qualquer das três, ou todas ao mesmo tempo, muito capazes de fazer de minha alma peteca, de meu coração pitorra!³⁶¹

A descrição detalhada da figura da mulher por Carneiro Vilela, em alguns de seus romances, como a *Menina de Luto*, não fugiria à regra propalada pelos escritores Românticos do Brasil, sobretudo os da cidade do Rio de Janeiro. A descrição do ambiente e das personagens não seria menos romantizada:

De feições fisionômicas de uma regularidade grega, no oval perfeito do rosto, na grossura tumida dos lábios, nos rasgados amendoados dos olhos brilhante e úmidos, no arfar do seio casto e voluptuoso... Em tudo em fim transpareciam da menina de luto uma graça e um encanto, que obrigavam os olhares a se fixarem n’ela, e o coração a suspirarem n’um anelo involuntário. Vendo-a allí, tão isolada no seu dó, tão romântica na sua palidez, tão feiticeira na sua formosura, um poeta enlouqueceria de amores e far-lhe hia poemas.³⁶²

Se pelos manuais injuntivos, no âmbito privado, o perfil feminino ideal era imposto e moldado, os salões, saraus e os teatros seriam os locais públicos onde o resultado dessa pedagogia moralizante seria confirmado. Além dos estereótipos, os espaços frequentados por ela denunciariam quem era essa mulher, qual modelo se deveria esperar. O romance de Macedo revela o espaço da heroína e quais segmentos sociais participariam desses locais:

E o mais é que nós estamos num sarau. Inúmeros batéis conduziram da Corte para a ilha de... senhoras e senhores, recomendáveis por caráter e qualidades; alegre,

³⁵⁹ CANDIDO. Antônio. **Formação da literatura brasileira**. Op. Cit, p. 533.

³⁶⁰ MOISÉS. Massaud. **Das origens ao Romantismo**. Op. Cit, p.31.

³⁶¹ MACEDO, Joaquim Manoel. **A Moreninha**. Op. Cit, p.6.

³⁶² VILELLA. Carneiro. **A Menina de Luto**. Op. Cit, p. 4.

numerosa e escolhida sociedade enche a grande casa, que brilha e mostra em toda a parte borbulhar o prazer e o bom gosto. Entre todas essas elegantes e agradáveis moças, que com aturado empenho se esforçam por ver qual delas vence em graça, encantos e donaires, certo que sobrepuja a travessa Moreninha, princesa daquela festa³⁶³.

Tanto em Recife quanto em outras cidades brasileiras, esses espaços não representariam apenas formas de sociabilidades culturais em ascensão na cidade, mas aproximava o espaço público do privado. Os detalhes desses ambientes, ou até mesmo outros espaços públicos em Recife, como os teatros Santa Isabel, Santo Antônio, Apolo, marcavam um modo de vestir, falar, andar e, como assinalou o historiador Sandro Vasconcelos, um modo afrancesado de ser. A visibilidade da mulher seria mais recorrente, o processo de transplantação era notado e a sua prática imaginada pelas letras dos escritores locais. Muitas vezes, nesses ambientes, as relações amorosas e de interesses eram iniciadas tanto na literatura quanto na sociedade:

A ida ao teatro proporcionava ao público feminino oportunidade de exibir figurinos com a última moda parisiense, cortes de cabelos e as jóias recentemente adquiridas. Durante os intervalos desfilavam mirando-se nos formidáveis espelhos, nesse ambiente público interiorizado o flerte criou um intricado conjunto de códigos e símbolos usados numa comunicação silenciosa e discreta³⁶⁴.

Por isso tão importante quanto descrever a personagem romântica era também detalhar o espaço no qual ela estaria inserida. Já no início da trama da *Menina de Luto*, Carneiro Vilella tem a consciência disto e ambientaliza o leitor no teatro para inferir as qualidades morais da personagem Malvina. Note que a mulher se conserva calada, misteriosa, educada, civilizada e, o mais importante para os folhetins da época na cidade, possuía uma áurea romântica:

Quem houvesse ido ao teatro de Santo Antônio, em noite de 24 de abril de 1874, e tivesse com o binóculo assestado, percorrido a florescente e encantadora galeria de moças que soia e recolher e reunir o *grêmio dramático* em seus espetáculos, não deixaria de reparar numa pálida romântica menina que, no meio de todas *toillettes* mais ou menos luxuosas, se destacava pela cor negra e triste de suas vestes³⁶⁵.

Se a mulher nesta estética literária do Romantismo cumpria um papel educado, civilizado, resignado, previsível, imposto pela sociedade misógina da época, por que, então, o romance ainda seria, nesse período, criticado e condenado por dirigentes e personalidades

³⁶³ MACEDO, Joaquim Manoel. Op. Cit, p.67.

³⁶⁴ SILVA, Sandro Vasconcelos da. Op. Cit, p.104.

³⁶⁵ VILELLA. Carneiro. *A Menina de Luto*. Op. Cit, p. 4.

públicas no Brasil, inclusive na cidade do Recife? Ora, a literatura é um meio não convencional pelo qual a linguagem é transmitida, sabendo que esta está presente no seio das atividades pertinentes aos homens, por extensão, aquela é produzida a partir de relações humanas; como tal, a literatura conserva em si dicotomias, ambiguidades, ironias, metáforas, enfim, tropos literários, que pela sua natureza e matéria básica- a palavra- possibilita reflexões, inquietações, surpresas, complicações.

As imagens suscitadas pelas palavras nos romances fazem com que o leitor tome parte do mundo da imaginação do sujeito, seja seu cúmplice. É justamente no momento exato, por exemplo, de uma simples leitura, que o receptor da imagem torna-se parte da coisa imaginada, enraíza-se no sonho do escritor, toma esta imagem por coisa própria, veem nela algo novo que o expressa.

Nas sociedades, sabe-se que a palavra é um importante instrumento de rebeldia contra uma ordem ditatorial estabelecida. O escritor, quando subverte a linguagem, situa a vida numa esfera do possível. Incorporadora de valores sociais, calcada em normas, convenções, quando reestruturada, metaforizada, encontra entraves, resistências. “Fonte de prazer e de medo, essa substância impessoal é um recurso poderoso para a existência humana, mas significa também um dos seus primeiros limites³⁶⁶”.

Mesmo que coubesse ao gênero literário romance cumprir uma função moralizante e pedagógica, por isso ele serviu de aliado ao projeto de civilização, ele acompanhou as transformações mentais de uma sociedade; sua leitura poderia surtir efeitos adversos pretendidos pelos setores mais conservadores da época, ou mais ainda, possibilitar em “espíritos sensíveis” o desejo e a esperança de uma vida sonhada e não vivida. Ainda que a ideologia Romântica da figura da mulher simbolicamente servisse a um propósito misógino, pautado no silêncio, honra, resignação, civilização e entrega, pelo enlevo da literatura a mulher poderia através do processo de “purgação ou terror” sonhar o conto de fadas. Pois, na relação física entre o leitor e o livro, “a leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. Segundo a bela imagem de Michel de Certeau, o leitor é um caçador que percorre terras alheias³⁶⁷”. Caminhar por essas paragens poderia ser perigoso, por isso limitar os sonhos, interditar a fantasia, impor a mulher a aceitar e a se acostumar com realidade imposta a ela era o melhor a fazer.

Os ataques aos romances em Recife existiram desde a recusa da própria estrutura da obra quanto à temática e personagens neles abordados. As interdições às leituras estão

³⁶⁶ SEVCENKO, Nicolau. Op. Cit, p. 19.

³⁶⁷ CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**. Op. Cit, p.77.

presentes em todos os períodos literários aqui discutidos. O padre Carapuceiro, em 1843, um ano antes da publicação d'A Moreninha, época em que o Romantismo no Brasil estava em expansão, no seu artigo “A instrução das nossas meninas nos colégios” já aconselhava as senhoras diretoras de colégios e senhores pais ou responsáveis a não leitura das novelas:

Se algumas ingerências tivesse nos colégios estabelecidos em Pernambuco, eu recomendaria às senhoras Diretoras, não consentisse as suas educandas a perniciosíssima leitura de novelas, porque para dizer de uma vez tudo a quem bem me entende, nenhuma necessidade há de ensinar ao gato o caminho da despensa. Não faltará quem já me estranhe o muito que embirro com as tais novelas; mas não sou eu só, todos os moralistas as reprovam e entendem que são prejudiciais, mormente ao bello sexo no verdor dos anos. A Senhora Campan, cuja obra a respeito de educação de meninas é tida por clássica, assim se exprime a esse respeito: “Na idade em que o juízo ainda não está formado, em que as primeiras ideias são excitadas por sensações vagas, releva preservar escrupulosamente as meninas da leitura de novelas. Estas obras tem o perigo de abalar o coração e o espírito por sentimentos nascidos do poder do amor, por inclinações contrariadas e por sucessos imaginários que o talento do autor envolve de uma verossimilhança enganosa. A necessidade de produzir grandes efeitos força os novelistas a exagerar a pintura dos vícios e das virtudes, estas produções, comparáveis a uma falsa carta de geografia, descarreiam em vez de guiar os primeiros passos de uma menina. Dirá alguém que novelas há, cuja moral é tão pura que podem ser lidas sem perigo, pois que nela os vícios é sempre punido, a virtude recompensada, e vêm-se nobres e belos caracteres; mas são sofísticos todos os argumentos que se produzem em favor de tais leituras, porque nesses livros nunca é banido o amor, neles todos os amantes correspondidos são belos, são cavalheiros sinceros e fieis. Tão sedutora pintura fere a imaginação de uma menina, e desde logo ela entra a procurar no mundo a quimérica imagem dos heróis cujas aventuras tem lido e se (o que muitas vezes acontece) o marido que lhes fora destinado não lhe oferece semelhanças com essa imagem querida, também muitas vezes acontece que a moça casada tem a desgraça de a procurar ainda .³⁶⁸

Como os discursos do padre Lopes de Gama situam-se no campo da argumentação, os seus textos eram artigos de opinião publicados quase que semanalmente nos periódicos do Recife e versavam sobre questões políticas, sociais, culturais. Observe que o moralista inicia o texto pela condicional “Se”, remetendo para o futuro, através do verbo “recomendar”, a sua prescrição. Essa forma discursiva atenua as condicionais proferidas pelo padre, pois, como se trata de um texto imperativo, seria melhor para ele situar as palavras no campo do desejo, das possibilidades. Em seguida, ele destina o texto às diretoras das escolas, deixa transparecer as relações entre educação e literatura, tão debatidas nos oitocentos. A educação moral das meninas deveria circunscrever não apenas aos lares mas também às instituições de ensino. A leitura destinada à figura feminina pelo artigo do padre deveria ser cuidadosamente escolhida, e as novelas não seriam- ainda que versassem sobre questões como honra, amor, sacrifício e

³⁶⁸ QUINTAS, Amaro. **O Padre Lopes Gama**: Um analista político do século passado. Recife: Ed. Universitária, 1975. p.65. Grifo nosso.

entrega das mulheres- destinadas a elas. O Carapuceiro alegou que as leituras das novelas são “perniciosíssimas”, então por um processo metafórico, constrói a imagem do gato na despensa: “nenhuma necessidade há de ensinar ao gato o caminho da despensa”. Esse recurso de se valer da imagem fomenta e marca o perigo das leituras, sobretudo nas mais “tenras idades”.

Pelo texto do Padre, pode-se inferir, ainda, que essas leituras eram práticas comuns na sociedade recifense no período em que o artigo foi escrito. O que nos autoriza a pensar assim é que em outros textos dele³⁶⁹, os quais versam sobre tópicos referentes às mulheres- por exemplo, a dança e os bailes- ele não se vale extensamente do discurso explícito da autoridade polifônica. Caso intrigante é como a voz autorizada de outrem fundamenta os argumentos do padre, até mesmo quando questiona a estrutura do romance, e aponta o perigo que existia nas novelas; não só pelas suas temáticas, mas também pela forma como elas chegavam às mulheres, “o talento do autor envolve de uma verossimilhança enganosa. A necessidade de produzir grandes efeitos força os novelistas a exagerar a pintura dos vícios e das virtudes” das mulheres nessa sociedade oitocentista.

O princípio da intertextualidade nesse caso, corroborado pela autoridade polifônica de Madame Campan³⁷⁰, reforça a prescrição. O porquê dele não usar apenas a sua voz neste tópico, como fez em todo o restante do artigo, deve estar intimamente relacionado ao poder e prática das leituras das novelas na sociedade. Pela voz de outrem, ele comprova os argumentos do parágrafo acima. Mesmo no período literário do Romantismo, essas leituras nascidas do “poder do amor” poderiam, como se verá no período de transição do Romantismo para o Realismo, minar interesses sociais e econômicos, sacramentados pelos casamentos de conveniências. Quando afirma que as leitoras, muitas vezes, buscam no marido a representação dos heróis encontrados nesses tipos de romances- e quando não o encontram e se deparam com a realidade, elas ainda buscam encontrá-lo - o padre coloca em xeque o poder das novelas. Nesse ponto, algo que se tornou marca registrada do Realismo, o adultério, é colocado em pauta pelo Carapuceiro via Madame Campan. Mesmo pela metonímia do casamento, dentro dessas obras, o texto literário poderia suscitar nas mulheres um desejo de insubordinação, de transgressão. Exatamente por causa dessa prática cultural, no ponto de

³⁶⁹ Os textos aqui consultados foram do livro, MELO, José Antônio Gonçalves. **Diário de Pernambuco: Economia e Sociedade no Segundo Reinado**. Recife: Ed. Da UFPE, 1996, seleta de textos que foram publicados no jornal Diário de Pernambuco nos anos de 1840 a 1845. Pela pesquisa, confirmamos que em nenhum deles as autoridades polifônicas utilizadas pelo padre foram tão extensas e enfáticas quanto a do artigo acima analisado.

³⁷⁰ Jeanne-Louise-Henriette Genet, conhecida como Madame Campan, nasceu em 1752 e faleceu em 1822. Foi preceptora das filhas de Luís XV. É autora do tratado *De l'éducation des femmes* (1824).

“articulação entre o mundo do texto e o mundo do sujeito coloca-se necessariamente uma teoria da leitura capaz de compreender a apropriação dos discursos, isto é, a maneira como estes afetam o leitor e o conduzem a uma norma de compreensão de si próprio e do mundo³⁷¹”. Por isso o romance, ainda no início do século XIX, era demonizado e censurado.

Gilberto Freyre já assinalava, ainda na sociedade oitocentista, o medo pelo qual o clérigo passava em relação às mulheres, e mostrava que desse “perigo”(leitura) para a sociedade comungavam outros intelectuais da cidade. Eles percebiam e temiam a lenta transformação das mulheres na sociedade e o seu apego à leitura:

Essa dona de casa ortodoxamente patriarcal, o padre Lopes Gama não se conformava que, nos princípios do século XIX, estivesse sendo substituída nos sobrados e até em algumas casas-grandes de engenho, por um tipo de mulher menos servil e mais mundano; acordando tarde por ter ido ao teatro ou a algum baile; lendo romance; olhando a rua da janela ou da varanda; levando duas horas no toucador “a preparar a charola da cabeça, outras tantas horas no piano, estudando a lição de música; e ainda outras, na lição de francês ou na dança. Muito menos devoção religiosa do que antigamente. Menos confessionário. Menos conversas com as mucamas. Menos história da corochinha contada pela negra velha. E mais romance³⁷².

A justificativa para esse receio, sobretudo em relação à prática adúltera e ao exercício da leitura dos romances, é simples: não se pode esquecer que, desde o período colonial, as mulheres viveram sob os velhos costumes herdados de Portugal e disseminados pela Igreja, que ressaltavam um modelo idealizado pelos homens para o comportamento delas. Seriam elas virtuosas, honestas, honradas, discretas, obedientes e submissas, este era o tipo de mulher ideal para contrair matrimônio. Esse discurso transplantado para o Brasil definiu a mulher como frágil, com limitada capacidade intelectual e ser inferior; a historiadora Suely Almeida diz que:

Os homens sabem que as mulheres não são incapazes, é isso que assusta e é disso que se deve prevenir o homem [...] Assim, o que admoestava no sentido de tratá-las com cautela, pondo limites nos espaços possíveis para que exercitassem suas habilidades. O projeto esboçado por autores de obras portuguesas que tratava de casamento, comportamento feminino, informa que se deve mantê-las em uma ignorância verdadeira ou simulada, a bem de um entendimento conjugal e da preservação do poder e orgulho masculino, concluindo que, depois de avaliados os prós e os contras, a melhor educação para a mulher são a almofada e o bastido³⁷³.

Nesse contexto, a literatura deveria ser mais um veículo de ideologia das elites, pois não se pode esquecer que o casamento representava um importante valor burguês a ser

³⁷¹ CHARTIER, Roger. Op.Cit, 1991,24.

³⁷² FREYRE, G. Op. Cit, 1981. p.821.

³⁷³ ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro de. Op. Cit, p.90.

considerado como projeto de vida feliz³⁷⁴; pautado, sempre, na felicidade, união, bênção de Deus, procriação, e, o mais importante, interesse de propriedade. Então os perfis de mulheres retratados deveriam apenas se prestar a uma moral sexual monogâmica e com finalidade procriativa, contribuindo para a consecução do progresso e de civilidade social almejado pelas elites, pela Igreja e pelos poderes públicos locais, daí porque chamaram os folhetins românticos de Romances prescritivos ou de conduta³⁷⁵.

No romance moderno, a figura da mulher variou conforme as mudanças de mentalidades. Seria difícil, por exemplo, mesmo o país sofrendo influências externas, diante das adversidades do contexto histórico e cultural do Brasil no século do Romantismo europeu, querer que José de Alencar³⁷⁶ e outros escritores românticos se posicionassem diferentemente da postura literária que tiveram na construção do perfil social feminino. Mesmo havendo, em alguns momentos, por parte dele e de outros escritores, rupturas com o modelo proposto para a época, como o Romance Senhora³⁷⁷, a maioria dos autores reproduziram muitos discursos misóginos.

Mas isso não invalida a importância da trilogia chamada perfis femininos do escritor José de Alencar para se discutir questões de gênero no Brasil e na cidade do Recife. As obras, *Diva*, *Lucíola* e *Senhora*- as últimas principalmente- indicam uma modificação nas ações e subjetividades das mulheres dos oitocentos, tanto na sociedade quanto na literatura. Em Recife, a circulação dessas obras, escritas na capital do país, também existiu. O fato de José de Alencar restringir esses perfis de mulher na sociedade do Rio de Janeiro não minimiza a influência do autor na nossa cidade.

O que marca de sobremodo obras desse tipo de texto é a ambiguidade do perfil dessas mulheres. São personagens dilaceradas entre o desejo de liberdade e a função moral que lhes foi confiada pelo afã de civilização. Elas representam um período dos romances na literatura,

³⁷⁴MOISÉS. Massad. Op. Cit, 2009.

³⁷⁵VALÉRIA. Augusti. Op. Cit, 1998.

³⁷⁶José de Alencar é considerado por muitos críticos literários o maior romancista do Romantismo brasileiro, bem como um dos maiores escritores de nossa literatura. Abrangeu em sua obra todo um perfil da cultura brasileira, na busca de uma identidade nacional que transcorresse o seus aspectos sociais, geográficos e temáticos, numa linguagem mais brasileira, tropical. Para saber mais vide: MOISÉS, Massad. **Das origens ao Romantismo**. Op. Cit, 2001, p.15.

³⁷⁷Senhora é uma das últimas obras escritas por José de Alencar. Ele explora a temática do casamento como forma de ascensão social, dando início a uma discussão sobre certos valores e comportamentos da sociedade carioca da segunda metade do século XIX. Mesmo ainda presa ao modelo narrativo romântico, no qual o amor é visto como o único meio de redimir todos os males, “Senhora” apresenta alguns elementos inovadores, que prenunciam a grande renovação realista, tais como: a vigorosa crítica à futilidade comportamental e à fragilidade dos valores burgueses resultantes do capitalismo brasileiro emergente e certo grau de introspecção psicológica. A personagem feminina é caracterizada pela transgressão e comportamentos, num primeiro momento da narrativa folhetinesca, que destoam do modelo de mulher proposto pela sociedade. Para saber mais ver: SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. Op. Cit.

décadas de sessenta e setenta, que Antônio Cândido³⁷⁸ chamará de Romance de passagem. Neles, a mulher, sobretudo em *Lucíola* e *Senhora*, pelo menos num primeiro momento da narrativa, estão num plano de igualdade com o homem.

Nesses romances, o escritor José de Alencar, difuso pelos outros livros, se contém mais visivelmente em *Senhora* e, sobretudo, *Lucíola*, únicos livros que a mulher e o homem se defrontam num plano de igualdade, dotados de peso específico e capazes daquele amadurecimento interior inexistente nos outros bonecos e bonecas³⁷⁹.

Bem ao gosto da *Dama das Camélias* de Dumas Filho, cuja leitura inspirou no romancista Alencar a narrativa da obra, ao ponto do epíteto de camélias serem dada às prostitutas³⁸⁰, a metanarrativa já no início do texto permeia o romance *Lucíola* e busca cumprir uma função moralizante. Isso ocorre exatamente no momento em que Lúcia está lendo o livro do francês, ou quando, pelas palavras do narrador, Paulo, ele não prescreve a leitura do livro *Lucíola* a mulheres jovens. Essa recomendação estava intimamente ligada ao tabu existente na sociedade quando o assunto era a sexualidade. Perceba que pelo processo de transplantação cultural- sobretudo dos romances Franceses- pela alteridade, o escritor marcou nos trópicos um outro perfil de prostituta e discorreu sobre as transformações econômica, política e sociais do Rio de Janeiro do Oitocentos:

O tema serviu-lhe para apreender um dos muitos aspectos da transformação que se operava no centro do Brasil. Naquele Rio de Janeiro que, entre 1840 e 80, convivia com a força do capital comercial e suas primeiras investidas nos rumos da indústria, com a expansão e consolidação do sistema bancário, com as primeiras sociedades econômicas e financeiras, a medida monetária pipocava em diferentes lugares e com múltiplas aparências³⁸¹.

Lucíola é a mulher sexuada cujos homens são subordinados a ela pelo desejo deles em se comprazer do seu corpo. Nas relações de gênero, encontradas no romance, cabia a ela o papel de mando e de destaque. Na sociedade oitocentista da cidade Rio de Janeiro, diferentemente da prostituta a quem jogam pedras, ela é senhora de suas ações, é, se não tolerada, pelo menos respeitada pelos homens por sua condição financeira: ela era uma

³⁷⁸ CANDIDO. Antônio. **Formação da literatura brasileira**. Op. Cit, p.540.

³⁷⁹ Idem.

³⁸⁰ Na nota número 12 do livro *A emparedada da Rua Nova*, o editor confirma a influência desse livro no Brasil e na cidade do Recife, *Camélias* seriam 'prostitutas'. Exemplo de influência francesa na linguagem popular do Recife do século passado, no caso, reminiscências da heroína de Dumas Filho: a '*Dama das Camélias*'. Para saber mais ver: VILELLA, Joaquim Maria Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova**. Op. Cit, p.85.

³⁸¹ De Marco **apud** MOREIRA, Gracielen Rodrigues. **Representações femininas e identidade nacional: Uma leitura alegórica de *Lucíola* e *Senhora*, de José de Alencar**. Dissertação de mestrado em Letras. , Montes Claros: 2012. P. 14.

prostituta de luxo. “A prostituição estimulada pelo mercado de consumo em expansão e transformada ela mesma em uma indústria altamente lucrativa, correspondia à figura da prostituta ‘francesa’ grande medo e fascinação no imaginário social³⁸²”. Na narrativa, Lucíola é essa prostituta que usa roupas à moda francesa e ocupa os melhores camarotes do teatro, “ aí está Lúcia, disse Cunha na Segunda ordem, quarto camarote depois de vésper³⁸³”.

Em muitas passagens do texto, a personagem afirma sentir prazer e, concomitantemente, se pune pelo fato do corpo responder aos desejos dos sentidos; situação contrária a moral monogâmica, assexuada e maternal do período. A bacante, marcada por uma dupla personalidade, tinha a plena consciência de suas vontades, mas, nem por isso, recuava. Essa consciência de suas ações, pautada em atos volitivos, é o que marca o perfil da personagem:

Eis a minha vida. O que se passava em mim é difícil de compreender, e mais difícil de confessar. Eu tinha-me vendido a todos os caprichos e extravagâncias; deixara-me arrastar ao mais profundo abismo da depravação; contudo, quando entrava em mim, na solidão de minha vida íntima, sentia que eu não era uma cortesã como aquelas que me cercavam. Os homens que se chamavam meus amantes valiam menos para mim do que um animal; às vezes tinha-lhes ¹asco e nojo. Ficaram gravados no meu coração certos germes de virtude... Essa palavra é uma profanação nos meus lábios, mas não sei outra. Havia no meu coração germes de virtude, que eu não podia arrancar e que ainda nos excessos do vício não me deixavam cometer uma ação vil. Vendia-me, mas francamente e de boa-fé; aceitava a prodigalidade do rico; nunca a ruína e a miséria de uma família. Aquele esquecimento profundo, aquela alheação absoluta do espírito, que eu sentira da primeira vez, continuou sempre. Era a tal ponto que depois não me lembrava de coisa alguma; fazia-se como que uma interrupção, um vácuo na minha vida. No momento em que uma palavra me chamava ao meu papel, insensivelmente, pela força do hábito, eu me esquivava, separava-me de mim mesma, e fugia deixando no meu lugar outra mulher, a cortesã sem pudor e sem consciência, que eu desprezava, como uma coisa ²sórdida e abjeta. Mas horrível era quando nos braços de um homem este corpo sem alma despertava pelos sentidos. Oh! Ninguém pode imaginar! Queria resistir e não podia! Queria matar-me trucidando a carne rebelde! Tinha instintos de fera! Era uma ³raiva e desespero, que me davam ímpetos de estrangular o meu algoz. Passado esse suplício restava uma vaga sensação de dor e um rancor profundo pelo ente miserável que me arrancara o prazer das entranhas convulsas! 384

O ‘Mas’, operador argumentativo, fecha o discurso atestando a sexualidade da personagem e ao mesmo tempo expõe para o leitor(a) a luta moral interna da cortesã. A exposição da sexualidade da mulher deveria se restringir à alcova, nunca em espaços sociais públicos. A mulher que assim agisse seria conhecida analogicamente como um ser satânico,

³⁸² RAGO, Margareth. Op. Cit, p. 98.

³⁸³ ALENCAR, José de. **Lucíola**. Op. Cit, p.30.

³⁸⁴ ALENCAR, José de. **Lucíola**. Op. Cit, p.111. Grifo nosso.

bacante, prostituta. Como afirmou a filósofa Hana Arendt³⁸⁵, o privado seria o reino da necessidade, enquanto o público, o reino da liberdade. Ora, ao longo da história, o privado representaria o espaço destinado às mulheres; a rua, aos homens. A prostituta é um personagem social da rua, portanto, passível de liberdade. Pejorativamente, hoje, percebemos isso nos duplos sentidos da própria palavra *público* quando esta é destinada a ambos os sexos. A “Mulher pública” é a de “vida fácil”, a “rameira”, a “prostituta”; o “Homem Público” é o administrador, o político, a personalidade cuja ação social relevante se inscreve na esfera pública.

Esse perfil de mulher era avançado para a época, sabemos que o local do prazer era destinado ao homem, aquelas que sentissem o desejo sexual teriam como local a exclusão. Motivados pelos manuais médicos do período, o preconceito, a perseguição e a intolerância em relação às prostitutas no século XIX nos mostra essa realidade³⁸⁶. Para que essas heroínas dos romances angariassem leitoras condoídas e complacentes, por muito tempo- na literatura, inclusive no período estudado- como nos fala Margareth Rago, a prostituição fora coberta de uma áurea romantizada, a palavra de ordem eram vitimizar essas mulheres. O enredo sempre possui uma jovem pobre que por dificuldades financeiras acaba sendo iludida e aliciada por homens mais velhos; depois da desonra, expulsa do convívio moral da sociedade, como não vê outra alternativa, acaba se enveredando pelos caminhos da prostituição³⁸⁷. Com *Lucíola* não foi diferente.

Na narrativa, percebemos que a personagem possui muitos atributos sociais destinados, no período, aos homens. A nossa cortesã era educada, civilizada, culta, em muitas situações na obra fazia apenas o que seu espírito livre desejasse.

Às vezes lia para ela ouvir algum romance, ou a Bíblia, que era o seu livro favorito. Lúcia conservava de tempos passados o hábito da leitura e do estudo; raro era o dia em que não se distraía uma hora pelo menos com o primeiro livro que lhe caía nas mãos. Dessas leituras rápidas e sem método provinha a profusão de noções variadas e imperfeitos que ela adquirira e se revelavam na sua conversação³⁸⁸.

O episódio da bacante- em que dança nua, mesmo com a presença do amado Paulo, em cima de uma mesa a pedido dos clientes- é um exemplo do perfil autônomo da personagem. Essa passagem é curiosa pelo fato da personagem ressaltar duas coisas: a

³⁸⁵ ARENDT, Hannah. **A condição humana**; tradução de Roberto Raposo, posfácio de Celso Lafer. 10ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2009. p.39.

³⁸⁶ RAGO, Margareth. Op. Cit, p.145.

³⁸⁷ Idem. 142.

³⁸⁸ ALENCAR, José de. **Lucíola**. Op. Cit, p.48.

primeira, a sensualidade da mulher, incitando o desejo em todos os presentes; segundo, a ambiguidade da personagem. Ela seria um anjo caído, ela fora chamada por um dos homens que estavam ao redor da mesa de Lúcifer, o portador da luz. Esse jogo com as palavras, Lúcia e Lúcifer, situa a mulher no campo celeste, pois ela é anjo e, ao mesmo tempo na esfera mundana, Lucíola é a prostituta. A relação antagônica também se estabelece no campo da religião cristã e no paganismo. O anjo, celeste, divinal, puro, como caiu, torna-se agora uma bacante, promíscua, sensual.

Lúcia saltava sobre a mesa. Arrancando uma palma em um dos jarros de flores, trançou-as no cabelo, coroando-se de verbena, com as virgens gregas. Depois, agitando as longas tranças negras, que se enroscaram quais serpes vivas, retraindo os rins num requebro sensual, arqueou os braços e começou a imitar uma a uma as lascivas pinturas mas a imitar com a posição, com o gesto, com a sensação do gozo voluptuoso que lhe estremecia o corpo, com a voz que expirava no flébil suspiro e no beijo soluçante, com a palavra trêmula que borbulhava dos lábios no delíquio do êxtase amoroso³⁸⁹.

Pelo corpo, nossa personagem marca uma subjetividade autônoma, imperativa, cheia de sensualidade, e é pelo mesmo corpo, fonte do pecado e da insubordinação, através do seu convalescimento, que essa autonomia se desfaz³⁹⁰. Essa foi a solução encontrada por José de Alencar e por muitos escritores do período, inclusive Carneiro Vilella, para que a moral burguesa saísse triunfante. Por morte natural- não mais Lucíola, mas sim Maria da Glória, seu nome de batismo- morre com o fruto proibido no ventre, gerado pelo amor impossível, numa sociedade androcêntrica, entre uma prostituta e um estudante de medicina.

O que separa os amantes não é a condição financeira deles, eles representam a classe burguesa; o que os separa é a condição moral, posta na obra como pilar de ponte invisível entre Lúcia e Paulo. É importante ressaltar que a saída de Lucíola da vida prostituída, mesmo influenciada por amor a Paulo, constituiu um ato de vontade da personagem. Existe aqui a defesa de uma altivez da personagem. A escolha de viver o seu amor- ainda que por pouco tempo e num cenário reservado- representa não apenas largar a prostituição, mas também afrontar a sociedade da época. Ou seja, ela mudou a sua história e a sua identidade, agora seria a antiga Maria da Glória e não Lúcia, a prostituta. A mulher na obra marca, apesar dos intempéries da vida- simbolizados pela morte- uma autonomia e altivez que encontraríamos nos romances realistas, por exemplo, de Machado de Assis.

³⁸⁹ *Ibidem*, p.46.

³⁹⁰ GOMES, yvison. **Psicanálise e literatura**: O corpo e o feminino na obra Lucíola de José de Alencar. *Psicanálise & Barroco em revista* v.7, n.1: 14-30, jul.2009. p.25.

O que está em pauta nesse romance como em tantos outros de José de Alencar é a questão do casamento. O casamento civil e indissolúvel era, de acordo com nossa elite letrada, predominante entre os povos cultos e, por isso, integrava o grande esforço civilizador do século. Como o casamento era o elemento primeiro da formação da pátria, a prostituta deveria ser eliminada, pois a sua condição moral e sexual ia de encontro aos projetos de civilização e formação da nação, por isso os discursos higienistas da época situavam a prostituição como um atentado à moral, à família, e, por extensão, à pátria³⁹¹.

Em *Senhora*, de José de Alencar, a temática também privilegia as relações matrimoniais. O livro busca mostrar a hipocrisia social que existe nas relações privadas de um casal. O posicionamento, pelo menos num primeiro momento da narrativa, do escritor questionava a função do casamento legítimo como elemento primordial para a formação da Nação.

Fortificar a família, cercá-la de todo respeito, dar-lhe toda a liberdade em sua constituição, velar constantemente pelos seus direitos, é o meio mais fácil de tornar forte uma nação [...]. Enfraquecida a família, afrouxados os laços que a prendem, esquecidos os deveres que a ligam, a nação mais poderosa cairá em enervamento, o passado mais glorioso será esquecido, os deveres mais imperiosos do cidadão serão completamente relaxados³⁹².

Pelo texto acima, o casamento arranjado, farsa das relações íntimas no espaço público, não deveria ser estimulado. A dissimulação dos personagens, sobretudo de Aurélia, era perigosa na sociedade, posteriormente esse comportamento seria uma marca que definiria importantes personagens femininos do realismo, como Virgília no livro de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

Nas noites e salões cariocas, o casal cumpre papéis pré-estabelecidos, representam a família burguesa pautada na felicidade conjugal. Porém, no ambiente privado, as relações são opostas³⁹³. A compra do marido pela mulher coloca em questão a ideia romântica da aliança conjugal cujo fito seria a formação da família, a solidificação da moral cristã e, por extensão, a formação da pátria. O dote pago por ela ao protagonista Fernando Seixas representa um casamento feito por interesses econômicos e sociais. As próprias partes do romance sugerem a relação contratual da união: o preço, a quitação, a posse, o resgate³⁹⁴. O que motiva o enlace, num primeiro momento da obra, pela heroína, é o desejo de vingança. Quando pobre, Aurélia fora preterida por seixas devido ao dote oferecido a ele por Adelaide, sua rival. Como

³⁹¹ Idem.

³⁹² Taunay *apud* VERONA, Elisa Maria. **Uma Instituição útil e necessária**. São Paulo, 2011. Tese de Doutorado da Universidade Estadual Paulista. São Paulo: UNESP, p.16.

³⁹³ MOREIRA, Gracielen Rodrigues. Op. Cit, p.92.

³⁹⁴ CANDIDO. Antônio. **Literatura e sociedade**. Op. Cit,...

de costume, a menina pobre, por herança de um parente distante, herda toda a riqueza do avô. Então, ela dá início a sua desforra.

Mas, mais do que isso, a obra questiona o papel do homem numa sociedade capitalista, pois no Romance Senhora a mulher também se sobressai pela altivez, inteligência, autonomia e poder de mando³⁹⁵. Ela será a detentora do capital, aquela que, mesmo pelo entrave jurídico do período- imperativo que subordinava as mulheres de menoridade e o seu dinheiro a um representante masculino, delegando uma procuração ao seu tutor, o tio Lemos- ela detém o dinheiro numa sociedade capitalista cuja figura masculina representa o senhor do comércio, o provedor do lar. Isso vai de encontro a toda uma relação jurídica e social de subserviência da mulher. No seu livro, O Segundo Sexo, Simone de Beauvoir situa, na sociedade capitalista, o local da mulher e do homem:

A mesma causa que assegurara à mulher sua autoridade anterior dentro da casa, seu confinamento nos trabalhos domésticos, essa mesma causa assegurava agora a preponderância do homem. O trabalho doméstico da mulher desaparecia, então, ao lado do trabalho produtivo do homem; o segundo era tudo, o primeiro um anexo insignificante". O direito paterno substituiu-se então ao direito materno; a transmissão da propriedade faz-se de pai a filho e não mais da mulher a seu clã. É o aparecimento da família patriarcal baseada na propriedade privada. Nessa família a mulher é oprimida³⁹⁶.

Mesmo que a maioria das cenas do romance se resume ao ambiente privado, a casa de Aurélia, como assinalou a historiadora Ana Carolina Eiras³⁹⁷, as atitudes da personagem são as da esfera pública. Como Lúcia, a protagonista também tinha uma educação esmerada, mas diferentemente da outra, sempre teve “facilidades com números”, mesmo o irmão sendo o empregado como caixeiro de corretor de fundos, trabalho do comércio, era Aurélia que, para “alívio” dele, fazia todos os seus trabalhos:

Chegava a casa com sua tábua de câmbios, o preço corrente, a cotação da praça e as notas que lhe havia dado o corretor. Sentava-se à mesa; preparava o tinteiro e o papel, mas não havia meio de começar. Seu espírito embrulhava-se por tal modo na meada, que não atava nem desatava. Ao cabo chorava de raiva. Corria então Aurélia a consolá-lo. Sabia ela já a causa daquele pranto, cuja explicação uma vez lhe arrancara à força de carinho e meiguice. Tirava-o do desespero, animava-o a tentar a operação, e para sustentar-lhe os esforços ia auxiliando-lhe a memória e dirigindo o cálculo. A natureza dotara Aurélia com a inteligência viva e brilhante da mulher de talento, que se não atinge ao vigoroso raciocínio do homem, tem a preciosa ductilidade de prestar-se a todos os assuntos, por mais diversos que sejam. O que o irmão não conseguira em meses de prática, foi para ela estudo de uma semana. Desde então, o caixeiro que ia à praça receber as ordens do patrão e levar-lhe os

³⁹⁵ MOREIRA, Gracielen Rodrigues. Op. Cit, p.75.

³⁹⁶ BEAUVOIR, Simone de. Op. Cit, p.74.

³⁹⁷ SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. Op. Cit, p.112.

recados, era o Emílio, mas o corretor que fazia todos os cálculos e operações, ou arranjava o preço corrente, era Aurélia. Assim poupava a menina um desgosto ao irmão, e o mantinha no emprego a tanto custo arranjado³⁹⁸.

Era por meio desse *saber* que a protagonista punha a seus pés a vontade masculina, tanto o seu tutor Lemos quanto Fernando Seixas. Eles, depois de comprados, subordinavam-se a ela. Por ocasião do pedido dela para a compra do marido ao seu tio, quando ela ainda era incapaz juridicamente, mesmo o tutor informando-lhe que pelas leis não poderia dispor da quantia oferecida como dote, a personagem munida de conhecimento jurídico afirma que poderia dispor de sua herança quando completasse 19 anos e destituir a tutela do tio, e, para enfatizar o seu conhecimento em finanças, acima do normal para a maioria das mulheres do período, diz: “sei o dividendo das apólices, a taxa do juro, as cotações da praça, sei que faço uma conta de prêmios compostos com a justeza e exatidão de uma tábua de câmbio³⁹⁹”. Portanto, ela se mostra resolutiva e irredutível. Ao marido, a todo instante, ela lembrava-lhe que no seu castelo ele representava o vassalo de suas vontades. Para frequentar os espaços de sociabilidades com a mulher, mesmo contra a sua vontade, nada diria. “Seixas nada opôs. Era seu dever acompanhar a mulher quando esta quisesse sair, e ele estava resolvido a cumprir escrupulosamente todas as obrigações⁴⁰⁰”.

Comparando a personagem feminina com o homem, seu irmão, percebe-se que o espírito dela é engenhoso, inteligente e ativo. Nesse processo de alteridade, Aurélia assume, mesmo que às escondidas no ambiente privado, o perfil do homem capitalista moderno. Em todo o romance percebemos que as personagens masculinas são ofuscadas frente ao poder de decisão da heroína. Apesar de qualidades românticas, se traçarmos uma breve análise do perfil do herói da narrativa, Fernando Seixas, encontraremos características negativas que destoam das de Aurélia. Primeiro Fernando Seixas é um caça-dotes contumaz, vende-se aquela que mais tivesse lhe pago; segundo, apesar de possuir um emprego modesto, não comprava “o pão com o suor do seu rosto”, vivia de rendas, juros retirados da caderneta de poupança, destinadas a ele pela sua mãe e irmã; terceiro, irresponsavelmente, vivia todos os prazeres que o luxo e a vida boêmia e burguesa, sob pena de sua mãe e irmã, poderiam lhe dar; por último, apesar da condicional romântica de cobrir o dote da irmã, não teve coragem suficiente de viver o seu amor por Aurélia.

³⁹⁸ ³⁹⁸ ALENCAR, José. **Senhora**. Coleção grandes mestres da literatura. São Paulo: ed. Escala. p.75. Grifo nosso.

³⁹⁹Idem. p.24.

⁴⁰⁰Idem. p.138.

Diferentemente da protagonista, a honra, altivez e o imperativo do personagem masculino são atributos angariados ao longo da narrativa. A sua liberdade foi vendida e comprada por ele. No final do texto, as relações financeiras também persistem e por elas, além do tálamo conjugal, o sacramento do casamento também seria consumado. Por um golpe de sorte, velhas ações que ele tinha comprado, mais as suas economias e o restante do dote pago por Aurélia, o desobriga do compromisso do casamento. Percebe-se que, numa sociedade misógina, o papel de homem honrado e independente financeiramente precisava ser reestabelecido. A busca da liberdade decorre da falta de amor que ele julga Aurélia ter por ele, mas não menos do desejo de acabar com a farsa na qual ele estava inserido.

Essas características da personagem por si só situaria o Romance de Alencar na estética realista. A questão é que, como em *Lucíola*, os valores tradicionais falariam mais altos. A instituição do matrimônio precisaria ser salva. No Romance, a inversão dos papéis entre homens e mulheres situou a personagem feminina numa posição de submissão frente ao marido. Ele agora seria o senhor cuja vassala seria Aurélia. Pois, no final da narrativa, a concretude do matrimônio é efetivada mediante a apresentação de um documento-testamento, escrito no dia do casamento pela heroína, nele ela constitui como seu herdeiro universal o marido. Ora, a validade do casamento religioso depende basicamente do tálamo conjugal. Até então Aurélia e Fernando Seixas não estavam casados legitimamente. Perceba que, pela concretização do casamento, a situação caótica para a época, representada pelas inversões de papéis entre os homens e as mulheres, seria restabelecida. O matrimônio representaria o cosmos, seria o elemento redentor de toda a desordem que pudesse haver na sociedade e na família.

Solução simples e urgente para o nosso romancista do império. Esse desfecho na obra se dá pelo fato de, para a época, a personagem Aurélia possuir muitos “atributos masculinos”. Mesmo por força do amor, a decisão da inversão de papéis numa sociedade pautada na dominação masculina ficou ao cargo da mulher. A atitude de Aurélia não representou completamente a sua subordinação ao marido, pois não foi por um agente externo que os papéis sociais se inverteram, mas por um ato volitivo da mulher.

Pelo visto, esses modelos femininos não deveriam ser seguidos. Aurélia era perigosa demais para o período, ainda mais em uma sociedade onde o modelo colonial atribuía ao pai poder de mando. Em Recife, no ano de 1880, *O Beijo Flor*, o mesmo jornal que execrava a emancipação da mulher, na sua segunda edição, percebe que a mudança do perfil da mulher na literatura já se fazia sentir, então as ressalvas e recomendações para que “alguns livros”

não fossem lidos pelas senhoras e, sobretudo senhoritas. Estas prescrições se faziam necessárias para a permanência do pensamento misógino, pois pela leitura do romance, a semente da emancipação da mulher poderia se tornar realidade.

Eis-me, leitora, em sérios embaraços para dizer-vos certas verdades temendo attrahir vosso desagrado. Mas não; sois naturalmente boas e generosas e por isso creio que, si ao ler essas verdades sentirdes antipathia por mim, à quem não conheceis e que tanto vos quer e considera, tornar-vois, hei em seguida minhas amigas. A reflexão apparecendo fallará por mim mostrando-vos as boas intenções que nutro à vosso respeito. E, crede, foram essas boas intenções, minha amável leitora, que me dictaram a escolha do assumpto de que hora me occupo.

Com grande pezar vejo que vos entregaes à leitura de romances que, em vez de instruir-vos, de dar-vos lição de san moral, exemplos de proveito, vos exaltam a imaginação e vos estragam a alma influindo poderosamente sobre o vosso physico por isso que vos deixaes dominar pelo exagero dos lances, que se existiram foi tão somente na exaltada imaginação dos seus autores.

Ledes, entre outros os romances de A. Dumas, Os Mohicanos de Pariz, por exemplo, e o vosso systema nervoso fica extremamente abalado perante a descripção do fim trágico de Carmelita. Lede A Senhora de Alencar e supponde-vos capaz de imitar Aurélia. E será uma felicidade se isso não passar de suposição.

Era bom que os vossos pais, os vossos irmãos vos tirassem das mãos esses livros perigosos e desse-vos a ler páginas verdadeiras, isenta d'essas creações phantasticas. E o resultado dessa leitura seria grandemente vantajoso. A influencia que porventura Ella podesse executar sobre o vosso organismo seria benéfica.

Assim, leitora, ouvi meu conselho. Abandonae a leitura d'aquelles romances. Lede antes algumas páginas de J.Verner, J. Diniz mesmo e sobre tudo buscae para vos instruir o romance inglez, serio, moralizador, e ao mesmo tempo instructivo.

Sois esposa talvez mãe de família e comprehendeis que de males acarretam esses falsos prejuízos e horríveis preconceitos que adqueris com a leitura d'esses romances que condemno⁴⁰¹.

Pelo discurso, o início se aproxima ao de tantos outros do período que era contra a emancipação feminina ou contra a leitura dos romances. Sempre ressaltando, por atenuantes, o receio de “embaraçar” as leitoras ou “desagradá-las”. São discursos “desinteressados” e que “apenas” buscam “advertir” e “aconselhar” as mulheres, são discursos cheios de “boas intenções”. Após o imperativo destinado a elas de não lerem romances, na lista da redatora encontra-se Senhora, de José de Alencar. Pelas análises feitas neste trabalho duas coisas são confirmadas: o poder de transgressão que os romances poderiam suscitar nas leitoras e a clarividência de que a mulher dos setecentos, ou mesma a do início dos oitocentos, destoaria muito das mulheres do período estudado.

Imitar Aurélia na sociedade recifense da época seria o mesmo que questionar o poder do homem e os valores do casamento. Essa mulher ativa, voluntariosa, vingativa, decidida, constituía um perigo para a nossa sociedade. Como forma de enfatizar o poder que o homem exercia sobre a mulher, a redatora supplica a eles, “pais”, “irmãos”, que a ajudem nesta

⁴⁰¹ **O Beija flor**, 10 de julho de 1880, n 2, p.4. Grifo nosso. Acervo APEJE.

empreiteira. Diferentemente do Padre Lopes Gama, pelo menos a redatora sugere leituras de cunho moralista, como as de Júlio Diniz e J. Verner.

A literatura do nosso romancista Carneiro Vilela também participa desse período de passagem a que se refere Antônio Cândido. A ambiguidade que marca algumas personagens alencarianas, homens ou mulheres, aqui discutidas, também está presente em nosso escritor. Só não podemos dar ao livro dele o status de romance Realista, porque os personagens buscam, pelo amor, se redimir das suas faltas. Mas o folhetim *A Menina de Luto*, já na sua descrição da Rua da Roda⁴⁰², ainda que o autor em outras passagens romantize a pobreza, ele pinta com as cores fortes do Realismo o cenário da protagonista; outro aspecto que o aproxima dessa estética literária é a “maculação” do corpo de Suzzana, antes do casamento, a perda da “honra”.

O perfil psicológico do Herói da Narrativa, Conrado, é duvidoso. Vilella nesse romance se vale de práticas comuns⁴⁰³ na cidade para traçar o perfil ambíguo do herói, o perfil moral do sedutor, o do Dom Ruan. Esse recurso é algo recorrente nos seus romances. Apesar do tom de moralidade encontrado no texto, os hábitos de Conrado se assemelham ao do outro personagem da *Emparedada*, Leandro Dantas. A diferença é que este não possui escrúpulos morais e arrependimento, aquele, ao logo do texto, tal qual Fernando Seixas, sente remoço dos seus atos para com Suzanna:

Há, em nossa sociedade, que se diz civilizada, uma tendência pronunciadíssima para o canibalismo e o vício. No meio dessas ruas apinhadas de elegantes cheios de luxo, que se acotovellam continuamente, encontram-se selvagens de casaca e luva de pelica; selvagens Moraes que, não podendo cevar na matéria os seus instintos de antropofágicos, vão procurar a alma para n'ella e com Ella cometerem toda casta de selvagerias⁴⁰⁴.

O romance é filho das transformações ocorridas nos oitocentos, por isso não se pode desprezar o caráter dinâmico deste gênero literário e o *estilo de época* no qual ele está inserido. Em fins do século XIX, com o Romance do Realismo, existe uma sensível mudança de perfil das personagens femininas. Grandes nomes de protagonistas como Virgília, de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Capitu, de *Dom Casmurro*, Clotilde, da *Emparedada* da Rua Nova, começam a desfilar no imaginário da sociedade da época, não só em cidades do

⁴⁰² Vide a referência n 304.

⁴⁰³ Segundo a historiadora Emília Vasconcelos, na segunda metade dos oitocentos, os crimes sexuais ocorridos na cidade do Recife eram constantemente noticiados nos principais jornais do Recife, conforme a pesquisadora, a intenção do jornal teria uma dupla função moralizante: angariar a repulsa social, para não permitir que os crimes ficassem impunes; e prescreve de condutas femininas. Para saber mais: SANTOS, Maria Emília Vasconcelos. **“Moças honradas” ou “Meninas perdidas”**. Op. Cit.,..

⁴⁰⁴ VILELLA, Carneiro. **A menina de Luto**. Op. Cit, p. 33.

Rio de Janeiro, pelas mãos de Machado de Assis⁴⁰⁵, mas também pelos nossos escritores, como Carneiro Vilella⁴⁰⁶.

A estética do Realismo é um movimento artístico que se manifesta na segunda metade do século XIX. Caracteriza-se por uma abordagem objetiva da realidade e pelo interesse por temas sociais. O Realismo representa uma reação ao subjetivismo Romântico; os temas possuíam como características: a reprodução da realidade observada; a objetividade no compromisso com a verdade; personagens baseadas em indivíduos comuns; lei da causalidade; linguagem de fácil entendimento; contemporaneidade e a preocupação em mostrar personagens nos aspectos mais reais⁴⁰⁷.

Se no Romantismo o casamento era a pedra filosofal da formação do Estado; no Realismo, sua dissolução seria o adultério. Os principais romances desse período literário versaram sobre a infidelidade, pois essa literatura tinha como um dos objetivos minar os valores burgueses, o primeiro escolhido foi o casamento. Ressonadas pelo período colonial, além das restrições sociais e psíquicas impostas às mulheres pela sociedade, estava também a sexual, pois o que predominava ainda nesse período era uma forte ideologia dominante cujo discurso buscava a todo o custo preservar o casamento, e por oposição minimizar a sexualidade feminina.

Então um caminho para consolidar esse pensamento foi era a fidelidade conjugal tão ovacionada pelo Romantismo, fazendo do adultério, um tabu, ato criminoso, vergonhoso. O adultério, que não era convencional, mas largamente praticado em todas as épocas do país, passou, nessa fase da literatura, ser feito por personagens femininas dissimuladas. As protagonistas não se acomodaram passivamente às regras socialmente impostas, estas adotaram transgressões múltiplas. Suas motivações são descritas através de um forte perfil psicológico, no qual não faltam descrições de teor científicista, tão em voga à época como o

⁴⁰⁵ Joaquim Maria Machado de Assis (1839- 1908), escritor brasileiro, amplamente considerado como o maior nome da literatura nacional, é considerado o pai do Realismo no Brasil. Considerado uma ilha estética, ou seja, escreveu em praticamente todos os gêneros literários. Foi poeta, romancista, cronista, dramaturgo, contista, folhetinista, jornalista e crítico literário Testemunhou a mudança política no país quando a República substituiu o Império e foi um grande comentador e relator dos eventos político-sociais de sua época. Para maiores informações Vide: CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis Historiador**. Op. Cit.,..

⁴⁰⁶ Os Romances conhecidos na literatura como Romances Pré-realistas ou romances que despontam uma modificação do perfil da mulher são os que foram publicados nestas décadas: *Lucíola*, em 1862; *Senhora*, em 1875; ainda bem antes(1852), a novela picaresca de Manoel Antônio de Almeida, *Memória de um Sargento de Milícias*, considerada uma antecipação do Realismo quanto ao aspecto da narrativa; e em 1881, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis e *O mulato*, de Aluísio Azevedo Para saber mais consultar MOISÉS, Massaud. **Das origens ao Romantismo**. Op. Cit, ... Convém lembrar que essas datas são meramente didáticas, pois, em algumas cidades, como Recife, Carneiro Vilella já publicara no jornal *América Ilustrada*, nos anos de 1871, a sua novela *A Menina de Luto* que, pela descrição dos personagens e ambientes, ora se aproxima do Romantismo, ora se aproxima do Realismo.

⁴⁰⁷ MOISÉS. Massaud. **Realismo e Simbolismo**. Op. Cit, p.15.

Determinismo de Tane e o Positivismo de Conte. Em oposição às ideologias românticas, o Romance deveria deixar de ser uma fabulação idílica, egocêntrica, para ser experimental:

O romance experimental[...] é simplesmente o processo verbal da experiência, que o romancista repete sob os olhos do público. Em suma, toda a operação consiste em tomar os fatos da natureza, e a seguir estudar-lhes o mecanismo, que age sobre eles pelas modificações das circunstâncias e dos meios, sem jamais se afastar das leis da natureza. No fim, processa-se o conhecimento científico, na sua ação individual e social⁴⁰⁸.

Nesta estética literária, sobretudo na figura do escritor Machado de Assis, a mulher ocupa um *topos* especial quando ele demanda a ela características psicológicas como astúcia, dissimulação, altivez, desejo e transgressão. Ou seja, essas personagens apresentam definitivamente o perfil feminino não-convencional das suas antecessoras: Aurélia e Lucíola. Só que as personagens realistas dão forma, molde a essas mulheres. Como nos mostra Ribeiro:

As mulheres de papel Virgília, Sofia e Capitu refinaram os traços das primeiras heroínas e compactuaram relacionamentos nada convencionais. Diante do conservadorismo, o retrato do poder privado. Aparentemente submissas, são profundamente vaidosas e ambiciosas. Oblíquas e dissimuladas puderam atender ao público de gazetilhas e infundir questões filosóficas. O olhar do narrador, quando concentrado nessas figuras, enxergava os mecanismos de funcionamento da sociedade, como as mais fortes venciam e alcançavam seus objetivos e como muitas mulheres tinham a exata medida do lócus social da cada indivíduo⁴⁰⁹.

Em Recife a escola literária do Realismo também se fez sentir, aos poucos, o gosto literário ia se modificando, mais cúmplice ao estilo das transformações ocorridas no fim dos oitocentos. “Os Rogon-Macquart, Madame Bovary, os contos de Maupassant, e já nas letras patricias, O Cortiço, A Casa de Pensão, A Carne iam substituindo o velho interesse por Alencar, Macedo, Bernardo Guimarães, ou pelos versos de Cassimiro de Abreu e Gonçalves Dias⁴¹⁰”. Mario Sete adverte que os livros “Primo Basílio e O Crime do Padre Amaro, de Eça de Queiroz, apesar de serem os mais cobiçados pelos adolescentes, encontravam-nos mais escondidos, se não os obtinham em empréstimos para saboreá-los, trancados no quarto⁴¹¹”.

Cumpriu a Carneiro Vilella o papel de retratar a nossa realidade, as relações sociais por ele são vistas de forma ampla. Nos seus textos, o imaginário é povoado por um Recife de

⁴⁰⁸ Emile Zola *apud* MOISÉS. Massaud. **Realismo e Simbolismo**. Op. Cit, p. 16.

⁴⁰⁹ RIBEIRO *apud* SILVA, Augusto Rodrigues. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**: Virgília redescoberta. Terra roxa e outras terras. Revista de Estudos Literários. Vol. 13, Out. 2008, p. 1-85. p.28. Fonte: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa> Acesso em 12 de novembro de 2013.

⁴¹⁰ SETTE, Mario. Op. Cit, p.335.

⁴¹¹ SETTE, Mario. Op. Cit, p.339.

uma burguesia incipiente, autoridades públicas corruptas, em especial a polícia, e descrições de espaços consagrados ao povo e a burguesia aristocrata. As personagens femininas do escritor, sobretudo no livro *A Emparedada da Rua Nova*, conservam em si características semelhantes aos perfis de mulher da estética do Realismo no Brasil. Por esse motivo, uma breve discussão literária dos personagens femininos de outros escritores realistas não se faz necessária, pois a análise desses perfis no livro *A Emparedada da Rua Nova* é um dos objetivos desse trabalho. Como haverá muitas citações extensas do livro do autor na próxima parte do texto, optamos em colocar ao lado de cada uma delas apenas o número da página; outras expressões de Vilella, menores, nos ajudarão a compor essa parte do texto, e por isso também estarão aspeadas, mas, diferentemente das primeiras, não terão referências do número das páginas.

CAPÍTULO 4

TRAGÉDIAS DO RECIFE⁴¹²: ANÁLISE SOCIOLÓGICA DOS PERFIS FEMININOS DO ROMANCE A EMPAREDADA DA RUA NOVA.

No projeto de civilização e formação do Estado, a figura feminina foi usada e moldada às conveniências das classes dirigentes, e a literatura não ficou imune a esse propósito. Escritores e intelectuais no início do Romantismo, como José de Alencar no Brasil Império, propunham um modelo ideal de mulher que formaria a nação recém liberta. Já para a concretude da República e formulações de crítica social às elites latifundiárias e burguesas, no final do império e início da República, minar os valores do período colonial e monárquico para outros intelectuais era necessário. Alguns escritores como Carneiro Vilella viu na transgressão da mulher o núcleo pelo qual o alicerce dos valores passadistas como casamento, poder da igreja, família perfeita poderia ser abalado; e o mais interessante para o escritor, pela falta da mulher, ele poderia revelar através de sua pena “mordaz e crítica” a hipocrisia social da burguesia recifense. Por isso, o texto d’A Emparedada da Rua Nova, como produção intelectual e ideológica escrita num determinado tempo e espaço, viabilizou para as discussões de gênero uma dupla função na cidade do Recife e nos seus arrabaldes: apontar as mudanças dos perfis femininos do período e denunciar a violência física e simbólica cometida contra a mulher.

Para confirmar esse pensamento, é mister entender como o autor construiu a narrativa da Emparedada, pois a partir do relato de memória do episódio que “teria acontecido na cidade”, ele busca um regresso ao lar e ao mais íntimo de um povo, a sua construção cultural. Neste relato não são apenas reveladas características peculiares do cotidiano do povo recifense, mas por meio do olhar perspicaz do escritor existe uma tentativa de um retorno a um mundo mítico do Recife, que formam e lapidam, num processo inacabado, a cultura dos principais personagens.

⁴¹² Inicialmente o primeiro título da obra A emparedada da Rua Nova, publicado 23 anos antes da data de publicação da Emparedada, no Jornal Pequeno entre agosto de 1909 e janeiro de 1912.

4.1. O Esqueleto⁴¹³: Análise da construção da narrativa d' A Emparedada da Rua Nova.

A “Emparedada da Rua Nova”, com segunda publicação a partir de 1909, originalmente, fora publicada 23 anos antes, em 1886⁴¹⁴. A base do romance do autor se alicerça numa antiga lenda local que reside na memória coletiva do povo recifense: a história de que um pai furioso que teria emparedado viva uma filha solteira, pelo fato dela ter engravidado de um amante. Publicada até 1912, a história da narrativa se passa na segunda metade do século XIX, situando a tragédia no seio de uma respeitável e próspera família recifense burguesa, os Favais. A partir desse mote, o autor desenvolveu um longo folhetim com fortes doses de mistério e investigação policial.

O livro possui 555 páginas na sua 3ª edição, apresenta um vasto painel da vida social e urbana do Recife e mostra a transformação de uma cidade de burguesia incipiente, ainda com alguns ares colonial. É nesse cenário que se inserem os principais personagens d'A Emparedada e a criticidade do autor reside em denunciar uma falsa moralidade que pairava na cidade. Em sua pena, ele não deixa de questionar as importantes instituições da época como: a igreja, e o seu moralismo conservador; e a polícia, corrupta e ineficiente⁴¹⁵. Construído por uma narrativa não linear, por meio de *Flashback*, o livro começa pelo meio e se apresenta sob três partes: o cadáver de Suçuna, momento de uma narrativa policial do texto que aguça a curiosidade do leitor frente à história que irá se desenrolar; o segredo de família, momento em que o narrador expõe as relações familiares dos principais envolvidos na trama; epílogo, o desfecho da história, o emparedamento.

Carneiro Vilela, utilizando-se de uma linguagem simples, prima por uma intriga que aguça a curiosidade e nos permite reconstruir a cidade e suas mentalidades. A Emparedada da Rua Nova, por se tratar de uma história mnemônica, esteve presente no inconsciente coletivo do povo recifense. O caráter de memória do enredo é atestado pelo narrador quando a história do emparedamento é contada a ele pela escrava que trabalhava na casa dos Favais, e “conseguiu liberta-se depois de algum tempo e no ano de 1884 foi, na corte, criada do autor destas linhas. E às suas informações é que se deve o conhecimento exato de partes das cenas íntimas e violentas da família Favais⁴¹⁶”. Apesar do caráter subjetivo da autoridade que relata

⁴¹³ Conjunto de crônicas escrito por Carneiro Vilella no Jornal América Ilustrada a partir de 1871.

⁴¹⁴ VILELLA, Carneiro(1846-1913). *Cartas sem arte*. Op. Cit, p.7.

⁴¹⁵ PESSOA. Ângelo Emílio da Silva. Op. Cit, p. 35.

⁴¹⁶ VILELLA, Carneiro. *A Emparedada da Rua Nova*. Op cit. p.542.

os fatos ao narrador, essa memória não é apenas individual, ainda que traduzida pela imaginação dela.

A história da Emparedada instiga um mesclo de horror e dúvidas: realmente o emparedamento ocorreu ou não na cidade? Teria sido realmente na Rua Nova? Será que existe algum vestígio desse crime? Não é nestes termos que o discurso aqui é lançado, pois, no caso dessa memória social para o Recife, “mas vale o sonho que embala do que o certo que basta⁴¹⁷”, ou seja, o que fica e ficou foi a importância cultural das práticas e representações para a posteridade dessa possível história ocorrida na cidade. Para Halbwachs⁴¹⁸ as memórias de um indivíduo nunca são absolutamente apenas suas, já que nenhuma lembrança pode existir apartada da sociedade. Segundo ele, nós nunca lembramos sozinhos e essa memória apartada do local em que ela é forjada tende a desaparecer. Em outros termos, a constituição da memória é, em cada um, uma combinação aleatória das memórias dos diferentes grupos nos quais ele sofre influência, uma espécie de quebra-cabeça, cujas partes formam o todo – e isso explicaria, em grande medida, porque as pessoas guardam memórias diferenciadas. Dessa forma, a memória da Emparedada representa, por extensão, a memória do povo recifense num dado momento. Uma memória inventiva, criativa, ou melhor, renovada, qual Fenix que renasce das suas próprias cinzas.

A história não é todo o passado e também não é tudo o que resta do passado. Ou, por assim dizer, ao lado de uma história escrita há uma história viva, que se perpetua e renova através do tempo, na qual se pode encontrar novamente um grande número dessas correntes antigas apenas em aparência⁴¹⁹.

A memória da vida falada da Emparedada permaneceu e permanece até hoje no imaginário da cidade. Essa memória coletiva sobrevive por um exercício de linguagem que a torna sempre recorrente e atual. Não por Vilella no seu livro apenas, mas pelo fato de o relato, ser como um caleidoscópio. Ele trata da mesma matéria, é rememorado ao longo da história da cidade inúmeras vezes. No seu livro *Assombrações do Recife Velho*, o Sociólogo Gilberto Freyre⁴²⁰ já nos aponta a lenda urbana da emparedada; a “Academia dos Emparedados⁴²¹”, grupo literário fundado pelo poeta César Leal, o teatrólogo Ariano Suassuna e o artista

⁴¹⁷ PESSOA, Fernando. Op. Cit.

⁴¹⁸ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2003.

⁴¹⁹ Idem, p. 86.

⁴²⁰ FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife Velho**. Rio de Janeiro, Ed. Topbooks, 2000.

⁴²¹ Esse grupo foi formado com o intuito de se discutir questões de literatura, arte, estética, política. Faziam parte dele, além dos fundadores, Aloísio Magalhães, Débora Brennand, Tomas Seixas, Luís Tavares entre outros. Nesse espaço se confabulou a criação do curso de pós-graduação em LETRAS da UFPE. Para saber mais vide: <http://www.cesarlealbr.com/#!biografia/c13po>, Acessado em 15 de dezembro de 2014.

Francisco Brennand, representa uma metáfora dessa memória; a artista plástica Tereza Costa Rego⁴²² buscou retratar nas suas telas o suplício da Emparedada; as readaptações dessa memória para o teatro, como a peça “O amor de Clotilde por um certo Leandro Dantas⁴²³” ou para a televisão, como o caso da minissérie global “Amores roubado”⁴²⁴, persiste em dizer esse fato.

Para a construção desta narrativa mnemônica o autor possuiu dois pontos de apoio: o primeiro, o recurso da oralidade; segundo, a construção dos espaços dentro da narrativa. Na Emparedada da Rua Nova, a dispersão temporal se dá pela memória através da linguagem, sobretudo a oralidade, que conserva o tempo psicológico, mas o espaço projetado pela memória é captado pelos sentidos, constitui o substrato melhor do relato, isto porque a sua representação maior é o microcosmo cultural dos personagens. Por isso esse espaço que surge pela linguagem seve a propósitos diferentes para o autor. Entrelaçado com a memória, Carneiro Vilella dá forma ao modelo literário do período.

O resgate da memória coletiva por parte do narrador é legitimado pela presença mnemônica da preta velha, ex-escrava, que, segundo ele, contou-lhe o fato de um crime ocorrido no engenho dos Suassuna, em 1864. Ora, a presença da narrativa oral sempre foi característica do escritor pernambucano⁴²⁵; recorrendo a oralidade, ele começa a descortinar a vida burguesa dos moradores da cidade, e não menos os espaços reservados aos excluídos. Os acontecimentos não partem do testemunho ocular do autor, mas da voz de outrem, o que há é apenas um eco de conjecturas, a partir destas, ele engendra todo o processo narrativo. As representações mnemônicas estão associadas a uma tradição que marca o modo de dizer, imprimindo no texto marcas culturais visíveis. Por isso o elemento essencial utilizado por Vilella para a construção deste passado foi a oralidade. O ato de contar, dizer - essa prática tradicional entre os povos- é um recurso de linguagem que irrompe e se conserva na memória cultural de um país, região, cidade. Lendas, estórias, contos, foram e são reproduzidos, readaptados, ao longo dos anos. Walter Benjamin⁴²⁶ já assinalava a importância da reprodução das narrativas; o re-contar assume na narrativa de Vilella um papel importante, estabelecendo através das reminiscências uma cadeia de tradição que transmite

⁴²² Atualmente uma das mais importantes artistas do estado de Pernambuco, no ano de 2011, ela foi a personalidade homenageada do carnaval do Estado.

⁴²³ Fotonovela dramática encenada pela trupe “Ensaia aqui e acolá”,

⁴²⁴ Readaptação do Romance A emparedada da Rua Nova pela emissora de televisão rede globo.

⁴²⁵ LIMA, Fátima Maria Batista de. Op. Cit, p.55.

⁴²⁶ BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a Obra de Nikolain Liskov. In BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política – Ensaios sobre Literatura e História da Cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

acontecimentos de geração em geração. Como recurso retórico, pelo processo de digressão, o narrador da emparedada reconta os fatos antes narrados, afirmando o caráter mnemônico da obra.

Chegamos à última parte deste romance, que aliás é um dos últimos episódios verdadeiros e misteriosos da história secreta de nossa província, e, para inteira compreensão do leitor, é indispensável uma ligeira recapitulação, ou antes, avivar-lhe a memória com relação aos pontos que não foram explicados ou que lhes pareçam absurdo.⁴²⁷

Então, quando ele, pela literatura, formula uma imagem qualquer surgida a partir de uma lembrança individual ou coletiva, criativamente, esta nunca será o substituto do objeto e sim a representação específica deste; a questão é que os fatos narrados subsidiam a memória, tornando-a próxima do leitor. Por isso a construção da personagem que conta a história, a escrava representa, nesse caso, a própria voz do povo do Recife. Pela boca dela, o narrador se inteirou dos fatos ocorridos na cidade. Carneiro Vilella buscou, no momento exato da sua apreensão, através das representações dos fatos contados, o que havia de mais precioso neles, o que havia de mais marcante. Como nos afirma Bachelard⁴²⁸ a cerca da imagem poética, advinda do trabalho literário, ela “não está sujeita a um impulso. Não é o eco de um passado. É antes o inverso: com a explosão de uma imagem, o passado longínquo ressoa de ecos e já não vemos em que profundezas esses ecos vão repercutir e morrer”. Ou seja, pela imagem Carneiro Vilella traz à tona o passado e confere ao leitor uma certa proximidade e cumplicidade entre ambos.

Carneiro Vilella ressignifica o espaço e o tempo no qual o romance está inserido e a literatura como produto cultural marca um local fronteiriço numa determinada sociedade, confirmando o que nos afirma Bhabha:

O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com “o novo” que não seja parte de um continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado refigurando-o como um “entre-lugar” contingente que inova, e interrompe a atuação do presente. O “passado e o presente” torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver⁴²⁹.

Pela narrativa, quando o tempo incita o papel ilustrativo de um relato, é no espaço que a memória se conserva, pois é nos espaços que se encontram resquícios da subjetividade. Desta forma, é na cidade em que o maior número de lembranças são guardadas e comungadas

⁴²⁷ VILELLA, Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova**. Op cit. p.450.

⁴²⁸ BACHELARD, Gaston. Op. Cit, p.2.

⁴²⁹ BHABHA, Homi K. **O local da Cultura**. Trad. Myrian Ávila, Eliane Lourenço, Gláucia Renat. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003. p. 27.

pelo leitor; ela é o lugar compartilhado, pois a cidade é, antes de tudo, um espaço construído que pode passar a ser idealizado, sonhado por uma narrativa cheia de imagens preciosas que não devem ser desprezadas; e cada rua, praça, beco, *topos* tem sua história mais ou menos poética, suas recordações mais ou menos interessantes, suas saudades, suas permanências e seus amavios.

A cidade exerce fascínio nos indivíduos e, ao longo da história e da literatura, sempre foi apresentada sob diferentes formas, desenhada, pensada e pintada sob diferentes matizes. A memória da cidade subsiste pelas múltiplas formas de descrevê-la, pois a imagem retratada evoca os espaços, casebres, ruas, vielas, becos e passos contornados por aqueles que fazem a cidade. Ela simbolicamente representa o retorno, o pertencimento, o lugar da infância. Na obra de Carneiro Vilella, para cada parte haverá lembranças, pois esta não é somente vista no todo, mas, fundamentalmente, nas partes: ruas, principalmente a Rua Nova, chafariz, praças, igrejas, comércio, casas, becos, ruelas, portos, o comércio dos viveiros, e os objetos que compõem esse espaço.

Como assinalou Fátima Maria, o olhar de Carneiro Vilella sobre a cidade, “à maneira de uma memória afetiva de Proust”⁴³⁰, confere uma maior cumplicidade entre o autor e o leitor, iluminando ou ofuscando os caminhos da narrativa. Essa memória involuntária se vale dos sentidos, se mostra despreziosa, surpreende, inquieta. É por esse olhar que o romancista descreve as mentalidades da época e os espaços percorridos pelos personagens. Esse recurso retórico do escritor produz no texto uma maior verossimilhança, pois o *topos* faz parte da existência humana, apreendido pelos sentidos e por isso passível de registro na memória. Para Bachelard, a partir das imagens inerentes a uma topoanálise, estudo sistemático das realizações dos espaços no íntimo dos indivíduos, pode-se captar os sentidos. O espaço teria como função “suspender o vôo do tempo. Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido⁴³¹”. Pela descrição do espaço, Carneiro vilela diminui as distâncias temporais. Metaforicamente os espaços físicos descritos por ele se constituem em locais de memória, aproximando o leitor do fato narrado e, ao mesmo tempo, corroborando para a diegese do texto quando o incita a refazer imagetivamente as ruas, os viveiros, os chafarizes, os becos, as vielas, em fim, o *locus*.

Na narrativa, memória e imaginação são um todo, laborando mutuamente o espaço. A cidade é um dos primeiros núcleos que trazem à tona as lembranças. É lá que o narrador busca trabalhar com objetos que denunciam uma origem, um estar no mundo; como é o caso da

⁴³⁰ LIMA, Fátima Maria Batista de. Op. Cit, p.62.

⁴³¹ BACHELARD, Gaston. Op. Cit., p.2.

evocação de parentesco, as relações culturais, a simbologia de cada canto da cidade do Recife percorrida pelo olhar astuto do narrador. Possivelmente, os valores da época da infância, até então não totalmente consciente pelo menino, revela-se mediante uma consciência crítica e analítica para o homem⁴³².

No plano da memória, a cidade ressurgiu e subsidia uma melhor compreensão do presente. Mas para que isso seja possível, ela não foi, por Carneiro Vilella, remoçada apenas como um exercício de memória ou por uma construção imagética acabada, coesa, perfeita; este não é o objetivo e substrato melhor da lembrança. Lembrar a cidade pelo autor foi, antes de tudo, dar visibilidade e plasticidade ao espaço, tornando-o múltiplo e inacabado. A escrita da cidade, como narrativa, foi evocada pela linguagem, e esta, como se sabe, projeta imagens que só podem ser consideradas memórias quando imagina, recria o objeto percebido⁴³³. Ou seja, o passado não evocou simplesmente a imagem representada pela linguagem, foi antes o contrário, pela imagem do espaço, pôde-se evocar o passado.

Por isso, a dinâmica da cidade e suas transformações físicas e sociais pontuadas no folhetim de Vilella nos permite inferir quais os espaços públicos frequentados pelas mulheres recifenses e a acessibilidade delas a estes espaços, e o quanto o cotidiano contribuiu para formar mentalidades, práticas e representações de uma sociedade. Nesse contexto, os espaços sociais da cidade recriados pelo autor foram importantes, pois assim outra história das mulheres pôde ser escrita e rememorada, ou melhor, não foi esquecida⁴³⁴.

Essa memória espacial evocada pelo escritor, através da linguagem, permite o leitor imaginar junto com o autor o espaço e tudo o que foi vivido nele. Unindo duas pontas do mesmo fio, o presente e o passado, por um processo narrativo, existe a possibilidade de preservar a cidade da memória negada ou esquecida. Como processo mnemônico, a materialização desse espaço e de seus habitantes significou na obra, por si só, um constante devir, um por fazer, uma impressão, uma recriação, a cada nova perspectiva de análise também comungada pelo leitor. Observe que o autor não se valeu apenas do espaço para construir a narrativa, alicerçado na oralidade e memória, constrói um Recife mítico e apaixonante.

Como Romance de tese⁴³⁵, largamente utilizado na estética realista, o autor segue as tendências contemporâneas do período. A questão do meio influenciando o homem é

⁴³² LIMA, Fátima Maria Batista de. Op. Cit, p.63.

⁴³³ BACHELARD, Gaston. Op. Cit, 1993.

⁴³⁴ PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

⁴³⁵ MOISÉS. Massaud. **Realismo e Simbolismo**. Op. Cit p.16.

percebida na obra, por isso a descrição do espaço possuía um valor importante para Carneiro Vilella. Aliado a essa tendência, o relato mnemônico, dotado de subjetividade da personagem da escrava e as lembranças do narrador, busca conferir ao texto um tom de verdade. Bem ao gosto do Realismo, era importante imprimir no texto uma maior verossimilhança através da descrição dos espaços, narração dos fatos cotidianos neles, ou os que recordassem uma maior comoção social na sociedade recifense, como foi o caso de uma notícia-crime da época. Mesclando literatura e sociedade, Carneiro Vilella foi construindo os fios dessa meada.

Como se acredita que a obra fora publicada 23 anos antes num folhetim chamado “Tragédias do Recife”, no ano de 1886, o que abre a narrativa é uma notícia crime que ocorreu em Jaboatão, no engenho Suaçuna. Essa apropriação da informação pelo escritor, à época da narrativa textual, é ressignificada para conferir um maior “realismo” ao folhetim. Inclusive com as descrições detalhadas- noticiadas pelo Diário de Pernambuco, num terça-feira, dia 23 de dezembro de 1864- o autor inicia o seu primeiro capítulo. Esta é a fonte de pesquisa, à época, utilizada por Vilella:

Communicam-nos o seguinte:

Tendo apparecido a pairar sobre esta povoação de Jaboatão, na manhã de sábbado (20), alguns urubus, signal certo de carniça, descobrio-se ser um corpo morto que a isto dava lugar; e sendo chamada a polícia para verificar, só appareceu às 5 da tarde, assim mesmo com receios de approximar-se do cadáver que exhalava mão cheiro, enviando em seu lugar um preto que declarou ser o cadáver de um homem branco, vestido decentemente, e tendo ao pé de si um canivete de moda com as armas prussianas e um revólver de 9 tiros. Rasgada a roupa, verificou-se ter elle uma grande facada do lado direito junto à ultima costella, que devia ter produzido a morte.

Segundo informações de pessoas d’aqui do lugar, consta ter o homem comprado alguns dias antes uma garrafa de aguardente, e procurado saber o lugar do banho, que lhe foi ensinado, desaparecendo ao depois.

O que há de mais revoltante em tudo isto é que a polícia fez enterrar o cadáver no mesmo lugar em que foi encontrado, sem proceder a todos os exames precisos.

Chamamos, portanto, a attenção do Sr. Dr. Chefe de polícia para a syndicancia deste facto, visto não dever ficar impune um crime desta ordem, lançando-se sobre elle o véu do olvido, como o indica a informação acima⁴³⁶.

Esse fato, o autor noticia no início do livro sob diferentes textos retirados de outros jornais, em repetidas vezes. O espaço em que ocorreu a tragédia, em Jaboatão, logicamente é o mesmo em que Leandro Dantas seria assassinado. Mas esse não foi o único fato relevante da trama, lá se passaram outras informações importantes: a inoperância e cumplicidade da polícia; o samba, na casa de Sinhá Nenê; a presença das lavadeiras, indicando o caminho do cadáver a Jereba. Como no período, esse assassinato deve ter causado alguns questionamentos

⁴³⁶ Idem.

na cidade, o autor se valeu da notícia do jornal e de sua possível memória registrada na sociedade, para iniciar a narrativa, pois o crime é marcado por uma violência extrema.

A intenção do autor em unir espaço e memória na construção do seu romance se dá exatamente quando o narrador afirma que a história é verdadeira. A coerência interna do texto é marcada por uma verossimilhança que buscou aproximar o fato-crime ocorrido no Engenho de Suassuna (o tempo da narrativa) ao fato-crime conjecturado, a persistência da memória do emparedamento existente no inconsciente coletivo da cidade (o tempo da narração). Por isso, em muitas passagens do texto, existe a insistência de Carneiro Vilella em reforçar o caráter de verdade dos fatos narrados. Quando não o faz diretamente, se vale de palavras que remetam ao mesmo campo semântico do vocábulo crime: impunidade, injustiça, casos, prisões. Antes mesmo de descrever o assassinato de Leandro, ou o emparedamento de Clotilde, ele insiste em revelar a cumplicidade e ineficiência do trabalho da polícia, em advertir várias vezes⁴³⁷ sobre a impunidade existente na sociedade:

Como, porém, ainda assim ficariam muito obscuros pontos desta história, aliás verídica,[...] que fazem objeto do presente episódio, que se conservou sempre mais ou menos misterioso nos fatos das tragédias desta cidade, onde infelizmente os crimes horrorosos, que ficam impunes, não mais comuns do que vulgarmente se pensam.⁴³⁸

O cenário mais importante dessa tragédia relatada pelo autor é a Rua Nova, ainda hoje importante centro comercial da cidade. Pelas memórias de muitos pernambucanos, essa rua sempre foi evocada, sobretudo no início do século passado. É curioso perceber que com tom nostálgico, de quem viveu o espaço dela, Mario Sette nos apresenta a tradição das casas comerciais que havia nesse lugar- tanto no tempo dele, e, mesmo que sejam outras, no tempo de Vilella, e, ainda, em nosso momento, outras casas comerciais marcam a Rua Nova:

A Rua Nova do Café Rui (célebre pelas suas empadinhas de camarão e pelo café torrado e moído na hora, lugar onde os estudantes gostavam de assistir aos desfiles das moças e de vê-las subir aos bondes da Carril, mostrando uma fração misteriosa de pernas), da Casa da Julia, do Cinem Pathé da Alfaiataria de Melicharek, do beco das sotas, da sede das charanga, do Café Familiar(quase defronte ao Rui e onde as famílias iam tomar sorvetes de cajá, de mangaba, de abacaxi, da gaita de Lezeira (um popular cego que pedia esmolas soprando no realejo e dizendo coisas espirituosas e ingênuas) do Paradis dês Dames, da procissão dos Passos, dos carnavais de bisnagas e papel picado, da Livraria Econômica e da loja do Adolfo, do

⁴³⁷ Quando não fala diretamente da corrupção existente nos poderes públicos, gerando a impunidade, o nosso autor infere essa ideia. As referências a esse pensamento podem ser confirmadas nas páginas: 25, 29, 30, 124, 150, 154, 202, 217 de *A Emparedada da Rua Nova*.

⁴³⁸ VILELLA, Carneiro. *A Emparedada da Rua Nova*. Op cit. p. 217.

Bonde de burro, da carroça de boi e do primeiro automóvel , o do Doutor Octávio de Freitas, que fazia um barulho dos diabos[...]⁴³⁹.

Além da maior tragédia ocorrida na Rua Nova, “o abandono no qual ela se encontra”⁴⁴⁰, esse espaço, por si só, ainda hoje traz uma gama de representações históricas trágicas que povoa o imaginário da cidade: foi nela que ocorreu, em 1930, o assassinato do governador João Pessoa pelo jornalista João Dantas; na década de 40, ocorreu na conhecida data ‘o 3 de março de 1945’, quando estudantes protestavam contra o governo, a morte por *bala perdida* do estudante Demócrito de Sousa Filho e do carvoeiro Manoel Elias dos Santos; o desabamento da casa Maison Chic e das Lojas Brasileiras; o suposto caso da emparedada e tantos outros citados por Rostand Paraíso⁴⁴¹. No período da Narrativa, foi lá que ocorreu o assassinato de Souto Maior, atrás da igreja Matriz, como o próprio narrador assinala:

A rua, que antigamente se chamava Nova e que é hoje, graças ao crisma municipal[...], é uma das principais artérias da cidade, onde se fixou o comércio[...]. Foi, por exemplo, aí no oitão da igreja Matriz, que sentado e amarrado a uma cadeira como a um triste pelourinho foi sacrílega e barbaramente exposto, entre duas praças, o cadáver de Souto Maior, que tentara assassinar o governador Luiz do Rego, a fim de sua identidade ser reconhecida por quantos passassem.⁴⁴²

Observe que o autor tinha a consciência da áurea de mistérios que sempre pairou nessa Rua, o espaço prenuncia a tragédia que se desenrolará na leitura do romance. Lá viviam importantes personagens: Josefina e Clotilde, respectivamente, esposa e filha do comerciante Jaime Favais; o próprio burguês; seu sobrinho João, o caixeiro. Nesse espaço, importantes personagens que alimentam o desenrolar da narrativa surgem.

A Rua Nova, em 1861, era como ainda hoje, ladeada de elegantes, vistosas e bem sortidas casas de comércio. Era mesma uma daquelas que a tal respeito, apresentava um dos melhores aspectos, graças à variedade dos negócios, a concorrência da freguesia e a atividade azafamada e alegre dos mercadores,- patrões e caixeiros.⁴⁴³

Nesta rua situava a casa comercial do antagonista do Romance, Jaime Favais e dentro do local do comércio reside o seu sobrinho, João Favais. Ambos, portugueses oportunistas, que, como tantos outros, “filhos de pais agricultores e pobres, [...], emigram para o Brasil com o firme

⁴³⁹ Mario Sette *apud* PARAÍSO. Rostand. Op.cit., p. 136.

⁴⁴⁰ PARAÍSO. Rostand. Op. Cit,191.

⁴⁴¹ Idem. pp. 186-193.

⁴⁴² Idem. 30.

⁴⁴³ Idem. 31.

propósito de trabalhar sem descanso até adquirir a fortuna que sempre lhes faltou, mas com a qual sempre sonharam”.⁴⁴⁴

Segundo o texto, assim que chegou ao Brasil, o sobrinho do comendador Braga, Jaime Favais, mostrou-se um exímio comerciante e contabilista notável. Havia este descoberto uma nova forma de trabalho, de “fazer contas”, uma outra forma de aritmética entre os pesos e as medidas, “o qual se diminuía o volume e a quantidade dos artigos vendidos, tinha a compensação a vantagem de aumentar a receita da gaveta e de assegurar um saldo extraordinário no balanço final da mercadoria⁴⁴⁵”. A mesma facilidade com que o comerciante tinha para calcular as suas vendas, também calculou e arquitetou a morte do amante de sua mulher, Leandro Dantas.

Na trama percebemos que o espaço no qual eles transitam para exercerem as suas profissões imprime nos personagens marcas de personalidades frias e calculistas. Nas relações sociais, tal qual o “Midas do nordeste”⁴⁴⁶, na literatura brasileira, esses personagens masculinos se relacionavam uns com os outros ou com terceiros apenas visando lucro ou vantagens. O casamento de Jaime Favais com Josefina, antes de ser por uma “questão de afinidade”, se deu por interesses econômicos. Ele era não só o marido dela mas também seu primo; a riqueza da família, portanto, não sairia do lar. Para o pai dela, o comendador Braga, o casamento deles representava um alívio aos negócios da família. O desejo do consórcio de João Favais com a sua prima Clotilde, também era movido pelo desejo de lucro. Essas relações comerciais entre os matrimônios na pena de Vilella eram práticas comuns na sociedade.

A rua representava, à época, um dos centros comerciais mais cobiçados pela burguesia recifense; a mulher de Jaime, após muita insistência, convence o marido a estabelecer o seu comércio e a sua residência à Rua Nova. Essa mudança representava para ela, não apenas uma mudança de local, mas *status* social, pois passara a sua infância e adolescência, execrando o contato- por intermédio do seu pai vendeiro- com “as gorduras do toucinho e da manteiga, de sofrer a fedentina das cebolas podre e do bacalhau deteriorado, em fim de aturar muitas vezes os ditérios e as insolências da freguesia reles e dos escravos que

⁴⁴⁴ Idem. p.37.

⁴⁴⁵ VILELLA, Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova**. Op cit. p.38.

⁴⁴⁶ Expressão utilizada por Costa Lima para se referir ao personagem Paulo Honório do Romance de São Bernardo, de Graciliano Ramos. Esse personagem, como muitos que se inserem no rol dos romances realistas, possui como característica a acumulação do capital baseada na exploração do trabalho alheio, são personagens que visam ao lucro e ao poder, num espécie de escalada material sem escrúpulos, reduz as relações sociais a um processo de reificação. Na literatura brasileira temos como exemplo, além de Paulo Honório, João Romão, do livro O Cortiço, de Aluizio Azevedo. Para saber mais ver: LIMA, Luís Costa. **A reificação de Paulo Honório**. In **Porque literatura**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1966.

frequentam as tabernas”⁴⁴⁷. Mudar para Rua Nova situaria o seu marido no *hall* dos sólidos e respeitáveis comerciantes da cidade, e ela, Josefina, seria a sua “digníssima” e “exemplar” esposa. É nesse espaço, na loja do comerciante, precisamente no quarto destinado a João Favais, que este irá travar relações amistosas e interesseiras com um dos personagens mais intrigantes da história, o Fortunato, por alcunha, Jereba.

O perfil psicológico desse personagem beira ao desleixo, esperteza, liberdade, astúcia. Transitava por todos os espaços sociais, ora como figurão ao lado de Leandro nos teatros, ora como um pedinte na loja na qual trabalhava o sobrinho do comerciante. Como era rico e- por causa do seu espírito desleixado e boêmio tornou-se pobre- conhecia a todos: ricos e pobres. Era um folgazão e por isso mesmo todos proseavam com ele. Era no dizer de Carneiro Vilella: “um Diógenes de paletó e sem pipa. Vivia de pedir a um e a outro antigo companheiro ou a alguns amigos modernos e a título de empréstimos quantias que nunca restituía, mas que também nunca lhe cobravam”⁴⁴⁸.

Pelas investidas do sobrinho do Comerciante, João Favais, Jereba aceita descobrir, para tirar algum proveito, qual o mistério que rondava a casa dos Favais. É ele quem descobre que o cadáver encontrado no Engenho Suaçuna era de seu amigo Leandro Dantas. É ele quem descobre que o assassino era o Comerciante Jaime e seus cúmplices. O que caracterizava esse personagem eram os diferentes papéis sociais ocupados por ele em tantas outras diferentes situações na narrativa: temos um homem *ladino*, que, como tantos outros na sociedade brasileira oitocentista, buscaram se movimentar e assegurar um mínimo de condições sobrevivência; temos um investigador, responsável por desvendar o crime do poderoso Jaime; temos um homem cujo prestígio, entre seus antigos amigos da faculdade de Direito, tinha passagem livre pelos teatros da cidade ao lado de pessoas “aparentemente honradas” como Leandro Dantas.

Pelos espaços descritos o narrador nos mostra os personagens, pelos mesmos espaços ele nos descortina os fatos, desde os mais brandos, quando descreve os sonhos da personagem principal, aos mais funestos, o emparedamento de Clotilde; tanto que o momento ápice da *topoanálise* é o assassinato da emparedada. A construção da descrição dos espaços procurou acentuar o realismo à tragédia, não faltaram descrições das ruas da cidade e nem mesmo dos objetos significativos desse espaço, como o relógio do Germano⁴⁴⁹. As imagens criadas,

⁴⁴⁷ VILELLA, Joaquim Maria Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova**. Op. Cit. p.41.

⁴⁴⁸ Idem. p. 86.

⁴⁴⁹ Segundo a narrativa, que não deixa totalmente clara a informação, o relógio do Germano seria o relógio(sino) da matriz da igreja de Santo Antônio cuja função era lembrar os moradores as horas sagradas do dia, por isso

sentidas, favoreceram um clima de medo, desespero e indignação. O autor cuidadosamente descreveu os caminhos percorridos pelo assassino e os seus cúmplice, e alimenta a imaginação dos leitores de como os personagens colocaram em prática a decisão do assassinato:

Anoitecera entretanto e parecia que as cousas tinham tomado o seu curso natural, quando, por volta das onze horas, pouco ou mais ou menos se abriu a porta da rua da casa do negociante e saíram por ela dois vultos que poderiam ser reconhecidos pelos de Jaime e seu sobrinho. Encaminharam-se apressadamente para a rua da Aurora e aí chegando, o negociante abriu a casa do velho Comendador Braga e dirigiu-se para a cocheira, cuja porta larga abria para a rua da União. Puseram o carro na rua, e atrelaram-no com presteza e perícia admiráveis. Em seguida, João Favais saltou para a boleia e, tomando as rédeas como emérito cocheiro voltou-se para o tio:

_ Pronto! _ exclamou ele.

Jaime tirou a carteira e, à luz dos lampiões do próprio carro, consultou a nota que havia tomado em casa do Hermínio.

_ Rua dos pescadores! _ disse ele. E a toda brida, pois não há tempo a perder.

(...)

Soavam as badaladas de meia noite no relógio do Germano, quando o carro parou à porta do comerciante e dele se apearam três pessoas, inclusive o boleeiro que apressadamente foi abrir a portinhola. Duas entraram em casa, tendo um aberto previamente a porta com toda franqueza e prontidão; e a outra subindo para o interior do carro carro(...)

Raríssimo eram os transeuntes que passavam e João Favais não receava que o reconhecessem ali dentro.(...)

Quando, naquele mesmo relógio do Germano deram três horas, aponta da rua da casa do Comendador abriu-se de novo e voltaram os dois homens. Retomaram-se silenciosamente os seus lugares no carro e este partiu a galope para o lugar de onde viera. O silêncio da noite, por um momento interrompido pelo rodar vivíssimo do veículo, de novo se reestabeleceu e em toda a rua continuou a reinar a mais completa e favorável solidão.⁴⁵⁰

A escolha dos objetos familiares da cidade destinados à população foi decisiva para aproximar o leitor de um “possível verdade dos fatos”. Os objetos, as ruas, as praças, foram dando corpo ao desfecho final da trama. Neste espaço do emparedamento, o objeto familiar escolhido por Vilella para dar mais verossimilhança a sua narrativa foi o relógio do Germano. Como diz um provérbio latino: “todas as badalados do sino no fere, a última nos mata.” Pois bem, esta última badalada, as das três horas da manhã, teria encerrado Clotilde no seu destino. Seria estranho, que, ao longo da narrativa- e como Jaime não poderia deixar testemunhas- pelo menos uma não existisse; e nesse caso não poderia ser a relatora dos intempéries da família Favais, a escrava, pois esta já não estava ali no momento do assassinato. Então, Vilella insere nessa trama um terceiro personagem que fora tão vítima quanto a emparedada, o homem que foi obrigado a encerrá-la no concreto. Na Chefia de Polícia, no momento do

tocava de três em três horas. O autor ambientaliza o leitor na Rua Nova por meio desse objeto. Na narrativa, possui muita relevância.

⁴⁵⁰ VILELLA, Joaquim Maria Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova**. Op. Cit p.544.

relato do pedreiro, ele, mesmo sendo obrigado estar com vendas nos olhos por Jaime e seus cúmplices, reconheceu o lugar do crime.

- Quando chegamos à rua Nova: -disse o pedreiro continuando a sua narração ao Chefe de Polícia _ ele parou...
 - Perdão! -Interrompeu o magistrado e inquiri-o em seguida. - Como soube que estava na Rua Nova?
 - Porque ou vi dar meia noite muito perto_ respondeu o pedreiro com toda a segurança e convicção e pelo som das badaladas reconheci ser o relógio do Germano.⁴⁵¹

O processo de memória reconstruído através do espaço dentro da narrativa de Vilella constitui o início das lembranças, principalmente o emparedamento, e o apagamento destas lembranças é metaforicamente simbolizado no momento em que Jaime Favais coloca fogo na casa do suposto assassinato de Clotilde. “Com isso ele parecia romper definitivamente com o passado”⁴⁵². Ao contrário de Jaime, as conjecturas desse espaço trouxeram à tona ao leitor o momento do emparedamento, e este instante pode ser rememorado a cada leitura do livro. O espaço físico traz à tona essas lembranças, mas o projetado pela linguagem também.

Esse foi o espaço descrito pelo pedreiro, e rememorado por todos: o emparedamento vivo de uma possível mulher que vivera na cidade do Recife nos oitocentos.

- Chegamos! - Disse o homem da máscara, e tirou-me a venda dos olhos. Olhei imediatamente ao redor de mim. Estávamos num pequeno quarto ladrilhado, fracamente alumiado por um candeeiro de querosene colocado no chão. Havia no fundo um banheiro de tijolo que tomava toda a largura do quarto, indo de uma parede a outra. A um lado estavam encostadas duas tábuas bastante fortes e do outro havia um grande montão de cal amassado e de tijolos de tapamento, encaixados, parecendo terem pertencido a alguma parede recentemente demolida. No interior do banheiro, que poderia ter três palmos de fundura, parecia revolver-se um vulto branco e partiam daí uns gemidos abafados e dolorosos.
 -O que o senhor tem de fazer é simples. - Disse-me então o homem mascarado. - Aí tem cal já preparada, tijolos e ferramenta apropriada. O Sr. vai levantar uma parede sobre a borda deste banheiro, depois de tapá-lo hermeticamente com estas tábuas e de fazer sobre elas um ladrilho bastante espesso e consistente.⁴⁵³

O personagem Jaime Favais, como qualquer ser humano, encontra nos espaços motivos da recorrência das lembranças, estas que, no caso da emparedada, são ressoadas através da memória coletiva da população, pela voz da vítima que, ainda hoje, segundo as

⁴⁵¹ Idem, p.547.

⁴⁵² Idem, p.555.

⁴⁵³ Idem, p.548.

lendas urbanas, ecoa no espaço da Rua Nova⁴⁵⁴. E na Emparedada, essa referência mnemônica alimentada pela cidade, não poderia faltar nos escritos de Vilella:

Jaime Favais tinha mudado muito: envelhecera bastante e não podia absolutamente ocupar aquela casa da rua Nova. Durante as noites, acontecia-lhe acordar sobressaltado como se houvessem soado ao pé de si gemidos lúgubres e abafados. Outras vezes parecia-lhes ver surgir ao seu lado o espectro esqualido e medonho de sua mulher ou a figura branca e vaporosa de sua filha.⁴⁵⁵

No texto, percebemos que outros espaços também são relevantes e mostrados e, a partir deles, as ações se desenrolam. Por isso, para a evocação dos espaços, ele também se valeu da tradição, como local de memória. Dentro dessa primeira visão, a tradição-representada no texto pela festa religiosa do Poço da Panela- pode ser compreendida como um conjunto de valores onde reside uma totalidade de comportamento humano que abrange uma determinada classe social. Os indivíduos veem nos símbolos e nas manifestações culturais algo que lhes são pertinentes e aceitáveis⁴⁵⁶. Por esse processo familiar aos leitores, o autor vai construindo importantes cenas da narrativa. Em Recife, os espaços sociais, como o Monteiro, no bairro da Madalena, pertenciam basicamente aos setores ricos. Por ocasião da festa de Nossa Senhora da Saúde, no Poço da Panela, famílias alugavam casas neste arrabalde.

Nesta festa, o desenrolar da história tomaria forma e força. Lá as principais faltas das mulheres ocorreriam e prenunciariam o desfecho da obra. Pela leitura do Romance e pelas fontes consultadas, percebemos que estes espaços nos oitocentos eram bastante frequentados e a festa da padroeira representava uma das mais cobiçadas por toda a população, “nessa quadra do ano em que as famílias mais abastadas da nossa sociedade, e mesmo as menos favorecidas da fortuna abandonam a capital pelo campo[...].”⁴⁵⁷. Diferentemente da estética romântica que punha o campo como lugar de pureza, é lá primeiramente que as vicissitudes dos personagens ocorreriam.

O Monteiro era um dos lugares preferidos da burguesia local, exibia no mês de janeiro “o aspecto brilhante de um arrabalde em plena efervescência de festa, as famílias mais gradas da cidade para aí haviam mudado a sua residência temporária e enchiam aquelas paragens com o ruído de suas alegrias, com a alegria dos seus divertimentos cordiais e repetitivos”⁴⁵⁸. Encontramos, nos principais jornais da cidade, as manifestações religiosas e profanas desta

⁴⁵⁴ FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife Velho**. Rio de Janeiro: Ed. Topbooks, 2000.

⁴⁵⁵ VILELLA, Joaquim Maria Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova**. Op. Cit . p.555.

⁴⁵⁶ BOSI, Alfredo. **Cultura Brasileira: Temas e Situações**. São Paulo: Ática, 1987. p.53.

⁴⁵⁷ VILELLA, Joaquim Maria Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova**. Op. Cit p.218.

⁴⁵⁸ Idem . p.305.

festividade, que eram esperadas e anunciadas, no século XIX, e ainda no XX: “Amanhã terá lugar o hasteamento da bandeira de Nossa Senhora da Saúde, em frente a igreja do Poço da Panella, começando o novenário. Após acto religioso será queimado no largo da igreja um variado fogo de artifício. Tocarà para esta ocasião uma banda de música”⁴⁵⁹.

Todas as classes sociais frequentavam os espaços da rua, no momento da procissão: “Era uma confusão sem método e nome: amálgama de todas as classes sociais, mistura de todas as conveniências e confusão sem normas de todos os sons da escala humana”⁴⁶⁰. Foi lá que o comerciante Jaime Favais descobriu a traição de sua esposa e conheceu os seus cúmplices para consecução do assassinato contra Leandro, “os valdevinos Hermínio, por alcunha Zarolho”, e Bigode de arame. O espaço social e físico reservado a eles, punham-nos à margem da escala social:

No tempo em que se passava esse verídico episódio, era o beco das Barreira uma viela estreita e lamacenta, que ia da rua do cotovelo, hoje Viscondi de Goiana, para um braço do Rio Capibaribe, que serve de caminho marítimo a umas olarias, e para uns terrenos pantanosos e alagados, cobertos de mangue, que davam para os fundos do Hospital Pedro II. Era um lugar de má fama e de perigosíssima abordagem, onde se abarcava essa população heterogenia, formada de mulheres de soldado, de maridos de prostituta, de ladrões noturnos e de indivíduos de todas as espécies e profissões inconfessáveis”⁴⁶¹.

Esses personagens representavam na sociedade recifense o que o narrador chamou de “numerosa classe desses indivíduos que não tem nem ofício nem benefício, nem eira nem beira, e vivem a mais das vezes de expedientes, prestando-se a todos os misteres, contanto que, na frase deles, o cobre corra frouxo”⁴⁶². Mas, a bem da verdade, a intenção do autor era mostrar as relações de interesse que estabelecia, independentemente da classe social ou igualdade moral, entre os personagens.

Um aspecto notável do livro era o ambiente retratado pelo autor, de uma promiscuidade social que se estabelecia entre os cidadãos proeminentes e aparentemente íntegros e as pessoas de baixa extração social, quando as conveniências ou s interesses assim ditavam, ou como diria Carneiro Vilela se a posição social separa e abre entre alguns homens largo abismo, ações e segredos existem que nivelam as condições mais heterogêneas e amarram aqueles indivíduos num só amplexo e com os laços de um interesse comum⁴⁶³.

⁴⁵⁹ **Jornal Pequeno**, 19 de janeiro de 1903, n. 14, p. 3. Acervo APEJE.

⁴⁶⁰ VILELLA, Joaquim Maria Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova**. Op. Cit. p.362.

⁴⁶¹ Idem. p. 390.

⁴⁶² Idem. p. 32

⁴⁶³ PESSOA. Ângelo Emílio da Silva. Op. Cit, p.39.

Espaço mais apropriado pelo narrador, mas nem por isso menos corrompido, é o ambiente em que viviam a irmã e mãe do conquistador:

Leandro Dantas, subindo a rua, adiantou-se até a entrada da Camboa do Carmo, por onde enveredou seguindo de roda batida a rua dos martírios. Pouco depois da igreja, parou à porta de um sobrado de dois andares e bateu com toda força, e seguidas implicações de mau humor, abriu-se uma janela no primeiro andar e assomou à varanda um vulto de mulher em camisa e apenas envolta numa coberta à guisa de manto ou de xale.⁴⁶⁴

Essa mulher de que fala o narrador é Carolina Dantas, a Calu. Ela era marcada pela sua condição racial. “Era natural da Bahia e filha de uma mulata”⁴⁶⁵. De um caso com um comerciante português, casado, nascera Leandro Dantas. A sua mãe, pelo seu temperamento oportunista, soube tirar proveito financeiro desse relacionamento. Mas, conforme todas as outras mulheres na narrativa que tem o “sangue africano”, a luxúria pesou mais alto. Então, “a Calu, daí em diante, começou a portar-se mal e o negociante, que a conservara até então teúda e manteúda, ou por isso ou porque já se fosse enfasiando, principiou também a afastar-se de casa dela até que de todo a abandonou”⁴⁶⁶. Dessa imprudência do português, a mãe de Leandro o entregou a seu pai, e este lhe criou junto com a sua esposa, abrindo as portas da educação e sociedade pernambucana ao filho.

Vendo-se só, e também por “inclinação natural”, Calu tornou-se prostituta. Mesmo dando a luz a uma menina, Marocas, nem assim abandonou a vida. Por chantagem de Leandro e por ter ganho um sobrado dele, deixou a vida da prostituição. Afinal, os rendimentos do sobrado serviam a ela como forma de sustento. A atitude do filho foi tomada para livrar sua irmã Marocas da “perdição”. Atitude, na narrativa, que foi em vão. O certo é que o narrador deixa dúvidas sobre o caráter honroso de Calu, pois, em muitos episódios do texto, o que lhe move é o dinheiro. Mas algo que salta aos olhos, na trama, é a afinidade de caráter entre o filho e a mãe. Ela, apesar dos longos períodos que o filho não ia à casa dela, pois esse morava numa cela no convento do Carmo, tinha por ele uma verdadeira adoração.

A irmã de Leandro Dantas, por influencia da mãe, acaba se amasiando com um português de quem ela exige proteção e favores financeiros. Como não possui rendimentos, Marocas subordina-se a mãe e ao irmão. De temperamento invejoso e ressentido, pela sua condição social, sonha em um dia melhorar de vida.

⁴⁶⁴ VILELLA, Joaquim Maria Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova**. Op. Cit p.254.

⁴⁶⁵ Idem. p.259.

⁴⁶⁶ Idem. p.261.

Outros espaços da sociedade opulenta da cidade era a Rua da Aurora, lá é que mora o sogro e tio do negociante Jaime, o comendador Braga. Este, como o genro e o seu sobrinho, e o parente distante João Favais, viera para o Brasil “com o firme propósito de trabalhar sem descanso até adquirir a fortuna que sempre lhes faltou, mas com a qual sempre sonharam” Na narrativa⁴⁶⁷, era um verdadeiro empreendedor e figurava como personalidade importante e respeitada na sociedade local:

Tornou-se capitalista e procurou fazer com que frutificassem ainda mais os seus imensos capitais. Começou a descontar letras e a dar dinheiro a juros, em tão larga escala que em sua casa parecia um verdadeiro banco. Tornou-se acionista de diversas companhias, quer nacionais, quer estrangeiras; jogou na praça com a alta e a baixa do cambio; enfim, tanto fez que, em pouco tempo, era diretor de companhia, membro da junta comercial, e um dos negociantes que melhor nome gozava entre os seus colegas e companheiros, tendo sempre dado em todas as suas transações as maiores provas de honradez e probidade.⁴⁶⁸

No texto, representa o verdadeiro esteio no qual as personagens femininas principais, sobretudo Clotilde e Josefina, poderiam se apoiar. Por isso, na narrativa, o autor procura, em muitas passagens, romantizar o personagem, sobretudo na descrição física:

A cabeça, povoada de cabelos completamente brancos, e meio calva na testa, e as barbas igualmente brancas, à portuguesa, isto é, por baixo do queixo largo e redondo abrangendo de uma a outra orelha, davam-lhe um aspecto tão venerável e atraente que raro era aquele que, ao encontrá-lo na rua, não o saudava com respeito e ao mesmo tempo com grado.⁴⁶⁹

O comendador Braga possuía uma verdadeira veneração pela sua filha e neta. Fazia a elas todos os gostos. Nos momentos de desespero das personagens Clotilde, Josefina e Celeste, era a ele a quem elas recorriam. Sempre se mostrava complacente e disposto a perdoar as faltas delas. O comerciante Jaime possuía pelo tio respeito, mas também um certo receio, sobretudo pelo poder influente e pela riqueza do comendador.

Bem ao gosto das correntes deterministas da época, num maior ou menor grau de importância, através da descrição dos espaços, o autor procurou imprimir no leitor marcas da personalidade dos personagens. Pelos espaços, ele reconstrói a memória do fim trágico dessa personagem que por ter se recusado em aceitar as ordens do pai é emparedada por ele; pelos espaços, ele apresenta os personagens, confere uma coerência interna plausível na trama que irá se desenrolar aos olhos do leitor; pelos espaços, ele marca modos, costumes, cultura de

⁴⁶⁷ Idem. p.37.

⁴⁶⁸ Idem p.66.

⁴⁶⁹ Idem, p.67.

uma sociedade. De posse dessas informações, poderemos entender o porquê das ações das principais personagens femininas, o porquê dos seus fins e mentalizar as situações vividas por elas.

4.2 Misérias do Recife⁴⁷⁰: os perfis femininos.

Sabe-se, pela narrativa, que Leandro, o nosso Don Juan recifense⁴⁷¹, um conquistador, possui um polígono amoroso com três personagens femininas intrigantes: Celeste, Clotilde e Josefina. Mulheres transgressoras para a época. Todas de famílias abastadas. A primeira é esposa de um rico fazendeiro, advindo de uma família tradicional e aristocrática da zona canavieira, os Cavalcanti; a segunda, adolescente decidida, audaz e romântica, de todas as personagens femininas, a central, é a que enfrentará até o final, por convicção sentimental e espírito de liberdade, os desmandos do seu pai, o comerciante Jaime Favais, e, por isso, será emparedada; e a terceira, a esposa do comerciante e mãe de Clotilde, Josefina, de temperamento forte, mas contido, casou-se com Jaime, seu primo, por convenção e “porque achava que o amara”, por isso suportou as obrigações do casamento até as investidas de Leandro, seu amante.

Leandro Dantas era o sol cujas estrelas da narrativa estavam à sua órbita. Não só apenas as mais importantes, Josefina, Clotilde e Celeste, mas também sua mãe Calu e sua irmã Marocas. Este homem tinha o poder de conquistar as mulheres. No dizer do Narrador, na sua totalidade,

[...] cabeça e corpo – poderia servir de modelo e de espécime da raça verdadeiramente brasileira, – dessa raça nova e única que é o produto etnográfico das três outras, que povoaram o nosso solo: a raça européia, a tupi e a africana. Ao vê-lo, conhecia-se logo que girava em suas veias o sangue dessas três raças e que nele se fundiam as três naturezas correspondentes. Devia ter a inteligência do europeu, a indolência do americano, e a impetuosidade dos filhos dos desertos da África.⁴⁷²

Era “um desses muitos indivíduos, que pululam na nossa sociedade sem se saber ao certo quem sejam, de onde venham e para onde vão”⁴⁷³. Ele seria o motivo maior das faltas das personagens. Em nenhum momento sente arrependimento dos seus atos, arrasta as

⁴⁷⁰ Romance publicado no Jornal Pequeno no ano de 1907.

⁴⁷¹ MENDONÇA, Maria Helena Ramos. Op. Cit, p.13.

⁴⁷² VILELLA, Joaquim Maria Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova**. Op. Cit p.238.

⁴⁷³ Idem. p.246.

mulheres para a “desgraça moral” sem nenhum escrúpulo. Mesmo sentindo o perigo rondar à sua volta, não recua, não vacila, vai até o final nas suas investidas. Conquista todas as três mulheres, não por amor, mas pelo raro gosto de seduzir, de se sentir superior aos representantes máximos dessa sociedade “hipócrite” cujas mulheres representavam para eles troféus a serem exibidos.

Odiado pelos traídos, Leandro Dantas representa na sociedade recifense a afronta à moral e aos bons costumes sociais. Ele é a ponta do *iceberg* que desnudaria a hipocrisia da alta sociedade recifense. O próprio personagem tinha consciência de suas ações e as fazia pelo prazer da afronta:

- Para obter-se o amor das esposas o caminho mais seguro é a amizade dos maridos.
- Mas não é arriscado.
- Ao contrário: é o mais cômodo. O amigo impõe-se pela confiança. E quando se descobre o estelionato, _ por que afinal de contas essas cousas se descobrem sempre
- A amizade do marido serve de defesa à pouca vergonha da mulher.⁴⁷⁴

Na narrativa existe uma dualidade entre o personagem e os seus oponentes, o que marcava de sobremaneira isso era a repulsa de Leandro pelos portugueses: “tinha, pois, um ódio mortal a todos os patrícios de seu pai! Ora, que melhor meio de vingar-se deles do que desonrando-os e seduzindo-lhes as mulheres”⁴⁷⁵. As conquistas desse Don Ruan recifense possuíam perfis femininos comuns às personagens do Realismo: a altivez, a sexualidade, a autonomia, e a dissimulação. Pelo perfil do conquistador, percebemos que ele sentia um prazer em desmoralizar os maridos dessas mulheres, minando, pelo adultério, a base de sustentação da alta sociedade do Recife: a família.

Para a análise desses perfis de mulher é importante separá-las por descrições psicológicas e ações cometidas por elas: Começamos pela única personagem feminina à qual Carneiro Vilella dedica um capítulo, a senhora de engenho Celeste.

Uma das principais características da personagem, e que a difere muito do seu marido Cavalcanti, é a capacidade de mando, altivez, autonomia. Ela, como miticamente foram retratadas tantas matronas da zona canavieira, tinha um espírito manipulador e era senhora de seus desejos, por isso “a única regra de conduta era a sua vontade, a única lei que obedecia à do capricho”⁴⁷⁶. Num diálogo que tem com a amiga de colégio, Josefina, sobre o poder de decisão de Jaime em anuir a ida da família à festa no Monteiro, adverte: “Pois olha, minha

⁴⁷⁴ Idem. p.240

⁴⁷⁵ Idem. p.182

⁴⁷⁶ Idem. p.224.

amiga, lá em casa quem governa sou eu”⁴⁷⁷. Como as personagens Josefina e Clotilde, a senhora de engenho Celeste saíra dos recolhimentos e colégios religiosos dotada de vícios, cheia de superstições desnecessárias, “crendices estultas imbuída dessa fé falsificada e embrutecedora, vítima desses vícios que se adquire ao pé dos confessionários ao ouvir a palavra insignificante, estúpida ou corruptora de um sacerdote sem ideias, sem moral, sem crença”⁴⁷⁸. Para Vilella, além desses espaços religiosos modelando o espírito da moça, a sua condição racial- nascida do “consórcio desigual” do seu pai com uma mulata, filha de um dos seus lavradores- era a matriz de todos os seus vícios, inclusive a sua sofreguidão, desejo, enfim, sua vocação para as relações adúlteras. Esses pecados, segundo o narrador, participavam toda a sociedade abastada da cidade. “Eram tristíssimos, com efeito, os boatos que corriam a respeito de Celeste. “Mas aos ouvidos do marido não chegava nenhum desses rumores, porque os maridos, ainda mais do que os pais, são os últimos que sabem o que se passam em sua casa”⁴⁷⁹. Tomé Cavalcanti cumpria o papel do marido passivo, subordinado e amável.

Carneiro Vilella faz questão de ressaltar a subordinação de Cavalcanti frente aos desejos de sua mulher. “Celeste conhecia- adinhava antes, - que o dominava, como dominara seu pai e sua mãe”⁴⁸⁰. A passividade, traduzida em fraqueza, com que tratava sua mulher, estava fora dos padrões da época. Mesmo sem sucesso, e sem autoridade, sempre que intervia os desejos e vontades inapropriadas de sua esposa, já eram no limite de alguma ação “que lhe parecesse um pouco fora das normas do decoro, ou que tocava quase ao escândalo, e que por isso poderia comprometê-la seriamente, então chegava-se a ela sorrindo e com o seu bom senso ordinário e a sua bondade paterna, a advertia simplesmente”⁴⁸¹. Esse comportamento, como nos induz o narrador, deveria ser advindo da idade do personagem (bem mais velho do que Celeste), do celibatário e da ausência dos pais na vida do senhor de engenho, pois estes morreram muito cedo. Por isso precisou “lidar com a rudeza de um trabalho campestre e ao trato anti-social de uma escravatura boçal e sempre revoltada contra o crime que a reduzira à classe dos irracionais”⁴⁸². Pela ausência da mãe e de uma família nuclear, após a maternidade de Celeste, aí é que as “estripulias” da mulher eram perdoadas. A condição de pai tornara-o

⁴⁷⁷ Idem. p.129

⁴⁷⁸ Idem. p.221.

⁴⁷⁹ Idem. p.229.

⁴⁸⁰ Idem. p.225.

⁴⁸¹ Idem. p.230.

⁴⁸² Idem, Ibdem..

mais sensível e amável no trato com a esposa. Tanto que não lhe negou o fatídico pedido dela: a saída deles do engenho de Paudalho para a casa de passagem da Madalena.

Pelo excerto, compreender melhor o perfil psicológico de Celeste requer que conheçamos o do seu marido Cavalcanti. Na obra, percebe-se que as relações de gênero são desiguais. Celeste seria o alter ego do marido, pois ela possui, à época da narrativa, características atribuídas aos homens, e o seu marido carecia dessas qualidades. Diante das relações sexuais furtivas de sua mulher, ele parecia ser um cúmplice. O próprio narrador, que também privilegia o personagem com um capítulo, inicia para o leitor a seguinte pergunta retórica: “Que papel representava Tomé Cavalcanti em face do procedimento de sua mulher?”⁴⁸³ Cavalcanti cumpria o papel de um subordinado e, o pior, não queria enxergar o que toda a sociedade sabia: os adultérios de sua esposa, sobretudo o último no qual ela estava entregue- a sua relação com o conquistador Leandro Dantas. Havia nesse marido resignado uma espécie de apatia cúmplice às ações da sua esposa.

O consórcio realizado entre os dois fora para a mulher um casamento, “verdadeiramente de conveniência, e Celeste, temendo ficar para tia, aceitou imediatamente o partido que lhe ofereciam, e realizou a sua união católica com Tomé Cavalcanti⁴⁸⁴”. Apesar da paixão doentia que o personagem julgava ter por sua esposa, o interesse na relação do matrimônio por parte dele também existiu. Não porque Celeste fosse rica ou tivesse uma boa herança, não a tinha; o marido financeiramente possuía mais bens, terras e dinheiro do que ela. A questão é que, como estava chegando à casa dos quarenta anos, acreditava que o casamento poderia “preencher” na sua alma lacunas até então deixadas pela sua vida pregressa de órfão. Outro ponto que concorreu para o consórcio foi a beleza extrema de sua mulher, ela poderia ser apresentada, sem que isso lhe envergonhasse, a sociedade pernambucana.

Um grande acontecimento mudaria para sempre a vida dos personagens envolvidos na trama: Celeste, depois de insistir com o Marido, sairia do engenho de Paudalho e iria morar na passagem da Madalena. Por algum tempo, depois de já socialmente ser aceita pelos seus párias, ela pôde colocar em prática todos os “vícios” que, quando era menina no campo, ela vivera. O casamento com Cavalcanti seria o escudo utilizado por ela para sair ilesa de suas atitudes não convencionais a uma mulher casada da época.

⁴⁸³ Idem. p.220.

⁴⁸⁴ Idem. p.224.

Murmurava-se então que a namorada do engenho se transformara em cortesã do salão. Aperfeiçoara-se apenas; Já não era a menina leviana e loureira, estouvada e independente: era a Pompadour dissimulada e imponente: alegre ainda, porém já um pouco hipócrita. Diziam pois, pela boca pequena que o seu procedimento não era regular; apontavam-lhe já diversos amantes, cobriam-na de censuras e de doestos... porém nenhuma porta se lhe fechara; ninguém lhe recusara a sua estima; nenhuma família honesta ou isenta do pecado evitara o seu contato. Ao contrário, todos se empenhavam a frequentar a sua casa e as suas festas, e solicitavam a honra de tê-la em seus salões. A aristocracia e o dinheiro são bandeiras que cobrem todas as cargas.⁴⁸⁵

Ora, de todos os “pecados” cometidos por Celeste, dois são essenciais para compreendermos as relações de gênero no período estudado: a insubordinação ao marido e o adultério. O comportamento da personagem rompia e afrontava a construção histórica da importância do casamento para a formação da nação, ia de encontro aos valores civilizados de progresso e ideal de civilização da época. A noção de família burguesa feliz e, o mais importante para salvaguardar a propriedade, legítima, deveria ser continuada.

A família deveria representar no espaço privado uma extensão da moral cristã que via a mulher numa posição de inferioridade; o enlace do matrimônio, sacro pelo catolicismo, não deveria ser maculado e nem tão pouco dissolvido. No plano de vista econômico, o casamento era indispensável para a aristocracia e burguesia abastada que tinha todo o interesse de propriedade a considerar, pois o casamento representava, antes de tudo, preservação das terras e alianças sociais, sobretudo as de parentesco e fusões familiares de interesses⁴⁸⁶.

Essa era a ideologia não somente imposta às mulheres como também perpetrada como verdade a ser seguida. Um caminho para a consolidação desse discurso era a fidelidade conjugal, fazendo do adultério um tabu, ato criminoso, vergonhoso, segregador, que possuía a morte como penalidade máxima, maneira pela qual o homem podia “lavar a sua honra”. Para a mentalidade da época, a mulher, praticando o adultério, resistia a uma ideologia de poder, por isso a violência física e simbólica era a forma pela qual o pensamento dominante masculino buscou sair ileso naquilo que lhe era mais caro: “a preservação da honra e dos bons costumes”. As atitudes de Celeste representavam um perigo para essa ideologia. As suas ações expunham o marido ao ridículo, mas nem por isso ela vacilou em nenhum momento; pela dissimulação, levou o caso até às últimas consequências.

Na Literatura, no Direito, na Religião, em fim, na sociedade, o discurso opressor contra a mulher buscava ser legitimado a título de defender a “honra conjugal” do acusado.

⁴⁸⁵ Idem. p.227.

⁴⁸⁶ SÂMARA, Eni de Mesquita. **As mulheres, o poder e a família**: São Paulo XIX. São Paulo: Marco Zero e Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1989. p.10.

Buscava-se justificar o crime, garantir a impunidade ou a diminuição da pena do assassino, caso o adultério fosse provado. Na esfera jurídica, mesmo havendo hoje jurisprudência que inviabilize os dispositivos legais, a letra da lei por si só aponta que no Brasil os operadores do Direito lançaram mão da tese da legítima defesa da honra ou da violenta emoção. Esses fundamentos normativos previstos no art. 25 e art. 65 do Código Penal⁴⁸⁷, respectivamente, buscaram livrar o imputado da culpa ou objetivam atenuar a aplicação da pena; serviam para turvar a real intenção do crime: a vingança. Esses dispositivos, que são desdobramentos do Código Penal Republicano de 1890, facilitavam a impunidade e apontavam àquelas que se desvirtuavam da fidelidade, indicando o castigo ao qual elas seriam submetidas.

Nas questões relacionadas à honra, a lei tendia a privilegiar os homens. O código corroborava para os ideais de honra baseados nas tradições católicas e patriarcais, consideradas fundamentais para a evolução humana e para o projeto político moralizador do Estado. Não devemos nos esquecer de que tanto o Sistema Penal da época- o código republicano- quanto o de 1916 teve como base as Ordenações Filipinas que, segundo Alexandre Zarias⁴⁸⁸, persistiram por mais de trezentos anos no Brasil. O livro V é sintomático na medida em que aponta os plenos poderes ofertados à figura masculina na sociedade brasileira.

Achando um homem casado sua mulher em adultério, lícitamente poderá matar a ela, como o adúltero [...]. E não somente poderá o marido matar a sua mulher e o adúltero, que acha com ela em adultério, mas ainda os pode lícitamente matar, sendo o certo que lhe cometerão adultério e entendendo assim provando depois o adultério por prova lícita e bastante conforme a Direito, será livre sem pena alguma⁴⁸⁹.

Pela análise de um dos imperativos legais que foi tomado como base para o código Penal Republicano, primeiro o homem matasse a mulher e depois ele se preocuparia em provar o adultério, fato não muito complicado numa sociedade que entendia a mulher como uma eterna dependente, incapaz social e juridicamente, ainda que no final do século XIX, por questões civis e penais, ela buscasse mais o poder judiciário a fim de garantir seus direitos. Pelo dispositivo legal, historicamente, às mulheres não eram destinadas as mesmas prerrogativas, geralmente elas perdiam no tribunal não apenas a honra mas os bens, e a execração pública limitava os espaços sociais frequentados por elas.

⁴⁸⁷ Código Penal do Brasil. Fonte: www.direitopenalvirtual.com.br Acesso em 10 de novembro de 2013.

⁴⁸⁸ ZARIAS, Alexandre. **Das leis ao avesso**: desigualdade social, direito de família e intervenção judicial. Tese de doutorado da USP, São Paulo: USP, 2008.

⁴⁸⁹ Ordenações Filipinas, Livro V, Título XXXVIII. Fonte: <http://www1.ci.uc.pt/ihti/proj/filipinas/ordenacoes.htm> Acessado em 29 de dezembro de 2013.

A prerrogativa para os assassinatos cometidos contra a mulher foi construída historicamente sobre uma noção de honra que reificava a mulher, considerando-a como propriedade do homem. Andréia Borelli nos adverte que “O significado da honra como qualidade das pessoas e/ou dos grupos familiares é uma questão que permeia as relações de gênero, construídas ao longo do processo histórico⁴⁹⁰”. Então, os comportamentos femininos e masculinos deveriam servir de indícios para a construção do conceito de honra do período, tanto na sociedade quanto no aparato jurídico. Nesse processo de alteridade, baseado nas diferenças de comportamentos, o discurso desqualificando as mulheres na sociedade e nos tribunais era uma constante.

O que nos afirma perceber o quanto a “desqualificação” do comportamento da mulher foi forjada é o estudo dos processos-crimes analisados pela pesquisadora Martha Abreu⁴⁹¹. Segundo ela, esses discursos podiam ser vistos nas decisões judiciais, nas ouvidas das testemunhas. Existia toda uma ideologia que buscava legitimar estereótipos, preconceitos e discriminações contra as mulheres que sofriam violência; desqualificando-as e convertendo-as em verdadeiras réis dos crimes nos quais são vítimas. Quando se tratava de crimes sexuais, as normas exigidas pelo Código Penal e as imagens ideologicamente construídas da mulher serviam como recurso para culpabilizar a vítima pelo crime, em um verdadeiro julgamento não do crime em si, mas do comportamento da mulher, com base em uma moral sexual. Infelizmente, essa prática ainda é bastante comum e pode ser vista, tanto hoje como na época em que os fatos foram narrados.

As ideologias misóginas no Brasil e em Pernambuco contribuíram muito para que a violência contra a mulher ainda persistissem. Hoje são nos chamados “crimes sexuais” que existem casos recorrentes de agressões e homicídios contra mulheres, praticados por homens, geralmente pais, maridos, concubinos e amasios. Essa violência, juntamente com um discurso opressor, visa, dentre outras acepções, minimizar a atuação das mulheres dentro e fora do espaço privado. A reportagem do Blog da Segurança no Diário de Pernambuco nos dá um panorama no Estado dos resquícios dessa relação de gênero pautada na desigualdade e violência.

Pernambuco é o 10º no ranking nacional de violência contra a mulher. A cada 100 mil mulheres, 5,5 são assassinadas por ano no Estado. O Recife ocupa a 6ª posição no ranking das capitais: a taxa de homicídios chega a 7,6 a cada 100 mil mulheres, por ano. Em 2010, 63 mulheres foram assassinadas na cidade e 251 no Estado.

⁴⁹⁰ BORELLI, Andreia. Op. Cit, p.69.

⁴⁹¹ ESTEVES, Martha Abreu. Op. Cit, p.43.

Com relação às mulheres negras, os números são ainda piores: no Brasil 61% dos óbitos foram de mulheres negras. A proporção desses óbitos merece destaque, no Nordeste 87% das vítimas são negras, no Norte, 83% e no Centro-Oeste, 68%.⁴⁹²

É no contexto social e cultural dos fins dos oitocentos que o texto de Vilella foi escrito. A conduta de Celeste, por si só, aliada ao pensamento misógino da época, fatalmente desqualificaria qualquer poder de decisão jurídica, social e financeira que ela poderia se valer, caso os seus delitos sexuais fossem descobertos pelo seu marido. O conhecimento do seu adultério por Tomé Cavalcanti seria- se não um caso de homicídio- uma “desgraça moral”, financeira e social para ela. Pela análise do texto, como disse Machado de Assis em relação ao caso extraconjugal de Brás Cubas e Virgília, o problema não era o pecado dos amantes, mas a publicação dele. O fato é que Celeste tinha receio. Apesar dela ser obcecada por Leandro Dantas, pois “o amor chegaria a loucura. Só um corretivo poderia existir: o medo que lhe inspirava o caráter do marido, por consequência, envolveram os seus amores no mais impenetrável mistério”⁴⁹³. Apesar das complacências do marido, Celeste possuía medo da reação de qualquer homem que tivesse o ninho conjugal manchado pela traição.

Ora, as relações de gênero no estado de Pernambuco, sobretudo na época do Brasil colônia, apesar de exceções, criaram o estereótipo da mulher submissa, beata e incapaz. As relações travadas entre homens e mulheres no espaço familiar, em especial da zona da mata, segundo Gilberto Freyre⁴⁹⁴, se traduziam numa relação de violência e submissão, o homem possuía o *status quo* de *pater*, e junto com ele o poder sobre os que no seu engenho viviam. Este pensamento, mitificado ou não pelo sociólogo, está contido no texto de Vilella, na voz direta do personagem Fortunato, o Jereba:

Que?! ... Tu sabes lá o que é um marido.... um marido aqui de Pernambuco... e demais a mais casado com uma mulher bonita?... Tem faro como cachorro, instinto como macaco e ciúme, ciúme como qualquer amante. Meu filho, isto de maridos condescendentes e que não conhecem as letras das mulheres... é lá para o Rio de Janeiro! Por aqui a civilização ainda anda muito atrasada... e esse respeito.⁴⁹⁵

Fato que trazia maior verossimilhança à narrativa confirmando o medo de Celeste era o sobrenome de família do marido dela. Isso por si só já prenuncia ao leitor o caráter autoritário do marido, embora na narrativa, num primeiro momento, essa característica fosse

⁴⁹² Disponível em <http://blogs.diariodepernambuco.com.br/segurancapublica/?tag=violencia-domestica>
Informações postadas no dia 13 de janeiro de 2013.

⁴⁹³ VILELLA, Joaquim Maria Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova**. Op. Cit. p.279.

⁴⁹⁴ FREYRE, Gilberto. **CASA-GRANDE & senzala**: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. In SANTIAGO, Silviano. Coordenação, seleção de livros e de prefácio. **Interpretes do Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguillar, 2002.

⁴⁹⁵ VILELLA, Joaquim Maria Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova** . Op. Cit. p. 284.

ofuscada por ela. Ele descendia da lendária família dos Cavalcanti tão citada por Gilberto Freyre⁴⁹⁶. Na época dos fatos narrados, o poder da família Cavalcanti era considerado no estado. É o caso, por exemplo, da família Cavalcanti de Albuquerque. Por várias vezes, no período estudado, os homens foram presidentes de Pernambuco, ocuparam cadeiras na Câmara, no Senado e em ministérios. Isso explica a estrofe que circulava nesse período na região: “Quem nasceu em Pernambuco, há de estar desenganado: ou se é um Cavalcanti ou se é um cavalgado⁴⁹⁷”.

Sabe-se que as notícias crimes e a violência contra a mulher nos jornais eram habituais, sobretudo quando os casos eram referentes à traição conjugal. Mas independente do motivo, a violência contra elas figuravam nas páginas dos jornais recifenses. Por coincidência, encontramos uma nota no jornal de um crime acontecido em Carpina, em que o assassino foi levado para a cadeia de Paudalho. A antiga morada de Celeste era exatamente para os lados de Carpina. O Engenho que ela morava com o marido era o engenho de Paudalho:

HORRÍVEL- No lugar Engenho Novo, carpina, deu-se ontem, cerca de 4 horas da tarde, um crime hediondo. Um indivíduo, banqueiro de caipira, na feira daquelle município, degolou à navalha uma mulher que se achava grávida e em seguida abriu-lhe o ventre, retirando a creança, da qual mutilou uma das mãos que amarrou em um lenço e levou para a sua residência. Preso às sete horas da noite, declarou que procedera assim porque sua vítima o odiava-o. Pessoas do povo affirmam, porém que o miserável praticou o crime somente porque dizem que a mão de um menino pagão serve para dar felicidade aos jogadores! O feroz assassino segue hoje para a cadeia de paodalho⁴⁹⁸.

Essas e outras histórias de violência contra a mulher, verdadeiras ou não, deviam povoar o imaginário da provinciana cidade do Recife. Essa violência desmedida foi um dos maiores motivos da apreensão da personagem Celeste.

As observações de Jereba faziam referência ao maior crime que Celeste podia ter cometido, escrever cartas de amor ao seu amante. Como ocorreu com Luísa em O Primo Basílio de Eça de Queiroz, as cartas escritas pela personagem representaram o seu futuro incerto. A mãe do Dom Ruan, de forma sagaz, busca junto a Celeste angariar algum dinheiro para o seu futuro e de sua filha Marocas. Então, decide chantagear a senhora de engenho. Ela,

⁴⁹⁶ FREYRE, Gilberto. **CASA-GRANDE & senzala**: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. In SANTIAGO, Silviano. Coordenação, seleção de livros e de prefácio. **Interpretes do Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguillar, 2002

⁴⁹⁷ Cássia Albuquerque, Fábio Arruda de Lima, Marcelo Bezerra Cavalcanti e Francisco Antônio Doria. **Os Cavalcantis**, Edições do Jardim da Casa, 2011. Fonte: <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/cavalcanti-saga-maior-familia-brasil-682213.shtml> Acessado em 23 de dezembro de 2013.

⁴⁹⁸ **Jornal Pequeno**, Recife, 09 de setembro de 1901., n 30, p.4. Acervo APEJE.

pelas condicionais do tempo, se desespera e busca consolo e ajuda junto ao pai de Josefina, o comendador Braga. Ele, no seu espírito romântico, decide ajudá-la, mas tudo seria em vão, pois, Clotilde, a emparedada, revoltada por saber do relacionamento de sua amiga com o seu “grande amor”, de forma astuta, faz Cavalcanti saber de todas as faltas de sua esposa. A reação do personagem, num primeiro momento é de desespero, até chora pela traição, mas o que se segue é uma sucessão de violência simbólica cometida contra Celeste. Esta que, se não se valesse da intervenção do avô de Clotilde, aumentaria a lista de homicídios contra a mulher na cidade dentro do tempo da narrativa. Quando o marido traído escuta pela boca de sua própria mulher a confissão, eis as principais cenas que se passaram na casa dos Cavalcantis:

Ao ver o marido, sobretudo ao notar a palidez quase Cadavérica do seu rosto, Celeste recuou cheia de assombro e sentiu-se vacilar[...].
Celeste passado o primeiro movimento de assombro tornou-se a se aproximar do Comendador e instintivamente diligenciou-se esconder-se atrás dele[...]
Cavalcanti, porém, parecia não tê-la visto. Com lentidão solene e grave, entrou na sala de sua mulher e dirigiu-se ao velho comendador, que por sua parte adiantou para ele, disposto a intervir de qualquer sorte e obviar qualquer explosão de momento, embora justa e legítima.⁴⁹⁹

Observe que os valores morais e sociais do escritor Carneiro Vivella podem ser vistos na superfície do texto. A questão da legítima defesa da honra, tão temida por Celeste, era algo socialmente aceitável na sociedade oitocentista da época. A violência seria uma forma de calar o espírito liberto e “libertino” de sua mulher. Na narrativa, é a partir da possibilidade da violência legitimada e deflagrada contra a mulher em Pernambuco que os papéis dos personagens se invertem. Agora, Cavalcanti estava resoluto, ativo e enérgico, tomava atitudes antes nunca pensadas pelo seu perfil apático. Celeste termina a cena aos pés do marido de forma medrosa, passiva, humilde, chorosa, submissa. “Está este(Cavalcanti) de costa e quando se voltou deu com ela ajoelhada na humilde e chorosa postura de uma miserável Madalena”⁵⁰⁰. O fim do segundo traço de perfil feminino realista na personagem seria pelo autor resolvido como moeda de troca. Pela revelação do adultério dela ao seu marido, existiria agora uma mulher resignada.

O fim de Celeste, Carneiro Vilella não o disse, apenas sugeriu. Bem ao estilo dos romances policiais, deixou para um outro texto a continuação da história dessa “triste pecadora”. Apenas o que sabemos é que as cartas de amor de sua mulher as quais estavam sob o poder de Calu seriam resgatadas. Quanto a Celeste, temos apenas estas últimas imagens

⁴⁹⁹ VILELLA, Joaquim Maria Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova**. Op. Cit. p.461. Grifo nosso.

⁵⁰⁰ Idem. p.465.

aterrorizadoras: “Vendo-se a sós com seu marido, Celeste sentiu invadir-lhe o coração um frio gélido e sufocante. Quis gritar e não pôde. Parecia que uma garra de ferro lhe apertava a garganta e que lhe davam na cabeça marteladas surdas e repetidas”⁵⁰¹

Na narrativa de Vilella, a transgressão feminina pelo adultério é uma constante, dominante também nos textos Realistas de outros escritores brasileiros. A presença da antiga amiga de colégio, Celeste, nos círculos de amizade de Josefina fora fundamental para que a atmosfera do delito se consumasse. No texto, percebe-se que a mãe da emparedada parecia ser um daqueles espíritos moralmente fortes, uma rocha moral incorruptível. Foi, dentre as três mulheres, a que mais causou trabalho ao nosso Don Ruan. Parecia possuir uma moral convicta e inabalável. Mas não nos esqueçamos, como Celeste, ela também teve sua moral formada nos recolhimentos; como Celeste, ela possuía, ainda que num primeiro momento fosse mais contida, uma sexualidade reinante.

Aparecesse a ocasião e do invólucro daquele coração mal educado, em cujo fundo dormitavam esquecidos todos os vícios apreendidos e adquiridos no colégio e todas as corruções insinuadas nos confessorários – irromperiam, em lavas ardentes e impetuosas, a paixão e a luxúria, a sede do gozo e de todo o seu cortejo de inconveniências e de horrores.⁵⁰²

Por ocasião da mudança de sua amiga Celeste do Engenho de Paudalho para a casa da passagem da Madalena, em Recife, Josefina- agora mais perto dela- passou a frequentar com mais assiduidade os espaços de sociabilidades da burguesia incipiente da cidade: o Monteiro, e suas festas religiosas afamadas; a casa da Madalena dos Cavalcantis, nas suas intermináveis reuniões de sexta à noite, e os teatros, espaços culturais de luxo e oportunidades. Observe que é, exatamente, no teatro de Santa Isabel, que Leandro Dantas conhece suas amantes. A impressão que o conquistador causara a Josefina não fora despercebida. “A sua natureza ardente e sopitada até então não pudera conservar a calma precisa para resistir a uma tentação até debelá-la ou vencê-la completamente”⁵⁰³. A presença da amiga e as consequências dessa amizade, representavam, antes de mais nada, uma distração animada, uma forma dela sair de uma atmosfera de tédio, em que as ações se repetiam cotidianamente na sua casa. Pela presença de Celeste, Josefina poderia viver novas experiências conhecidas apenas nos folhetins lidos por ela, a sua relação amorosa com Leandro faria com que o seu ser definitivamente pudesse participar de uma festa dos sentidos.

⁵⁰¹ Idem. p.464.

⁵⁰² Idem. p.295.

⁵⁰³ Idem. p.294.

De repente, porém, a monotonia necessariamente existente nesse seu viver de quase reclusão, rompeu-se com a súbita aparição de Celeste. Alargava-lhe inesperadamente o círculo de suas relações e Josefina, atraída e atirada ao meio daquele mundo novo para ela e apenas entrevistos nos seus sonhos após a leitura dos romances mais afrodisíacos, sentia-se outra e ofegava-se cheia de anelitos frementes, procurando aspirar todas aquelas emoções embriagadoras e há tanto tempo desejadas. Passava pela sensação que deve experimentar o indivíduo que, por muito tempo recluso no meio das trevas mais espessas, é de repente transportado para a luz brilhante e límpida do sol. Tinha deslumbramentos e caía em êxtases completos.⁵⁰⁴

À maneira de Luísa do Primo Basílio de Eça de Queiros, Josefina bebia no romance “uma vida inteira que poderia ter sido e que não foi”⁵⁰⁵, pelo menos até aquele momento. Como as outras mulheres da Emparedada, ela sucumbe às investidas de Leandro Dantas. Josefina também comete este “pecado”, o adultério, mas o que se sucede a ela, diferentemente do que ocorreu com Celeste, o autor nos diria. Ela transformou o seu ser através da relação adúltera com Leandro, e a experiência da liberdade sexual resgatou nela um estigma de mulher sexuada. Houve uma verdadeira transformação da personagem, antes apática, submissa; agora, ativa, soberana.

As reações sentidas pelas duas personagens realistas, Luísa, de Eça de Queiroz, e Josefina, de Carneiro Vilella, nos apontam que pela transgressão o sentimento de renovação do espírito seria possível. Observe quando Luísa recebe a sua primeira carta de amor do primo Basílio:

[...] tinha suspirado, tinha beijado o papel devotamente! Era a primeira vez que lhe escreviam aquelas sentimentalidades, e o seu orgulho dilatava-se ao calor amoroso que saía delas, como um corpo ressequido que se estira num banho tépido; sentia um acréscimo de estima por si mesma. E parecia-lhe que entrava enfim numa existência superiormente interessante, onde cada hora tinha o seu encanto diferente, cada passo conduzia a um êxtase, e a alma se cobria de um luxo radioso de sensações!⁵⁰⁶

O discurso de Vilella é semelhante ao do português. O desejo de liberdade e autonomia sexual estava presente no imaginário da sociedade e em muitas mulheres do período. Não só em Portugal, ou no Rio de Janeiro, com Lucíola, Virgília, Rita Baiana, mas aqui em Recife também, com nossas protagonistas. A autonomia sexual implicava em autonomia política, liberdade do corpo, mesmo sob a vigilância dos mais diversos sensores.

As relações sexuais pautadas nas transgressões como adultério, prostituição, rapto, defloramento, com a anuência das mulheres, principiavam em mais liberdade e autonomia. Personagens como Lucíola, Luisa e Josefina chocam a sociedade e a moral monogâmica do

⁵⁰⁴ Idem. p.295.

⁵⁰⁵ Verso extraído da poesia Pneumotorax do pernambucano Manoel Bandeira. Para saber mais ver: BANDEIRA, Manoel. **Estrela de uma vida inteira**. Op. Cit. .

⁵⁰⁶ Trecho existente no capítulo VI. Fonte: http://pt.wikisource.org/wiki/O_Primo_Bas%C3%ADlio/VI#quote1 Acesso em 20 de outubro de 2013.

período porque, historicamente, tanto o prazer quanto o gozo representam atributos masculinos. “Esse ‘esquema ejaculatório’, através do qual se percebe toda a atividade sexual, e em ambos os sexos, mostra evidentemente a dominação quase exclusiva do modelo viril⁵⁰⁷” se fez presente na nossa sociedade. Na narrativa do romance Romântico de José de Alencar, a inversão desses papéis alimenta o imaginário da prostituta, pondo a personagem Lucíola como “mulher experiente e misteriosa diante da qual mesmo os homens mais abastados e vividos se tornavam provincianos, passava a ser responsabilizada por todos os novos vícios que se difundiam com o crescimento da vida boêmia na cidade⁵⁰⁸”. Na obra, a emancipação do corpo significaria por extensão a representação da emancipação feminina. O corpo, dotado de atitude política, conservava em si autonomia e formava subjetividade. Note que no caso de Lucíola, a independência financeira da personagem se dá pela liberdade de escolha da utilização do corpo como fonte de prazer e lucro.

No texto de Machado de Assis, o adultério de Virgília representava apenas uma vontade do corpo, uma forma dela não se entediar com a sociedade fluminense. Lembremos que no momento em que Brás Cubas propunha fugir, ela resiste, fica pensativa. Ora, pelos implícitos e subentendidos do texto machadiano, sabemos que o sonho de Virgília era ser marquesa, sabemos que o seu marido Lobo Neves se tornaria ministro. Pela conversa que se passa com os dois, percebemos que o motivo da personagem cometer o adultério não seria o amor. Ela teve, ofertada por Brás Cubas, a oportunidade de fugir, de viver em outro lugar esse sentimento, mas vacila.

Fujamos[...]

Tarde ou cedo, ele pode descobrir alguma cousa, e estarás perdida...ouves? perdida... morta... e ele também, porque eu o matarei, juro-te. Interrompi-me; Virgília empalidecera muito, deixou cair os braços e sentou-se no canapé. Esteve assim alguns instantes, sem me dizer palavra, não sei se vacilante na escolha, se aterrada com a idéia da descoberta e da morte⁵⁰⁹.

A autonomia do personagem se dá quando não aceita a proposta e, maliciosamente, propõe outra a Brás Cubas. A partir desta conversa perturbadora e inconveniente entre eles, os papéis se inverteriam. Agora Virgília, após a nomeação do seu marido Lobo Neves, é quem o interroga e propõe a ele embarcar no navio que levaria a personagem e a sua família para longe do Rio de Janeiro.

⁵⁰⁷ FOCALTY, Michel. **História da sexualidade**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1895. P.164

⁵⁰⁸ RAGO, Margareth. Op. Cit, p.98.

⁵⁰⁹ ASSIS, Machado. Memórias **Póstumas de Brás Cubas**. Op. Cit, p.182

Com o escritor pernambucano, essa mudança de personalidade da mulher não seria diferente. O que marca a nossa personagem é a altivez dela adquirida após a traição. A partir daquele instante, ela, Josefina, a culturalmente submissa, enfrentaria os homens num pé de igualdade, combateria contra o seu marido, ao ponto da violência chegar às vias de fato. Quando Zarolho vê a esposa do comerciante, pelo olhar dela, fica-lhe a expressão dita pelo narrador: “É que há mulheres que parecem ter o condão de dominar, e cuja força magnética se manifesta sem preâmbulos. Josefina era uma destas privilegiadas ou predestinadas”⁵¹⁰. Nas suas muitas querelas com o marido, sempre se mostrava resoluta. Enfrentava não apenas ele, mas o que a autoridade dele representava para ela depois do seu envolvimento com Leandro: nada. Quando pensa em ir à casa do seu pai, o seu marido busca intervir, veja como ela procede:

- E ... para onde vai a senhora? Inquiriu de novo o comendador, desta vez, porém com aspereza e autoridade.
Josefina encarou-o de frente para significar-lhe, que embora grosseiro, não a intimidava o tratamento, e satisfez-lhe a pergunta com a maior naturalidade:
- Vou para a casa de meu pai.[...].⁵¹¹

Diante da recusa do marido, ele pergunta com autoridade, mas ela responde com não menos:

- Não me obedeceria?!...por que?...- gritou ele erguendo o braço num gesto duvidoso, que tanto poderia ser natural.
Josefina sentiu subir-lhe ao rosto uma onda de sangue: um relâmpago de raiva e de indignação passou-lhe pelo peito, queimando-o sem piedade. Deu um salto de leoa, que despedaçava os varões da jaula que a prendia, e agarrando o marido pelo pulso, soprou-lhe às faces esta sentença:
- Porque quero!
Jaime, pálido e surpreso, recuou como que aterrado ante aquela fúria que ele havia provocado. Nunca tinha visto sua mulher sob semelhante aspecto: julgá-la-ia sempre incapaz de uma tal energia, habituado como estava não só a governá-la sempre conforme a sua vontade, como também a vê-la carinhosa e submissa. Entretanto agora, de súbito iria encontrá-la inteiramente mudada; em vez de carinhosa, áspera; em vez de submissa, desobediente; em lugar de boa e tímida, enérgica e altaneira.”⁵¹²

Num processo antagônico construído por Vilella, o autor mostra que a perda, por parte do homem, do corpo da mulher e dos poderes sexuais advindos e legitimados pelo casamento, funcionava como alavanca para que, através da violência, a desforra fosse feita. Esse pensamento foi o que ocorreu como o senhor de engenho. Ao contrário de Celeste, que teve as “forças de homem” minimizadas pela descoberta da traição pelo seu marido, o início das

⁵¹⁰ VILELLA, Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova**. Op. Cit. p. 56.

⁵¹¹ Idem. Ibidem.

⁵¹² Idem. p.60.

práticas adúlteras representavam para Josefina inscrever subjetividade, deixar transparecer sua autonomia; pela liberdade sexual possibilitada pela transgressão, ela marca uma personalidade.

Essas atitudes da personagem possivelmente foram responsáveis pelo seu fim trágico. Um homem, sobretudo nos oitocentos, não estaria habituado a tanta ousadia. O caminho pelo autor Carneiro Vilella, e necessário ao personagem Jaime para ele poder concretizar os seus crimes e sair ileso, não foi o homicídio de Clotilde, nem mesmo, o castigo de Celeste- a subordinação. Nas passagens do texto, percebemos que por mais ódio que ele tivesse da sua esposa, matá-la não seria viável. Não nos esqueçamos de que, quando o diálogo entre ele e Josefina acontece, no tempo da narrativa, parte de sua vingança já estava concretizada: Leandro não mais vivia.

Por isso lancemos luz a algumas observações: o código penal da República (1890) modificou as relações políticas e sociais do Brasil no final do século XIX. A proteção da honra da mulher deixava de ser um problema privado, referente apenas à família, e exigia conseqüentemente a ação do estado no interesse de defesa social. Em alguns casos, o crime podia ser um problema mais complexo porque a honra, que era o principal atributo da mulher, dependia também do comportamento dela, ou seja, dependia que sua honestidade fosse realmente comprovada⁵¹³. Mas também seria interessante nessa época, para o marido, provar o adultério para a sociedade.

O aparelho judiciário nessa época foi importante para o propósito estatal na medida em que buscou controlar os comportamentos amorosos das pessoas, mas não com o fito primeiro de fazer justiça às mulheres violentadas. A questão da segurança passava também pela questão de *civilização* numa sociedade que precisava desse *status*, pois os crimes eram “vistos como uma das faces negativas do estágio de evolução da civilização ocidental, explicados enfaticamente como produtos da dissolução dos costumes resultante de “vertiginosas” e “perigosas” mudanças estruturais que o país vinha passando⁵¹⁴”. Nesse contexto, numa sociedade cientificista, a violência representava a força dos instintos sobre a razão, por isso era uma forma de desagregação familiar, e a violência contra a mulher, ainda que timidamente, passou a ser execrada. Segundo Martha Abreu⁵¹⁵, é possível perceber a difusão dos comportamentos higiênicos e as noções de moral sexual nos discursos dos

⁵¹³ ESTEVES, Martha Abreu. Op. Cit, p.94.

⁵¹⁴ MARTINS JÚNIOR, Carlos. **Mulheres “honestas” e mulheres “impuras”**: uma questão de Direito. In SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA,, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005. p.1.

⁵¹⁵ ESTEVES, Martha Abreu. Op. Cit.,p.76.

advogados, promotores e também nas sentenças dos juízes. Os casos mais comuns de crimes sexuais era o adultério e o defloramento, explorados por Carneiro Vilela n`A Emparedada da Rua Nova.

Nos casos de crimes de honra, a força estatal não agia só punindo o homem criminoso, como também difundia as regras de comportamentos higiênicos. Em algumas situações, como o adultério, era considerado de reprovação popular matar, sem provas do adultério, uma mulher socialmente conhecida e de conduta exemplar. Essa perspectiva de controle da sexualidade e de comportamentos voltava-se, prioritariamente, sobre a moral e a honra feminina. Existe outra questão de que não se pode esquecer: “lavar a honra com sangue” não deixava absolutamente inócuo o homem, pois ele era vítima da irrisão pública.

Josefina, diferentemente de Celeste, tinha uma conduta ilibada. A sociedade não a via como uma “cortesã de salão”. Para o marido, diante das condições sociais da mulher- filha de um rico e influente comerciante da cidade, o comendador Braga- tirar-lhe a vida física talvez não seria uma coisa interessante a fazer. Na hora propícia para cometer o crime de homicídio por adultério ele recua diante de sua mulher dormindo na alcova:

- Não, murmurava ele no seu íntimo e pouco a pouco se acalmando ou antes se entregando ao império frio do raciocínio:- Não, não a matarei... para quê?... em que é que isto me vingaria do ultraje a puniria do delito? Amanhã encontrariam o seu cadáver... achariam o estoque de minha bengala... prender-me -iam e apontando-me todos como um miserável assassino porque ninguém saberia dos motivos reais do meu crime ,arcar-me-iam com o ferrete da ignomínia, como um miserável já me marcou com o selo do ridículo, em torno de mim far-se-ia o vácuo do desprezo público, ou cercar-me-ia essa atmosfera pesada e atrofante do desconceito, da condenação e do infortúnio.⁵¹⁶

Pelas palavras proferidas do personagem, bem se vê que a sua intenção não era matar Josefina. Então, qual a solução encontrada por Carneiro Vilela para vingar a honra do personagem Jaime? Foi o local socialmente construído para o não-dito, o lugar da loucura. Josefina, como tantas outras mulheres do período, acabou “louca”. A interdição para Foucault⁵¹⁷ é o não espaço da linguagem racional, a mudez necessária à normatização e saberes historicamente construídos. A loucura era o perigo iminente, ela representava uma forma geral de transgressão durante décadas. Assim era vista e, por isso, se pautava no isolamento. Durante muitos anos, a loucura foi colocada junto a tudo o que caracterizava o mundo falado e interditado da desrazão. Como linguagem excluída, pronunciando palavras

⁵¹⁶ VILELLA, Carneiro. *A Emparedada da Rua Nova*. Op. Cit. p.388.

⁵¹⁷ FOUCAULT. *A loucura, a ausência da obra*. In ditos e escritos. V.I, Rio de Janeiro: Ed. Forense 1983.

sem significação ou deixando passar significações interditas, a loucura sempre foi um “raro perigo”.

No período em que os fatos foram narrados, vivíamos sob o estigma da ciência na qual os positivistas, como o doutor senhor Malaquias, abnegavam características intelectuais inferiores pelo peso do crânio às mulheres, por isso o conhecimento poderia ser algo perigoso para elas e para a sociedade; então, a loucura seria a decisão mais adequada para o autor. A própria Ordem Médica do Brasil é fomentada por este cientificismo. A psiquiatria, tão em voga na época, tinha como função isolar o louco da sociedade⁵¹⁸. Numa sociedade refém de teses científicas, verdades foram criadas:

Entre esse conjunto de verdades que se calçava no cientificismo estavam as explicações da psiquiatria para as histerias femininas e o furor uterinos como causa das traições de alcova; o determinismo e o evolucionismo justificando o racismo e determinados procedimentos morais; ou mesmo o anticlericalismo panfletário e a certeza positivista sobre como nos deveríamos nos inscrever no concerto das nações civilizadas⁵¹⁹

O enquadramento da loucura, justificada pelo narrador, se baseava na liberdade de escolha do parceiro sexual, o direito da mulher de dispor dos seus bens, e a sua sexualidade. Estes motivos escolhidos por Vilella não estavam tão distantes da realidade no momento da escrita da narrativa, pois,

No século XIX, a mulher ultrapassava o limite de segurança ao tentar concorrer com o homem e “do ponto de vista dos higienistas, a independência da mulher não podia extravasar as fronteiras da casa e do consumo de bens e ideias que reforçassem a imagem da mulher –mãe”. Segundo ele(Costa), para que o machismo continuasse existindo, era necessário a inferioridade da mulher, e a loucura era uma forma higiênica de punir a mulher⁵²⁰”

Na cidade do Recife, essa lógica também foi incorporada. A fonte a seguir discorre exatamente sobre isso, em 17 de maio de 1891, dona Ângela Baptista Barreto, tornaria público, no Jornal do Recife, possíveis procedimentos dos quais muitos homens no Brasil, por interesses diversos, lançariam mãos para desqualificar mentalmente as mulheres:

Meu filho Francisco de Paula da Silva Rego tem escripto contra mim e seu padraсто, Presciliano Prisco Paes Barreto, insinuando que eu estou sofrendo de desarranjo mental e que seu padraсто é seu inimigo.

⁵¹⁸ MACHADO, Jacqueline Simone de Almeida e CALEIRO, Regina Célia. **Loucura feminina: Doença ou transgressão social?** Desenvolvimento social. Montes Claros, v. 1, n. 1 - jan./jun. 2008. Fonte: http://www.rds.unimontes.br/index.php/desenv_social/article/viewFile/87/74, acesso em 30 de dezembro de 2013.

⁵¹⁹ VILELLA, Joaquim Maria Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova**. 5. Ed. Recife: CEPE, 2013. p. 12. Vide apresentação do professor Anco Márcio Tenório Viera.

⁵²⁰ COSTA *apud* MACHADO, Jacqueline Simone de Almeida e CALEIRO, Regina Célia. Op. Cit, 2008, p.4.

Em atenção às pessoas de minha amizade e ao respeitável público devo dizer que tendo o meu filho herdado de seu pai a quantia...esbanjou-a no espaço de seis a sete anos, com os respectivos rendimentos, que alem daquela quantia esbanjou mais... que lhe adiantei, do que tenho recibos, sem falar de outras quantias de que não tenho recibos.

Quando lhe falta dinheiro, procura havel -o de mim por todos os meios, perturbando minha tranquilidade e ameaçando seu padrao, o qual para evitar alguma desgraça sai de casa a meu pedido. Ultimamente chegou do Rio de Janeiro, onde reside e se acha sua mulher, e depois de muitas scenas desagradáveis , violentou, durante minha ausência, quatro gavetas de duas commodas , subtrahiu diversas joias no valor de duas apólices gerais... e documentos; quando o interpelei sobre isso respondeu que assim procedera para a sua garantia.

Este facto consta da vistoria feita pelo Ilm. Sr. Dr. Chefe de Polícia a meu requerimento depois de esgotáveis os meios amigáveis para entregar os objetos subtrahidos e sair da minha casa.

Consegui apenas a sahida depois de prometer-lhe uma mesada de...para casa e alimentação e de adiantar dous mezes.

Em seguida a este acto generoso fez publicações insensatas no Jornal do Recife e em avisos, dando assim testemunho de sua ingratião e do absoluto esquecimento dos deveres de filho e mostrando que pretende viver à custa dos meus bens do tempo de seu pai e os adquiridos depois com a maior economia⁵²¹.

O que se pode deprender desse texto é que a prática de enlouquecer a mulher no Recife, como em outros lugares do Brasil, estava relacionada a qualquer atributo conquistado por ela que não a collocasse numa posição de inferioridade. Veja, Dona Angêla Batipsta Barreto era conhecedora de sua situação civil e financeira, pressupomos que, se não era rica, pelo menos remediada, pois no dia 22 de maio do mesmo ano, cinco dias depois, tornou público que constituía advogados para defender seus interesses:

D. Angela Baptista constituiu seu advogado o Dr. Manoel Francisco de Barros Rego, para tratar da defeza de seus direitos perante os Tribunaes de paiz contra cós actos e crimes praticados por Francisco de Paula da Silva Rego, filho do 1 casal da outorgante, podendo seu dito advogado, requerer e assignar tudo quanto necessário for, de modo a garantir a vida da outorgante e salvaguardar os bens de seo casal⁵²².

Josefina, como filha do rico comendador Braga, poderia, por meio da justiça, exigir seus direitos. Com a herança que lhe coubesse do pai e com o seu apoio- pois ele representa o bom senso e bondade característica do romantismo- a personagem poderia seguir adiante na vida. Mas não foi esse o intuito do pensamento androcêntrico e misógino da época e, por extensão do autor, que em muitas passagens do texto, por digressão, se mostra intolerante para com as ações das suas personagens femininas. A loucura de Josefina resolveria, para o personagem Jaime, muitos incômodos que ele futuramente poderia ter com sua esposa. Tanto

⁵²¹ **Jornal do Recife**, Recife, 17 de maio 1891, n 21, p.4. Acervo APEJE. Grifo nosso.

⁵²² **Jornal do Recife**, Recife, 22 de maio 1897, n 23, p.3. Acervo APEJE.

que, após a resolução de emparedar a sua própria filha, ele se dirige para a sociedade tentar despistar o seu intuito e confirmar o estágio de demência de sua mulher.

[...] saiu e dirigiu-se para o Recife, bairro essencialmente comercial. Foi direto à associação, onde os colegas o cercaram e ele aproveitou ardeiramente a ocasião para participar a viagem repentina e incômoda que era obrigado a fazer para a Europa, a fim de tentar a cura da mulher e procurar melhoras para a saúde da filha, fortemente abalada com a perda inesperada do avô, a quem ela tanto estimava.⁵²³

A construção do caminho da loucura arquitetada por Carneiro Vilella foi comum ao mesmo destino de tantas outras mulheres na literatura e sociedade da época. Primeiro começa pelo histerismo, pois as mulheres são “naturalmente histéricas”; depois, pela “interdição”. Pela construção da narrativa, o autor em diferentes momentos do texto induz o leitor a acreditar no quanto a mulher é “propícia” a estas “instabilidades nervosas”.

O início da loucura de Josefina esteve ligado à verdade dos fatos, foi justamente a lucidez que a “cegou” mentalmente. Quando soube por sua amiga Celeste que esta tivera um caso com Leandro Dantas, desesperou-se. Foi justamente na casa da passagem da Madalena que Josefina teve suas primeiras crises. A última cena da loucura de Josefina foi tão impressionante quanto à complacência de Celeste. No momento em que ela descobrira que o seu amante estava morto e que sua filha engravidara dele, a loucura, até então apenas histérica, tomou forma.

Acabava de ecoar uma gargalhada estrídula e medonha. Uma nova desgraça, talvez mais terrível do que as outras, viera cair naquela casa e trazer ao seio daquela família a desolação e o horror. [...]

Ao voltar do longo delírio em que a prostrara a angústia de saber que o próprio amante o fora também de sua filha e que de mais a mais tinha sido assassinado, lançou ao redor de si os olhos pasmos e fitos, de cuja expressão dolorosa e espantada só a loucura tem o segredo, e deu uma gargalhada estridente e indefinível. [...]

Jaime sentia os cabelos eriçados e instintivamente recuou. Josefina acompanhou-lhe o movimento e ao passo que avançava e o ia fazendo recuar, a sua fisionomia ia tomando uma expressão sarcástica, diabólica. Jaime tinha medo, reconhecia que a mulher estava louca e receava que ela fosse capaz de qualquer violência inconsciente e por isso mesmo terrível[...].

Depois, afastando-se bruscamente, como se o houvesse reconhecido e o quisesse repelir, deu uma gargalhada estridente, porém enrouquecida, e voltando-se para os espectadores dessa cena estranha e ao mesmo tempo dolorosa, murmurou com voz sibilante:

- É o assassino!...⁵²⁴

⁵²³ VILELLA, Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova**. Op Cit. p.543.

⁵²⁴ Idem. p.523. Grifo nosso.

Nos últimos instantes de “sandice”, Carneiro Vilella quis mostrar que na loucura da mulher do comerciante, nas suas palavras, havia um gemem de verdade. Josefina fala como fala porque por trás de toda palavra existe um conteúdo manifesto a ser desvendado. Por isso a insistência de sempre a personagem proferir a palavra assassino em direção do seu marido Jaime Favais. As palavras ditas pela personagem dão forma ao quadro de terror e medo vivido por Jaime. O fim de Josefina representa na obra mais uma violência simbólica cometida contra a mulher.

Clotilde, a emparedada, diferentemente da mãe e de Celeste, não vacilava quanto às suas convicções. Mesmo que, em alguns momentos, ela fosse romantizada pelo autor, a transgressão dessa personagem era realmente o espírito de liberdade, produzindo excessivamente na alma dela o seu complemento, a rebeldia. Esse atributo, diferentemente do que ocorrera com Josefina e Celeste, não fora apaziguado e temperado pelas convenções culturais e morais da época, ou pelo terror da violência que a insubordinação poderia causar. Não, muito pelo contrário, nos espaços “asfixiantes” da educação religiosa dos colégios, dos desmandos do poder paterno, esse atributo se tornara cada vez mais resistente.

Se mais alguma coisa trouxe para a casa paterna como prenda valiosa, foram sem dúvida umas lições práticas de hipocrisia e um ódio inveterado por tudo quanto fosse contrariedade e por tudo quanto lhe parecesse reclusão. A seleção quase conventual, em que vivera durante o período colegial, fizera-lhe adorar a liberdade. Os sofrimentos por que passara na observância rigorosa de umas regras carrancas e aperreadoras, haviam acumulado no seu coração uns ódios intransigentes por tudo quanto lhe parecesse obrigação e tinham-lhe dado uma aptidão e uma presteza extraordinária para a revolta.⁵²⁵

Apesar de algumas características românticas, como o amor e a descrição física, a dissimulação, a sexualidade, a autonomia, a rebeldia eram a dominante no seu discurso e nas suas ações, por isso a aproximavam das personagens femininas do realismo. Essa mulher em muitas passagens possuía um caráter contraditório, como também o foi o texto de Vilella, características dos romances da época. Ela marcava notadamente a passagem de um perfil Romântico para o Realista.

Para que o seu sentimento por Leandro não fosse descoberto, ela seria capaz de fazer a realidade esperada pelas convenções sociais sem fazer nada do que elas esperavam: era uma hipócrita por convicção e espírito, “era capaz de todas as hipocrisias e de todas as dissimulações”⁵²⁶. A sexualidade reinante da moça também formava o espírito dela.

⁵²⁵ Idem. p.46.

⁵²⁶ Idem. p.296.

Entregara-se de corpo e alma ao seu amante; Clotilde quebra, para os parâmetros morais da época, o pacto de pureza e de honra até então socialmente conservados pela sua virgindade. Esse desejo reinante do corpo marca na personagem uma subjetividade e significa o estopim da sua liberdade e autonomia frente aos homens. No encontro, às escondidas por trás da casa do Monteiro, com Leandro, a Emparedada não vacila, apesar de todas as convenções sociais. Ela extravasa, transborda da vasilha, joga-se aos apelos dos sentidos. Mesmo consciente do que poderia acontecer a ela, numa sociedade misógina, não recua: perde a vida, mas ganha o momento. “Clotilde, naquela noite fatal, em que fora ao encontro do baiano, não tivera bastante energia para impor silêncio aos impulsos apaixonados de sua própria carne, aos extravios sensuais de seu amor, por tanto tempo comprimido e sufocado”⁵²⁷. Esses atributos da personagem reforçam o estereótipo da mulher Eva: dissimulada, transgressora, sexuada e desobediente.

A principal desobediência da personagem é não aceitar o único remédio útil e redentor de suas transgressões, sobretudo sexuais e as consequências destas: o casamento com o seu primo João Favais. De forma enérgica, convencida, resoluto e humana, Clotilde não aceitava as investidas do seu primo e nem as ordens do seu pai para a consecução das bodas. Mesmo grávida, recusa um casamento de conchavos e conveniências.

Com o fim do sistema do padroado (1889) e a vigência do decreto 181, de 24 de janeiro de 1890, o casamento civil foi instituído no Brasil. Apesar das alterações jurídicas advindas desses fatos, a questão do casamento, como a formação da família e o contrato, ante à esfera civil, passou a ser debatida. Em 1899, um dos mais relevantes membros da Escola do Recife, Clóvis Bevilacqua, foi indicado para ser o relator do novo código civil. Como assinalou Andreia Borelli, esse fato trouxe mais polêmicas para a questão não só do Direito, mas da validade do casamento na esfera jurídica. Contrários ao filosofismo pregado pelos membros da escola de Direito de São Paulo, os adeptos da Escola do Recife e, principalmente, Clovis Bevilacqua propunham um código civil pautado no cientificismo, sobretudo no positivismo⁵²⁸. Em 1916 entra em vigor o novo código civil. Para a pesquisadora, esse código, nada ou quase nada, mudou as relações no espaço privado entre homens e mulheres. As relações de desigualdade de gênero ainda eram latentes. Por isso as mulheres nesse novo código ainda foram, em muitos momentos, incapacitadas juridicamente, tanto na esfera pública quanto na privada. No privado em especial, como retrucou o senhor Malaquias a fala do deputado Tobias Barreto no plenário, “com igualdade absoluta de direitos é impossível a

⁵²⁷ Idem, p.479.

⁵²⁸ BORELLI, Andreia. Op. Cit. pág. 10

família,⁵²⁹ desse pensamento também participava a sociedade recifense dos oitocentos. Desta forma, mesmo com o código civil, a concepção do casamento e muitas das ideologias circunscritas a ele permaneceram, delegando à mulher a posição de submissão frente aos desígnios do homem.

Esse código tomou como base o código civil republicano de 1890. No campo do simbólico, o mercado matrimonial representava uma das estruturas de dominação e como tal “não podem ser separadas da constituição do ser masculino, do ser feminino e das formas de relação que eles estabelecem. Isto é particularmente evidente no que tange ao mercado de bens simbólicos⁵³⁰”. As relações matrimoniais representavam um escambo no qual a mulher se subordinava à proteção do homem em troca de favores domésticos e sexuais. No século da civilização e progresso, o conceito de cidadania não era legalmente extenso às mulheres. Por isso o termo bem empregado pela pesquisadora Andreia Borelli, o que a mulher tinha era apenas uma cidadania relativa.

Na sociedade oitocentista da cidade do Recife, muitos homens faziam da imagem da mulher e de tudo o que decorria das relações matrimoniais instrumentos essenciais para criarem representações sociais. A família seria a candeia do corpo social, se ela possuísse luz, toda a sociedade poderia brilhar sob uma auréola emprestada. Por isso, no texto de Carneiro Vilella, há várias passagens de Jaime Favais, Tomé Cavalcanti, expondo suas mulheres e seus filhos como troféus sociais. O próprio senhor de engenho se casa com Celeste porque poderia exibi-la, mulher bonita que era, para a sociedade recifense. A noção de família perfeita perpassava também pelo crivo da imagem de mulher dedicada, bela, honesta, mãe, resignada. O discurso da limitação da capacidade jurídica da mulher se travestia de um conteúdo misógino e possuía como base a noção da proteção da família em primeira e última instância.

A cidadania relativa dessas personagens sociais, como disse Andreia Borelli, possuía um discurso que,

[...] caminhava no sentido de legitimar a incapacidade jurídica das mulheres casadas, pela necessidade de garantir a harmonia familiar e não por considera-las possuidoras de algum tipo de inferioridade. Apesar da alteração no sentido do discurso, o efeito mantinha-se inalterado, ou seja, o código reforçava a hierarquia entre os sexos existentes na sociedade, colocando a mulher em situação subalterna⁵³¹.

Esse discurso não ficava apenas na esfera jurídica, mas acompanhou também a esfera pública: os romances do período literário do Romantismo cumpriam essa função

⁵²⁹Idem.

⁵³⁰BORDIER *apud* BORELLI, Andreia. Op. Cit. pág. 13.

⁵³¹BORELLI, Andreia. Op. Cit. pág. 26.

moralizadora, para a perpetuação de uma ideologia que via a mulher como um sobressalente do homem. Muitos jornais femininos, como o *Beija Flor*, em oposição à figura da mulher emancipada, enumeravam as qualidades dessa mulher mãe, casada; o próprio discurso da igreja fomentava o ideal de mãe e esposa. Com o discurso médico e jurídico não seria diferente. Na esteira desse pensamento, a sexualidade da mulher sofreu muitos golpes e interdições, pois dois princípios básicos do casamento eram a monogamia e a procriação. “Poucos médicos admitiam que a mulher pudesse ter prazer. Com a disseminação do eugenismo e higienismo, pregava-se que a vida sexual feminina devia ser estimulada, mas com o objetivo de evitar o adultério do homem e a masturbação⁵³²”, por isso a Emparedada sofria as consequências de seus atos; a gravidez, prova cabal e indubitável de sua falta, lembrava a ela que a penalidade por tão alta afronta chegaria mais cedo ou mais tarde.

Ora, o fato dela não aceitar o casamento e saber o segredo de família- o assassinato cometido contra Leandro Dantas pelo seu pai- resultaram no final trágico da Emparedada. Por isso, na narrativa, Clotilde incomodava as principais personagens masculinas, sobretudo o seu pai e o seu primo. Ela representava mais uma testemunha que - diferentemente do que ocorreu às outras que sucumbiram às investidas morais de Jaime- não hesitou, como não hesitaria em denunciá-lo à polícia e/ou apontá-lo como assassino para a sociedade. Clotilde recusa o casamento porque sabia que a sua vida legal passaria da mão do seu pai para a do seu marido, o primo que ela odiara. Essa resolução representou, seguramente, o motivo primeiro dela para combater os homens da família.

De todos os combates da emparedada, seguramente os travados com o seu pai eram os mais desgastantes e perigosos para o seu corpo e seu espírito. Segundo Foucault⁵³³, os indivíduos estão inseridos nas relações de poder, e a elas não se pode escapar. Contudo, nessas relações, há um vínculo de mão dupla: prazer e poder. A repressão engendra um prazer por parte dos indivíduos que exercem esse poder- prazer de mostrar força, dominação; em contrapartida, essa mesma repressão gera um prazer por parte dos dominados em transgredir as normas. Não se pode esquecer que os sistemas de repressão não são cem por cento eficazes, haja vista que, apesar de uns não escaparem desses sistemas, há indivíduos que conseguem se desviar da repressão. Essa ineficácia é o elemento que torna a repressão aceitável aos olhos dos dominados.

⁵³²BORELLI, Andreia. Op. Cit. pág. 28.

⁵³³FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo, Ed. Graal, 2012.

Nos diálogos, estabelecidos entre Clotilde e seu pai, isso fica evidenciado. Nessa relação de poder desigual, no seio familiar e privado, o pai representava a ordem a qual ela não tolerava e não acatava; e a passividade da mãe possibilitava a emparedada exercer sua autoridade. Da predileção pela mãe e da sua personalidade forte “nascera entre ela e o pai uma certa frieza de relações_ e entre este e a mulher uma certa rivalidade maligna, que se traduzia, a mais das vezes, em contrariedades e birras, das quais quase sempre era vítima Clotilde”⁵³⁴.

Nos combates entre os dois, percebe-se que Jaime Favais não exercia a sua autoridade sobre Clotilde e esta, muitas vezes, parecia querer ocupar o lugar do pai na mesa da família. Ocorre uma dialética discursiva entre eles; os textos de ambos são díspares. Um (o do pai) prega o dever de filha, munido de discurso autoritário e dogmático; e o outro (de Clotilde) insulflante, reflexivo, prima pela liberdade do corpo e do espírito, mas não menos autoritário. A partir desses discursos antagônicos, tomou forma no espírito do pai o desejo de vingança, o assassinio, a maneira da qual ele iria se valer para calar eternamente aquele corpo. Se por meio do discurso Jaime não a subordinou à sua vontade, pela violência ele julgou que o faria, mas nem isso demovia a nossa heroína. O pai sabia que essa mulher, qual Eva, era uma perdida. Observe o momento em que, apesar das negativas da jovem, o pai, certo de sua última ordem, disse-lhe que ela para salvar a honra da família teria que se casar com João Favais, o homem que ela odiava e repugnava:

-Pois bem: o Sr. dirá ao seu caixeiro que nem de hoje a cinco dias, nem nunca me casarei com ele!

-Que dizes?

Clotilde sustentou atrevida e insolentemente o seu olhar e respondeu-lhe:

- É esta minha vontade absoluta e, também eu, não admito discussão!

Passou-se então uma coisa horrível. Jaime sentiu-lhe queimar-lhe os olhos um relâmpago de sangue e apoderar-se de todo ele uma ira indescritível e violenta. Deu um grito formidável, como um urro de fera, ferida no covil.

- Miserável!

E atirou-se sobre a filha com uma gana selvagem e feroz do homem que perde a razão e quer vingar-se de uma injúria. Agarrou Clotilde pelo pescoço como se quisesse estrangulá-la e abalou-a tão violentamente que parecia querer desarticular-lhe todos os ossos. Era horroroso o seu furor. A moça debatia-se, como nas vascas de um sofrimento atroz, e, mal pode escapar por um momento às garras que a prendiam, bradou com todas as forças do pulmão:

-Socorro! Socorro! ...

-Cala-te desgraçada! Cala-te!...

Resmoneava o negociante cada vez mais enfurecido e procurando com uma das mãos abafar os gritos desesperados da moça, enquanto com a outra a segurava fortemente e a mantinha em posição de poder sobre ela exercer todo o seu furo.⁵³⁵

⁵³⁴VILELLA, Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova**. Op Cit p. 47.

⁵³⁵ Idem. p.540. Grifo nosso

Com o primo também mostrava a sua altivez e desprezo por tudo o que ele fazia para tê-la como esposa. O tratamento dispensado a ele era o pior possível: “-É mesmo para o que ele serve. - Observou Clotilde num tom de escárnio e insolência para lacaio.⁵³⁶” Ela sabia que as intenções dele se resumiam a questões financeiras, e, por diversas vezes, lembrava-lhe isso:

- Digo isto sem pejo e em altas vozes, porque não faço mistério desse amor e sobejas provas lhe tenho dado dele...

-De que?... Do amor?...- Perguntou a moça com um tom de ironia acerba, lançando sobre o primo um olhar de indiferença se não desprezo- diga antes de cobiça.

O caixeiro empalideceu subitamente, tão no âmago do peito lhe fora ferir aquele dardo. O sorriso de amável galanteria, que lhe entreabria os lábios, tomou as proporções de um rito de agonia. Os olhos crisparam de furor, como os do tigre que se vê descoberto em seu reduto⁵³⁷.

João Favais, por sua vez, odiara a emparedada tanto quanto o pai dela. A questão é que, pelo dote que ela trazia consigo, tudo poderia ser suportado e contornado. Mas diante da recusa definitiva da jovem, ele foi cúmplice do tio não só para a consecução do assassinato de Clotilde mas também para toda a violência simbólica cometida contra a nossa heroína no espaço privado. Mediante esse quadro, o fim funesto da nossa protagonista era percebido e esperado por ela mesma. “Vendo-o (o pai) aparecer, Clotilde sentiu-se estremecer e teve como que o pressentimento de uma descarga. Era, porém, digna filha de um tal pai, e preparou-se imediatamente para tudo quanto lhe pudesse acontecer”⁵³⁸.

Mesmo sob olhares vigiados, mesmo que essas transgressões na literatura representassem as consequências das teses cientificistas da época, a atuação dessa personagem feminina dá margem aos questionamentos a cerca das muitas inquietações de gênero vividas por muitas mulheres na cidade do Recife. Por isso a emparedada possui um lugar especial na narrativa. Clotilde é aquela que por convicção e amor a Leandro sofre a penalidade máxima- que não deve ser entendida aqui como a morte, porque também se pode metaforicamente morrer; como disse o poeta, há na nossa sociedade muitos “cadáveres adiados que procriam”⁵³⁹. O maior castigo sofrido por ela foi certamente a destruição do instrumento de todos os seus delitos: o corpo. O fenecimento do corpo marca a vitória da moral sobre o espírito livre de Clotilde, “ave solta no céu matinal da montanha⁵⁴⁰”.

Mediante a tortura, a Emparedada parece ceder, mas até o último momento da narrativa, ela não cederia e o seu pai sabia bem disso. O controle do corpo exercido pela

⁵³⁶ Idem. p 60.

⁵³⁷ Idem. p.64.

⁵³⁸ Idem p.539.

⁵³⁹ PESSOA, Fernando. Op. Cit,.. Ver livro de poema Mensagem

⁵⁴⁰ BANDEIRA, Manoel. **Estrela de uma vida inteira**. Op. Cit,..

violência contra a mulher na obra é nítido. O crime cometido contra a Emparedada- à semelhança dos crimes hediondos- ou seja, não apenas o crime praticado com extrema violência e com requintes de crueldades e sem nenhum senso de compaixão ou misericórdia por parte de seus autores, mas também um crime de grande relevância social- representa a revanche contra a insubordinação desse corpo e, por consequência, desse espírito. A construção imagética desse momento no livro busca pelo terror disciplinar as mulheres do período, por isso as constantes investidas do personagem Jaime Favais contra o corpo da heroína do romance. Ela estava amarrada a um canto, prostrada, indefesa, suplicante, vulnerável à violência.

Ao mesmo tempo partia do fundo do banheiro um grito mais agudo e mais doloroso do que os outros. Dir-se-ia que a mordaca havia caído e que a voz pudera sair mais. Imediatamente o homem mascarado largou a tábua e precipitou-se para o banheiro: debruçou-se sobre as suas bordas e agarrando pela cabeça o corpo que se extorcia, recalcou-o no fundo com um movimento de raiva e de furor.

_ Não te calarás, miserável criatura?

_ Meu pai! _ murmurou uma voz suplicante e cheia de soluços.

_ Cala-te! _ rosnou o homem, continuando a sua faina.

_ Perdoe-me! ... _ Soluçou mais fraca a mesma voz .

_ tens o que merece.

_ Em ... nome... do meu filho.

_ Ah! _ rugiu o homem como se a sua raiva se aumentasse, e debruçando-se ainda para dentro do banheiro.

Ouviu-se então um estertor de quem morre asfíxiado:

O homem levantou-se.

- Não, -bradou ele com um acento de voz terrível e infernal. Eu não quero que morras pelas minhas mãos.

E correndo à tábua, o homem levantou-a sozinho e colocou-a sobre as bordas do banheiro, como se tivesse pressa em tapar a boca daquela medonha sepultura, ao mesmo tempo, soou um grito enorme por debaixo da tábua:

- Assassino!... Assassino!...⁵⁴¹

O filósofo Foucault já nos adverte que o controle da sociedade sobre as pessoas não “se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política⁵⁴²”. Nesse contexto, o pai que representaria, antes da sociedade, a autoridade primeira, pelos seus discursos autoritários fomentados por misoginias não obteve sucesso. A recusa de Clotilde representa toda uma fissura que se anunciara nos séculos vindouros na formação familiar em que a autoridade maior seria a do pai. A recusa de Clotilde representa um novo caminho para as mulheres dos oitocentos, o da emancipação, por isso, na narrativa, a mulher precisava ser detida, por esse motivo o final de Clotilde precisou ser aterrorizante. O processo de

⁵⁴¹ VILELLA, Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova**. Op. Cit. p. 473.

⁵⁴² FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Op. Cit, p.40.

emancipação na cidade era uma constante, a partir da década de setenta a mulher começa a ocupar, ainda que timidamente, espaço na sociedade. Para a sociedade da época, para muitos homens, a emancipação era um termo intimamente ligado à transgressão, ou o pior, à insubordinação da mulher frente ao discurso do pai, do marido, do irmão, do filho, da igreja, da tribuna, da medicina, da escola, da política, em fim, de qualquer outra palavra que buscasse minimizar as conquistas femininas.

O filósofo Foucault já nos sinaliza que uma das formas de disciplinar o corpo é atuar sobre ele o espaço. Era necessário conter essa insubordinação, era necessário tornar esse “corpo dócil” definitivamente. E o caminho para isso, já que a disciplina no colégio e a na família não o fizeram, era literalmente a prisão, metaforicamente no livro o emparedamento. Ou seja, era importante minimizar a ação desse corpo através da construção de uma sepultura que pudesse encarcerá-lo, limitá-lo, privá-lo da liberdade, torná-lo incomunicável, submetê-lo à solidão⁵⁴³, por fim, asfixiá-lo, pois só assim o espírito seria atingido.

No final do livro, a Emparedada cumpre a sua função, ela serve de exemplo àquelas que se desviarem do caminho da subordinação, mas mais do que isso ela suscita em muitas mulheres do período também, através de um processo catártico, o desejo delas de conseguirem um lugar junto ao sol, um desejo de transgredir, passar além do bojador. Mesmo na sociedade oitocentista e misógina da época, nas ações da personagem existia a certeza de que em toda ordem tem uma semente de desordem, de que em todo o discurso existe a possibilidade de contradito. Por isso, essa literatura de Vilella, pelas transgressões de suas personagens femininas, suscitava nas mulheres principalmente três reflexões: a de sua condição social e política, num sentido de atuação, frente às ações e mentalidades masculinas na sociedade; o castigo que cabia a elas, pelos fins trágicos dos personagens, caso elas transgredissem tanto quanto as suas heroínas; e que a mudança do perfil da mulher da época estudada em muito diferia da mulher do início do século XIX.

No meio de todos os desfechos da vida dessas mulheres produzidos por Vilella no seu livro- salvo o da emparedada, pois, como relato de memória, esse seria mesmo o fim dela- salta-nos uma pergunta: Por que as nossas personagens não transcenderam, não saíram da sua condição de subordinação frente ao homem? Por que elas não saíram, como a personagem Virgília ou Sofia de Machado de Assis, “triunfantes na vida como um automóvel do século XIX, último modelo?”⁵⁴⁴ A resposta para muitos seria o fato da obra participar da estética do

⁵⁴³ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Ed. Vozes, Rio de Janeiro, 1987. p.171.

⁵⁴⁴ PESSOA, Fernando. Op. Cit. . Verso retirado do heterônimo Álvaro de Campos.

Realismo, mas isso por si só não responderia a questão, pois “há mais coisas entre o céu e a terra que a nossa vã filosofia pode entender”. Então, arrisquemos uma reflexão.

As modificações do perfil da mulher na literatura brasileira, apesar de importantes para delinear o perfil dela em Recife nos fins do século XIX, não excluem discursos depreciativos e casos de violência contra a mulher. É curioso perceber que, no discurso de Carneiro Vilela, se de um lado existe a possibilidade de denúncia social da violência praticada contra as mulheres; do outro, o livro é apresentado como um instrumento normatizador das condutas sociais e sexuais femininas. Isso pode se comprovado por causa dos discursos sexistas e ideológicos da sociedade da época os quais não permitiam a mulher transcender como heroína, resignando-a ao papel de anti-herói. Por mais que os personagens femininos alcançassem um maior espaço público e se destacassem na novela romanesca de Vilella, no final da narrativa da Emparedada da Rua Nova, elas são vitimadas pelos valores misóginos, ganhando uma conotação trágica, justificados pela busca da honra masculina.

É pelo processo catártico do terror que a purificação deveria ser feita na cidade do Recife. Em uma análise do discurso do texto percebemos que o desejo de vingança por parte dos homens ofendidos na sua honra, Jaime Favais e Cavalcanti, traduz-se em pensamentos homicidas, o que para o espaço social era legitimado pelo dispositivo legal da legítima defesa da honra matizado pelo discurso jurídico e religioso. O sangue que lavava a honra, apesar de nos parecer trágico, fora bastante corriqueiro em nossa sociedade. Ele inocentava muitos homens assassinos de suas mulheres, filhas e esposas, em prol da honra ultrajada pelo mau passo feminino.

Desse discurso do desejo da desforra e desqualificação da mulher na sociedade, também participava o autor das linhas da obra, isso pode ser visto em alguns dos seus momentos de digressões, e também pelo o propósito maior dele escrever a sua narrativa: criticar a hipocrisia que pairava na sociedade recifense. Para isso a transgressão da mulher, minando as principais instituições, seria fundamental. Veja algumas das digressões textuais que confirmam a misoginia do período:

Ora, a mulher é naturalmente compassiva; nenhuma há que não se condoa dos sofrimentos alheios principalmente daqueles de que se julga causadora, máxime quando está mais ou menos inclinada para o indivíduo que sofre por ela e lhe ofereceu esses sofrimentos com incensos do seu amor e holocaustos à sua formosura⁵⁴⁵.

Ou:

⁵⁴⁵ VILELLA, Carneiro. *A Emparedada da Rua Nova*. Op. Cit. p.306.

Deus?... É inacreditável a facilidade com que as naturezas devotas, principalmente as mulheres associam a divindade a todas as suas ações, por mais torpe e criminosas que sejam!⁵⁴⁶

Para ele como para muitos intelectuais desse tempo, a mulher representava, se devidamente esclarecida e educada, o meio pelo qual a nação civilizada seria formada ou o meio pelo qual, na sua literatura realista, ele poderia desnudar a hipocrisia que pairava nas instituições religiosa, familiar e social.

Mas essa postura do autor em nenhum momento tira a grandeza e importância do livro como documento histórico para compreendermos as relações de gênero no período. Graças à materialização do discurso, intencional ou não pelo autor em mostrar o problema vivido pelas mulheres recifenses, em todos os tempos em que foi publicado na cidade, o folhetim de Vilella constituiu um romance de denúncia, por isso essa expressão ter sido usada anteriormente neste trabalho. A denúncia se dá em duas frentes: a primeira, apontando uma maior visibilidade da mulher na sociedade; a segunda, denunciando a violência física e simbólica cometida contra elas no Recife e seus arrabaldes.

Numa sociedade com resquícios de dominação masculina forte na época colonial, como foi o Nordeste, a emancipação da mulher precisaria ser detida, ou melhor, calada. O terror e o medo seriam bons aliados para essa empreitada. A loucura, a subordinação, o fencimento do corpo e, conseqüentemente, do espírito representaram na obra mais um lugar destinado às nossas mulheres: o da mudez útil e necessária às instituições sociais que privilegiavam o pensamento androcêntrico da época. Mas, considerando o espaço social da época e a mentalidade do autor, ao menos fica da amargura do que possivelmente nunca teríamos no romance da Emparedada- o desfecho triunfal de nossas mulheres, a caligrafia de um discurso em que os assassinatos e as interdições puderam ser tomados como uma possibilidade de análise do problema social da mulher frente à violência doméstica. Esta que era legitimada por práticas misóginas e sexistas, gerando preconceitos atávicos calcados no mito da eterna dependência do sexo feminino cujo perfil de mulher precisava ser educado, adestrado, disciplinado, subordinado em prol da manutenção da ordem social.

⁵⁴⁶ Idem. p. 325.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

DESEMPAREDANDO A EMPAREDADA

Os acontecimentos ocorridos nos oitocentos marcaram a cidade do Recife. O século da Razão, o XIX, principalmente na segunda metade dele, trouxe para a população recifense transformações importantes. No afã do progresso material e intelectual almejado pelas elites locais, a cidade e seus habitantes passaram também por transformações. O desejo de civilizar a cidade e o processo de transplantação cultural, sobretudo na literatura romanesca do período, foram fundamentais para uma metamorfose do perfil das personagens femininas na literatura, este modelo até certo ponto acompanhava em cada época a modificação do perfil da mulher na sociedade. Esse processo se deu de forma lenta e gradativa, pequenas conquistas obtidas por ocasião da urbanização e pelo desejo de progresso estimulou muitos dos nossos escritores brasileiros a se ocuparem da figura da mulher e, nos romances, darem a elas mais autonomia e realismo. Tanto que os folhetins foram objetos de discussões, largamente criticados e não recomendados por alguns jornais da cidade do Recife.

A mulher, nesse contexto, teve um lugar especial, pois a ocupação gradativa delas nesse espaço abriu perspectivas futuras de emancipação e igualdade de direitos. Através do comércio, da intelectualização, do entretenimento, da participação delas na imprensa, dos ideais liberais da Escola do Recife, elas não se permitiram serem esquecidas e muitas delas resignificaram suas vidas e, o mais importante, ecoaram vozes na busca de uma emancipação feminina na cidade, abrindo precedentes importantes para as mulheres do século XX. A presença delas na imprensa pernambucana contribuiu muito para isso, escritoras com Amélia Beviláqua e suas filhas ecoaram os discursos emancipacionistas na cidade do Recife. Outro fator positivo foi a criação da Escola do Recife, integrantes como Tobias Barreto, exigia uma maior intelectualização da mulher; Clovis Beviláqua tentou equilibrar o direito nas relações de família; Pinto Junior criou a Escola da Sociedade Propagadora. Mesmo que essas reivindicações e debates levantados por ele estivessem associados a um ideal de civilização e progresso, todos eles foram importantes porque abriram frente de discussões a cerca da situação social da mulher frente às revoluções que surgiriam na cidade “civilizada”.

Talvez, o mais importante aliado dessa empreiteira foi o romance, tanto o do Romantismo- pois serviu como parâmetro- quanto o do Realismo. Como objeto a ser transplantado, o folhetim representou um dos caminhos seguidos pelas elites para propagar o ideal de civilização no Brasil. Esse gênero literário foi se reordenando às novas mentalidades

dos fins dos oitocentos. Por um processo contínuo e constante, ele foi um dos principais veículos de ideologias racionalista e cientificista dos fins do século XIX, estendendo suas influências nos espaços sociais, principalmente urbanos.

No início do Romantismo no Brasil, os valores tradicionais e misóginos em relação à mulher e à conduta de como ela deveria se portar na sociedade são representados pela literatura, ou seja, a mulher ideal seria forjada pelos romances românticos; nas décadas de 60 e 70, período de transição do Romantismo para o Realismo, o caráter do personagem feminino sofre modificações sensíveis e esta alteração indicaria qual mulher despontaria em fins do século XIX; no Realismo, o que marcaria essa mulher é a transgressão traduzida pela dissimulação, autonomia, sexualidade, adultério.

Recife não ficou alheio a essas transformações dos oitocentos nem a modificação desses perfis femininos na literatura. Pela busca da construção dos espaços, valendo-se da oralidade e produção mnemônica da linguagem, a história da Emparedada nos é apresentada. Por um relato de memória coletiva, o emparedamento vivo de uma mulher no século XIX, Carneiro Vilella reconstrói a cidade, seus arrabaldes, sua gente, suas singularidades. Ele imprime no livro marcas textuais que aproximam o leitor do tempo da narrativa e do tempo da produção do texto, estabelece uma relação entre a história narrada e o contexto da sociedade da época e, por isso, confere a narrativa uma maior verossimilhança.

No seu livro, *A Emparedada da Rua Nova*, procurou mostrar ao leitor que, no espaço privado da casa, através do exercício do poder moralizante de uma herança misógina, o que realmente cabia às mulheres era o não-lugar culturalmente prestigiado. Dentro da narrativa, a sociedade e o autor calaram as ações e vozes das personagens femininas principais: a interdição, no caso de Josefina, enlouquecida e desacreditada pela sociedade no final da narrativa; a docilidade, no caso de Celeste que busca a todo custo o perdão do marido traído, ela sai da condição de mando que ocupava no seio familiar para se tornar subserviente; e no caso de Clotilde, o lado mais extremado da violência doméstica, o assassinato dela, resposta das suas afrontas contra o seu pai, Jaime Favais. Essas ações extremamente violentas representam na obra uma forma de denúncia ao problema social da mulher. A prática das relações adúlteras e a desonra de Clotilde se revelam no texto como fatores de resistência feminina contra uma ordem ditatorial estabelecida. Observe que o narrador não centra a sua atenção nos fatos em si, mas nas reflexões e consequências que eles provocam. Não se trata somente de uma história sobre adultério e desonra, mas sobre as condições socioculturais e pessoais formadoras dos que efetuaram ou foram envolvidos pelo ato.

REFEREÊNCIAS

Periódicos (1870-1912)

América Ilustrada

Ave-Libertas

A Província

Diário de Pernambuco

Lanterna Mágica

O Beija-Flor

O Etna

O Lírio

Jornal Myosotis

Jornal do Recife

Jornal Pequeno

Revista Pernambucana

Livros:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de . **Historia:** A arte de inventar o passado. São Paulo, Bauru: Ed. EDUSC, 2007

ALBUQUERQUE, Cássia, Fábio Arruda de Lima, Marcelo Bezerra Cavalcanti e Francisco Antônio Doria. **Os Cavalcantis**, São Paulo: Edições do Jardim da Casa, 2011.

ALENCAR, José de. **Como e porque sou romancista.** Introdução de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Coleção Academia Brasileira, 1897.

ALENCAR, José de. **Diva.** São Paulo: Ed. Escala, 2008.

ALENCAR, José de. **Lucíola.** São Paulo: Ed. Escala, 2008.

ALENCAR, José Martiniano de. **Iracema.** Rio de Janeiro: Dicapel, 2002.

ALENCAR, José. **Senhora.** Coleção grandes mestres da literatura. São Paulo: Ed. Escala, 2008.

ALERGO, Edvaldo. **Recife:** traços do passado. Recife: Ed. Edições edificantes, 2010.

ALMEIDA, Manuel Antônio de. **Memórias de um sargento de milícias.** São Paulo: Ática, 1991.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Recife**: problemática de uma metrópole de região subdesenvolvida. Recife: Ed. UFPE, 1979.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**; tradução de Roberto Raposo, posfácio de Celso Lafer. 10ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Eudoro de Sousa. São Paulo: Ed. Ars Poética, 1993.

ARRAES, Raimundo. **O Pântano e o Riacho**: a formação do espaço público no Recife do século XIX. São Paulo: Ed. Humanitas - FFLC/USP, 2004.

ASSIS, Machado. **Crítica Literária**. Obra Completa. Volume III. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguillar 1986.

ASSIS, Machado. **Críticas Literárias**. São Paulo: Ed. Formar LTDA, 1980.

ASSIS, Machado. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Ed. Formar LTDA, 1980.

AUSTEN, Jane. **Razão e Sensibilidade**. Trad. Therezinha Monteiro Deutsch. Rio de Janeiro: Ed. Besteseller, 2011.

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**, São Paulo: Ed. Martin Claret, 2001.

BACHELARD, Gaston. **A poética do Espaço**. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes. 1993.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e estética**: a teoria do Romance. Trad. BERNADINI, Aurora. 4ª ed. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

BANDEIRA, Manoel. **Estrela de uma vida inteira**. 20ª edição. Rio de Janeiro: Ed Nova Fronteira, 1993.

BARRETO, Tobias. **Discursos**, vol. 4- Obras completas. Sergipe: Ed. Estado de Sergipe, 1926.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**, vol. 1 e vol. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a Obra de Nikolain Liskov. In BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas I**: Magia e Técnica, Arte e Política – Ensaio sobre Literatura e História da Cultura. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BESSE, Susan K. **Modernizando a desigualdade**. Reestruturação da ideologia de Gênero no Brasil (1914-1940). Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Editora da USP, 1999.

BHABHA, Homi K. **O local da Cultura**. Trad. Myrian Ávila, Eliane Lourenço, Gláucia Renata. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

BORELLI, Andreia. **Uma cidadã relativa**: as mulheres, as questões de gênero e o direito brasileiro-1830-1950. São, Paulo: Ed. DC&C Empresarial, 2010.

BOSI, Alfredo. **Cultura Brasileira**: Temas e Situações. São Paulo: Ática, 1987.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1994.

BOURDIER, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p.183-191

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Ed. DIFEL, 1989.

CÂNDIDO, Antonio. **5ª Conferência de Literatura e Sociologia**; texto- análise d'O Cortiço de Aluísio Azevedo. Rio de Janeiro: ed. CCE/PUC, 1975.

CÂNDIDO, Antonio. **A perversão da Aufklärung**. In: Textos de intervenção. 34.ª ed. São Paulo: Ed. Duas Cidades, 2002.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**: Estudos de teoria e história literária. São Paulo: Ed. Companhia Editora Nacional, 1965.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2001.

CARVALHO, Marcus J.M. de. **Liberdade**: rotinas e rupturas no Recife do escravismo

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**: 1. Artes do fazer. 7ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2002.

CHALHIOUB, Sidney. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na Corte Imperial. 5ª reimpressão. São Paulo: Ed. Cia. das Letras. 1996.

CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis**: Historiador. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 2003.

CHARTIER, Roger. **História Cultural**: entre práticas e representações. Ed. DIFEL, São Paulo, 1991.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: **Estudos Avançados**. Vol. 5, n.11, São Paulo, 1991

COELHO, Jacinto do Prado. **Dicionário da Literatura**. Ed. Figueirinha, Porto, 1985.

COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República**: momentos decisivos. 9ªed. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

COUTINHO, Aluizio Bezerra. **A filosofia das ciências na Escola do Recife**. Recife: Editora da UFPE/CNPQ, 1989.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Cotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995.

DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta: a primeira feminista do Brasil**. Florianópolis: Ed. Mulheres 2005.

DUBEUX, Claudio Burle. **O fotógrafo Claudio Dubeux**. CAMARA, Bruno Dornelas (org.) Apresentação George F. Cabral de Souza. Recife: Ed. CEPE, 2011.

DUBY, Georges. **A história continua**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

DUCROT, Oswald. **Princípios de semântica linguística (o dizer e não dizer)**. Trad. Carlos Vogt, Rodolfo Ilari e Rosa Attié Figueira. São Paulo: Cultrix, 1977.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1994.

ESTEVES, Martha Abreu. **Meninas Perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Epoque**. Rio Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1989.

FERREIRA, Luzilá. Maria Augusta Meira de Vasconcelos: biógrafa, poetisa, jornalista, professora. Advogada não. *In A escritura da nova mulher*. FERREIRA, Luzilá (Org.) Programa de Pós-graduação em Letras, Recife: UFPE, 2005.

FOCAULT, Michel. **Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2009.

FOCAULT, Michel. **História da sexualidade: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1895.

FOCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Ed. Graal, 2012.

FOCAULT. **A loucura, a ausência da obra**. In ditos e escritos. V.I. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 1983.

FOUCAULT. Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 2006.

FOUCAULT. Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1987.

FREYRE, G. **Sobrados e Mocambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1981.

FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife Velho**. Rio de Janeiro: Ed. Topbooks, 2000.

FREYRE, Gilberto. **CASA-GRANDE & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal**. In SANTIAGO, Silviano. Coordenação, seleção de livros e de prefácio. **Interpretes do Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguillar, 2002.

GAY, Peter. **Represálias Selvagens**: Realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann. São Paulo: Ed. Cia da Letras, 2010.

GINZBRG, Carlos. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

GONDRA, José Gonçalves e SCHUELER, Alessandra. **Educação, Poder e Sociedade no Império brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2008.

GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GUERRA, Flávio. **O Conde da Boa Vista e o Recife**. Recife: Fundação Guararapes, 1973.

HAHNER, June Edith. **Emancipação do sexo feminino**: a luta pelos direitos da mulher no Brasil(1850-1940). Santa Cruz do Sul: Ed. Mulheres/ EDUNISC, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2003.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora José Olímpio, 1956.

KOCH, Ingedore Villaça e ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Escrever: estratégias de produção textual**. 2ª edição, São Paulo: Ed. Contexto, 2010

LE GOF, Jacques. **História e Memória**: Trad. Bernardo Leitão. São Paulo: Ed. UNICAMP, 1990.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p.167-182.

LIMA, Hermes. **O Pensamento Vivo de Tobias Barreto**. São Paulo: Ed. Martins, 1943.

LIMA, Luís Costa. **A reificação de Paulo Honório**. In **Porque literatura**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1966.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (Org.) **Jogos de Escala**: a experiência da microanálise. 1ª edição. Rio de Janeiro: FGV, 1998

LUZ, Noêmia Maria Queiroz Pereira. Transportes urbanos no Recife (1850-1889). pp. 272-291 In **Uma cidade, várias histórias**: O Recife no século XIX. SILVA, Wellington Barbosa (org.) Recife: Ed. Bagaço, 2012.

MACEDO, Joaquim Manoel. **A moreninha**, coleção descobrindo os clássicos. Rio de Janeiro, Record, 2000.

MAIOR, Paulo M. Souto. **Nos Caminhos do Ferro**: construções e manufaturas no Recife (1830-1920). Recife: Ed. CEPE, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Ed. Parábola, 2008.

MELO, José Antônio Gonçalves de. **Diário de Pernambuco: Economia e Sociedade no Segundo Reinado.** Recife: Ed. da UFPE, 1996.

MENESES, Maia Luiza Mota de. **Amélia de Freitas Bevilaqua.** Fortaleza: Ed. Henriqueta Galeno, 1982.

MEYER, Merlyse. **Folhetim: uma história.** São Paulo: Cia das Letras, 1996.

MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira: Das origens ao Romantismo.** Vol I, São Paulo: Ed. Cultrix, 2001.

MOISÉS, Massaud. **História da Literatura brasileira: Realismo e Simbolismo.** V. II. São Paulo: Ed. Cultrix, 2009.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na primeira República.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001. no Recife, 1822-1850. Recife, Ed. Universitária, 1998.

OLIVEIRA JÚNIOR, Rômulo José F. de. **Antonio Silvino: de governador dos sertões a governador da Detenção (1875-1944).** Recife: ed. Bagaço, 2012

PAIM, Antônio. **A Escola do Recife.** Estudos Complementares à História das Ideias Filosóficas do Brasil. Vol V. Rio de Janeiro: Ed. UEL. 1979.

PARAÍSO, Rostand. **A Velha Rua Nova e Outras Histórias.** Recife: Ed. Bagaço, 2002. Paulo: Marco Zero e Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1989.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** São Paulo: Contexto, 2007.

PESSOA, Dinara Helena. **Jornada de Pastoril.** Recife: Ed. Massangana, 2011.

PESSOA, Fernando. **Obra poética.** Organização, introdução e notas de Maria Aliete Galhoz. 3ª Edição, Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 2001. p. 231.

PINTO, Celi Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil.** São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2003.

PRADO, Paulo. Retrato do Brasil. In SANTIAGO, Silviano. Coordenação, seleção de livros e de prefácio. **Interpretes do Brasil.** Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguillar, 2002.

QUEIRÓS, Eça de. O Primo Basílio: texto integral. 5a ed. São Paulo: Ática, 1979.

QUINTAS, Amaro. **O Padre Lopes Gama: Um analista político do século passado.** Recife: Ed. Universitária, 1975.

RAGO, Margareth. **Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930).** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

REZENDE, Antônio Paulo. **(Des)Encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte.** Recife: FUNDARPE, 1997.

REZENDE, Antônio Paulo. Cidade e modernidade: Registros Históricos do Amor e da Solidão no Recife dos Anos de 1930. In MONTENEGRO, Antônio Torre et all (Org). **História: Cultura e Sentimento: Outras histórias do Brasil**. Recife, Ed. UFPE, 2008.

REZENDE, Antônio Paulo. As costuras das histórias: O Recife e a Modernidade. In: BARROS, Natália et al (Org.) **Os Anos de 1920: Histórias de um tempo**. Recife: Ed. UFPE, 2012.

SÂMARA, Eni de Mesquita. **As mulheres, o poder e a família: São Paulo XIX**. São

SANTIAGO. Silviano. **Uma Literatura nos Trópicos**. 2 ed. Rio de Janeiro, Rocco, 2000.

SARAIVA, José Antonio e LOPES, Oscar. **História da Literatura Portuguesa**. Porto, Ed. Porto, 1995.

SETTE, Mario. **História pitoresca do Recife antigo**. Coleção Pernambucana. Recife: FUNDARPE, 1978.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

SILVA, Aline de Figueroa. **Jardins do Recife: Uma História do paisagismo no Brasil (1872-1937)**. Recife: ed. CEPE, 2010.

SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. **Moça Educada, Mulher Civilizada, Esposa Feliz: relações de gênero e história em José de Alencar**. São Paulo: Ed. Edusc, 2012.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A ideologia do colonialismo: seus reflexos no pensamento brasileiro**. Petrópolis: Ed. vozes, 1984.

SOMMER, Doris. **Ficções de fundações: os romances nacionais na América Latina**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve História do Feminismo no Brasil**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1999.

TELLES, Norma. **Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX**. São Paulo: Ed. Intermeios, 2012.

VILELLA, Carneiro (1846-1913). **Cartas sem Arte**. Recife, Ed. Universitária da UFPE, 2012.

VILELLA, Carneiro. **A menina de Luto**. 3 ed. Recife: Biblioteca da Província, 1893.

VILELLA, Joaquim Maria Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova**. 4 ed. Recife: Ed. do organizador, 2005

VILELLA, Joaquim Maria Carneiro. **A Emparedada da Rua Nova**. 5. Ed. Recife: CEPE, 2013.

VILLELA, Carneiro. **Quando elas querem**. Recife: Ed. Novo estilo, 2007.

WAT, Ian. **A ascensão do romance**: Estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Cia da Letras, 2010.

WOLKMER, Antônio Carlos. **História do direito no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2005.

Dissertações, Teses e Artigos Científicos:

ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro de. **O sexo devoto**: Normatização e resistência feminina no império português – XVI ao XVIII. (Tese de Doutorado em História). Recife, CFCH/UFPE, 2003.

AUGUSTI, Valéria. **O Romance como guia de conduta**: ‘A Moreninha’ e os ‘Dois Amores’ (Dissertação de Mestrado em Letras) Campinas / UNICAMP, 1998.

CARVALHO, Marcus J. Me de. De portas adentro e de portas a fora: trabalho doméstico e escravidão no Recife, 1822-1850. In: **Revista Afro-Àsia**. Salvador, Ed. Afro-Ásia, 2003.

CORD, Marcelo Mac. **A década de 1870 e as políticas de “instrução popular”**: a complexa arquitetura do Liceu de Artes e Ofícios do Recife. Revista UNIABEU Belford Roxo. V.1 Número 1 setembro- dezembro 2010.

COSATA, Carlos Roberto. **A revista no Brasil do século XIX**. (Tese de Doutorado da USP). São Paulo, 2007.

FERNANDES, Maria das Graças. **O corpo e as desigualdades de gênero pela ciência**. Revista Physis vol.19 nº 4, Rio de Janeiro, 2009.

GATI, Hajnalka Halász. **A educação da mulher no Recife no final do século XIX**: ensino normal e anúncios de progresso. (Tese de Doutorado em Educação). Recife, UFPE, 2010.

GOMES, Yvison. **Psicanálise e literatura**: O corpo e o feminino na obra *Lucíola* de José de Alencar. *Psicanálise & Barroco* em revista v.7, n.1: 14-30, jul.2009.

GONDRA, José Gonçalves e SCHUELER, Alessandra. **Educação, Poder e Sociedade no Império brasileiro**. São Paulo, Cortez, 2008.

GUELFY, Maria Lucia. **Ficção e história**: um jogo de espelhos?. *Gragoatá*. Niterói, v. 6, n.1, 1999.

LIMA, Fátima Maria Batista de. **Um olhar sobre a cidade n’Emparedada da Rua Nova de Carneiro Vilella**. (Dissertação de mestrado em Letras). Recife: UFPE, 2005

LUZ, Noêmia Maria Queiroz Pereira da. **Os caminhos do olhar**: circulação, propaganda e humor. Recife, 1880-1914. (Tese de doutorado em História). Recife, UFPE, 2008.

MACHADO, Jacqueline Simone de Almeida e CALEIRO, Regina Célia. **Loucura feminina: Doença ou transgressão social?** Desenvolvimento social. Montes Claros, v. 1, n. 1 - jan./jun. 2008

MARTINS JÚNIOR, Carlos. **Mulheres “honestas” e mulheres “impuras”**: uma questão de Direito. In SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA,, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005

MENDONÇA, Helena Maria Ramos de. **O Don Juan da Rua Nova: um estudo-itinerário sobre A Emparedada da Rua Nova, de Joaquim Maria Carneiro Vilela.** (Dissertação de Mestrado em Teoria Literária). Recife, UFPE, 2008.

MOREIRA, Gracielen Rodrigues. **Representações femininas e identidade nacional: Uma leitura alegórica de Lucíola e Senhora, de José de Alencar.** Dissertação de mestrado em Letras), Montes Claros, 2012.

MOREIRA, Greiciellen Rodrigues e MAIA, Cláudia de Jesus. **Transgressão e submissão feminina em Lucíola e Senhora, de José de Alencar.** Fazendo o Gênero 9. Diáspora, diversidade, deslocamentos. Agosto/2010. p.1 a 9.

MOREIRA, Tatiane Aparecida. **O operador argumentativo *mas* em duas canções: mas que paradas é essa?** Revista interdisciplinar Ano IV, V. 8, jan-jun de 2009 - ISSN 1980-8879 | p. 223-231.

MOURA, Carlos André Silva. **Fé, saber e poder: Os intelectuais entre a restauração católica e a política no Recife(1930-1937).** Dissertação de Mestrado em História. Recife: UFRPE, 2010.

NASCIMENTO, Alcileide Cabral e LUZ, Noemia Maria Queiroz Pereira. **Liberdade, Transgressão e Trabalho: cotidiano das mulheres na Cidade do Recife (1870-1914).** **Revista Territórios e fronteiras.** Cuiabá, V.5, n1, jan-jul, 2012.

NASCIMENTO, Marcio Luiz. **Primeira Geração Romântica Versus Escola do Recife: trajetórias de intelectuais da corte e dos intelectuais periféricos da Escola do Recife.** Tese de doutorado em Sociologia. São Paulo: USP, 2010.

PEDRO, Joana Maria. **Relações de Gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea.** Topoi, v. 12, n. 22, jan.-jun. 2011, p. 270-283.

PESSOA, Ângelo Emílio da Silva Pessoa. **Sociologia da hipocrisia ou breves considerações sobre um centenário romance recifense: A emparedada da rua Nova.** **SAECULUM.** Vol. 20, 2009

PINHEIRO, Kess Brito de Souza. **Mãe-esposa e professoras: educadoras no final do século XIX.** Tese de doutorado da UFRGN, Natal, 2009.

RAGO, Elisabeth Juliska. **A ruptura do mundo masculino da medicina: médicas brasileiras no século XIX.** **Cadernos Pagu** (15), 2000: pp.199-225.

RAGO, Margareth. **Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em**

São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

SANTOS, Maria Emília Vasconcelos. **“Moças honestas” ou “meninas perdidas”**: Um estudo sobre a honra e os usos da justiça pelas mulheres pobres em Pernambuco Imperial(1860-1888). (Dissertação de mestrado em História) Recife: UFPE. 2007.

SCOTT, Jean. **Gênero**: Uma categoria útil para análise histórica. Tradução: Christine Rufino Dabat, Maria Betânia Ávila. Recife: S.O.S Corpo, 1996.

SILVA, Augusto Rodrigues. Memórias Póstumas de Brás Cubas: Virgília redescoberta. Terra roxa e outras terras. **Revista de Estudos Literários**. Vol. 13, Out. 2008.

SILVA, Sandro Vasconcelos da. **O costume da praça vai à casa**: As transformações urbanas e suas influências sobre os costumes da classe burguesa do Recife oitocentistas (1830 -1880). (Dissertação de Mestrado em História). Recife: UFRPE, 2011.

VERONA, Elisa Maria. **Uma Instituição útil e necessária**. (Tese de Doutorado da Universidade Estadual Paulista) São Paulo: UNESP, 2011.

ZARIAS, Alexandre. **Das leis ao avesso**: desigualdade social, direito de família e intervenção judicial. (Tese de doutorado da USP), São Paulo, USP, 2008.

Sites Disponíveis em:

<http://www.saberepreciso.com/2013/02/o-mito-de-sisifo.html>, Acesso em 30 de março de 2014.

http://www.fundaj.gov.br/geral/200anosdaimprensa/historia_da_imprensa_v04.pdf, Acesso em 23 de abril de 2013.

<http://rceliamentonca.wordpress.com/2005/10/18/art-nouveau/>, Acesso em 15 de junho de 2013.

http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/segunda_remissa/zonas_de_encrenca.pdf, Acesso em 28 de dezembro de 2012.

http://www.observatoriodasmetrolopolos.net/download/Texto_BOLETIM_RECIFE_FINAL.pdf, Acesso em 08 de janeiro de 2013.

http://www.historia.uff.br/nec/sites/default/files/Exposicoes_Universais__Sociedade_no_seculo_XIX_0.pdf, Acesso em 2 de maio de 2013.

http://www.fundaj.gov.br/geral/200anosdaimprensa/historia_da_imprensa_v04.pdf, Acesso em 23 de abril de 2013.

<http://www2.secmulher.pe.gov.br/web/secretaria-da-mulher/mulher12>, Acesso em 25 de junho de 2013.

<http://www2.secmulher.pe.gov.br/web/secretaria-da-mulher/mulher12>, Acesso em 21 de fevereiro de 2014.

<http://www.novomilenio.inf.br/santos/bonden03.htm> Acesso em 23 de junho de 2013.

http://www.usp.br/pioneiros/n/arqs/tCorreia_dGouveia.doc, Acesso em 25 de maio de 2013.

<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/mundo/2004/11/08/000.htm> , Acesso em 15 de junho de 2013.

http://www.fundaj.gov.br/geral/200anosdaimprensa/historia_da_imprensa_v04.pdf, Acesso em 1 de maio de 2013.

http://www.fundaj.gov.br/geral/200anosdaimprensa/historia_da_imprensa_v04.pdf, Acesso em 1 de maio de 2014.

<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/5o-encontro-2007/Presenca%20feminina%20no%20jornalismo%20pernambucano%20dos%20primordios%20a%20regulamentacao>, Acesso em 29 de julho de 2012.

<http://arquivoswbdeantropologia.net.br/dispositivo-wb-de-antropologia/p-materialismo-antropologico-historia-das-seitas/>, Acesso em 23 de outubro de 2013.

http://www.fundaj.gov.br/geral/200anosdaimprensa/historia_da_imprensa_v06.pdf, Acesso em 12 de maio de 2013.

[http://www.infopedia.pt/\\$estado-nacao;jsessionid=5RPW3idegHxf2Yc5dTGs+g__](http://www.infopedia.pt/$estado-nacao;jsessionid=5RPW3idegHxf2Yc5dTGs+g__) Acesso em 26 de junho de 2013.

http://www.e-biografias.net/clovis_bevilaqua/ Acesso em 20 de maio de 2013.

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73312009000400008&script=sci_arttextSi, Acesso em 4 de maio de 2013.

<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/monismo.pdf>, Acesso em 25 de junho de 2013.

<http://www.anped.org.br/app/webroot/34reuniao/images/trabalhos/GT09/GT09-31%20int.pdf> Acesso em 22 de fevereiro de 2013.

http://www.fcsh.unl.pt/facesdeeva/eva_arquivo/revista_18/eva_arqu_numero18_f.html, Acesso em 15 de maio de 2013.

http://www.fundaj.gov.br/geral/200anosdaimprensa/historia_da_imprensa_v06.pdf. Acesso em 23 de dezembro de 2013.

http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=609&Itemid=2, acesso em 15 de abril de 2013.

http://www.rds.unimontes.br/index.php/desenv_social/article/viewFile/87/74, Acesso em 30 de dezembro de 2013.

<http://www.cesarlealbr.com/#!biografia/c13po>, Acesso em 15 de março de 2014.